



**PROFANADORA
DO CIS-TEMA
DE ARTE**

"AGORA, EM 1765, LOGO 150 ANOS DEPOIS, FIM DO SÉCULO XVIII: CASO QUASE IDÊNTICO. É CASO DE ANNE GRANDJEAN, QUE TINHA SIDO BATIZADA COMO MENINA. MAS, COMO DEVIA DIZER ALGUÉM QUE ESCREVEU UMA MEMÓRIA EM SEU FAVOR

'CERTO INSTINTO DE PRAZER APROXIMOU-A POR VOLTA DOS CATORZE ANOS DE SUAS COMPANHEIRAS'.

INQUIETA COM ESSA ATRAÇÃO QUE SENTIA PELAS MENINAS DO MESMO SEXO QUE ELA, RESOLVE VESTIR ROUPAS DE MENINO, MUDA DE CIDADE, INSTALA-SE EM LYON, ONDE SE CASA COM ALGUÉM QUE SE CHAMAVA FRANÇOISE LAMBERT. E, DENUNCIADA, É LEVADA A JUÍZO. EXAME DO CIRURGIÃO, QUE CONCLUI QUE ELA É MULHER E QUE, POR CONSEQUENTE, SE VIVEU COM OUTRA MULHER, É CONDENÁVEL. ELA USOU POIS DO SEXO QUE NÃO ERA DOMINANTE NELA E É CONDENADA PELOS PRIMEIROS JUÍZES AO COLAR, COM O CARTAZ:

'PROFANADOR DO SACRAMENTO DO MATRIMONIO'.

COLAR, CHIBATA E PELOURINHO."

MICHEL FOUCAULT,
OS ANORMAIS (2001, P. 89)

**RETRATOS
PORNOSSEXUALIGRÁFICOS:
AS HISTÓRIAS CONTADAS
PELAS SUJEITAS DE
[R]E[S][X]ISTÊNCIAS NO
ROMPER ANTI-HIGIÊNICO COM
O SISTEMA DE ARTE**

POR

CHRISTIAN GUSTAVO DE SOUSA

A.K.A. CHRIS, THE RED

DISSERTAÇÃO-MANIFESTO APRESENTADA AO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES VISUAIS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL COMO PARTE DOS REQUISITOS NECESSÁRIOS À OBTENÇÃO DO TÍTULO DE MESTRE E TEM COMO TESTEMUNHAS A PROFESSORA DOUTORA MÔNICA ZIELINSKY (ORIENTADORA) E O PROFESSOR DOUTOR LEANDRO COLLING DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA (COORIENTADOR).

CIP - Catalogação na Publicação

de Sousa, Christian Gustavo
Retratos Pornossexualigráficos: as histórias
contadas pelas sujeitas de [r]e[s][x]istências no
romper anti-higiênico com o CIS-tema de arte /
Christian Gustavo de Sousa. -- 2022.
314 f.
Orientadora: Mônica Zielinsky.

Coorientador: Leandro Colling.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Instituto de Artes, Programa de
Pós-Graduação em Artes Visuais, Porto Alegre, BR-RS,
2022.

1. CIS-tema. 2. Arte. 3. Sexualidade. 4. Marcadores
Sociais. 5. Pornossexualigrafia. I. Zielinsky, Mônica,
orient. II. Colling, Leandro, coorient. III. Título.

ORIENTADORA
PROFESSORA DOUTORA MÔNICA ZIELINSKY (PPGAV/UFRGS)

COORDINADOR
PROFESSOR DOUTOR LEANDRO COLLING (UFBA)

BANCA EXAMINADORA

PROFESSOR DOUTOR RODRIGO PEDRO CASTELEIRA (UNIR)


PROFESSOR DOUTOR ALEXANDRE RICARDO DOS SANTOS (PPGAV/UFRGS)

PROFESSORA DOUTORA MARILICE VILLEROY CORONA (PPGAV/UFRGS)



P A R E N T A L
A D V I S O R Y
E X P L I C I T C O N T E N T

NOTA IMPORTANTE:
O PRESENTE TRABALHO É
PARA MAIORES DE 18 ANOS



**O PRESENTE
TRABALHO FOI
REALIZADO
COM APOIO DA
COORDENAÇÃO DE
APERFEIÇOAMENTO
DE PESSOAL DE
NÍVEL SUPERIOR
- BRASIL (CAPES)
- CÓDIGO DE
FINANCIAMENTO 001**

**THIS STUDY WAS
FINANCED IN PART BY
THE COORDENAÇÃO DE
APERFEIÇOAMENTO
DE PESSOAL DE
NÍVEL SUPERIOR
- BRASIL (CAPES) -
FINANCE CODE 001**

**NOTA IMPORTANTE:
MEU MESTRADO
COMEÇOU EM OUTUBRO
DE 2020. O PERÍODO DA
BOLSA FOI DE 01 DE
AGOSTO DE 2021 A 31
DE JULHO DE 2022.**

AGRADEÇO PROFUNDAMENTE AO QUARTETO:

ZULMIRENE (MÃE)

ANA CAROLINE (IRMÃ)

BRUNO NOVADVORSKI (MARIDO)

BILLY THE KID (AFILHADO DE 4 PATAS) (IN MEMORIAM)

DESENVOLVER UMA PESQUISA COM A TEMÁTICA TRAZIDA AQUI ME FOI POSSÍVEL POR TER UMA FAMÍLIA QUE ME APOIA, AMA, GUIA, ENSINA.

mamãe foi fundamental nesse processo ao me mostrar a importância de uma educação sem preconceitos, tratando com respeito as perguntas que me surgiram e as respondendo sem julgamentos. uma educação inclusiva e afetiva é essencial para as urgentes e inadiáveis transformações que desejamos.

ainda me lembro quando assumi minha bixice para minha irmã quando ela tinha seus 08 anos. em nenhum momento, ela mudou seu olhar sobre mim ou me julgou. seu olhos sempre me olharam da mesma forma. isso se chama amor fraternal.

eu costumo dizer que meu marido e eu nos reencontramos nesta existência, que nossas almas são parceiras há muitas encarnações. só assim para explicar a entrega, o amor e a cumplicidade que há entre nós.

completando o quarteto, meu afilhado de pata. este pequeno ser só no tamanho, mas grandioso no carinho e companheirismo que virou estrelinha.

AMO VOCÊS!

OBRIGADO!

TE DEDICO


zulmirene sousa, ana caroline, bruno novadvorski, billy (in
memorian), mônica zielinsky, leandro colling, pc,
marilice corona, alexandre santos, sue gonçalves, cláudio
honorato, rainnery queercore, max uranio, vi grunvald, paula
sandrine, vitor queiroz, bruna kury, johnnybigu, abhiyana,
hugo faz, carmen faustino, ferdnando inocêncio, isadora ravena,
jéferson alves, jefferson campos, rafael leopoldo,
sara wagner york, naiara laila, julio leão, duocu, dr. red,
teatro da pombagira, bixaputa, profania, sadan, lufer,
dita absinthe, gab brasil, alex, edu, felipe, alan, paulo,
dogo de la mancha, xerxes, charles, chaos, glauco, mauro, beto,
junior, daniel, brbottom, elton panamby, rose rocha, nucus,
entretons, juvenália, filipe chagas, beto c, wagner ferraz,
paola verdun, paola zordan, alberto pessoa, afonso medeiros,
cristiano sousa, madonna, lula, bolsa CAPES, vacina COVID 19,
profissionais da saúde...

corpas putas desobedientes sapas bixas trans fluidas
forças espirituais que nos protegem

antonio luiz (meu pai biológico, in memorian, morto pela falta da
vacinação do covid 19 quando a vacina já existia).

HOMENAGEM

Vó Josefa (in memoriam), sua semente germinou e cresceu.
Gerou frutos. As raízes se fortaleceram. Te homenageio com esta
pesquisa. À senhora que sempre acreditou na educação como
ferramenta de transformação.



**"É NECESSÁRIO NÃO TER
MEDO DA EXCITAÇÃO E DO
PRAZER QUE, CERTAMENTE,
PROVOCARÁ"**

PROFESSOR AFONSO MEDEIROS

NOSSAS HISTÓRIAS TAMBÉM SÃO CONTADAS POR MÚSICAS. ENQUANTO LÊ ESTA DISSERTAÇÃO-MANIFESTO, APROVEITE PARA OUVIR A PLAYLIST DO DR. RED CRIADA COM CANÇÕES ESCOLHIDAS POR TODAS AS PESSOAS QUE PASSARAM POR AQUI E CONTARAM SUAS HISTÓRIAS PORNOSSEXUALIGRÁFICAS.

ALIÁS, APROVEITE PARA DANÇAR TAMBÉM.

<https://open.spotify.com/playlist/59cfAR58bXR00Ajc6aweE8?si=c60f7e255239420f>



RESUMO:

Mais que uma dissertação de mestrado, esta é uma dissertação-manifesto da minha jornada-mestrado em poéticas visuais, pela qual vou me conectando a tantas pessoas e ideias para traçar uma análise crítica do CIS-tema de arte a partir de diversos marcadores sociais como raça, gênero, sexualidade, religião, classe entre outros para pensar as artes das sexualidades.

Neste intuito, estabeleço relações entre a minha construção imagética e o CIS-tema (Viviane Vergueiro, 2015; Maria Amélia Bulhões, 2014) de arte a partir de conceitos como Pornografia e Pornocultura (Walter Kendrick, 1995; Lynn Hunt, 1999; Claudia Attimoneli, 2017); Pós-Pornografia e o Movimento de Arte Pornô (Bruna Kury, 2021; Laura Milano, 2014; Eduardo Kac, 2013); Representação (Louis Marin, 2001); Contrassexualidade (Paul B. Preciado, 2017) e os estudos do professor doutor Afonso Medeiros (2008, 2010, 2016) sobre as categorizações de trabalhos artísticos que transitam pela sexualidade entre artes erótica e pornográfica.

Tendo o conceito de sistema de arte apresentado pela professora doutora Maria Bulhões e a dualidade ausência/presença trazida por Marin como bases, vou estabelecendo relações entre as minhas putarias artísticas com marcadores sociais da diferença, analisando-os criticamente em relação à construção do próprio CIS-tema de arte e dos apagamentos, silenciamentos e violências provocadas por este sistema. Buscando a partir de outras epistemologias – imagéticas e da palavra – pensar caminhos para a construção de Dispositivos de Arte (Bruno Novadvorski, 2021) que reflitam sobre as interseccionalidades entre aqueles marcadores sociais e as artes visuais contemporâneas num processo de rompimento anti-higiênico com este CIS-tema.

Partindo destas relações, proponho, a partir de nove pontos, a ideia de Pornossexualigrafia que é um convite a ruptura, à construção de devires epistemológicos – imagéticos e conceituais. A pensar para além da dualidade erotismo/pornografia e na própria exclusão desta relação. Nesse novo mundo que não está mais porvir, pelo contrário, já está por aí, ocupando as brechas, criando outros espaços, separações entre artes eróticas e pornográficas já não fazem mais sentido, as artes da sexualidade são o que são.

Assim, apresento minhas putarias artísticas e as entendo como obras que transitam pela sexualidade, nudez, pornografia, pós-pornografia, dissidência, pelo implícito e o explícito, pelo erotismo como resultados de processos criativos e artísticos, de pensamentos e reflexões minhas, enquanto artista, pesquisador, agente sobre tais temáticas. São grafias de um desejo artístico como formas de existências e resistências de sujeitas que foram relegadas às margens do CIS-tema e de onde faço um convite: vamos surubar e construir artes-outras, as Artes Pornossexualigráficas.

Palavras-chave: CIS-tema. Arte. Sexualidade. Marcadores Sociais. Pornossexualigrafia

MOMBYKY:⁰¹

Hetave tesis de maestría-gui, kóva ha'e peteĩ disertación-manifiesto che maestro jeguata poética visual-pe, upéva rupive añembojoaju hetaiterei tapicha ha idea ndive ajapo ha'gua peteĩ análisis crítico CIS-tema arte rehegua opáichagua marcador social-gui ha'eháicha raza, género, sexualidad, religión, clase, ambue apytépe, ojepy'amongeta haguã artes de sexualidades rehe.

Upevarã amopyenda joaju che ta'ãngamýi ñemopu'ã ha CIS-tema (Viviane Vergueiro, 2015; Maria Amélia Bulhões, 2014) arte rehegua oñemopyendáva umi concepto ha'eháicha Pornografía ha Pornocultura (Walter Kendrick, 1995; Lynn Hunt, 1999; Claudia Attimoneli, ary 2017-pe); Pornografía riregua ha Arte Porno Movimiento (Bruna Kury, 2021; Laura Milano, 2014; Eduardo Kac, 2013); Representación (Louis Marin, 2001) rehegua; Contrasexualidad (Paul B. Preciado, 2017) ha umi estudio mbo'ehára Doctor Afonso Medeiros (2008, 2010, 2016) ojavova'ekue umi categorización obra artística ohasáva sexualidad rupive arte erótico ha pornográfica apytépe.

Orekóvo concepto sistema de arte opresentáva mbo'ehára María Bulhões ha dualidad ausencia/presencia oguerúva Marin base ramo, amopyenda relaciones che putas artísticas orekóva marcador social diferencia, aanalisávo críticamente en relación construcción CEI ijehegui -tema de arte ha borrado, silenciamiento ha violencia omoheñóiva ko sistema. Ohekávo ambue epistemología-gui - ta'anga ha ñe'ẽ - opensa haguã mba'éichapa oñemopu'ã Dispositivos de Arte (Bruno Novadvorski, 2021) ojepy'amongetávo interseccionalidad orekóva umi marcador social ha artes visuales contemporáneas peteĩ proceso de ruptura antihigiénica ko CIS-tema ndive.

Oñemopyendáva ko'ã relación, apropone, oñemopyendáva nueve punto, idea Pornosexualigrafía, ha'éva peteĩ invitación ruptura-pe, construcción epistemológico -imagentico ha conceptual- oiko haguã. Opensávo ohasávo pe dualidad erotismo/ pornografía ha pe ñemboykeite ko relación-gui. Ko mundo pyahúpe ndouvémava, al contrario, oíma okápe, omyenyhêvo umi brecha, omoheñóivo ambue espacio, separación arte erótica ha pornográfica apytépe ndoguerekovéima sentido, umi arte sexualidad ha'e pe ha'éva.

Péicha, apresenta che puta artística ha antende obra ramo ohasáva sexualidad, desnudez, pornografía, post-pornografía, disidencia, implícito ha explícito rupive, erotismo rupive resultado proceso creativo ha artístico ramo, che pensamiento ha reflexión, ha'eháicha peteĩ artista., investigador, agente ko'ãichagua tema rehegua. Ha'e ortografía peteĩ deseo artístico ha'éva forma de existencia ha resistencia umi tema ojerelegava'ekue umi margen CEI-tema ha upévagui ajapo peteĩ invitación: jasurubar ha ñamopu'ã ambue-arte, umi arte pornosexualigráfica.

LAKOTAN:⁰¹

Dię ę sii ju iwe afowokọ titunto si, eyi ję iwe afowokọ-ifihan ti irin-ajo oluwa mi ni awon ewi wiwo, nipase eyiti Mo sopo pelu opolopo eniyan ati awon imoran lati fa itupale pataki ti CIS-akori ti aworan lati orisirisi awon asami awujogegebi ije, iwa, ibalopo, esin, kilasi, laarin awon miran, lati ro nipa awon ona ti awon sexualities.

Ni ipari yii, Mo se agbekale awon ibatan laarin ikole aworan mi ati akori CIS (Viviane Vergueiro, 2015; Maria Amélia Bulhões, 2014) ti aworan ti o da lori awon imoran bii aworan iwokuwo ati onihoho (Walter Kendrick, 1995; Lynn Hunt, 1999; Claudia Attimoneli, 2017); Awon aworan iwokuwo lehin ati lyika aworan onihoho (Bruna Kury, 2021; Laura Milano, 2014; Eduardo Kac, 2013); Asoju (Louis Marin, 2001); Contrasexuality (Paul B. Preciado, 2017) ati awon ekọ ti Ojogbon Dokita Afonso Medeiros (2008, 2010, 2016) lori awon isori ti awon isese ti awon ise ona ti o koja nipase ibalopo laarin ibalopo ati awon aworan iwokuwo.

Nini ero ti eto aworan ti a gbekale nipase Ojogbon Maria Bulhões ati isansa / wiwa meji ti Marin mu wa bi awon ipile, Mo se agbekale awon ibatan laarin awon pansaga ise ona pelu awon ami iyasoto awujo, se itupale won ni pataki ni ibatan si ikole ti CIS funrarare - akori ti aworan ati awon erasures, ipalolo ati iwa-ipa sele nipase yi eto. Wiwa lati awon apistemologies miiran - awon aworan ati awon oro - lati ronu awon ona lati ko Awon ero ti Aworan (Bruno Novadvorski, 2021) ti o se afihan awon isopo laarin awon asami awujo yen ati awon ise ona wiwo ti ode oni ni ilana rupture ti ko ni itoju pelu akori CIS yii.

Da lori awon ibatan wonyi, Mo daba, ti o da lori awon aaye mesan, imoran ti Pornosexualigraphy, eyiti o je ifiwepe si rupture, si ikole ti epistemological - aworan ati imoran - di. Lerongba koja itagiri / iwokuwo duality ati awon gan iyasoto ti yi ibasepo. Ninu aye tuntun yii ti ko fere de mo, ni ilodi si, o ti jade tele, ti n kun awon ela, siseda awon aaye miiran, awon ipinya laarin awon ere ere ati awon aworan iwokuwo ko ni oye mo, awon ona ti ibalopo je ohun ti won je.

Nitorinaa, Mo safihan awon pansaga ise ona mi ati loye won bi awon ise ti o koja nipase ibalopo, ihoho, awon aworan iwokuwo, awon aworan iwokuwo lehin, aibikita, nipase shipaya ati titoto, nipase eroticism bi awon abajade ti awon ilana selopo ati ise ona, ti awon ero mi ati awon ifarabale, bi olorin., oluwadii, asoju lori iru awon koko-oro. Won ti wa ni Akoto ti eya ise ona ife bi awon fomu ti aye ati resistance ti wonyen ti won relegated si awon ala ti awon CIS-akori ati lati eyi ti mo ti se ohun pipe si: je ki ka surubar ki o si ko miiran-ona, awon onihoho ona.

RESUMEN:⁰¹

Más que una tesis de maestría, esta es una disertación-manifiesto del viaje de mi maestría en poéticas visuales, a través de la cual me conecto con tantas personas e ideas para dibujar un análisis crítico del CIS-tema del arte desde varios marcadores sociales como la raza, género, sexualidad, religión, clase, entre otros, para pensar las artes de las sexualidades.

Para ello, establezco relaciones entre mi construcción de imágenes y el tema CIS (Viviane Vergueiro, 2015; Maria Amélia Bulhões, 2014) del arte basado en conceptos como Pornografía y Pornocultura (Walter Kendrick, 1995; Lynn Hunt, 1999; Claudia Attimoneli, 2017); Post-Pornografía y Movimiento de Arte Porno (Bruna Kury, 2021; Laura Milano, 2014; Eduardo Kac, 2013); Representación (Louis Marin, 2001); Contrasexualidad (Paul B. Preciado, 2017) y los estudios del Profesor Doctor Afonso Medeiros (2008, 2010, 2016) sobre las categorizaciones de obras artísticas que transitan por la sexualidad entre artes eróticas y pornográficas.

Teniendo como base el concepto de sistema del arte presentado por la profesora Maria Bulhões y la dualidad ausencia/presencia aportada por Marin, establezco relaciones entre mis putas artísticas con marcadores sociales de diferencia, analizándolos críticamente en relación a la construcción del propio CIS -tema del arte y las borraduras, silenciamientos y violencias que provoca este sistema. Buscando desde otras epistemologías - imágenes y palabras - pensar formas de construir Dispositivos de Arte (Bruno Novadvorski, 2021) que reflexionen sobre las interseccionalidades entre esos marcadores sociales y las artes visuales contemporáneas en un proceso de ruptura antihigiénica con este tema de la CEI.

A partir de estas relaciones propongo, a partir de nueve puntos, la idea de Pornosexualigrafía, que es una invitación a la ruptura, a la construcción de devenires epistemológicos -imágenes y conceptuales-. Pensar más allá de la dualidad erotismo/pornografía y de la exclusión misma de esta relación. En este nuevo mundo que ya no está por venir, al contrario, ya está ahí afuera, llenando los huecos, creando otros espacios, las separaciones entre artes eróticas y pornográficas ya no tienen sentido, las artes de la sexualidad son las que son.

Así, presento mis putas artísticas y las entiendo como obras que transitan por la sexualidad, la desnudez, la pornografía, la pospornografía, la disidencia, por lo implícito y lo explícito, por el erotismo como resultado de procesos creativos y artísticos, de mis pensamientos y reflexiones, como un artista. , investigador, agente en tales temas. Son ortografías de un deseo artístico como formas de existencia y resistencia de sujetos que quedaron relegados a los márgenes de la temática CIS y desde los cuales hago una invitación: surubar y construir otras-artes, las Artes Pornosexualigráficas.

Palabras clave: tema de la CEI. Arte. Sexualidad. Marcadores sociales. Pornosexualigrafía

ABSTRACT:⁰¹

More than a master's thesis, this is a dissertation-manifesto of my master's journey in visual poetics, through which I connect with so many people and ideas to draw a critical analysis of the art CIS-tem from various social markers such as race, gender, sexuality, religion, class, among others, to think about the arts of sexualities.

To this end, I establish relationships between my image construction and the CIS-tem (Viviane Vergueiro, 2015; Maria Amélia Bulhões, 2014) of art based on concepts such as Pornography and Pornoculture (Walter Kendrick, 1995; Lynn Hunt, 1999; Claudia Attimoneli, 2017); Post-Pornography and the Porn Art Movement (Bruna Kury, 2021; Laura Milano, 2014; Eduardo Kac, 2013); Representation (Louis Marin, 2001); Counter-sexuality (Paul B. Preciado, 2017) and the studies of Professor Doctor Afonso Medeiros (2008, 2010, 2016) on the categorizations of artistic works that transit through sexuality between erotic and pornographic arts.

Having the concept of an art system presented by Professor Maria Bulhões and the absence/presence duality brought by Marin as bases, I establish relationships between my artistic works with social markers of difference, critically analyzing them in relation to the construction of art CIS-tem itself and erasures, silencing and violence caused by this system. Seeking from other epistemologies - imagery and words - to think of ways to build Devices of Art (Bruno Novadvorski, 2021) that reflect on the intersectionalities between those social markers and the contemporary visual arts in an unhygienic rupture process with this CIS-tem.

Based on these relationships, I propose, based on nine points, the idea of Pornosexualigraphy, which is an invitation to rupture, to the construction of epistemological - imagetic and conceptual - becomings. Thinking beyond the eroticism/pornography duality and the very exclusion of this relationship. In this new world that is no longer about to come, on the contrary, it is already out there, filling the gaps, creating other spaces, separations between erotic and pornographic arts no longer make sense, the arts of sexuality are what they are.

Thus, I present my artistic works and understand them as works that transit through sexuality, nudity, pornography, post-pornography, dissidence, through the implicit and explicit, through eroticism as results of creative and artistic processes, of my thoughts and reflections, as an artist, researcher, agent on such topics. They are spellings of an artistic desire as forms of existence and resistance of subjects that were relegated to the margins of the CIS-tem and from which I make an invitation: let's make an orgy and build other-arts, the Pornosexualigraphic Arts.

Keywords: CIS-theme. Art. Sexuality. Social Bookmarks. Pornosexualigraphy

prólogo	19
introdução	30
ato 01	68
intervalo 01	145
ato 02	148
intervalo 02	192
ato 03	197
intervalo 03	253
epílogo	258
ANEXO A	274
ANEXO B	294
ANEXO C	300
REFERÊNCIAS	302

DRÓLOGO

**[OU O QUE VOCÊ
PRECISA SABER
PARA COMEÇAR
A LEITURA DESTA
DISSERTAÇÃO-
MANIFESTO]**

Adoro quando você, de manhã cedo, ainda dormindo, me abraça por trás, encosta cu.pau.buceta em mim, passa sua mão pela minha corpa encontrando-se com a minha num aperto gostoso e sinto sua respiração no meu cangote e dormimos mais um pouquinho, agarrados. É a renovação diária da minha bixice.



<https://bit.ly/CTRFuckU>

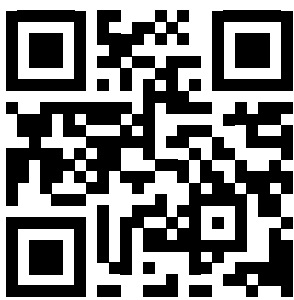


Figura 01
FuckU!
Chris, The Red
VideoArtePerformance
São Paulo/SP
2'20"
2021
Registro: Chris, The Red

Sim, sou bixa⁰¹,
bixinha,
bixona,
bixérrima

e nesta escrotidão que nos rodeia, uma dose diária de afeto-bixa é indispensável. Não seria possível realizar esta pesquisa sem minha dose diária de embixamento. É com ela que sigo, resisto, existo. E revoluciono.

Não concebo a revolução sob a forma viril da luta, da transformação heroica. Para mim, a revolução é o que faz parte do domínio do possível, unicamente nos microatos. Essa forma de microrrevolução é possível. Depois, a questão final é como se manter vivo nesse mundo de guerra total em que vivemos. Precisamos de uma nova política da experimentação e não unicamente aquela da representação. Eu milito por uma "Propaganda pela Queer Fucking". Essa microrrevolução se dá nos corpos, na experimentação, no sexo, no prazer, no consumo de drogas. Hoje em dia, a partir de Judith Butler e Donna Haraway, precisamos pensar novamente na noção do oikos, do lugar, que é o corpo, o corpo global e a terra, e é por isso que precisamos de um novo feminismo. É verdade que, talvez, meu livro realize também o luto do planeta, porque a constatação ecológica é muito alarmante. (Paul B. PRECIADO, 2018)

E antes de seguir, alguns avisos importantes (leia-os e compreenda-os):

1. QUANDO TIVER UM VÍDEO PARA VER OU UM ÁUDIO PARA OUVIR, O FAÇA. NÃO CONTINUE ANTES DE OUVIR OU VER - FALANDO NISSO, VOCÊ VIU O VÍDEO FUCKU! QUE ABRE ESTE PRÓLOGO?

2. LEIA AS NOTAS DE RODAPÉ, TEM ALGUMAS COISAS INTERESSANTES POR LÁ.

3. SE TIVER ALGUM LINK NO MEIO DESTA DISSERTAÇÃO-MANIFESTO, PEDINDO PARA VOCÊ ACESSÁ-LO, TAMBÉM O FAÇA. SÃO CONVITES A DIFERENTES EXPERIMENTAÇÕES SENSORIAIS.

4. FIZ UMA ESCOLHA POR APRESENTAR PEQUENAS PORÇÕES DE IDEIAS QUE BUSCAREI, ATÉ O FINAL DA SUA LEITURA, CONECTÁ-LAS. ASSIM, SE FICAR DÚVIDAS OU ANGÚSTIAS, PEÇO QUE ESPERE. AS RESPOSTAS VIRÃO NO TEMPO CERTO E SE NÃO VIEREM, TALVEZ, NÃO TENHA RESPOSTAS. FAZ PARTE.

Continuando...

⁰¹ Uso o termo bixa com X, ao invés da forma "gramaticalmente correta" - bicha - como uma própria construção política das linguagens que muitas vezes usamos em nossa comunicação informal com outras bixas, sapas, manas, monas etc.

Entendo esta pesquisa como uma parte de algo maior a que chamo “existência” e, ao longo desta experiência, diferentes jornadas se fazem presentes de forma que, à esta etapa da minha caminhada, optei por denominá-la de Jornada-Mestrado e a apresento a seguir.

A JORNADA-MESTRADO

Respeitável público
Um show tão maluco
Essa noite vai acontecer aqui
A gente vai armar um circo
Um drama com perigo
E nessa corda bamba
Quem vai caminhar sou eu
(Gloria GROOVE, música **A Queda**)

De acordo com o dicionário Michaelis, a palavra Jornada, entre outros significados como caminhada e percurso, é como se designava, no teatro espanhol e português, cada ato de uma peça⁰² e como já dizia alguém que não lembro mais: *“a vida é um teatro”*. Foi pensando nestas palavras que estruturei esta dissertação-manifesto da minha Jornada-Mestrado como uma peça de teatro e convido vocês a seguirem junto nesta quase dantesca obra dividida em três atos: [1] **Eu, uma corpa aberta e penetrável**; [2] **Nossas corpes penetradas**; [3] **O desejo que habita em mim saúda o desejo que habita em ti e convida: “vamos surubar”**. Atos estes antecidos por este **Prólogo** e uma **Introdução**, nais quais vou apresentando os primeiros elementos narrativos desta Jornada. E por fim, o **Epílogo**.

ARTISTES ESTÃO AQUI PARA PERTURBAR A PAZ

No **Prólogo** desta dissertação-manifesto, trago a videoartepformance **FuckU!** (2021) (Figuras 01, 02, 03, 04, 05 e 06) com trechos do escritor negro estadunidense James Baldwin, entre eles: *“artists are here to disturb the peace”*⁰³ (1961). Essa obra vem como aquele xero no cangote que dá um arrepio, abrindo espaço para possibilidades mil e outras potencialidades. Coloco minha corpa em movimento, em transe, minha respiração profunda em conexão com a poesia de Baldwin para dizer fodam-se as velhas normatividades, não estou aqui para manter o status quo. Não vou ficar na zona de conforto.

Essa obra representa os enclausuramentos nos quais são colocadas as corpas dissidentes. Um espaço de sufoco, com dificuldades para respirar, rarefeito e a arte o caminho para romper com essa prisão. Como escreve James Baldwin: *“art is here to prove that all safety is an illusion”* (James BALDWIN, 2010)⁰⁴. Todos os padrões, certezas, normas precisam ser questionadas. Sejam as normas sociais, culturais, religiosas e qualquer outra que nos reprima enquanto seres humanos, que oprimam as identidades e potencialidades

02 Disponível em <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/jornada/>. Acesso em 20 maio 2022.

03 Tradução minha: “artistas estão aqui para perturbar a paz”. Trecho de entrevista de James Baldwin com Studs Terkel em 15 de julho de 1961. Disponível em <https://studsterkel.wfmt.com/programs/james-baldwin-discusses-his-book-nobody-knows-my-name-more-notes-native-son>. Acesso em 10 outubro 2021.

04 Tradução minha: “a arte está aqui para provar que toda segurança é uma ilusão”.

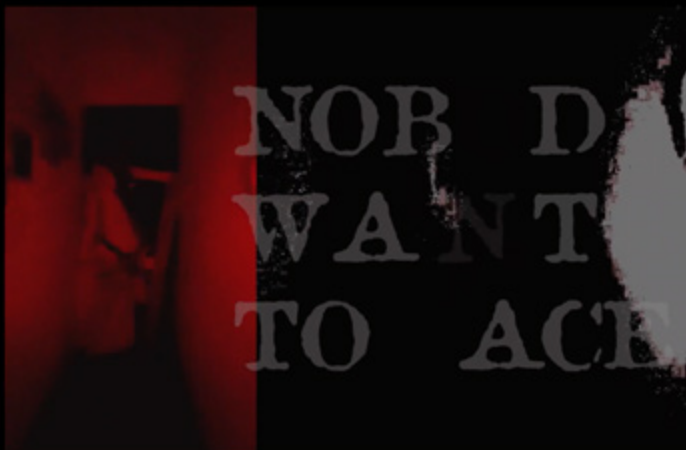


Art is
here to
prove the
fact
that all
safety is
an
illusion.

Figuras 02, 03, 04, 05 e 06

FuckU!

Chris, The Red
VideoArtePerformance (frames)
São Paulo/SP
2'20"
2021



nossas. Questionar os discursos, as institucionalizações e como podemos transitar nesses espaços. Refletir sobre as linhas tênues que separam o discurso que hierarquiza e o que liberta. Como hackear o discurso?

A doutoranda em letras (UFRJ) Jucilene Braga Alves Maurício Nogueira no seu texto *Problemas de Gênero no Corpo da Linguagem* (2021) nos traz a partir de uma análise da obra da filósofa estadunidense Judith Butler o termo “corpo-discurso”:

encaminhariam-se estratégias originais de cuidado individual e coletivo, estratégias de solidariedade com os sujeitos, seus corpos e desejos, tornando-os mais fortes por terem sua autonomia preservada. Defende-se que a singularidade deve ser contemplada em um convívio essencialmente coletivo, representado na linguagem múltipla de um discurso que se torna um corpo político agregador, enfim, um corpo-discurso. (Jucilene NOGUEIRA, 2021, p. 91)

Nesta pesquisa, meu corpo e outras corpas são elementos essenciais para contar nossas histórias. Nossas corpas trazem as marcas de nossas [r]e[s][x]istências e são com elas que buscamos corromper os discursos-opressores. Como escreve Judy:

o corpo é ao mesmo tempo o sujeito e o objeto das representações. O que eu sinto, o que aprendo, o que memorizo, todas as sensações, percepções e representações interferem nas imagens do meu corpo, que é simultaneamente a possibilidade e a condição daquilo que experimento e de minhas maneiras de interpretar o que eu experimento (Henry-Pierre JEUDY, 2002, p. 20)

Em **FuckU!** (2021), meu corpo é meu discurso. É a porta de entrada de uma jornada para dentro de mim (literal e em todos os sentidos). É uma jornada para dentro de pessoas. É uma jornada em que arte e histórias se misturam. Uma jornada feita de fotografias, histórias, vídeos, textos, performances e performatividades, gozos e afetos.

Quero adiantar que não busco as tradições da academia e tão pouco reinventar a roda, mas pensar com outras rodas e outras formas de se construir uma pesquisa em artes visuais circulando por outros espaços, pensamentos e ideias. Quero pensar inclusive sobre a própria ideia de uma pesquisa, especificamente, em artes visuais. Então, nesta caminhada, vou pensando como minhas construções imagéticas e textuais se desdobram e, por meio de histórias contadas por mim e outras pessoas, vou observando o meu próprio ato de ser artista e pesquisador. E diante disso, confesso e adianto, que não me preocuparei com quantidades de palavras/citações ou enxugar textos, mas, pensando no que Levi Banida apresenta como *Teia* (2021), tensionar os processos criativos, imagéticos, textuais, de pesquisa onde todos estes elementos vão se [re]conhecendo numa tentativa de tecer outras possibilidades e potencialidades e operando “livremente no brincar entre as linguagens como uma trajetória de invenção” (Levi BANIDA, 2021, p. 65).

Mas para isto acontecer, é preciso antes gritar um “foda-se” bem alto; dar, entre outras coisas, o dedo do meio para os “modelos” que se apresentam hoje dentro dos CIS-temas que nos envolvem e dos quais fazemos parte.

(PAUSA: INÍCIO)

OUÇA O EPISÓDIO CIS-TEMA
DE ARTE LENDO O QR CODE OU
CLICANDO NO LINK AO LADO

(PAUSA: FIM)



Pensando nesta definição apontada por Maria Amélia do CIS-tema da arte, assim como as problematizações

em torno dela é que caminharei por esta Jornada-Mestrado. Ainda na música *God Control* da Madonna, em determinado trecho ela canta: *"a new democracy. God and Pornography"*⁰⁵. Em 2019, Angela Davis esteve no Brasil, no lançamento da sua biografia e em uma palestra no Parque Ibirapuera, em São Paulo, na qual estive presente, ela pontuou a necessidade

<https://bit.ly/CTRDVCistemaDeArte>



Figura 07

**Diários Vermelhos:
CIS-tema de Arte**

Chris, The Red
Podcast
2022

que temos de uma nova democracia, pois a que está aí falhou, a forma como ela tem sido praticada falhou e precisamos pensar uma nova democracia e pensando nesta falha do CIS-tema democrático, penso que este CIS-tema de arte no qual estamos inseridos também tem falhado, observemos o caso recente envolvendo o Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand/MASP e as curadoras Sandra Benites (primeira curadora indígena do MASP) e Clarissa Diniz que pediram demissão após obras referentes ao Movimento Sem Terra/MST terem sido recusadas pela direção do MASP para serem partes da mostra "Histórias Brasileiras", no núcleo Retomadas⁰⁶. Então, como pensar este CIS-tema de arte a partir destas falhas que têm acontecido com artistas, obras, curadorias, espaços e os diversos agentes envolvidos e os marcadores sociais intrínsecos a ele?

E nesta tentativa de pensar outras possibilidades para o CIS-tema de arte que me atrevo a pensar outras formas de realizar esta pesquisa de mestrado, tratando-a mais como uma performance do que uma estrutura rígida acadêmica e para isto, trago novamente a Levi Banida que apresenta em sua dissertação a ideia de *"Pesquisa Performativa"*:

A pesquisa performativa sugere diálogos com outros domínios/áreas do saber que estão encobertos, sufocados e/ou invisibilizados pelas perspectivas e narrativas normativas de pesquisa. Áreas interdisciplinares ou práticas indisciplinadas, tornam-se um espectro rico e de amplo enfoque dessas pesquisas. (Levi BANIDA, 2021, p. 44)

05 Disponível em <https://youtu.be/zv-sdTOw5cs> Acesso 29 dezembro 2022

06 Entenda melhor o caso aqui: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2022/05/17/primeira-curadora-indigena-do-masp-se-demite-apos-direcao-recusar-fotos-do-mst-museu-alega-descumprimento-do-prazo.ghtml>. Acesso em 21 maio 2022.

Isso, para mim, é muito próximo do que tenho buscado fazer na minha própria pesquisa, para pensar as construções da normatividade dentro da academia. Banida traz isto de uma forma muito interessante e rica na sua dissertação⁰⁷ e pensar este mestrado enquanto jornada é refletir sobre não apenas aspectos do CIS-tema de arte mas a própria forma como apresento minhas criações, as quais prefiro chamá-las de **Putarias Artísticas (PA)**. Soa mais coerente com a minha busca.

(PAUSA: INÍCIO)

Já me disseram que não faço arte, que o que faço é putaria - "você não faz arte, é só putaria, é só gente pelada" - e isto me causava muitos incômodos, mas também já fui chamado tantas vezes de boiola, baitola, viado, bichinha e tantos outros termos para se referirem à minha bixice que ou a gente pega toda esta energia e a recanaliza ou então, adoecemos ou morremos. Então se o que faço é putaria, então, que sejam Putarias Artísticas.

E o que é melhor do que arte e sexo juntos?

Desde cedo, criei uma conexão direta com as artes em suas várias linguagens, desenho, pintura, poesia, dança, teatro, música, livros etc. Aprendi cedo o poder da arte em minha vivência, como espaços de imaginação e fantasias. Como espaço de vivenciar outras histórias ou criar outras personas, não como escape, mas como potencialização.

Da mesma forma, com a descoberta da minha sexualidade, desde quando entendi a anatomia do meu corpo e os meus desejos, busquei explorá-los sem reprimi-los, sem tabus ou preconceitos e desde então me permito às mais loucas taras. Já fui amarrado, dedado, fistei, mijei, sondei, fui sondado, vendei, fui vendado, dildos, plugs, prendedor de mamilos e cock rings são meus brinquedos.

Fiz a 3, 4, 10, surubas e festas mil, filmei, fui filmado, fiz filme pós-pornô, banheirão, cinemão, no parque, na praia. Peguei padre, professor, híbridos. Em outras palavras, sou puta. Sou bixa e puta e artista.

Então, hoje, entendo e defendo minhas criações como Putarias Artísticas e a faço pelo deboche a essas afirmações que qualquer artista que trabalhe com temáticas como as minhas - do sexo, do explícito, da pornografia, da tara, da fantasia -

⁰⁷ Disponível em <https://drive.google.com/drive/folders/1hkFB37XJQ8-oqR1XO2YSGZg9Z0hjyv21>. Acesso em 21 maio 2022.

já ouviu alguma vez em suas jornadas. Então, resolvi assumir isso e todos estes trabalhos que trago nesta pesquisa não são obras de arte, são Putarias Artísticas. Se o que faço não é arte, é putaria, vou assumir a putaria como parte da construção desta pesquisa e minhas Putarias Artísticas nascem na cama, na festa, na suruba, em qualquer lugar onde minha corpa desnuda e em tesão se encontra a corpas plurais desnudas, livres, orgásticas, consentidas e dessas conexões e entregas, fotografias, performances, videoartes e toda uma fusão de linguagens artísticas são exploradas como uma grande suruba de linguagens, ou seja, não espere uma única linguagem nas putarias artísticas que apresentarei aqui, pois como as pluralidades das corpas aqui presentes assim é com os caminhos que sigo em meus processos criativos.

(PAUSA: FIM)

Assim, vou pensando o próprio romper anti-higiênico com este CIS-tema da arte e refletindo sobre ideias que podem surgir desse rompimento, mas, para que isso aconteça, que a peça de teatro aconteça, os elementos da narrativa precisam ser apresentados para que você, que se dispôs a ler esta dissertação-manifesto, vá se conectando a essa jornada. Importante: os conceitos estão espalhados pelos atos. Talvez, você pense que um deveria estar mais no início e outro, mais no fim, mas eles foram distribuídos assim mesmo, conforme entendia ser o momento para eles surgirem.

Na **Introdução**, trago alguns conceitos que me são importantes e têm contribuído para a construção dessa pesquisa. Nela, apresento minhas primeiras perguntas. Respondo algumas poucas (não é meu interesse dar respostas agora). Deixo pontas soltas. Intersecciono elementos teóricos com práticas artísticas. Conto algumas histórias. Faço pequenas revelações para seguir adiante em temáticas como identidades, sexualidade, (pós-)pornografia, diltotectônia, marcadores sociais (gênero, raça, classe etc.), outros saberes e as intersecções com a arte contemporânea, processos criativos e linguagens artísticas e o próprio CIS-tema da arte. É aqui que me conecto ao conceito de Louis Marin sobre Representação e a dupla presença/ausência e ao conceito de Contrassexualidade de Paul B. Preciado e como se relacionam às minhas próprias construções imagéticas junto ao que entendo como Sujeitas de [r]e[s][x]istências. Apresento ainda mais duas putarias artísticas: **Manifesto-Resumido** (2021) e **Vômitos** (2021) e o motivo que me levou a estruturar este texto como um manifesto.

Seguindo: esta dissertação-manifesto parte de histórias para então pensar rompimentos. Histórias e vivências de pessoas que são diretamente afetadas pela forma como o CIS-tema da arte se configura diante de corpas ditas dissidentes (mais adiante, voltaremos a este conceito). E para contar estas histórias, as dividi em dois conjuntos (Atos 01 e 02). Primeiro, as minhas próprias histórias enquanto um corpo, ainda que bixa, “brancocissaudávelnorma” (Bruna KURY, 2020). Depois, as histórias de outras corpas.

No **Ato 01 – Eu, uma corpa aberta e penetrável** – o foco sou eu – *“os corpos se reconhecem a si mesmos”* (Paul B. PRECIADO, 2017, p. 21) – enquanto um corpo que se reconhece não apenas como um corpo pertencente a uma zona de privilégios, mas também uma corpa sujeita de [r]e[s][x]istência. Nessa parte, vou abrindo as pernas para a construção do meu sujeito bixa, para a minha branquitude, minha sexualidade e espiritualidade. Nesse ato, conto minhas histórias a partir de putarias artísticas como a série fotográfica **Desbranqueamento** (2021) para estabelecer conversas com Spivak, Mombaça, Pelúcio e Bruna, sobre a raça na qual minha corpa está inserida: a branca. Em seguida, a partir da performance **Shibari-me** (2021), dialogo sobre a importância da arte em nossos processos de cura para não sermos mortos pelas opressões do CIS-tema e mantermos vivas e resistentes nossas cores e sobre o repensar dos espaços a partir de Doreen Massey. Em **Oração a Contrapelo** (2021), diferentes expressões artísticas (objeto, texto-objeto e performance) se misturam para conversarmos sobre arte, espiritualidade e religião. Por fim, introduzo o *Dr. Red*, terapeuta fotopornossexualigráfico, a partir da performance **Doctor Red** (2021), que vos conduzirá junto comigo nesta jornada. Com essas putarias, trago outras ferramentas que servirão para a construção desta Jornada-Mestrado de forma a interseccioná-las com o próprio CIS-tema da arte apresentando as primeiras ideias que contribuirão para o romper anti-higiênico que aspiro nesta pesquisa. Aqui, também estabeleço um diálogo com conceitos como sujeito bixa, pós-pornografia e o Movimento de Arte Pornô.

INTERVALO 01 CRONOTOPIA: CELLULAM (2021)

No **Ato 02 – Nossas corpos penetradas** – outras sujeitas de [r]e[s][x]istência encontram-se à minha – *“e reconhecem os outros corpos”* (Paul B. PRECIADO, 2017, p. 21). Nossas corpos se penetram, fluidos, vivências, histórias e saberes são trocados. Construindo nossos próprios caminhos não hegemônicos. Construindo mundos alternativos, transformadores, mundos dissidentes construídos da força da margem. Nesse ato, elas são convidadas a compartilhar da minha cama e, a partir de uma mistura artística de LiveFotoPerformance, trarei a série **La Lito** (2021-2022) que começou a tomar forma no início de 2021 e se estendeu durante toda esta jornada. A partir dessa, *Dr. Red* vai se conectando pelas palavras, pela voz, pela pele, pela imagem, pela dança com cada uma delas e, juntas, conversam sobre corpo, pornografia, espaços de arte, outras possibilidades e caminhos e como suas histórias podem nos fazer refletir sobre o CIS-tema de Arte e trazer novos elementos para se pensar outras possibilidades. Nesse ato, penso, especialmente, no corpo, um dos componentes centrais desta pesquisa - como espaço de arte, de putaria e de dissidência. Nesse ato, também estabeleço uma conexão com o professor doutor Afonso Medeiros, da Universidade Federal do Pará, e seus estudos sobre erotismo e pornografia no CIS-tema de Arte para pensar as problemáticas desta divisão entre arte erótica e arte pornográfica.

INTERVALO 02 CRONOTOPIA: MOLECULO (2021)

No **Ato 03 – O desejo que habita em mim saúda o desejo que habita em ti e convida: “vamos surubar”?** – as conexões foram feitas. Histórias foram contadas. Como essas conexões de vida e artísticas poderão contribuir para uma mudança estrutural social cultural pessoal? Como diferentes [r]e[s][x]istências juntas podem transformar o mundo ou pelo menos o nosso redor? Libertar nossas corpas, nossos desejos? Como nossos desejos se conectam às nossas [r]e[s][x]istências? Como dismantelar – ou provocar algumas rupturas, mesmo que mínimas – no CIS-tema da arte, em que não mais precisaremos ouvir coisas do tipo: “seu trabalho é só putaria”, “seu trabalho não tem consistência”, “não serve para aqui”, “é ousado demais”, “acho que você precisa limpar mais o seu trabalho, do contrário, ele não será legitimado”, “acho que você não é artista e o que você faz não é arte” e outras baboseiras e vômitos que, dentro do CIS-tema conservador que temos hoje no Brasil, ainda presenciamos por aquelas pessoas que trabalham com as artes das sexualidades. Como explodir dicotomias que qualificam artes em eróticas e pornográficas que contribuem para a manutenção hegemônica de um CIS-tema artístico e institucional opressor?

E do ponto de vista das linguagens artísticas? Como o conjunto dos trabalhos aqui apresentados se conectam para repensar o meu próprio ato de criar? Quando a minha fotografia se torna algo a mais e, nesse devir, ela é ainda fotografia ou é algo a mais? Quando a minha performance se torna uma expansão da minha fotografia ou seria vice-versa? Quando vídeo, performance, fotografia e todas as minhas linguagens artísticas podem ser parte das mudanças que aspiro nas estruturas sociais ao meu redor que violentam, matam e silenciam corpas marginalizadas?

O Ato 03 é um convite a pensar, esse meu conjunto de Putarias Artísticas não dentro de categorias como erótica ou pornográfica tão presentes no CIS-tema de arte, mas no que passo a chamar de **Pornossexualigrafia**. Nesse ato, apresento as putarias artísticas **Dita Absinthe** (2021) e a série de GIFs **Retratos Pornossexualigráficos** (2022) e nove pontos para pensarmos este novo conceito de Pornossexualigrafia como uma possibilidade de uma caminho para a relação arte e sexualidade.

INTERVALO 03 CRONOTOPIA: CORPORIS (2021)

E chegamos ao **Epílogo [que também pode ser apenas uma transição, um entre-espço ou (...)]** que não é uma conclusão, não acredito em resultados finais nesta pesquisa, mas em pontos de partidas para outros lugares, pois a Jornada-Mestrado é apenas uma das muitas jornadas que este corpo pode transitar e neste último ato, apresento a **PA Manifesto do Futuro Fracassado** (2022) numa conversa com Ailton Krenak para pensar outras possibilidades para adiar o fim...

introdução

[ou sendo
introduzido,
trabalhamos
com as
pluralidades]

Vem comigo putanear, gozar arte por todos os poros de noss[a][e][o]s corp[a][e][o]s e esculhambar o mundo com nossos desejos e afetos.

Manifesto-Resumido

Chris, The Red

Poema-Objeto

São Paulo/SP

2021

Se tiver difícil de ler:

transcrição no Anexo C

2021

data
Outubro / Novembro

(por Chris, The Red)

MANIFESTO-RESUMIDO!

- não se limita a fotografias;
 - é político - totalmente;
 - é sobre pinos e novos surubos de histórias e conexões.
- VIVÊNCIAS!;
- é sobre poder com todo este cis-tema e em não pode SOZINHO;
 - é sobre poder qualquer, por minhas ~~surubos~~ histórias de misturar a muitos outros e são essas conexões que fazem a verdadeira revolução acontecer;
 - é sobre música, design, poesia, opus;
 - é sobre o explícito, o obscuro;
 - é sobre célula, molécula, corpos, corpos, corpos;
 - é sobre sua(s) pele(s) roçando a(s) minha(s);
 - é sobre pelo, cuspe, miço, merda;
 - é sobre ir além do pau, da buceta... é beijar o ar;
 - é pornografia, pós-pornografia, é sexualidade, contra-sexualidade;
 - é sobre 'pacasso' como arma contra a carência;
 - é sobre espiritualidade, é oração;
 - é sobre mim, sobre Doctor Red, sobre você, sobre nós;
 - é sobre putaria, surubos, perversão, orgio, **ORGIO À BRASILEIRA**;
 - é sobre família, entre famílias;
 - é sobre você(s) na minha **Lito**;
 - é sobre sexo gostoso e consentido;
 - é sobre brancentude - Desbrunquemntos;
 - é sobre dizer NÃO - não aceitar os ~~usos~~ ^{usos}, mas rejeitá-los;
 - é sobre não aceitar a violência, mas destruí-la, desmantelá-la na ^{raiz};
 - é sobre dor, lágrima, o tempo na cura, a palavra que esquece, ^{é o silêncio};
 - é sobre ~~o~~ [re]construir, continuar, re[começar] [significar];
 - é sobre ser BIXA, SAPA, TRANS, FLUIDA, ASSEXUAL, INTERSEXO, NÃO-BINÁRIE -
inclusive a linguagem - MULHER, NÃO-MULHER, HOMEM, NÃO-HOMEM, SER HUMANO, SER NÃO-HUMANO;
 - é sobre alegria, [re]e[st]i[st]ância, ~~o~~ revoluções;
 - é sobre chutar o pau da burocracia, tirar papo no porquinho e seguir o porquinho;
 - é sobre pluralidades; e também É SOBRE ARTE, ARS SEXUALIS, ARTE-DISIDENTE!

Denise Ferreira da Silva introduz seu livro *A dívida impagável* (2019) com as seguintes perguntas: “Por onde começar? Desde onde começar a tarefa de expor, capturar e dissolver, de apresentar o que excede e desafia o pensamento?” (2019, p. 33). E a partir dela, adiciono: “para onde quero ir?”. Em relação à primeira pergunta,

Eu respondo que parto do que me rodeia, do que me provoca, do que me faz ter dúvidas, do que eu não sei, do que me faz questionar constantemente o meu agir, o meu pensar, o meu ser. Adicionaria, ainda, que parto das relações/conexões que construo, das coisas boas e ruins que acontecem comigo.
(Christian DE SOUSA, 2021, p. 119)

ou seja, também parto de mim. Assim, desenvolver esta pesquisa só se tornou possível quando entendi uma série de questões ao meu próprio respeito:

de entender-me como poderia eu, um ser humano inserido numa zona de privilégio definido como homem, branco, cis, classe média, conectar-me com outres pessoas e suas múltiplas diversidades e contar suas histórias por meio da fotografia, indo além de um simples registro de uma imagem (ou o clique de um botão). (Chris, THE RED, 2020, p. 519).

Então, nestas palavras iniciais, busco responder à indagação de Denise e a outra – “para onde quero ir?” – ficará para mais adiante.

PRECIADO SÓ FOI O PONTO DE PARTIDA...

"No âmbito do contrato contrassexual, os corpos se reconhecem a si mesmos não como homens ou mulheres, e sim como corpos falantes, e reconhecem os outros corpos como falantes"
(Paul B. PRECIADO, 2017, p. 21).

Sou bixa! E dentro dessa palavra cabe uma infinidade de possibilidades. Sou bixa e, a partir dela, construo minha corpa, uma corpa que se expressa, que [r]e[s][x]iste, que luta e cria e luta e caminha e vai. É a partir dela que percebo a corpa falante que habita em mim e, por isso, é tão essencial trazer nestas introduções esse trecho do filósofo espanhol trans⁰⁸ Paul B. Preciado, foi a partir daí que esta ideia de pesquisa de mestrado foi tornando-se possível. E o que é ser uma Corpa Falante?

No seu livro *Manifesto Contrassexual* (2017, p. 21 e 22), o autor discorre suas reflexões e críticas em relação a estrutura social embasada na “diferença de gênero e de sexo, produto do contrato social heterocentrado” e nos traz a ideia da contrassexualidade como a possibilidade de novas percepções, rupturas e mudanças na forma como nos

08 Opto por colocar a palavra trans entre aspas mais por uma questão relacionada a você, leitor, do que propriamente como Paul se entende. Em sua obra, Paul defende a ruptura com esses rótulos ao mesmo tempo em que entende que não há como fugir totalmente deles. Que, em determinados momentos, o Estado – o sistema – exige de nós que nos definamos: “O Estado diz: se você quer um nome, tem de me dar antes o seu uso da razão, sua consciência, sua saúde mental. Você pode acreditar que está sendo chamado por seu nome, mas o Estado estará falando com você como disfórico. Nunca pensei que aceitaria isso. Mas aceito. Renunciei a noções como razão, consciência, saúde mental. Construo-me agora com outras tecnologias de espírito” (PRECIADO, 2020, p. 230). Então, caríssimo leitor, Paul ao nascer foi lido biologicamente do sexo feminino e transitou. Assim, para o seu melhor entendimento, Preciado seria um homem trans, mas, na real, ele tá cagando pra isso.

Figuras 09, 10, 11, 12 e 13

Contranome: Chris

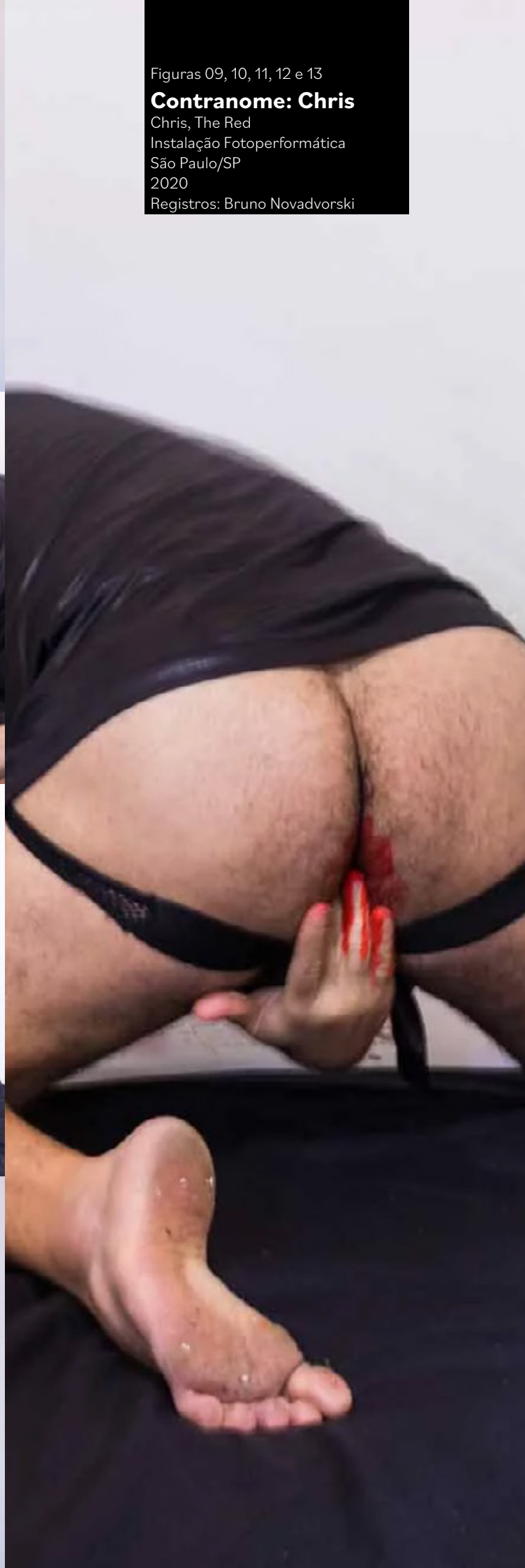
Chris, The Red

Instalação Fotoperformativa

São Paulo/SP

2020

Registros: Bruno Novadvorski



relacionamos socialmente a partir dos binarismos “macho/fêmea, homem/mulher, masculino/feminino, heterossexual/homossexual”, uma vez que esses discursos são produções de tecnologias utilizadas por alguns corpos para dominarem outros. Assim, a partir dessa ruptura, Preciado compreende os corpos não mais pela perspectiva binária, mas como “corpos falantes” (Paul B. PRECIADO, 2017), ou seja,

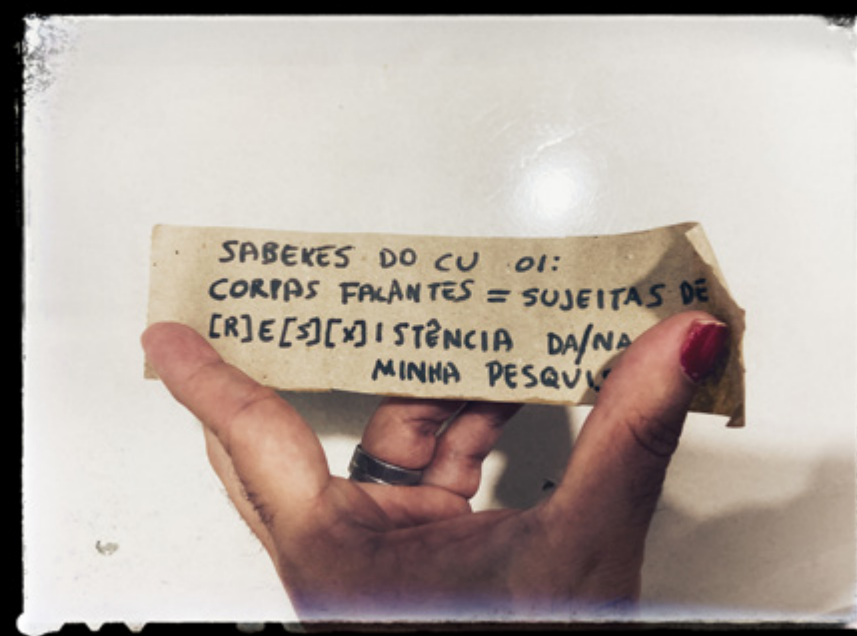
Reconhecem em si mesmos a possibilidade de aceder a todas as práticas significantes, assim como a todas as posições de enunciação, enquanto sujeitos, que a história determinou como masculinas, femininas ou perversas. Por conseguinte, renunciam não só a uma identidade sexual fechada e determinada naturalmente, como também aos benefícios que poderiam obter de uma naturalização dos efeitos sociais, econômicos e jurídicos de suas práticas significantes. (Paul B. PRECIADO, 2017, p. 21).

Assim, corpos falantes é essa possibilidade de ressignificação da nossa própria corporalidade, buscando outras vivências sociais, distanciando-se, ou melhor, rompendo com os binarismos biológicos estruturalmente impostos. Preciado, ao longo do livro, propõe que essas outras relações contrassexuais se deem através de contratos. Inclusive, nas páginas 44 e 45 do livro *Manifesto Contrassexual*, o filósofo apresenta um modelo de contrato contrassexual⁰⁹.

Em outras palavras, sua crítica reside na estrutura ou modelo social que temos hoje, principalmente, em se tratando do ocidente. Nesse modelo, renuncia-se a condição tida como “natural” de homem e mulher e, a partir daí, entender que, independentemente da condição biológica – se nasceu-se com pau ou buceta ou os entremeios – abdicar de tudo que esteja ligado a essa dicotomia e estabelecer outras possibilidades e conexões. Talvez, você me perguntaria se Preciado nos impõe essa ruptura? A resposta é “não”. Pelo contrário, entendo que, para ele, além dos corpos entenderem-se e reconhecerem-se não mais como homens e mulheres, o mais importante é que compreendam as estruturas heterocentradas nos quais esses corpos foram construídos/inseridos.

Para quebrarmos a construção de um corpo masculino e um corpo feminino e, assim, pensar outras pluralidades e potências existentes em outros sujeitos de existência, como as corpos trans, não binárias, intersexuadas, body modification, Preciado aponta que devemos escapar de tudo que esteja ligado estruturalmente com as marcas de sexo e gênero. E a partir dessas fugas, as corpos falantes têm como prioridade: invalidar o sistema de reprodução heterocentrado, ressexualizar o ânus, separar atividades sexuais das reprodutivas, abolir a família nuclear, entre outros. Assim, “no âmbito da sociedade contrassexual, os corpos falantes [as corpos falantes] se chamarão ‘pós-corpos’” (Paul B. PRECIADO, 2017, p. 35 - 43). E no âmbito dessa Jornada-Mestrado, as corpos falantes tornam-se **Sujeitas de [r]e[is][x]istência** da/na minha pesquisa.

09 Em 2020, realizei o trabalho de instalação fotoperformativa chamada Contranome: Chris dividida em três partes: Revogo, Assino e Crio. Na segunda parte, após ter revogado com o Estado o meu papel masculino inscrito na minha certidão de nascimento, assino – com o punho e com o cu – um novo contrato dentro de uma perspectiva contrassexual (Figuras 09 a 13). Este trabalho foi apresentado no VII Congresso Internacional em Estudos Culturais - Performatividades de Género na Democracia Ameaçada, da Universidade de Aveiro, em Portugal, de forma online em 2020 e está disponível em <https://bit.ly/CTRContranomeChris>.



Figuras 14, 15 e 16

Série Saberes do Cu:

Tríptico 01

Chris, The Red

Fotografia com edição no

app Snapseed

Itanhaém/SP

2021

Excluo definitivamente do meu vocabulário o termo “objeto de pesquisa”. As histórias a serem contadas não partem de um estudo de objetos, mas de conexões entre seres que fizeram uma escolha por dizer “NÃO” [“é sobre dizer NÃO”]:

(AO) (A) (AOS) (ÃS)

MACHISMO PATRIARCADO SEXISMO CONSERVADORISMO
ELITISMO RACISMO HOMOFOBIA TRANSFOBIA FEMINÍCIDIO
GORDOFOBIA SOROFOBIA COLONIALISMO OPRESSÃO REPRESSÃO
LGBTQIAP+FOBIA CAPACITISMO BINARIEDADE SISTEMA
PADRÃO SEMPRE FOI FEITO ASSIM MISOGINIA GENOCÍDIO
DITADURA HIERARQUIAS ACADEMICISMOS DESIGUALDADE
SOCIAL NÃO CONSENTIMENTO SILENCIAMENTO APAGAMENTO
XINGAMENTO EPISTEMICÍDIOS INDIVIDUALISMO
CAPITALISMO MILITARISMO FOME POBREZA PRECONCEITO
DOMINAÇÃO EUROCENTRISMOS CÂNONES DISCRIMINAÇÃO
NÃO SUSTENTABILIDADE ESCRAVIZAÇÃO DESPERDÍCIO
DESTRUIÇÃO FASCISMO AUTORITARISMO VIOLÊNCIA
SUBMISSÃO IMPOSIÇÃO RELIGIOSA

(REPITA 3X COMO UM MANTRA)

Toda a potência desta pesquisa se perderia se as pessoas fossem reduzidas a simplesmente *“objetos de discurso e não sujeitos de conhecimento”* (Jefferson CAMPOS; Guilherme Araújo SILVA; Bruno Barra DA SILVA, 2020, p. 28). Aqui, os saberes são múltiplos e oriundos de espaços diversos: da rua, do afeto, da cama, do gozo, da universidade, do bate-papo, do cu, da liberdade de ser. São os *“saberes-com”* e não os *“saberes sobre”* (Boaventura de Sousa SANTOS, 2019, p. 36), ou seja, o que busco é a construção de saberes com as sujeitas de [r]e[s][x]istência da/na minha pesquisa, não observá-les como meros instrumentos para a construção de um resultado de um mestrado. O velho sistema observador/ser observado não cabe aqui. As construções poéticas não se resumem a obras artísticas.

Assim, por mais que esta jornada se passe em um programa de pós-graduação do campo das artes visuais, na construção de uma poética visual, **nunca** a pretendi como restrita a esse aspecto. Essa é apenas uma das muitas facetas que busco na minha produção prática e teórica artísticas, seja antes, durante ou depois desta fase chamada Mestrado.

Nunca pretendi minha arte como mero processo de criação de uma obra, mas a arte como meio transformador do mundo que nos rodeia, o micro e o macro. A arte como possibilidade de transformação da minha existência dentro de uma estrutura social – que mesmo sendo anterior a mim – me determinou um papel a ser exercido. Como possibilidade de faísca que explodirá os sistemas opressores, a relação opressores-oprimidos, pois não adianta buscar destruir o opressor e tornar-se um novo modelo de opressor, já nos dizia o grande professor e mestre brasileiro Paulo Freire:

Como distorção do ser mais, o ser menos leva os oprimidos, cedo ou tarde, a lutar contra quem os fez menos. E esta luta somente tem sentido quando os oprimidos, ao buscar recuperar sua humanidade, que é uma forma de criá-la, não se sentem idealistamente opressores, nem se tornam, de fato, opressores dos opressores, mas restauradores da humanidade em ambos. E aí está a grande tarefa humanista e histórica dos oprimidos – libertar-se a si e aos opressores. (Paulo FREIRE, 1987, eBook)

É esse o papel da arte que eu pego para mim. É a escolha que eu fiz. Em 2011, no parágrafo inicial do meu Trabalho de Conclusão de Curso – DECONSTRUCTING WOMEN: a luta da mulher (2011)¹⁰ – apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Artes Visuais ao Centro de Educação Profissional - Educação a Distância SENAC – DF, escrevi:

As artes visuais são um mecanismo de expressão de sentimentos, de opiniões e de ideias. A arte está conectada com o momento presente no qual o artista está situado de forma que ele busca, por meio de suas obras artísticas, transformar este momento, mudando assim o presente, eternizando-se no futuro. Como diz Argan: "A arte é um fazer e se faz aqui e agora, não ontem ou amanhã; e faz objetos, que o tempo não engole e que permanecem presentes (ARGAN, 1992, p. 19)". (Christian DE SOUSA, 2011, p. 21).

A partir das minhas próprias palavras de 2011, minha arte é o reflexo não apenas do que sou/desejo, mas de todas as conexões que realizo. Esta pesquisa não constitui o olhar de uma única pessoa, mas o resultado de uma série de olhares, percepções, de trocas, de saberes. Não há minha arte sem mim e sem el[u][a][e]s. Sem tudo isso, não haveria esta pesquisa. Uma vez, Madonna teria sido questionada se algum dia escreveria sua autobiografia e ela teria respondido: "minha obra é minha autobiografia". Minha vida está nas minhas obras, assim como as vidas de todas as pessoas com as quais me conectei. Como a filósofa e artista francesa Anne Cauquelin traz no livro Teorias da Arte (2005), da "arte como vida" (p. 46), da arte como "uma visão, uma intuição diretamente relacionada a uma experiência vivida" (p. 47). Assim, cada criação que veio antes desta pesquisa de mestrado e todas que surgiram dela e, com certeza, as que virão, são frutos do meu viver, da minha entrega, do meu desnudar.

Esta pesquisa é parte da minha alma e do que acredito. É uma continuidade do que penso em relação ao meu fazer artístico. Meu ser artista não partiu da academia, vem bem antes, ainda na minha infância, nas brincadeiras com minha família, minhas principais questões artísticas não surgiram com o espaço acadêmico, mas estar nele é importante. A artista plástica brasileira Cristina Pape pontua muito bem em uma entrevista dada para a revista Concinnitas: "ser artista não é algo que se aprenda numa faculdade. A academia é engessada mas pode ajudar a desenvolver aquilo que você já tem dentro." (2016, p. 55). Meu ser artista e pesquisador também não vem com a instituição acadêmica e aqui, discordo do professor brasileiro Ricardo Basbaum, ao afirmar que "dentro da universidade, o trabalho de arte se transforma em pesquisa, e o artista, em pesquisador" (2006, p. 72), o meu ser "artista-pesquisador" (p. 72) é bem anterior ao meu ingresso em uma universidade. Reduzir o artista pesquisador a uma condição universitária já

¹⁰ Texto completo disponível em <http://theredstudio.com.br/index.php/portfolio/livros/554-deconstructing-women-a-luta-da-mulher>. Acesso: 10 outubro 2022

não cabe – e acho que nunca coube – e se busco com a minha arte transformar o meu meio, uma das primeiras coisas que preciso excluir é essa relação artista-pesquisador com a universidade e ir além. Ainda mais se pensarmos em artistas como Bruna Kury e Mogli Saura que, mesmo não tendo as tais formações acadêmicas institucionais, são exemplos ímpares de artistas-pesquisadoras que colocam a afirmação de Basbaum em total desuso e em um espaço elitista artístico-acadêmico. Bruna e Mogli são duas artistas brasileiras que trazem profundas construções, análises e pesquisas tanto em suas obras como nas suas escritas. Mogli é performer, cantore, compositore, escritore e uma série de outras identidades e tem elaborado a noção de ecologia-interseccional como base de movimentos artísticos e anticapitalistas.¹¹ Já Bruna tornou-se uma referência nos estudos da pós-pornografia sudaka¹², administrando cursos, oficinas e palestras pelo Brasil e tendo sua pesquisa e seus trabalhos estudados e pesquisados por estudantes universitários dentro e fora do Brasil, inclusive, por esta pessoa que vos escreve (mais adiante, Bruna voltará a ser citada neste texto)¹³. Assim, dentro da universidade, penso que, do artista-pesquisador, surge uma outra relação, na qual o trabalho de arte e do pesquisador, que também surgem fora do espaço acadêmico, ganham novos devires e assumem novos e outros desafios. E como tal, um dos meus desafios é o que Basbaum chama de contaminação do espaço universitário pelos “*fazer-saberes*” (2006, p. 74), que constroem outros elos entre os espaços acadêmico e artístico como forma de produzir conexões e ligações mais estáveis entre a universidade e outros espaços e, nesse processo, meu próprio ser artista-pesquisador vai se transformando.

Há pouco tempo, tive contato com o livro *Estética de Laboratório*, do argentino Reinaldo Laddaga (2010) e, em determinado trecho, ele escreve:

Un artista se expone, pero no pretende que lo que exhibe sea su definitiva desnudez. Sabe que todos sospechamos que eso no es posible. Tampoco se expone en un trance cualquiera de su vida: un artista se expone en el curso de realizar una operación sobre sí mismo. Lo que nos muestra no es tanto "la vida (o su vida) como es", sino una fase de la vida (o de su vida) que se despliega en condiciones controladas.
(Reinaldo LADDAGA, 2010, p. 11)¹⁴

E me peguei pensando em suas palavras e no significado delas na minha própria construção como ser artista e pesquisador e tendo a concordar quando ele afirma que não é possível que essa nudez seja definitiva, não há uma exposição final total, pois somos seres em constante mutação. O meu ser artista de 2011, durante a especialização, passou por uma série de eventos que possibilitaram que este ser artista de agora pudesse desnudar-se de outras formas. São outras fases da minha vida, mas seja em 2011, seja agora, são partes de mim que compõem um todo, ainda que esse todo esteja

11 Ver o texto *Modos Artísticos em Intersecções Ecológicas: Eco-Monstruosidades pelo fim do mundo-humano*, entre povos da terra e grupos dissidentes, escrito por Mogli Saura e publicado em 2021, pela FeraLivre. Leia mais sobre Mogli Saura em <https://www.moglisaura.com>. Acesso: 14 fevereiro 2022.

12 Termo utilizado para designar a produção epistemológica, imagética, entre outras do Sul Global.

13 Sobre Bruna Kury, ver site <https://brunakury.weebly.com/>. Acesso: 14 fevereiro 2022.

14 Um artista se expõe, mas não pretende que aquilo que exhibe seja sua nudez definitiva. Sabe que todos suspeitamos que isso não é possível. Tampouco se expõe em um momento crítico qualquer de sua vida: um artista se expõe enquanto realiza uma operação em si mesmo. O que nos mostra não é tanto “a vida (ou sua vida) como ela é”, mas uma fase da vida (ou da sua vida) que se desenvolve em condições controladas”. Tradução de Magda Lopes da edição brasileira publicada pela Martins Fontes – selo Martins, 2013.

em transformação permanente e que, provavelmente, nunca se complete (e nem talvez precise). E tanto em 2011 como agora, uma parte sempre foi essencial no meu fazer artístico: transformo minha arte em uma ferramenta política capaz de mudar o meu redor e preciso me manter acreditando que isso seja possível, do contrário, não mais haveria necessidade deste ser artista, pois

ou mantemos a esperança, um tanto utópica, hoje, de que a arte tem o poder de transformar sociedades e mudar políticas, ou teremos de concordar com Luis Camnitzer que, para que acreditem em nós, necessitaríamos de "todo o poder econômico, o caudal de truques publicitários, os meios de informação e, também por via das dúvidas, de recursos militares que os impérios têm a sua disposição para manter sua credibilidade e poder ser tão convincentes" (Frederico MORAIS, 1997)

Ou nos mantemos firmes no papel revolucionário da arte ou não suportaríamos a dor que é ouvir Rosângela Sibebe, que vive em situação de rua e foi presa na cidade de São Paulo, por “furtar” alimentos em uma rede de supermercados para alimentar os filhos e, após 18 dias presa, teve sua prisão revogada pelo ministro Joel Ilan Paciornik, do STJ: “Meu grande sonho é ser gente. Eu ainda não sei o que é isso, não sei o que é ser mãe, filha, irmã” (Rosângela SIBELE, 2021)¹⁵. Neste país em que uma mãe é presa por “furtar” alimentos, o ministro da economia continua livre, mesmo após denúncias de enriquecimento ilícito e o presidente continua no exercício deste papel mesmo diante de vários crimes contra a humanidade e a nação.



Figuras 17, 18 e 19

Charges Gilmar

Cartunista

2021

Fonte: Instagram

@cartunista_das_cavernas2021

Não posso afirmar o que é ser artista em um país como Espanha, EUA, África do Sul ou qualquer outro país que não seja o Brasil, minha realidade não está lá. Minha realidade é aqui, é no contexto das sociedades brasileiras que o meu fazer artístico se faz presente e como bem escreve o crítico de arte brasileiro Frederico Moraes no Catálogo da I Bienal de Artes Visuais

¹⁵ Disponível em <https://www.diariodocentrodomundo.com.br/essencial/mae-presa-miojo/>. Acesso: 15 outubro 2021

do Mercosul (1997): “Arte e política na América Latina sempre andaram de mãos dadas”.

No meu caso, minha arte tem uma relação duradoura, dissidente e pornográfica¹⁶ com a política. É no contexto brasileiro que esta pesquisa se constrói. É na poesia de Carmen Faustino; é na educação transformadora de Paulo Freire e Sara Wagner York; é nas artes do cu de Bruno Novadvorski, Bruna Kury, Jota Mombaça, DUOCU; é na escrita puta de Abhiyana, Suellen Gonçalves e na escrita sinfônica de Isadora Ravena; é na escrita afeminada da bixa preta de Jefferson Campos; é na escrita [pós]pornô de Eduardo Kac e do Coletivo Gang; é na contrassexualidade de Paul B. Preciado e Dodi Leal; é nos devaneios claudicantes de Jeferson Alves. É nas escritas cartográficas de Rafael Leopoldo, nas interseccionais de Carla Akotirene e nas epistemológicas de Helena Vieira, nas ex/orbitâncias de abigail Campos Leal, da bixa espanhola Paco Vidarte, do professor português Boaventura de Sousa Santos, no sociólogo franco-alemão Sam Bourcier, na performatividade de Levi Banida e tantes outros.

E é a todas essas pessoas que ofereço esta dissertação-manifesto e faço esta escolha de tratá-la como um manifesto pela própria ideia do que significa esse gênero textual que é “predominantemente argumentativo e que busca defender um ponto de vista, uma ideia e é escrito dentro de uma perspectiva social, cultural, religiosa e, principalmente, política para chamar atenção da sociedade para algo” (Guga VALENTE, 2020), para pensar o CIS-tema de arte não apenas do ponto de vista imagético, mas textual: “reinventando na escrita caminhos de transgredir o presente, recriar o futuro e subverter o passado” (Levi BANIDA, 2021, p. 5).

SOBRE MANIFESTOS

Em 2019, o artista visual brasileiro Bruno Novadvorski e eu escrevemos o manifesto *(in)CORPO Manifesto (2019)*¹⁷ (Figura 20 e 21), que é parte de uma performance homônima. Trata-se de uma provocação, na qual diferentes linguagens artísticas são misturadas no intuito de trazer a conexão existente entre energia sexual e a arte para o debate contemporâneo. Observa-se que, até os dias atuais, a sociedade ainda fala de modo sutil, até mesmo de forma preconceituosa e como tabu, sobre gênero, sexo e sexualidade. Assim, nosso manifesto é uma busca de chamar a atenção da sociedade para essas temáticas.

Figuras 20 e 21

(in)CORPO Manifesto

DUOCU

São Paulo/SP

2019

Publicado nas revistas Falo Magazine (vol. 2, nº9/2019/Rio de Janeiro) e Häus Magazine (Londres, Issuu 4, vol. 2/2021/Londres)



16 Vamos conversar mais sobre este termo adiante.

17 (in)CORPO Manifesto é o nome dado à performance e ao escrito, ambos criados colaborativamente pelo casal de artistas Bruno Novadvorski e Chris, The Red que formam o dueto DUOCU. Disponível em <http://duocu.art.br/index.php/performance/in-corpo-manifesto>. Acesso: 13 novembro 2021.

Quando trago na putaria artística (PA) **Manifesto-Resumido** (2021) (Figura 08), que “é político - totalmente;” é justamente pelo motivo de tratar esta dissertação não apenas como um texto exclusivamente acadêmico, mas provocar reflexões sobre o nosso próprio ato de escrever. Que escritos temos feito sobre nós e sobre outres? Que co-autorias estamos realizando? Estamos colaborando para a manutenção do CIS-tema que oprime e exclui ou estamos buscando as brechas para causar rupturas?

No livro *O que é política?*, do filósofo brasileiro Wolfgang Leo Maar, ele pergunta:

Como conciliar, diria alguém, as minhas escolhas individuais com as minhas escolhas políticas? E isto não vale só para a relação entre os amigos e os companheiros de militância; serve também para o trabalhador que quer melhorar o seu salário e precisa ser mobilizado para uma luta política mais ampla, cujas metas muitas vezes pouco significam ao seu dia a dia. Como assentar as possibilidades da luta de classes nas necessidades efetivas dos homens? Como casar a necessidade de canalizar esforços em conjunto, com a diversidade das possibilidades individuais? (Wolfgang Leo MAAR, 2017, eBook)

Perguntas como essas têm conduzido minhas escolhas pessoais, profissionais e, inclusive, artísticas. Maar (2017), ao escrever sobre a atividade política, diz que a ela “caberia privilegiar o estudo e a transformação das condições objetivas na sociedade que permitissem renová-la estruturalmente, com novas relações sociais e políticas, de modo a permitir então a plenitude da vida individual”. Assim, quando afirmo que “é político” é porque, mesmo diante das individualidades de cada uma das pessoas que fazem parte desta jornada, é a união de nossas histórias, de nossas lutas políticas, sociais, identitárias, culturais que nos permitem/permitirão “fuder com todos este CIS-tema”, pois, como escreveu a filósofa alemã Hannah Arendt (2018), “Política trata da convivência entre diferentes” e, para haver esse convívio, é preciso quebrar o preconceito também em relação a política e esquecer aquela história do ditado popular que “sexo, política e religião não se discutem” (talvez esteja aí a fonte das nossas mazelas). Precisamos urgentemente ampliar esses temas em nossas pautas, inclusive, artísticas. Mais do que nunca, vivemos em um tempo no qual nós, artist[e][a]s, precisamos romper com formas e meios com as quais determinadas coisas são feitas, ainda que possam soar anacrônicas, pois esse é o nosso papel e, contrário ao que o historiador italiano Antonio Gramsci (2014) traz, anacrônicos não por estarmos atrasados no tempo e sim por, muitas vezes, visualizarmos as transformações e mudanças que queremos no futuro (talvez, não à toa, foram as pautas artísticas e culturais as primeiras a serem desmanteladas pela corja atual que ocupa o governo do Brasil; talvez, não à toa, são as pautas artísticas a serem censuradas quando políticos querem desviar a atenção da massa populacional de temas que lhe são importantes, como seus direitos trabalhistas¹⁸). Por outro lado, talvez seja

18 Coincidemente”, foi em 2017, quando teve, em julho, a aprovação da reforma trabalhista no governo Temer (disponível em <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2017/07/11/aprovada-a-reforma-trabalhista>) que nos meses seguintes, vários casos de censura foram dirigidos a artistas no Brasil, exemplos: o fechamento da exposição Queermuseu, em Porto Alegre (<https://veja.abril.com.br/coluna/rio-grande-do-sul/apos-protesto-do-mbl-santander-fecha-exposicao-sobre-diversidade/>); a polêmica em torno do Wagner Schwartz, no Museu de Arte Moderna em São Paulo (<https://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/interacao-de-crianca-com-artista-nu-em-museu-de-sp-gera-polemica.ghtml>); a censura contra a peça O Evangelho Segundo Jesus, Rainha do Céu, da atriz Renata Carvalho (<https://ponte.org/peca-atriz-trans-jesus-volta-sp-censura/>), entre outros casos que aconteceram naquele ano. Então, TALVEZ pode ser apenas teoria da conspiração da minha cabeça, mas talvez não, então, ficarei com o talvez e as provocações, pois ir atrás das respostas a este “talvez” não é objetivo desta dissertação, mas fique a vontade de tentar buscá-las.

também por isso que emergiu e se ampliou uma imensa cena artista das dissidências sexuais e de gênero em nosso país nos últimos anos.

Assim, **Manifesto-Resumido** (2021) é o que se poderia dizer de síntese do meu pensamento enquanto artista-pesquisador-acadêmico-puta-ser humano. É uma resposta-síntese à pergunta de Denise Ferreira da Silva e apresentar este texto em forma de manifesto é ir ao encontro da artista e escritora brasileira Tertuliana Lustosa, quando ela escreve, no seu *Manifesto Traveco-Terrorista* (2016):

Manifestos como escritas de novos modos de vida, conexão brejeira, corpos expandidos, regimes não mais dicotômicos nem do uno, do universal: em seu lugar o regime do 3, como via clandestina para o 4, 5, 11, 187... Brasil virou BRTrans. Bandeira operação e processo. (Tertuliana LUSTOSA, 2016, p. 397)

E pedindo emprestado um trecho do Manifesto de Tertuliana, o reescrevo:

ESTE MANIFESTO SURGE COMO UMA ARMA CONTRA O ACADEMICISMO ELITISTA. MESMO NÃO TRAZENDO SOLUÇÕES DADAS PARA O PROBLEMA DO RACISMO, DA VIOLÊNCIA, DO MACHISMO, DO PATRIARCADO, DA LGBTQUIAP+FOBIA NO CIS-TEMA DE ARTE NO BRASIL, QUEBRA O MEU SILÊNCIO DOS PRIVILÉGIOS DA MINHA BRANQUITUDE-CIS-HOMEM, O QUE JÁ CONSIDERO UM PRIMEIRO PASSO PARA AS REVOLUÇÕES EM UM DOS PAÍSES MAIS VIOLENTOS PARA AS CORPAS DISSIDENTES.¹⁹

Assim, esta dissertação-manifesto parte também de um lugar de raiva, de ira. Como não sentir um ódio profundo por tudo que está acontecendo no Brasil neste momento? Como não sentir náusea de certas pessoas? Quando comecei esta jornada-mestrado, a imaginava diferente, mas a realidade dura é que, por um tempo, nos seus primeiros meses, foi um grande tormento, lutas diárias contra a depressão para evitar novas crises²⁰. Assim [3], entendo que, nos últimos anos, uma pesquisa com temáticas como a

19 Trecho original: “Este manifesto surge como uma arma da clandestinidade intelectual. Mesmo não trazendo soluções dadas para o problema da transfobia no Brasil, quebra o meu silêncio de travesti baiana, o que já considero um primeiro passo para as transrevoluções no país mais violento para pessoas trans segundo a ONG TransGender Europe.” (p. 386).

20 Sou diagnosticado com depressão e antes de entrar no mestrado, não havia tido crises há muitos anos, desde 2016. E durante os primeiros meses desta jornada-mestrado, tive que lutar para não cair em uma nova crise. Sendo a luta mais difícil, a que tive de enfrentar em relação a pessoa que havia escolhido para me orientar, me acompanhar nessa jornada, que mostrou ser um dos meus piores erros. Um erro tão profundo a ponto de me fazer querer desistir. De pensar: “ou troco de orientação ou largo este mestrado”. Felizmente, consegui trocar de orientação e seguir esta jornada-mestrado da forma como a imaginei: com liberdade e numa troca afetiva e respeitosa e agradeço imensamente a minha nova orientadora e co-orientador, que tornaram esta jornada menos angustiante, mas as marcas do que aconteceu comigo, elas ficam, pois não é um fato isolado. O que tenho observado a partir de conversas com outros pesquisadores é uma profunda tristeza em suas relações com a instituição academia e corpos docentes que me leva a refletir: o que estamos fazendo da nossa academia? Um espaço que deveria incentivar o prazer pela pesquisa, tornou-se a origem de corpos cada vez mais doentes. Na reportagem de Carolina Sotério e Mariana Hafiz (2020), “*Estudantes de pós-graduação têm seis vezes mais chances de desenvolver depressão e*



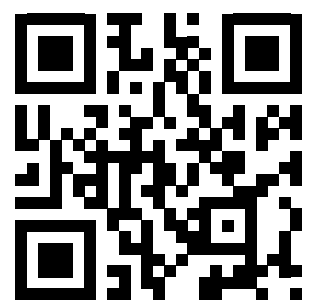


<https://bit.ly/CTRVomitos>

Figuras 22 e 23

Vômitos

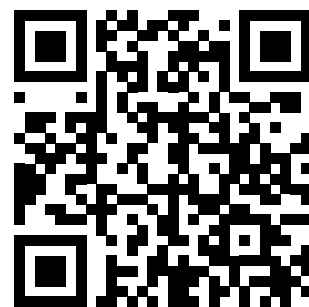
Chris, The Red
Lambes digitais
São Paulo/SP
2021



que trago eram quase impossíveis e que são recentes os espaços conquistados no âmbito da universidade, mas ainda há um longo caminho pela frente e enquanto casos como o meu e de outras pessoas dentro da academia continuarem acontecendo, precisaremos continuar lutando. Assim [4], esta dissertação-manifesto é meu grito de foda-se, não é a toa que a abro com **FuckU!** (2021) (Figuras 01 a 06), pois é isto: é o meu ser se manifestando, gritando contra todo esse CIS-tema que nos rodeia: patriarcal, machista, sexista, burguês.

É a minha arte se manifestando, procurando espaços para causar rupturas nesta porra toda. É sobre *“não aceitar os vômitos, mas regurgitá-los;”*, como na série de lambes digitais **Vômitos** (2021) (Figuras 22 e 23) que apresentei para a disciplina *A imagem no campo da ficção*, do professor doutor Eduardo Vieira da Cunha, e que também fez parte da exposição virtual homônima pela plataforma Artsteps, de 27.12.21 a 27.01.22 (Figuras 24 a 27).

<https://bit.ly/CTRVomitosExposicao>



Figuras 24, 25, 26 e 27

Exposição Vômitos

Chris, The Red

Plataforma online ArtSteps

2021-2022

Prints: Chris, The Red



ansiedade que a população geral, e ainda são poucas as iniciativas institucionais para amenizar o quadro” e um dos pontos levantados é a relação orientação-orientado (Disponível em <https://www.comciencia.br/indices-de-depressao-e-ansiedade-sao-maiores-em-alunos-de-pos-graduacao/>. Acesso: 30 maio 2022). Assim [2.1], ou repensamos a forma como estamos construindo nossos espaços acadêmicos ou simplesmente, eles se tornarão meros emissores de títulos sem significância nenhuma. Assim [2.2], esta jornada é feita também da raiva por toda esta merda que nos rodeia, que nos adoce, que nos faz querer desistir de algo que lutamos muito para conseguir.

Ao longo da existência das pessoas dissidentes,
das pessoas minorizadas,
somos violentadas de diferentes formas:
pelo olhar que julga,
pelo dedo que aponta,
pela mão que bate,
pela chave de braço e
pelas palavras proferidas e
todas estas ações ficam marcadas
para sempre em nossas memórias,
nos nossos traumas.
Palavras de ódio que são ditas e
ferem tanto quanto uma porrada na cara.

Nesta série de lambes virtuais,
trago frases reais que foram ditas tanto a mim
quanto a pessoas amigas minhas,
frases que ficaram gravadas
em minhas/suas memórias,
que me/lhes causam dor,
angústia e as coloco aqui,
como uma forma de regurgitá-las e vomitá-las
de volta às pessoas que as proferiram.

Ao ser provocado pelo professor Eduardo Vieira
a criar um museu imaginário do desejo,
não deixei de pensar em um dos papéis do museu
que é guardar a memória do passado -
um país que não guarda sua memória,
tende a cometer os mesmos erros -
então, ao trazer estas palavras,
que em algum momento foram proferidas a mim
e a outras pessoas, quero lembrar que sim,
somos pessoas violentadas diariamente
pela nossa raça, pela nossa sexualidade,
pelo nosso gênero, pela nossa deficiência
e que no momento que as palavras constantes
em cada um desses lambes foram vomitadas em nós,
elas nos machucaram, nos feriram e que
já é hora de um basta.

O professor Eduardo afirma em seu texto *Imagem, história e ficção* (2021) que "nosso trabalho se alimenta da matéria da memória, a real e a falsa, a que queremos ou achamos que aconteceu ou aconteça, e o resultado é a imaginação ou o trabalho", pois bem, essa série de lambes se alimenta da ignorância, do preconceito, das palavras ditas para esfregar na cara o quanto nossa sociedade está apodrecida. Já passou da hora das pessoas pararem de vomitar em nós seus preconceitos, suas ignorâncias e não vamos mais deixar vocês nos ferirem.

Nas palavras de Jota Mombaça (2021, p. 13-14): "não vão nos matar agora porque ainda estamos aqui. Com nossas mortas amontoadas, clamando por justiça, em becos infinitos, por todos os lugares. Nós estamos aqui e elas estão conosco, ouvindo esta conversa e nutrindo o apocalipse do mundo de quem nos mata".

A ideia para **Vômitos** surgiu em julho de 2021, durante um momento decisivo no meu mestrado, de uma frase que me foi dirigida, daquelas que são ditas para ferir e, por trás dela, a mensagem de que sou indesejável, que ali não é espaço para a minha arte nua, explícita, política, que eu levasse meu discurso para outro lugar, que ali não me cabia. Um discurso que toda corpa dissidente em algum momento já ouviu, do quão indesejáveis somos e, por isso mesmo, é neste lugar que precisamos estar presentes, mostrando para estas pessoas que suas agressões verbais são alimentos para a nossa regurgitação. Com a frase em minha mente e por meio dos Stories do meu perfil no Instagram, pedi às pessoas que respondessem com as palavras, frases de ódio, preconceitos que já foram ditas a elas (Figura 28) e, com as respostas, a série de lambes **Vômitos** foi produzida e apresentada como trabalho final da disciplina do Eduardo Vieira, o professor solicitou como opção para o trabalho final *"a criação de um museu imaginário: de desejo, de faltas ou ausências (que vem a ser o mesmo que desejo)"* (2021, WhatsApp) e, em resposta, os lambes aconteceram, não na rua, em papel como havia inicialmente imaginado, pois em meio aos novos casos de Covid-19, principalmente, por conta da nova variante, a Ômicron, precisei repensar a materialidade da obra.

O lambe é conhecido como uma arte, uma expressão que acontece no espaço urbano, uma folha de papel, que pode ter diferentes tamanhos e formatos e colados pelas ruas da cidade, cuja história está diretamente associada a dos cartazes e pôsteres. De acordo com Hertha Silva (2015, p. 54), *"o cartaz lambe-lambe é uma dentre as várias manifestações de arte urbana. A forma mais conhecida, e também a mais estudada, é o grafite. Mas há uma diversidade de modalidades"*.

No entanto, diante de uma nova configuração da realidade e no processo de evitar as ruas, repensar a própria ideia do lambe-lambe foi necessária e, em diálogo com o curador francês Nicolas Bourriaud, no livro *Pós-produção: como a arte reprograma o mundo contemporâneo* (2009), se reorientar no novo caos e a partir dele deduzir outros meios de criação. Assim, tirar o lambe das ruas e jogá-lo para o espaço virtual, dentro de uma galeria de arte também virtual, desloca o seu significado, mas não como uma negação. Por isso, trago Bourriaud novamente e seu conceito de pós-produção:

Aqui, o prefixo "pós" não indica nenhuma negação, nenhuma superação, mas designa uma zona de atividades, uma atitude. Os procedimentos aqui tratados não consistem em produzir imagens de imagens - o que seria uma postura maneirista - nem em lamentar que tudo "já foi feito", e sim em inventar protocolos de uso para os modos de representação e as estruturas formais existentes. Trata-se de tomar todos os códigos da cultura, todas as formas concretas da vida cotidiana, todas as obras do patrimônio mundial, e colocá-los em funcionamento.

(Nicolas BOURRIAUD, 2009, p. 14)

Assim, ao transpor o lambe-lambe das ruas para o que seria um espaço de arte dentro de um ambiente virtual, busco provocar também uma quebra com a hegemonia dos espaços do CIS-tema de arte a partir do momento em que desvio o caminho para outras possibilidades e amplio seu alcance para outros públicos. Dessa forma, potencializo aquilo o que está sendo dito pelas **sujeitas de [r]e[s][x]istência**, sem esperar que os tais espaços hegemônicos da arte abram espaço para nós, pois criamos os nossos próprios rompendo com o fluxo de dominância que oprime e silencia as vozes dissidentes do CIS-tema. Se essa virtualidade já é presente em vários aspectos de nossas vidas, é inevitável também que ela esteja presente não apenas nas formas como expressamos nossa arte, mas, principalmente, o próprio CIS-tema da arte. A crítica de arte brasileira e também minha orientadora nesta jornada-mestrado, Mônica Zielinsky, no seu artigo *A arte e sua mediação na cultura contemporânea* (2006), escreve (p. 222): “as grandes transformações que o mundo contemporâneo sofreu em função da vultuosa expansão das redes de comunicação e do fluxo de informação” permitiram que “os meios de comunicação não são apenas elementos transmissores de informações e de conteúdos simbólicos, mas sim, propiciadores de novas formas de articulação dos indivíduos no mundo”.

Desse ponto, penso também no conceito de “dispositivo de arte” (2021) que o artista visual e pesquisador Bruno Novadvorski trouxe em seu livro *Dispositivo de arte: meu corpo contrassexual e artístico* (2021), no qual ele defente:

Penso que a arte, enquanto dispositivo, acontece de formas distintas dentro da sociedade, atravessando campos sociais,

Figura 28

Postagem Story

Instagram no perfil @chris.thered Agosto/2021. Print: Chris, The Red.





Figuras 29, 30, 31 e 32
**Registros da 2ª Bienal de
Artes do Ouvidor 63**

São Paulo/SP
2018

Fotos de Chris, The Red
sentido horário a partir da superior esquerda:
obras de Dudx, Rose Steinmetz, Sirius Amen e
Moara Tupinambá



Figura 33
**Registro da Instalação
Fotográfica Sacra-Sexualis
na 2ª Bienal de Artes do
Ouvidor 63**

São Paulo/SP
2018

Foto de Chris, The Red

políticos e econômicos. Motivo que me faz entender o dispositivo de arte como importante dentro da construção de uma sociedade, pois quando penso na arte de maneira ampla, aspiro-a como propulsora de subjetividade, auxiliando os sujeitos na formulação de si. Acontecimento que reverbera na construção da subjetividade coletiva, ou seja, o dispositivo de arte pode ser um importante aspecto para a construção de uma sociedade mais humana e crítica. (Bruno NOVADVORSKI, 2021, p. 26-27)

Assim, penso na ideia de dispositivo²¹ de arte como uma potencialização e transformação do nosso atual CIS-tema de arte, reverberando mudanças a partir de outros espaços, os não hegemônicos e/ou os não aceitos, ou seja, a arte como propulsora na construção de nossas identidades enquanto espaços únicos e que também somam forças na construção de representatividades coletivas. Como exemplo disso, trago o Espaço Cultural Ouvidor 63²², em São Paulo, que, em 2018 e em 2021, realizou, respectivamente, a 2ª (Figuras 29, 29 a 32) e a 3ª Bienal de Artes do Ouvidor 63. Ambas aconteceram em paralelo à Bienal de Artes de São Paulo, justamente para ser não apenas um contraponto a esta, mas também uma provocação neste CIS-tema de construção dos espaços e das exposições artísticas, assim como nas relações entre curadoria-educação-arte, uma vez que a construção da Bienal do Ouvidor parte de um processo coletivo não apenas do corpo curatorial, mas também dos próprios professores e artistas, tantos residentes como não-residentes, grupo este no qual estive incluso, por ter durante os meses que antecederam a realização da 2ª Bienal, em 2018, participado ativamente do Laboratório de Fotografia realizado no Ouvidor coordenado pela fotógrafa russa Rose Steinmetz e pelo fotógrafo brasileiro Rafael Tomazi, e o trabalho resultante, a instalação fotográfica *Sacra-Sexuallis* (2018) (Figura 33), ter sido parte da Bienal.

No caso da 3ª Bienal de Artes, em 2021, por conta da pandemia do COVID-19, a construção aconteceu de forma diferenciada, por meio de chamada aberta²³ a artistas não-residentes cujas obras estabelecessem uma conversa direta com as obras dos artistas residentes do Ouvidor 63. De 20 de novembro a 05 de dezembro de 2021, a obra *Anculheta* (2021) (Figura 34), criada em parceria com o Bruno Novadvorski pelo nosso dueto artístico, o DUOCU²⁴, foi exibida na 3ª Bienal.

Em ambas as edições das Bienais de Arte do Ouvidor 63 e no próprio Ouvidor 63, encontro este repensar do CIS-tema de arte muito mais próximo do conceito de dispositivo de arte apresentado por Novadvorski.

O CIS-tema de arte como o entendemos hoje, com suas hierarquias, seus cubos brancos e suas curadorias vampíricas serão obrigadas a se modificar, não haverá espaço para cooptar artistas para caberem em suas políticas artísticas higienizantes, pelo contrário,

21 Não me adentrarei no conceito de dispositivo aqui. Para tal, sugiro a leitura dos textos homônimos "O que é um dispositivo?", de Giorgio Agamben e Gilles Deleuze, ambos encontráveis na internet.

22 "O Ouvidor 63 é um prédio com 13 andares que transpiram arte e cultura, formando a maior ocupação artística da América Latina. Quem já conheceu sabe que em cada canto dessa ocupação há música, pintura, circo, xilogravura, performances, instalações, esculturas e tantas outras expressões que fazem deste prédio um grande polo de inspiração artística para a cidade de São Paulo. Com mais de 100 artistas residentes, nasceu a partir do sonho de pessoas que sempre buscaram por espaço e liberdade para produzir e que encontraram na ocupação o suporte para seus anseios. [...] é também uma resposta aos valores abusivos para se ter acesso à arte e se tornou referência em atividades gratuitas no centro de São Paulo." (STEINMETZ & TOMAZI et al, 2018).

23 Disponível em <https://www.instagram.com/p/CVm-XutrPP3>. Acesso: 15 janeiro 2022.

24 Disponível em <http://duocu.art.br>. Acesso: 06 janeiro 2023.



Figura 34

**Registro da obra Anculheta
na 3ª Bienal de Artes do
Ouvidor 63**

DUOCU
São Paulo/SP
2021

Foto de Chris, The Red

precisarão quebrar suas políticas eurocêntricas para ampliar em uma série de visões artísticas fora das ocidentalizadas e aqui penso, especificamente, na exposição *Queermuseu: cartografias da diferença na arte brasileira*, realizada primeiramente, em 2017, no Santander Cultural, em Porto Alegre, e que, após ataques históricos e de censura por grupos conservadores do Brasil, foi cancelada. Diante de todas as polêmicas oriundas desse cancelamento, um financiamento coletivo proporcionou uma nova realização da exposição na Escola de Artes Visuais do Parque Lage, no Rio de Janeiro, no ano seguinte. O que me interessa nesse caso não é o cancelamento, do qual sou totalmente contra, ainda mais no contexto cultural e político em que se deu esse fato, mas sim o fato da curadoria, realizada por Gaudêncio Fidelis, que, com um discurso curatorial que considero vampírico – uma vez que se aproveitou de um tema sensível em vários campos (político, social, humano, artístico) – trouxe uma exposição sem representatividade queer/kuir/cuir, contribuindo ainda mais para o apagamento não apenas de obras, mas também de artistas queer/cuir/kuir e ainda deslegitimando as produções dissidentes brasileiras ao afirmar que *“não existe uma produção queer que tenha um corpo tão relevante a ponto de ser abordado em uma exposição com tal dimensão”* (Gaudêncio FIDELIS, 2017, p. 12). Além disso, tentou dar ao termo queer/cuir/kuir um significado que não lhe é próprio – mesmo com as várias questões que circundam esse termo no Brasil – podemos pensar o cuir/queer/kuir como espaço da dissidência ou como afirmam a antrópologa brasileira Vi Grunvald e o sociólogo brasileiro Jorge Leite Junior:

Queer é uma noção que vem sendo apropriada de formas muito diferentes (e, por vezes, bem complicadas) em terras brasileiras. Mas, na insistência de que sirva para algo, ainda é possível associá-la a alguma coisa fora do lugar, recalcitrante, não facilmente encaixada ou reconhecida e, com alguma sorte, disruptiva (Jorge LEITE & Vi GRUNVALD, 2019)

Assim, além da falta de representatividade kuir/cuir/queer, a exposição ainda se caracterizou por uma representação masculinizada, em levantamento feito pelo brasileiro professor doutor em design Guilherme Altmayer, pode-se aferir,

por exemplo, que na mostra *Queermuseu* – em 2018 na Escola de Artes Visuais do Parque Lage –, dos 81 artistas listados no catálogo da mostra, 73% eram homens, e 27% mulheres. Mais estarrecedor ainda é constatar que dos 72 artistas, sobre os quais obtive resultados nas buscas, apenas um era negrx (Guilherme ALTMAYER, 2020, p. 74)

Assim, a exposição *Queermuseu* e todo o seu processo curatorial é um exemplo nítido das mudanças urgentes que precisam ser feitas no CIS-tema de arte, rompendo com os apagamentos e higienizações que excluem dos museus, bienais e exposições uma diversidade de obras e artistas e, quando são trazidas, parecem passar por um processo de “limpeza” para que caibam nos pontos aceitáveis do CIS-tema e aqui, penso muito na participação de artistas como Jaider Esbell²⁵ e Jota Mombaça²⁶ na 34ª Bienal de São Paulo (2021). Não estou criticando as suas presenças na Bienal, pelo contrário, que venham muitos mais artistas de povos originários, trans, não-binários, ocupando e hackeando ainda mais os espaços hegemônicos do CIS-tema de arte.

25 Disponível em <http://34.bienal.org.br/artistas/7339>. Acesso: 14 fevereiro 2022.

26 Disponível em <http://34.bienal.org.br/artistas/7328>. Acesso: 14 fevereiro 2022.

Minhas dúvidas pairam sobre se suas obras precisaram passar por um processo de “europeização” para fazer parte da Bienal? Se de fato elas estão hackeando o sistema ou se incorporando às estruturas artísticas conservadoras? Sobre essas perguntas e dúvidas, não tenho respostas, mas os questionamentos, como diria Bruno Novadvorski, “*pipocam na minha mente*”.

Assim, repensar esse CIS-tema da arte é refletir também sobre as relações da arte com as suas materialidades, inclusive, nas relações com os espaços virtuais ou, realidades virtuais, discussão que se tornou ainda mais presente diante da pandemia do COVID-19, quando os espaços expositivos foram fechados e fomos “obrigados” a repensar nossos processos artísticos-criativos e também a forma como tornarmos públicas nossas criações²⁷. As exposições virtuais ganharam espaço e plataformas expositivas surgiram, como a *Artsteps*, que utilizei para levar as exposições *Vômitos* (2021) e a *Mostra Digital Ars Sexualis* (2021)²⁸ ao público. A arte digital, a arte cibernética, a tecnoarte já é uma realidade e os espaços de arte, assim como as linguagens artísticas cada vez mais se fundirão a esses ciberespaços. (*“é sobre o ser humano, ser não-humano”*):

Em meio a um tecnocosmos a cada dia mais complexo e sofisticado, o homem contemporâneo se vê às voltas com um novo para o qual ainda não tem palavras. ... O que resta de "humano" neste perturbador mundo novo? ... São tantas as passagens que nos lançam do "humano" ao "não humano", que mal sabemos hoje onde começa um e onde termina o outro, o quanto de não humano encontramos no humano e vice-versa. É preciso percorrê-los hoje como o avesso um do outro, como numa fita de Moebius. (Rogério DA COSTA, 2019, s/p)

Vômitos (2021) constituiu a busca por outros meios de produção, não se trata, como afirmado anteriormente, de negar as linguagens, mas ampliar seus funcionamentos, por meio de levar a arte urbana dos lambes para o espaço da realidade virtual.

Além disso, nessa série de lambes virtuais, me uni a várias outras pessoas para transformar as palavras que um dia nos machucaram, resignificando-as, expressando-as pela arte e contando nossas histórias, pois, como escrevi antes, *“eu não fodo sozinho”* e nem conseguiria passar por tudo isso sem pessoas que acreditam também no papel da arte como arma anti-hegemônica e que escolheram me acompanhar nesta jornada-mestrado Esta dissertação-manifesto é resultado de orgasmos múltiplos, do coletivo, das conexões e da busca por outras referências, não menosprezando as epistemologias do Norte,

27 Dentro desse espaço da virtualidade e a relação com as artes, durante a pandemia cresceu a discussão em torno dos NFTs, *“sigla para non-fungible token, ou token não fungível, um ativo criado a partir da tecnologia blockchain que serve como identidade digital de um item. O NFT assegura a autenticidade daquele item, que é único. Ou seja, o ativo garante a posse de um bem exclusivo, que nenhuma outra pessoa tem”*. Durante a pandemia, realizei alguns cursos para entender melhor sobre NFT e quais os seus prós e contras e muito ainda precisa ser questionado e refletido, principalmente, no que se refere a acessibilidade a este novo modelo. No entanto, a comunidade brasileira tem se mostrado muito ativa nesse processo de inclusão e como, de fato, o NFT pode fazer diferença para artistas e no CIS-tema de arte. Em um dos cursos que participei, acabei ganhando uma obra em NFT, uma fotografia do artista alemão August Sander, da August Sander 10K collection, #7343 (ASA.16.76), (<https://10k.augustsander.com/0x7037843d739d846cdce3a6839a80f7d70b60b99a/4270>). Ou seja, um assunto que pareceria defasado, o virtual versus o real, ainda tem muito pano pra manga. Para saber mais sobre NFTs, ver <https://warren.com.br/magazine/nft/>. Acesso: 13 março 2022. Além disso, tive minha fotografia *Homens da Real: BN.Porto Alegre, 2019* transformada em NFT e como parte da coleção Camera Person Community Photography Collection (<https://twitter.com/CameraPersonNFT/status/1541815153192206338>)

28 Disponível em <http://arssexualis.com.br/index.php/mostras-ars-sexualis/mostra-digital-2021>. Acesso: 10 outubro 2022

mas o que me proponho, enquanto artista-político, é uma quebra com a dominação epistemológica - “A política dominante torna-se epistemológica quando é capaz de defender ativamente que o único conhecimento válido que existe é aquele que ratifica a sua própria supremacia” (Boaventura de Sousa SANTOS, 2019, p. 7). Assim, o que trago é:

[1] uma resposta aos convites de Carla Akotirene (2017) e Boaventura Santos (2019):



De nada vale discutir decolonialidade, epistemologias perspectivistas, afrocentridade, feminismo negro, ou mesmo, criticar as dimensões constitutivas da ciência moderna se, a gente, não exercitar a honestidade intelectual. Precisamos citar o trabalho uma das outras, pra referendar ou criticar no campo das ideias, expandindo a própria Ciência e, ao mesmo tempo combatendo epistemicídios. É um exercício ético-político primordial, para o conhecimento engajado, para novas maneiras de saber-poder.

O quê tornou o pensamento europeu legítimo, foi a lembrança que se tem dele, através da política de citação. Mesmo não alinhando teoricamente intergrupo, há menção obrigatória às sugicidades e aos três porquinhos.

A vida política não é competição de reality onde você procura esquecer os problemas da Casa e se solidariza apenas com as opressões impostas a identidade afim.

Defender a raça oprimida faz parte do projeto que defende sexualidades clandestinas, expõe as discriminações regionais que estereotipam territórios como Nordeste, como África. É reconhecer a condição das mulheres na estrutura patriarcal!!

Não é sobre torcida individual, é sobre estar confinado, é sobre melhorar as condições de viver aqui coletivamente, gostando ou não dos membros da Casa.



136

10 compartilhamentos

Figura 35

Postagem Facebook

Carla Akotirene Santos
2017

Print: Chris, The Red (2021)

... é imprescindível questionar os alicerces epistemológicos do pensamento crítico eurocêntrico e ir além dele, por mais brilhante e magnífico que seja o conjunto de teorias que ele gerou. Procurarei mostrar que o problema central reside no fato de que as premissas epistemológicas do pensamento crítico eurocêntrico e do pensamento conservador eurocêntrico têm grandes (e fatais) afinidades eletivas, representando duas versões diferentes daquilo que aqui chamo de epistemologias do Norte. Para recuperar a ideia de que existem alternativas, bem como para reconhecer que as lutas contra a opressão que continuam a ter lugar no mundo são portadoras de alternativas potenciais, é necessária uma mudança epistemológica. (...) não precisamos de uma nova teoria da revolução: precisamos sim de revolucionar a teoria. (Boaventura de Sousa SANTOS, 2019, p. 9)

[2] uma conversa também com a escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie sobre “o[s] perigo[s] de uma história única” (2019).

É impossível falar sobre a história única sem falar sobre poder. Existe uma palavra em igbo na qual sempre penso quando considero as estruturas de poder no mundo: nkali. É um substantivo que, em tradução livre, quer dizer "ser maior do que outro". Assim como o mundo econômico e político, as histórias também são definidas pelo princípio de nkali: como elas são contadas, quem as conta, quando são contadas e quantas são contadas depende muito de poder. O poder é a habilidade não apenas de contar a história de outra pessoa, mas de fazer que ela seja sua história definitiva. (Chimamanda Ngozi ADICHIE, 2019, s/p)

E tendo isso em vista, as histórias que compõem esta construção poética visual e que trago ao longo desta jornada não são frutos de uma relação de dominância, pois constituem um trabalho coletivo, de confiança, de conexão. Uma suruba de vivências, de ideias, de prazeres. Um repensar epistemológico de coletividade e não do individualismo autoral, mas do esforço de sujeitas de [r]e[s][x]istência na luta contra a opressão a que somos submetidos todo santo dia.

[3] algo como o que Leny Sato escreve na apresentação do livro *Entre o encardido, o branco e o branquíssimo: branquitude, hierarquia e poder na cidade de São Paulo*, de Lia Vainer Schucman (2020), esta dissertação-manifesto “não se reduz à aplicação de técnicas” e eu, como artista e pesquisador, não deixo “a pessoa em casa”, pelo contrário, “pesquisar é um processo de convivência entre pessoas (Sato e Souza, 2001)”. Assim, este trabalho é resultado de uma pesquisa no campo das artes visuais, mas feita por vias mais explícitas e pornográficas.

[4] também o que trago é um **Orgio à Brasileira**, um curso de extensão idealizado e organizado por mim e que foi uma resposta a esses apagamentos e sileciamentos, uma resposta à uma pessoa que achou que poderia dizer não às outras escritas.

[5] é pensar a partir de Louis Marin e seus conceitos de Representação, Ausência/ Presença e que apresento a seguir.

SOBRE PRESENCAS E AUSÊNCIAS

Em minhas putarias artísticas (PA), seja a linguagem que for, estou trabalhando com a representação imagética de alguém ou algo, seja eu mesmo ou [a][e][o] outr[a][e][o] ou de uma ideia e, para isso, preciso pensar que tipo de estratégias quero seguir nos meus processos criativos questionando constantemente: “o que?”, “quem?”, “para quem?”, “como?”, “quando?”, “onde?” essas representações.

No livro *On representation*, Louis Marin (2001) apresenta três conceitos que para mim são fundamentais para pensar as minhas construções imagéticas. O primeiro é a própria definição de representação. Para ele, “to represent means to present oneself representing something” (p. 352)²⁹, o que causa automaticamente uma relação de presença e ausência, que permite que o ser presente possa responder pelo ser ausente e essa auto-representação torne-se uma identidade e uma propriedade que legitima a representação (MARIN, 2001). Pensando sobre isto a partir do CIS-tema de Arte, que presenças e ausências estão hoje neste CIS-tema? Que presenças estão representando as ausências? Que agentes estão presentes no CIS-tema de arte e como estão atuando? Estão atuando em prol de suas próprias auto-representações ou para um coletivo que não está presente? Partindo de questões como ativismo, poderia alguém, do ponto de vista político e simbólico, representar uma outra?

Seguindo ainda com o Marin (2001), um segundo conceito que ele traz é o de que a representação acaba por criar duas dimensões: a reflexiva (apresentar-se) e a transitiva (representar a...): “every representation, every representational sign, every signifying process thus includes two dimensions, which I am in the habit of calling, in the first case, reflexive — to present oneself — and, in the second case, transitive — to represent something.” (p. 352)³⁰ Essas duas dimensões acabam provocando um duplo efeito: de sujeito e de objeto, que seria o terceiro conceito: “reflexivity with a subject effect and transitivity with an object effect” (p. 353)³¹, que faria com que o ser que representa, o presente, acaba-se tornando sujeito da ação e o ser representado, o ausente, o objeto da ação. Mais uma vez, pensando a partir do CIS-tema de arte com essas ideias duais: presença/ausência; reflexiva/transitiva; sujeito/objeto, podemos refletir: quem está sendo sujeito e quem está sendo objeto? Como são feitas as representações de quem está ausente por quem está presente?

Esses três conceitos acabam por se tornar diretrizes importantes na construção desta pesquisa de mestrado e explico a seguir. Primeiramente, pensando a partir daquelas perguntas sobre estratégias nos meus processos criativos mencionadas três parágrafos atrás, até que ponto alguém pode representar uma outra pessoa e, especificamente, no CIS-tema de Arte? O que significa uma pessoa representar uma outra? A partir da definição de Marin para representação, poderia eu, um homem branco, representar dentro deste CIS-tema uma pessoa pertencente a outra raça, por exemplo? Como

29 Tradução livre: “representar significa apresentar-se representando algo”.

30 Tradução livre: “cada representação, cada signo representacional, cada processo de significação inclui duas dimensões, as quais tenho o hábito de chamar de, no primeiro caso, reflexiva - apresentar-se - e, no segundo caso, transitiva - representar algo”.

31 Tradução livre: “reflexividade com um efeito sujeito e transitividade com um efeito objeto”.

posso pensar a partir da minha própria experiência e marcadores sociais minha inserção neste CIS-tema de arte, uma vez que a partir do momento que marquei meu lugar nele, automaticamente, minha entrada já cria espaços de presença e ausência?

Para deixar minhas indagações mais organizadas em minha mente, dividirei as dualidades de Marin em dois trios. No primeiro trio - presença.reflexivo.sujeito - para pensar “o que” estou fazendo com o meu papel de ser presente? “Quem” estou representando e “para quem”? “Como” tenho representado as pluralidades das ausências? “Quando” e “onde” estou pensando meu papel enquanto sujeito presente?

No segundo trio - ausência.transitivo.objeto: “o que” estou objetificando? “Quem” está ausente? “Para quem” minhas produções estão sendo realizadas? “Como” as ausências estão presentes nas minhas criações? “Quando” as ausências se fazem presentes e “onde” as faço presentes?

Essas reflexões são essenciais nas minhas discussões e nas minhas produções, pois influenciam diretamente nas escolhas que faço na hora de criar minhas PA e que conversam diretamente com discussões que trarei mais adiante sobre o erótico e o pornográfico e que serão importantíssimas para a construção dos Atos 02 e 03, mas que acho importante pontuar algumas coisas agora, mesmo que de forma rápida, pois a escolha por uma imagética mais óbvia e mais explícita (*“é sobre o explícito, o óbvio;”*) nas minhas PA, ao invés de imagens metafóricas/limpas, é justamente por acreditar que uma representação mais direta (ou como o CIS-tema de arte chama: obscena) tem potencial crítico maior do/no CIS-tema de arte que, neste processo de erotizar as artes, acaba por violentar.silenciar.apagar - ou como diria Marin, ausentar - outras representações artísticas e, por conseqüências, outras corpos.

Corpos marginalizados e silenciados dentro não só da academia, mas também de quaisquer outros espaços inclusive, o CIS-tema de arte em que o discurso e as teorias relacionadas às nossas subjetividades são constituídos à revelia de nossas vivências concretas, sendo privados de nossa presença.
(Frederico Levi AMORIM, 2019, p. 14)

Assim, nos caminhos dessa Jornada-Mestrado, acho importante salientar que não busco representar, do ponto de definição de Marin, as ausências do/no CIS-tema de arte, mas questionar o motivo de algumas corpos serem ausentadas e seguindo numa outra direção, pensar representação a partir da ideia de conexão - e não a representação do outro - mas a construção de uma grande rede de afetos e putarias, em que nossos corpos, nossas corpos e nossos corpos representem a si contando nossas/suas próprias histórias.

CORPOS... CORPAS... CORPES...

Nos meus processos criativos, busco quebrar os padrões estéticos e corporais que são colocados como o modelo a ser seguido e que todes precisariam alcançar. Quando fotografei o corpo nu pela primeira vez ou quando criei projetos como o *Homens da Real* (2016-) (Figura 36)³², *Pornosexualigrafias* (2019-) (Figuras 37)³³ ou *Corpos em*

³² Disponível em <https://bit.ly/CTRHomensDaReal>. Acesso: 10 outubro 2022.

³³ Disponível em <https://bit.ly/CTRPornosexualigrafiasSerie>. Acesso: 10 outubro 2022.

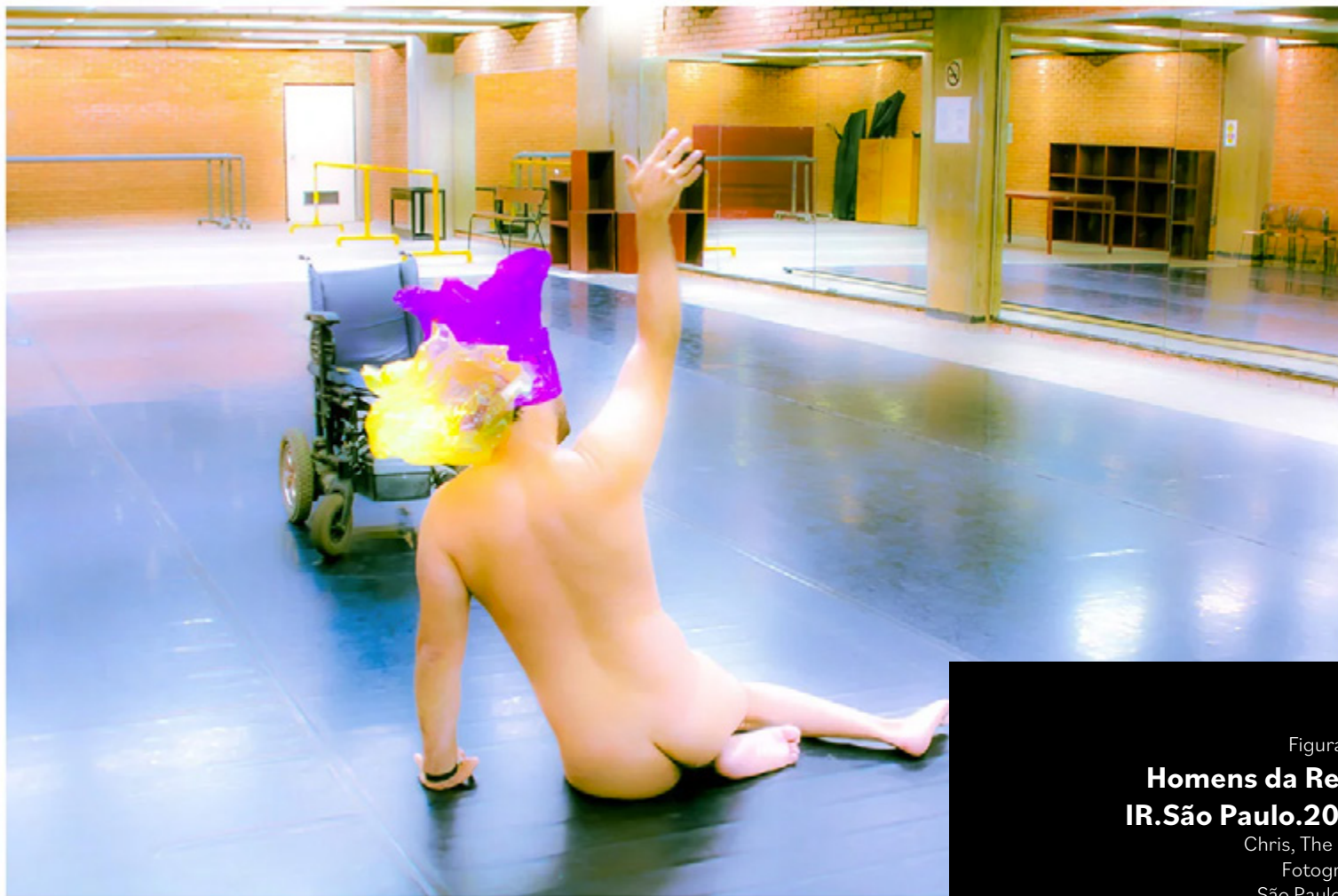


Figura 36
**Homens da Real:
IR.São Paulo.2018**
Chris, The Red
Fotografia
São Paulo/SP
2018



Figura 37
Pornosexualigrafias: Grafia B
Chris, The Red & Bruno Novadvorski
Fotografia
São Paulo/SP
2020



Figura 38
**Corpos em Quarentena:
Bruno (São Paulo, Brasil)**
Chris, The Red
Fotografia
São Paulo/SP
2020

Quarentena (2020-2022) (Figura 38)³⁴, meu objetivo foi sempre dialogar com as potencialidades que existem em nós, seja em nossas corpos, seja em nossa sexualidade. Ambos tão intrínsecos às nossas identidades, são elementos que nos fazem únicos - singulares. Cada corpo com sua própria forma, cor, personalidade.

Busco o desconstruir das performatividades de gênero, uma vez que elas "são fragmentos de linguagem carregados historicamente do poder de investir um corpo como masculino ou como feminino" (Paul B. PRECIADO, 2017, p. 28). Ou seja, somos organizados a partir das anatomias biológicas dos nossos corpos que determinam que temos que executar determinados papéis.

Desde o meu primeiro trabalho realizado envolvendo o corpo com o projeto *As Cinco Cores do Sexo* (2011)³⁵, durante a minha especialização em *Artes Visuais - Cultura & Criação* (2011/SENAC-DF), tenho refletido sobre: o que é corpo?³⁶ Ele é só essa matéria orgânica cheia de pele, músculos, órgãos, pelos? É uma ideia? É e deve ser binário? Existem apenas dois corpos: masculino e feminino? O conceito do que seja masculino e feminino é suficiente para entendermos o corpo? Sabemos que ele - o corpo - é real, pois os dedos que uso para digitar esta dissertação-manifesto sentem as teclas do notebook aos tocá-las, transformando os pensamentos meus em letras, fonemas, palavras. No entanto, qual o significado do corpo? Quais as suas formas e representações? Suas normas? Sua história? A história do corpo é parte importante dessas minhas perguntas e habita o meu universo de curiosidade:

Um formigamento de existência emerge deste universo sensível: um acúmulo de impressões, de gestos e de produções impondo o alimento, o frio, o odor, as mobilidades ou o mal, em outros tantos quadros "físicos" primários. É este mundo imediato, mundo dos sentidos e dos meios, dos "estados" físicos, que restitui primeiramente uma história do corpo; um mundo que varia com as condições materiais, os modos de habitar, os modos de garantir as trocas, de fabricar objetos, impondo modos diferentes de experimentar o sensível e de utilizá-lo. (Alain CORBIN. Jean-Jacques COURTINE. Georges VIGARELLO, 2012, p. 7)

Esses questionamentos têm influenciado minhas narrativas artísticas desde então. A construção do meu olhar sobre o corpo tem buscado refletir sobre as nuances que o perpassam. Não apenas do corpo enquanto um conjunto de órgãos, pele, músculos, água, sangue, mas enquanto significado e como espaço de arte. Mas quando um começa e o outro termina? Precisa um terminar para o outro começar? Que corpos podem transitar como espaço de arte? Todas as corpos são espaços de arte ou algumas são mais que outras?

A referência implícita ao "corpo como objeto de arte" funciona culturalmente como um estereótipo que ordena as representações do corpo. (...) Falar do corpo como objeto de arte é jogar com essa estereotipia. (...) Quando se afirma que o corpo humano é o objeto fundamental da arte, não é para salvar a idéia humana (demasiadamente humana) de que seu mistério permanece inteiro, visto que as imagens corporais são inesgotáveis? (Henri-Pierre JEUDY, 2002, p. 29).

34 Disponível em <https://bit.ly/CTRCorposEmQuarentena>. Acesso: 10 outubro 2022.

35 Disponível em <https://bit.ly/CTRCincoCoresdoSexo>. Acesso: 10 outubro 2022

36 Essa questão é um dos cerne desta pesquisa e voltarei a ela mais adiante.

Esse desejo de explorar é o que me faz seguir adiante em entender não apenas o corpo enquanto biologia, mas como espaço de arte, espaço político e anti-hegemônico. Entender o corpo como elemento identitário das sujeitas de [r]e[s][x]istências. Repensar os corpos nas suas outras escritas: corpas e corpes. A escrita da palavra corpo nessas outras formas – corpas e corpes – vem como forma de nos fazermos pensar sobre outras existências que não se encaixam na padronização dos gêneros masculino e feminino, uma ruptura com a ideia do corpo a partir de uma construção heterocentrada machista. E também pensar o corpo para além de um “objeto” de arte como escreve Jeudy que o faz a partir de um ponto de vista de um território colonizador localizando o corpo como um objeto de arte e eu prefiro pensar nossas corpas como espaços-afetivos de arte, pois nossas corpas são atravessadas por afetos, sentimentos, experiências que não são deixadas de lado quando estas mesmas corpas se tornam espaço de arte.

Então, pensá-las como objetos seria desumanizá-las, tirar delas o que lhes fazem únicas. Assim, pensar neste corpo como corpa ou corpe é entender que as questões de linguísticas também são importantes, pois como bem aponta abigail Campos Leal, a linguística não dá conta das corpas violentadas, apagadas, silenciadas (LEAL, 2021), ainda mais quando trazemos em nossas linguísticas tanto de nossos processos coloniais e das estruturais sociais normativas.

A variação da escrita da palavra corpo vem como forma de nos fazermos pensar sobre outras existências que não se encaixam na padronização dos gêneros masculino e feminino, uma ruptura com a ideia do corpo a partir de uma construção heterocentrada machista. Pensando em tudo isto é que criei a obra **Diltopias** (2020).

DAS PROVOCAÇÕES, NASCEM AS DILTOPIAS

Diltopias (2020)³⁷ surgiu a partir de um convite do então graduando do curso de Bacharelado em Artes Visuais, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Bruno Novadvorski³⁸, e membro do grupo de pesquisa Objeto e Multimídia (OM-LAB/UFRGS). No início de 2020, ainda no período pré-pandemia, Bruno, na época, estagiário da Pinacoteca Aldo Locatelli, da Secretaria Municipal de Cultura da Prefeitura de Porto Alegre/RS, convidou os membros do OM-LAB “para visitarem o acervo da Pinacoteca e, individualmente, escolherem uma obra nele existente. O foco recaiu sobre os trabalhos tridimensionais do acervo e, a partir deles, seus possíveis desdobramentos para realização de releituras” (Bruno NOVADVORSKI, 2020, p. 9).

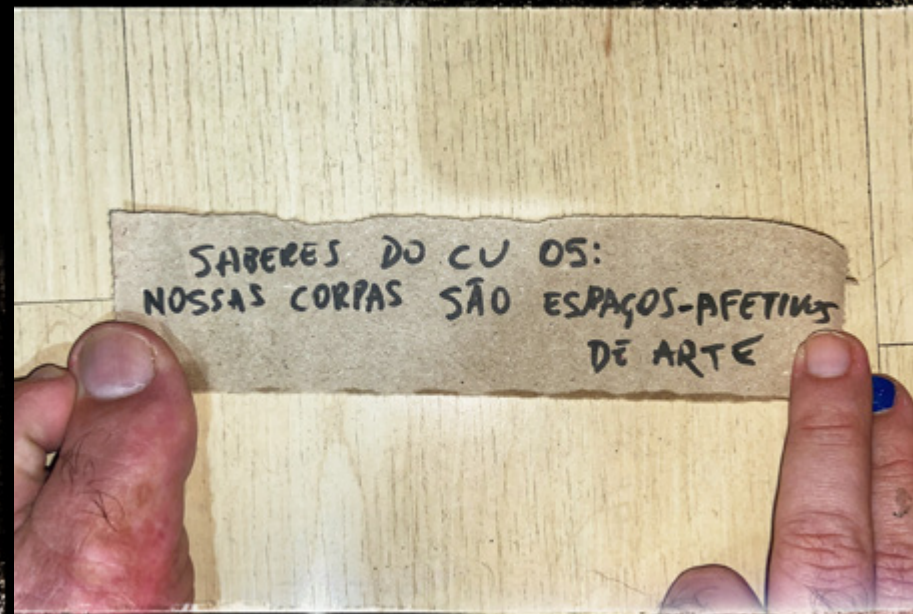
As obras escolhidas e as releituras criadas seriam apresentadas em uma exposição na própria Pinacoteca, mas a pandemia nos deslocou para outras realidades e a exposição tornou-se online. E assim, no período de 30 de junho a 24 de agosto de 2020, a exposição *SEM* (2020) aconteceu pelo perfil no Instagram³⁹ do próprio grupo de pesquisa, tendo ao final o lançamento do catálogo digital em evento realizado pela plataforma Zoom, no dia 18 de novembro de 2020⁴⁰.

37 Disponível em <https://bit.ly/CTRDiltopias>. Acesso: 10 outubro 2022.

38 Atualmente, Bruno Novadvorski concluiu sua graduação como Bacharel em Artes Visuais pelo Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e, atualmente, é mestrando em Artes Visuais pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro, com orientação do professor doutor Alexandre Sá.

39 Disponível em <https://www.instagram.com/omlab.poa>. Acesso em 30 junho 2021.

40 Disponível em https://22a6ea3f-67d9-4886-bb9f-bfd551a0be57.filesusr.com/ugd/b3eb8b_f71ec1068e26433abaf4d7aeb39b0b6b.pdf. Acesso em 04 julho 2021.



Figuras 39, 40 e 41

Série Saberes do Cu:

Tríptico 05

Chris, The Red

Fotografia com edição no

app Snapseed

Rio de Janeiro/RJ

2022

Sem Título

Carlos Carrion de Britto Velho
Acrílica sobre madeira, 160 X 95 cm
1995

Fotos: Leopoldo Plentz
Acervo: Pinaconteca Aldo Locatelli
Porto Alegre/RS

Fazer uma releitura do trabalho de uma artista é um ato que entendo como conexão em equilíbrio entre mim e ela. Nossos pensamentos criativos,

nossas visões. Mas como criar algo a partir de um outro? Bom, primeiramente, é preciso olhar e tentar entender o significado da obra a ser relida. Nesse projeto, após visita ao acervo, escolhi a obra *Sem Título* (1995), de Britto Velho (Figuras 42 e 43). Acho importante frisar que até o início desse projeto, ambos – artista e obra – eram totalmente desconhecidos por mim. Assim, não posso afirmar se foram as cores vivas e fortes – ou como o próprio artista define: *“malucas”*⁴¹ – ou as formas ou ambos ou o que exatamente atraiu meu olhar e me fizeram escolhê-la como ponto de partida para minha releitura. Creio que foi exatamente este mix, pois nesta profusão – madeira, tinta, cores vibrantes – vi os *“pós-corpos”* de Preciado.

Carlos Carrion de Britto Velho é um multiartista porto-alegrense que já transitou por outras cidades, como Buenos Aires, Paris e São Paulo. Numa conversa descontraída por telefone, ele me falou que, essencialmente, a sua obra e o que ele pensa estão centradas no ser humano, mas não a sua representação tradicional-convencional. Fato que, na conversa, me fez perceber ainda mais a relação com o conceito de *“pós-corpos”*. O seu trabalho acontece no olhar, no penetrar e, aliada com a intuição, as formas vão surgindo, esses outros corpos vão acontecendo. Ele contou: *“não me preocupo se estes corpos são identificáveis quanto às suas características tradicionais do que entendemos como corpos humanos ou seu gênero”*⁴².

Essa fala sua encontra-se com o sentimento extraído de mim no primeiro olhar da sua obra. Não vejo ali um corpo sob a égide binária, mas o contrário, uma busca do rompimento com a binariedade. E as formas e cores da obra de Britto me trazem esta ideia da desconstrução do *“corpo-padrão”* e se conecta às minhas próprias e é nesta similaridade que minha releitura se encontra ao trabalho dele e me inspira na criação de **Diltopias** (2020) (Figuras 44 e 45), trabalho artístico que ultrapassa os limites enquanto obra de arte, aproximando-se de jogos e, sendo mais específico, os jogos de quebra-cabeça, uma vez que, entre meus intuitos, está o manuseio do público das 40 peças que a compõe. No entanto, diferentemente de um quebra-cabeça ou do Tangram⁴³, em **Diltopias** não há uma imagem-fim que deva ser formada com as peças. Pelo contrário, aqui o caminho é livre para deixar a imaginação fluir e construir suas próprias possibilidades desses corpos



41 Trecho de conversa por telefone entre mim e o artista Britto Velho.

42 Idem.

43 O Tangram é um quebra-cabeça chinês, inventado há quase mil anos atrás, e que só chegou na Europa no começo do século XIX. Seu objetivo é bem simples: formar as figuras pedidas usando todas as sete peças (conhecidas originalmente como tans). Disponível em <https://rachacuca.com.br/raciocinio/tangram/>. Acesso: 04 julho 2021.





Figuras 44 e 45

Diltopias

Chris, The Red

40 peças impressas em papel couchê
adesivadas em madeira

2020

Dimensões Variadas. São Paulo

orgânicos e livres do contrato de gênero. Enquanto na obra de Britto fica o desejo de brincar com as formas ali apresentadas formando outras, mas impossibilitadas pela forma fixa como sua obra nos é apresentada, **Diltopias** torna esse desejo algo real.

Diltopias é um manifesto artístico visual a favor de uma sociedade contrassexual, através da qual desejo provocar em cada pessoa que vier a “brincar” com suas peças uma reflexão sobre sua própria identidade, sua própria construção enquanto sujeito. Ao pedir que elas utilizem as peças (que prefiro denominá-las como *dildo-peças* em referências também a Preciado), busco provocá-las a pensar nossa própria construção identitária do que podemos entender como um corpo masculino ou um corpo feminino. Do que podemos entender sobre o que é ser homem ou ser mulher – homem é quem tem pau e mulher é quem tem buceta? Dentro da teoria da contrassexualidade de Preciado, ele nos diz que “*a arquitetura do corpo é política*” (2014, p. 31).

(PAUSA: INÍCIO)

OUÇA O EPISÓDIO
CONTRASSEXUALIDADE LENDO O
QR CODE OU CLICANDO NO LINK AO
LADO

(PAUSA: FIM)



<https://bit.ly/CTRDVContrassexualidade>



Figura 46
**Diários Vermelhos:
Contrassexualidade**
Chris, The Red
Podcast
2022

Assim, cada pessoa pode imaginar sua própria identidade independente do que foi estabelecido pelas normas da sociedade heterocisnormativa e

como dispositivo criativo contrassexual, meu corpo falante assume diferentes formas: dildo-perna, dildo-braço, dildo-peito, dildo-cabeça (Preciado, 2017, p.51) entre outros e com estas dildos-peças vou criando representações corporais fora das dualidades nas quais centraram o sistema heteronormativo. (Bruno NOVADVORSKI & Chris, THE RED, 2020, p. 117).

O nome **Diltopias** é uma referência a *Dildotectônica* apresentada por Preciado no *Manifesto contrassexual*:

O termo dildotectônica pode designar qualquer descrição das deformações e das anormalidades detectáveis, à primeira vista, em um único corpo ou em vários corpos que transam com, ou se utilizam de, dildos. A Dildotectônica se propõe identificar as tecnologias de resistência (que, por extensão, chamaremos de "dildos") e os momentos de ruptura da cadeia de produção corpo-prazer-benefício-corpo nas culturais sexuais hétero e queer. (Paul B. PRECIADO, 2014, p. 49)

Diltopias é esse espaço de possibilidades que as dildo-peças podem nos levar e dentro da ideia acima apresentada de dildotectônica, uma ferramenta tecnológica de resistência que nos ajudaria nas rupturas com as culturas e conhecimentos da sociedade heterocentrada binária.

As 40 *dildo-peças* são impressas em papel e adesivadas em madeira e para a sua construção, as imagens constantes em cada uma delas são partes do meu próprio corpo, extraídas da gravação de um vídeo realizado durante o meu período de quarentena. Para



Figuras 47, 48, 49 e 50

Frames do Registro do Vídeo

Cravação: Bruno Novadvorski (na figura 47, ao fundo, no notebook, a DJ Gab Brasil em vídeo chamada)
São Paulo/SP
2020

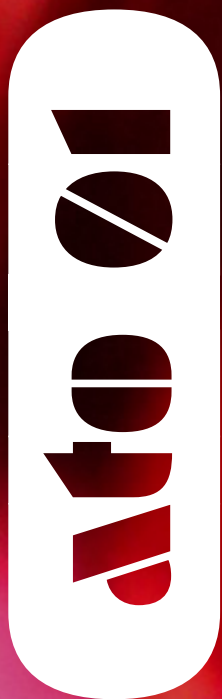
tal, convidei o também artista visual Bruno Novadvorski para realizar o registro em vídeo e a DJ Gab Brasil para mixar ao vivo para mim por meio de uma chamada de vídeo (Figura 47) enquanto eu dançava ao som da música produzida por ela e pintava o meu corpo (Figuras 48, 49 e 50).

Diltopias é a desconstrução que faço do meu corpo, em relação às estruturas binárias, ou seja, me reconheço como corpa falante e que, neste trabalho, se apresenta no que entendo ser um pós-corpo para Preciado (2017), uma vez que, ao fragmentá-lo através das *dildo-peças*, estou buscando outros significados para essas partes d[e][a][o] corp[e][a][o]. Da mesma forma que esse meu exercício permite que outras pessoas possam ter interesse em ressignificar s[eus][uas] corp[e][a][o]s, afinal, não delimito quantas peças devem ser usadas, se uma (01) ou as quarenta (40). O que existe é a liberdade de cada um deixar sua mente fluir, trazer à superfície seus desejos e anseios livres de predefinições que nos foram impostas mesmo antes de nascer.

A *Dildotectônica* de Preciado (2017, p.49) possibilita dispor da minha corpa como “tecnologia de resistência e de ruptura com modelos hegemônicos”, sejam eles quais forem. Assim, **Diltopias** é obra, aliás, putaria artística, mas também é jogo, provocação. É podermos imaginar outros caminhos não apenas para a forma como nos percebemos dentro dos espaços que nos são impostos, mas até o próprio fazer artístico que não se finda com a obra pronta uma vez que cria possibilidades para outras se fazerem presentes.

DILTOPIAS É LIBERDADE.

E pensando no meu corpo como tecnologia de resistência é que adentro ao próximo ato, no qual, a partir dos meus próprios marcadores sociais, vou apresentando minhas putarias artísticas e suas intersecções com o CIS-tema de arte.



[EU,
UMA CORPA
aberta e
penetrável]

Minha mão desliza pelo meu corpo, me descubro, sinto meus poros, minha respiração, o entra e sai do meu dedo no meu buraco. Com a energia que vibra agora por todo o meu corpo, posso qualquer coisa, posso mudar o mundo, ou pelo menos, a mim mesmo.









Figuras 51, 52, 53 e 54

Desbranqueamento

Chris, The Red

Fotografia. Quadríptico

São Paulo/SP

2021

O CIS-TEMA DE ARTE
É BRANCO...

... quando estamos
pensando em
mecanismos de
dominação, de
regras e limites,
estamos falando
sobre construções
da branquitude e da
racialização dos
não-brancos.

Antes de seguir, peço-lhe que clique no link abaixo ou leia o QR Code, veja e ouça *Oração* de Linn da Quebrada com participação de Liniker Barros, Verónica Valenttino, Ventura Profana, Urias, Danna Lisboa, Alice Guél, Ceci Dellacroix, Magô Tonhon, Rainha Favelada, Kiara Felipe, Ana Giza, Maria Clara Araújo e Neon Cunha.



<https://youtu.be/y5rY2N1XuLI>

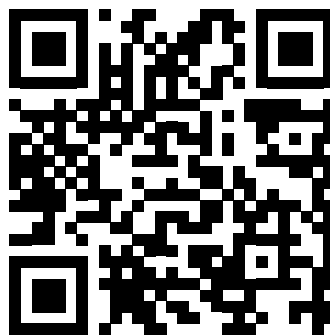


Figura 55

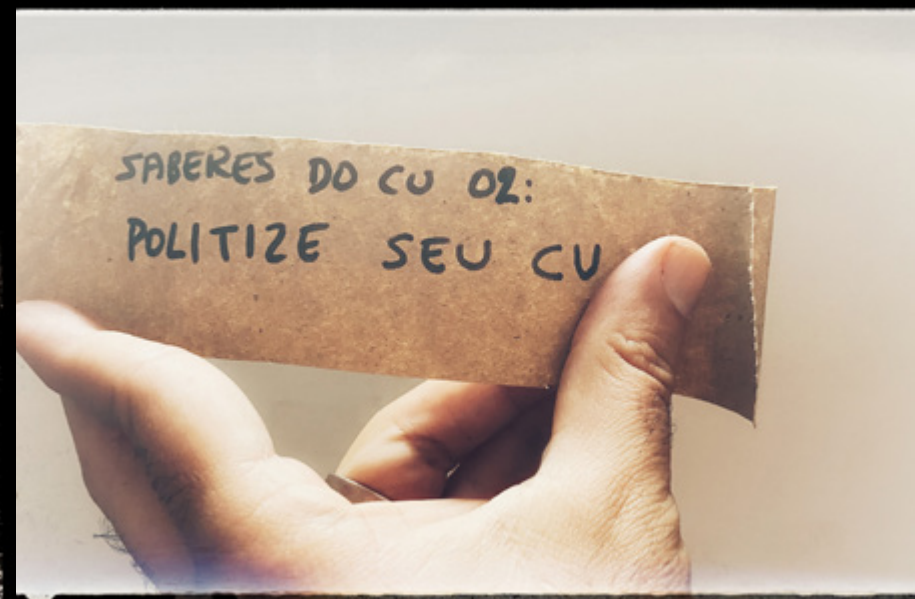
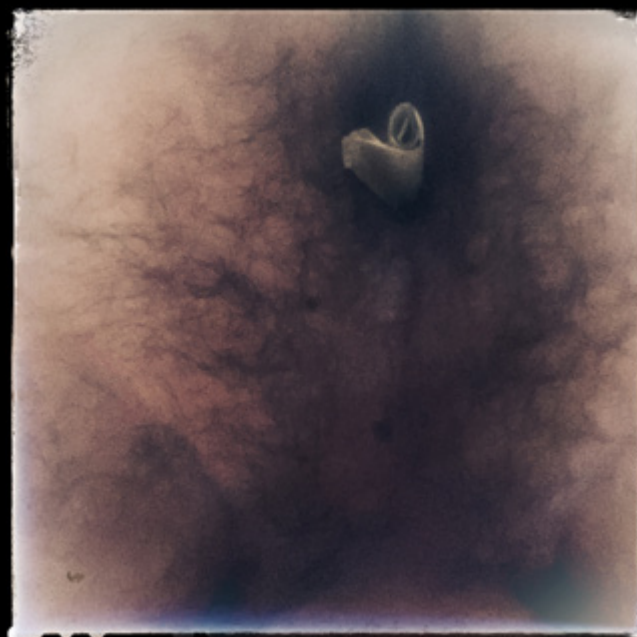
Vídeo Oração (Frame)

Linn da Quebrada

CONSTRUÇÕES DO MEU SUJEITO BIXA

Sou bixa e muito antes de estar designer gráfico, fotógrafo, artista visual, analista internacional, de pensar em pesquisas e na minha própria construção artística, ser bixa já estava velcrado em mim. Não sou um mestrando bixa. Sou uma bixa que está como mestrando e Vidarte grita para quem quiser aprender:

"Sou médico e sou bixa. O caramba! Você é uma bixona que acabou sendo médico. Sou empresário (governador) gay. Não, é uma bixona que herdou uma empresa, ou que honradamente roubou mais-valia o bastante para fundar uma (ou ser eleito). Sou uma professora lésbica, sou desportista, mas gay, sempre o mesmo discurso, colocando na frente o accidental e convertendo em mais um predicado o ser bixona" (Paco VIDARTE, 2019, p. 68)



Figuras 56, 57 e 58

**Série Saberes do Cu:
Tríptico 02**

Chris, The Red
Fotografia com edição no
app Snapseed
São Paulo/SP
2022

Então, a gente não faz a louca e aprende: SOU BIXA! E o resto é predicado. E observe que não estou dizendo gay, homossexual, é bixa mesmo. Sujeito Bixa. E pensando em Simone de Beauvoir/Tertuliana Lustosa⁴⁴: “*não se nasce bixa, torna-se*”.

E começar esse ato com estas declarações é importantíssimo para que você entenda que tudo que lerá e verá e ouvirá daqui por diante está intrínseco ao Sujeito Bixa que sou. E isso não tem nada a ver com o que faço do meu cu, pois erroneamente criou-se a falsa relação de que ser bixa é porque dar o cu. GRANDE MITO, pois bem, o que faço do meu cu não me faz bixa, apenas é um exercício saudável da minha sexualidade que não deveria me colocar nesta dicotomia homossexual/heterossexual. Como uso o meu cu vai muito além do que pensa o CIS-tema, para esse somos “cus sem eu, sem possibilidade, necessidade ou atitude para ter qualquer iniciativa política. Cus para dar, cus para tomar (...) Cus despolitizados” (Paco VIDARTE, 2019, p. 34-35). E digo, este cu aqui é politizado.

Logo cedo, compreendi o poder da sexualidade. Fui educado sobre a anatomia do meu corpo, as diferenças existentes entre um corpo biológico masculino e um corpo biológico feminino. Entendi o que é um pau, uma buceta, um cu e sobre consentimento. Ensinaamentos importantes da minha mãe que carrego comigo e, desde então, contribuem na construção do meu Sujeito Bixa.

(PAUSA: INÍCIO)

OUÇA O EPISÓDIO SUJEITO BIXA
LENDO O QR CODE OU CLICANDO NO
LINK AO LADO

(PAUSA: FIM)



<https://bit.ly/CTRDVSujeitoBixa>

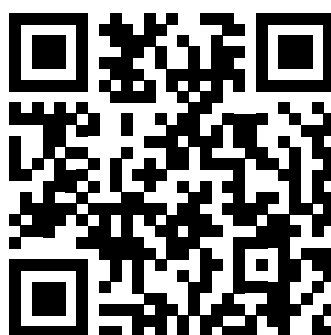


Figura 59

**Diários Vermelhos:
Sujeito Bixa**

Chris, The Red
Podcast
2022

44 Simone de Beauvoir inicia o capítulo Infância do Volume 02 do livro O Segundo Sexo com a célebre frase: “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher.” (2009, s/p) e fazendo uma reescrita desta frase, Tertuliana Lustosa escreve no seu Manifesto Traveco-Terrorista, publicado na revista Concinnitas, ano 17, volume 01, número 28, setembro de 2016, assim: “Não se nasce mulher, torna-se traveca” (2016, p. 395). Disponível em <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/concinnitas/article/view/25929/18560>. E continuando essas reescritas, tornar-se bixa é um aprendizado diário e constante.

Essas trocas com Paco Vidarte trouxeram conhecimentos interessantes e importantes neste processo de auto-conhecimento e nesta construção do meu eu, do meu ser Sujeito Bixa e, principalmente, tudo o que se cruza comigo. Em determinado trecho do livro *Ética Bixa*, Paco escreve: “É preciso, em primeiro lugar, conseguir ser ‘eu’, desenvolver um ‘eu-bixa’ e levar suas potencialidades ao máximo e, em segundo lugar, fazer nosso éthos mais habitável, mais agradável e acolhedor, mais seguro, menos discriminatório.” (Paco VIDARTE, 2019, p. 37), ideia esta que se comunica à citação de Preciado que trouxe no início desta dissertação-manifesto.

Desenvolver uma pesquisa em artes que busca ser política e trazer histórias das corpas dissidentes, é preciso primeiro partir de mim, pois, como bem questiona Lourenço Cardoso no prefácio de sua tese: “o que leva o acadêmico branco a pesquisar o negro e esquecer-se de si?” (2014, p. 17). Por isto, este Ato 01 é sobre mim enquanto **sujeita de [r] e[s][x]istência** da/na minha pesquisa, é sobre perceber meus marcadores sociais e suas relações com o CIS-tema de arte, é sobre contar as minhas histórias e minhas intersecções com minha branquitude, sexualidade, espiritualidade, minha classe. É o olhar sobre mim. E, na medida em que me compreendo, vou me tornando mais responsável pelo meu lugar de fala e de ouvir, pelas presenças e ausências que eu, enquanto artista, bixa e pesquisador participante deste CIS-tema automaticamente são criadas. Na construção desse **Ato 01 - eu, uma corpa aberta e penetrável**, faço do meu corpo/mente um espaço de possibilidades, de conexões, de desejos e apresento putarias artísticas (PA) com as quais vou estabelecendo conversas entre o meu ser artístico e o meu ser sujeito.

PROCESSO DE DESBRANQUEAMENTO

A série fotográfica **Desbranqueamento** (2021) (Figuras 51 a 54) surgiu das provocações que me são feitas a partir da dissertação de mestrado de Ana Paula Medeiros Teixeira dos Santos, *Tranças, turbantes e empoderamento de mulheres negras: artefatos de moda como tecnologias de gênero e raça no evento Afro Chic* (2017)⁴⁵ e da obra de Bruna Kury e Walla Capelobo, *Mate o Branco Dentro de Você* (2019)⁴⁶ (Figura 60).



Figura 60
**Mate o Branco
Dentro de Você**
Bruna Kury & Walla Capelobo
Performance
2020
Print: Chris, The Red

45 Disponível em <http://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/handle/1/2712>. Acesso: 22 janeiro 2022.

46 Disponível em <https://youtu.be/YQRJR9z6fKY>. Acesso: 22 janeiro 2022.

Ana Paula é uma brasileira negra que, desde os 7 anos, alisava seu cabelo até que, em 2013, por conta dos tratamentos químicos, começou a perder seus cabelos. Posteriormente, ela teve que raspá-los e optou por ficar isolada por um mês dentro de casa envergonhada do seu cabelo. Foi nesse período que ela, pelas redes sociais, tomou conhecimento dos movimentos estético-políticos afro-brasileiros. Em sua dissertação, ela escreve que foi nesse período que compreendeu que seus cabelos eram parte de um contexto muito maior que seu próprio corpo o que a incentivou participar de debates sobre diversidade e valorização das diferenças, dando início a sua jornada no que ela chamou de “processo de desbranqueamento” (Ana Paula Medeiros Teixeira dos SANTOS, 2017, p. 95), a partir da sua própria experiência com sua transição capilar:

Atualmente vários processos de tensão acontecem entre padrões de beleza socialmente impostos, de base europeia, e a realidade do povo brasileiro enquanto miscigenado. Dentre esses processos destaco o fenômeno da transição capilar adotado por grande quantidade de mulheres no Brasil, principalmente mulheres negras, e que vem ganhando repercussão nas redes sociais e mídias televisivas. A transição capilar consiste em deixar de alisar quimicamente os cabelos, restabelecendo sua textura natural. (Ana Paula Medeiros Teixeira dos SANTOS, 2017, p. 12)

E assim, Ana Paula vai nos apresentando sua história em paralelo com a construção do branqueamento da estética negra, na qual os cabelos crespos devem ser alisados:

O branqueamento pelo clareamento da pele ou pelo alisamento dos cabelos foi socialmente imposto e oferecido para a população negra como uma porta de entrada ao mundo classificado como moderno, saudável e bonito. Nesse processo, a cultura e a estética africana foram renegadas e classificadas como não civilizadas. (Ana Paula Medeiros Teixeira dos SANTOS, 2017, p. 74).

Ou seja, o “processo de desbranqueamento” é ir no oposto do “processo de branqueamento” como uma estratégia de resistência, é resgatar a estética negra, principalmente, em corpos femininas. E assim, na busca de seus cabelos crespos, Ana Paula me apresentou a este termo “desbranqueamento” que me fez refletir: e para mim, uma pessoa inserida na raça branca, existe também um processo de desbranqueamento e como ele aconteceria? Djamila Ribeiro no seu livro *Lugar de Fala* (2019), nos aponta que todos temos nosso lugar de fala e que este está diretamente relacionado ao ponto de vista de onde me encontro, do lugar social que ocupo, o qual “nos faz ter experiências distintas e outras perspectivas” (Djamila RIBEIRO, 2019, s/p). Por exemplo, um homem branco andando na rua e um homem negro. No Ato 02, trarei a obra **La Lito**, no entanto, vale a pena trazer uma fala do meu encontro com o DJ JohnnyBigu quando estávamos falando sobre racismo, “ele lembrou de uma história de uma mulher que ao vê-lo, segurou mais forte sua bolsa e logo depois, esta mesma mulher sofreu uma tentativa de assalto por um homem branco e quem a ajudou foi ele” (Chris, THE RED, 2021, p. 176). Nas palavras de Djamila,

A teoria do ponto de vista feminista e lugar de fala nos faz refutar uma visão universal de mulher e de negritude, e outras identidades, assim como faz com que homens brancos, que se

pensam universais, se racializem, entendam o que significa ser branco como metáfora do poder, como nos ensina Kilomba. (Djamila RIBEIRO, 2019, s/p)

(PAUSA: INÍCIO)

Em dezembro de 2021 e janeiro de 2022, estive presente na exposição Carolina Maria de Jesus: Um Brasil Para Os Brasileiros (2021-2022), no Instituto Moreira Salles Paulista. Carolina Maria de Jesus, escritora mineira negra, teve com seu livro, Quarto de Despejo (1960), seu maior êxito comercial. Publicado em 13 línguas ao redor do mundo e, ainda assim, morreu pobre, no ano de 1977, em Parelheiros, na cidade de São Paulo. Ao saber disso, durante a exposição, não deixei de fazer um paralelo mental com o autor brasileiro, homem branco e também traduzido internacionalmente: Paulo Coelho e também com outra escritora brasileira, Clarice Lispector, que também era tema de outra exposição que acontecia paralelamente na mesma instituição. Por que? Sabemos o porquê e, indiretamente, Carolina responde:

“...Eu escrevia peças e apresentava aos diretores de circos. Eles respondia-me:

– É pena você ser preta.

Esquecendo eles que eu adoro a minha pele negra, e o meu cabelo rustico. Eu até acho o cabelo de negro mais iducado do que o cabelo de branco. Porque o cabelo de preto onde põe, fica. É obediente. E o cabelo de branco, é só dar um movimento na cabeça ele já sai do lugar. É indisciplinado. Se é que existe reincarnações, eu quero voltar sempre preta.”

Figura 61

Exposição Carolina Maria de Jesus: um Brasil para os Brasileiros

IMS Paulista
São Paulo/SP
2021-2022

Registro: Chris, The Red

18

(PAUSA: FIM)

Então, pensar o meu próprio processo de desbranqueamento é pensar dentro dos privilégios que a minha raça me coloca, como grupos de poder e as relações com marcadores sociais como gênero, raça, classe e sexualidade e como o meu “branqueamento” contribui para as desigualdades sociais e que para alguns grupos tenham os seus pontos de vistas apagados/silenciados.

A partir disso, penso na obra de Bruna e Walla, *Mate o Branco Dentro de Você* (2020) (Figura 60), cujo título é uma referência à “frase do ex pantera negra e anarquista Lorenzo Kom'Boa”⁴⁷. No vídeo, várias pessoas respondem o convite dos artistas (Figura 62), respondendo como elas matam o branco dentro delas:

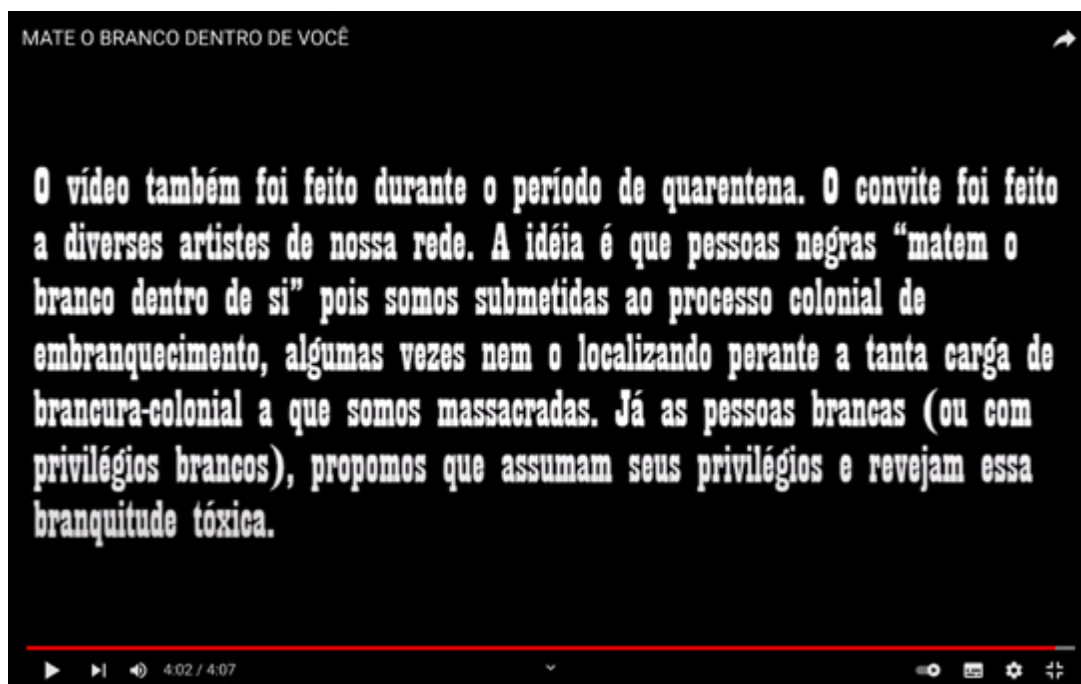


Figura 62
Mate o Branco Dentro de Você
Bruna Kury & Walla Capelobo
Performance
2020
Print: Chris, The Red



Figura 63, 64, 65 e 66
Filme Kbelá (Frames)
Yasmin Thayná
2015
Prints: Chris, The Red

47 Disponível em <https://brunakury.weebly.com/mateobranco.html>. Acesso: 22 janeiro 2022

E como o próprio convite pede a nós, *“pessoas brancas (ou com privilégios brancos)”*, precisamos voltar o nosso olhar para esse privilégio e o assumamos e percebamos nossa branquitude colonial. Voltando à dissertação da Ana Paula Santos, ela faz referência ao curta-metragem *Kbela* (2015)⁴⁸ (Figuras 63 a 66), de Yasmin Thayná e, em uma das cenas, aparece uma atriz negra em um processo de remoção de uma tinta branca do seu corpo⁴⁹.

Desbranqueamento (Figuras 51 a 54) é um conjunto composto por 4 fotografias (autorretratos), no qual a primeira foto traz o meu cu totalmente encoberto por uma tinta branca e que, a cada imagem, vai sendo removida até que, na última foto, meu cu aparece totalmente sem tinta. Enquanto no texto de Ana Paula Santos e no filme de Yasmin Thayná esse processo de desbranqueamento é uma forma de retornar às raízes de seus povos, apagando as marcas da colonialidade branca sobre suas corpos, no meu quadríptico, meu processo de desbranqueamento é o autorreconhecimento da minha branquitude, da minha racialização.

É pensar em mim como uma questão, não mais apenas o sujeito. É pensar nas estruturas sociais que esse processo de branqueamento gerou sobre a minha corpa branca. Como escreve o sociólogo e historiador brasileiro negro Dr. Lourenço Cardoso e um dos principais estudiosos sobre a branquitude no Brasil:

Não falar a respeito do branco é um silenciamento. É uma invisibilização do questionamento a respeito da branquitude. Diante disso, o grau máximo é atingido quando a "ausência" do branco-tema é tratada como se fosse um dado natural. Coloco os termos "ausência" e "emergência" como propugna Boaventura de Sousa Santos em *Sociologia das Ausências e Sociologia das Emergências* (Santos, 2006c). O autor dirá que muitas "ausências" foram construídas socialmente, caso do branco-tema. Em nossa prática científica, no primeiro momento, o branco observa o outro e não olha para si. Neste instante, é um observador solitário. No segundo, já há pesquisadores negros e outros não-brancos a olharem nesta mesma direção. Logo, a perspectiva não muda. Dessa forma, o silenciamento a respeito da identidade branca prossegue. Diante desse cenário, as pesquisas sobre a branquitude exercem a tarefa de quebrar o silêncio, visibilizar o branco, apontar onde ele se encontra. Efetivamente, podemos encontrá-lo como o "sujeito oculto," como teórico branco. (Lourenço CARDOSO, 2014, p. 118-119)

Dentro de um CIS-tema acadêmico majoritariamente branca como o que temos na maioria dos estados do Brasil, é meu papel, como parte presente deste CIS-tema, me colocar em questão, refletir sobre os privilégios e os poderes atribuídos à minha pele branca. Me colocar em análise. Trazer a temática nas minhas construções artísticas. Como poderia contar outras histórias sem antes pensar nas minhas próprias e na minha própria branquitude? Preciso me arregaçar, pegar o dedo e meter fundo em mim e olhar para a sujeira que sai impregnada nele.

48 Disponível em <https://youtu.be/LGNln5v-3cE>. Acesso: em 22 janeiro 2022

49 Em um processo inverso, trago a obra de muSa Michelle Mattiuzzi intitulada "merci beaucoup, blanco" (2013), apresentada a mim por Elton Panamby: <https://www.studiomusa.art/performance/merci-beaucoup-blanco/> <https://vimeo.com/782706827>. Acesso: 06 janeiro 2023.

A BRANQUITUDE DA MINHA BIXICE

Sou uma bixa branca! Uma bixa branca em busca do auto entendimento dentro de uma estrutura racializada e de privilégios. Não tenho como afirmar quando exatamente começou meu auto entendimento como branco e não me refiro à cor da minha pele, -

Branco não é uma cor. Branco é uma definição política que representa históricos privilégios sociais e políticos de certo grupo que tem acessos às estruturas dominantes e instituições da sociedade. Branquitude representa a realidade e história de um certo grupo. Quando nós falamos sobre o que significa ser branco, falamos sobre políticas e definitivamente não sobre biologia. Assim como o termo negro é uma identidade política que se refere à historicidade das relações políticas e sociais, não à biologia (Grada KILOMBA, 2013)⁵⁰

Mas como um sujeito social que traz junto consigo construções de discurso e de poder. Acredito ser um processo ainda em execução, pois não é apenas o entender-se como tal, mas tudo envolvido nesse meu *“processo de desbranqueamento”* (Ana Paula Medeiros Teixeira dos SANTOS, 2017, p. 95). Processo necessário e vital na construção do meu Sujeito Bixa.

Sou filho de mãe negra e pai branco crescendo numa família matriarcal com uma avó que desafiou seus pais para se casar com o homem que amava, negro e de uma classe social considerada abaixo da dela, algo inadmissível para o meu bisavô e minha bisavó maternas. Como poderia uma mulher branca de "boa família" se casar com um homem não-branco? Casar por amor? Que absurdo! Casar e ainda tirar o sobrenome da família para adotar somente o do seu então marido?

Cresci numa família onde a voz da mulher é presente. Fui educado por uma mãe que não se submeteu aos mandos de homens cis que achavam que ela deveria me dar para outra família me criar, já que ela era uma mulher não casada. Uma mãe que sempre me falou da importância de respeitar a si e ao próximo; de não aceitar as coisas como são, principalmente, se parecerem não justas. Uma mulher que falou abertamente sobre temas considerados tabus: como sexo, desejo, liberdade.

Olhando para o passado, percebo como essa autorreflexão sobre minha branquitude não foi imediata. Não por ser um assunto tabu. Pelo contrário, cresci numa família aberta ao diálogo. O tardio aqui veio mais pelo fato de que, na minha infância, as diversas cores da minha família não eram pontos de discussão entre nós. E talvez por isso, na escola onde estudei a maior parte do tempo - um colégio jesuíta em Teresina - não tenha percebido que a grande maioria dos alunos eram pessoas brancas.

Na época, não entendia muito o que isso significava (mais um privilégio da minha branquitude), apenas que era um dos melhores colégios de Teresina e que eu tinha uma bolsa que fazia com que minha mãe pagasse um valor menor e que para mantê-la não poderia tirar notas baixas.

50 Este é um trecho de uma entrevista conduzida por Stefanie Hirsbrunner, publicada inicialmente pela The African Times, em 2013. Disponível em <https://www.africavenir.org/nc/news-details/article/white-is-not-a-color-an-interview-with-author-and-psychoanalyst-grada-kilomba.html>. Acesso: 16 janeiro 2021. Tradução minha. Original: *“White is not a color. White is a political definition, which represents historical, political and social privileges of a certain group that has access to dominant structures and institutions of society. Whiteness represents the reality and history of a certain group. When we talk about what it means to be white, then we talk about politics and certainly not about biology. Just like the term black is a political identity, which refers to a historicity, political and social realities and not to biology”.*

Até então, tudo o que entendia era que eu era uma criança amada por minha mãe, que trabalhava de dia em dois empregos, estudava Pedagogia à noite, na Universidade Federal do Piauí, e, quando chegava em casa, me abraçava com muito afeto e era tudo que eu precisava. Mas não ficamos crianças para sempre e o mundo vai se alterando e mostrando novas facetas. E se, naquele momento, eu já me sabia bixa, ainda não me sabia branco e como afirma Spivak: se *"o subalterno como um sujeito feminino não pode ser ouvido ou lido"* (Gayatri SPIVAK, 2010), um corpo que não se entende como branco, é um corpo que não pode ouvir. Se ele não entende o privilégio da sua cor, não irá ouvir que *"em 2018, uma mulher foi assassinada no Brasil a cada duas horas, totalizando 4.519 vítimas [e neste mesmo ano] 68% das mulheres assassinadas no Brasil eram negras"* (Daniel CERQUEIRA & Samira BUENO, 2020). Não irá ouvir que *"em 2019 houve o registro de 256 casos de 'invasões possessórias, exploração ilegal de recursos e danos ao patrimônio' em pelo menos 151 terras indígenas, de 143 povos, em 23 estados."* (Lucia Helena RANGEL, 2020). Ou ainda que de acordo com Atlas da Violência 2021, 76,2% das pessoas assassinadas em 2020 eram negras e que 61,8% das vítimas de feminicídio em 2020 eram negras⁵¹. Para um corpo que não se percebe branco, esses fatos são apenas números, pois ele não entende seu papel dentro dessas estatísticas.

DE UM LUGAR DE FALA...

Durante o meu caminhar na construção deste Sujeito Bixa, me deparei com diversas questões sobre a existência. Sobre construções da normatividade que operam em nossas sociedades e que vão nos reduzindo a estatísticas. E, nesse processo, um ponto é de fundamental compreensão: o Lugar de Fala. Sobre este, trago Djamila, Spivak, Pelúcio e Mombaça:

Pensar lugar de fala seria romper com o silêncio instituído para quem foi subalternizado, um movimento no sentido de romper com a hierarquia, muito bem classificada por Derrida como violenta.
(Djamila RIBEIRO, 2019, s/p, eBook)

Se, no contexto da produção colonial, o sujeito subalterno não tem história e não pode falar, o sujeito subalterno feminino está ainda mais profundamente na obscuridade.
(Gayatri SPIVAK, 2010, p. 67)

Falar de saberes subalternos não é, portanto, apenas dar voz àquelas e àqueles que foram privados de voz. Mais do que isso, é participar do esforço para prover outra gramática, outra epistemologia, outras referências que não aquelas que aprendemos a ver como as "verdadeiras" e, até mesmo, as únicas dignas de serem aprendidas e respeitadas.
(Larissa PELÚCIO, 2012, p. 399)

trata-se de uma disputa pelo controle de um certo regime de produção de conhecimento que está implicado em vidas reais de

51 Dados disponíveis no Atlas da Violência 2021, publicado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) e o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP) em parceria com o Instituto Jones dos Santos Neves (IJSN). Disponível em <https://forumseguranca.org.br/atlas-da-violencia/>. Acesso: 03 junho 2022.

peças reais, e em processos de subalternização de discursos enunciados desde lugares de fala descentrados em relação à normatividade acadêmica.
(Jota MOMBACA, 2015, site)

E se elas afirmam que existem pessoas subalternas, então, existem as não subalternas, as que dominam e ditam os padrões. E quem são essas pessoas? Sou eu e é você: pessoa branca. A pessoa detentora do privilégio da branquitude. No livro *Branquitude: estudos sobre a identidade branca no Brasil*, os organizadores, a antropóloga social negra Tânia Mara Pedrosa Müller e sociólogo negro Lourenço Cardoso jogam o papo reto já na apresentação:

A branquitude significa pertença étnico-racial atribuída ao branco. Podemos entendê-la como o lugar mais elevado da hierarquia racial, um poder de classificar os outros como não brancos, dessa forma, significa ser menos do que ele. Ser branco se expressa na corporeidade, isto é, a brancura, e vai além do fenótipo. Ser branco consiste em ser proprietário de privilégios raciais simbólicos e materiais (Tânia MÜLLER & Lourenço CARDOSO, 2017, s/p)

Recordo-me que a primeira vez que me entendi como branco foi quando estava com um grupo de colegas. Éramos um grupo de 6 pessoas (2 que se entendiam como biologicamente masculinas e 4 como biologicamente femininas) composto de 2 pessoas pretas e as demais, brancas. Certo dia, depois da aula, fomos passear pela cidade e passamos numa loja antes para comprar guloseimas. Ao adentrarmos a loja, João⁵² (o homem preto do nosso grupo) estava à minha frente, mas a pessoa atendente passou direto por ele, ignorando-o, e dirigiu-se a mim: "como posso ajudá-lo?". Olhei para meu amigo; ele, para mim e foi ali o exato momento em que percebi a cor da minha pele. Compramos o que queríamos, fomos para a praça e lá ficamos brincando, falando bobagens, mas a todo momento, nossos olhares se cruzavam como se algo precisasse ser dito e, infelizmente, nunca o foi⁵³.

Anos mais tarde, já como estudante na Universidade de Brasília (UnB), a realidade majoritária branca no meu curso de Relações Internacionais (Rel) já não me passava despercebida. No ano de 1996, era o único curso na área em uma instituição pública. Os demais eram em instituições privadas. O curso estava entre os mais disputados, mas sempre – enquanto lá estive – por uma maioria branca. Foi durante esse período que fiz parte da AIESEC, uma organização internacional gerida apenas por estudantes universitários, e foi quando me aproximei ainda mais das questões raciais. Dividir, no ano de 2000, a presidência do escritório da AIESEC em Brasília com minha amiga Débora⁵⁴, também estudante de Rel na UnB e negra cis, foi um momento de grande aprendizado sobre meu entendimento como ser branco. Hoje, percebo falas minhas em reuniões e ações que são vindas do meu privilégio branco, mas que na época ainda não o entendia como tal.

52 Nome fictício. Optei por não escrever o nome real, pois tem mais de 20 anos que não temos contato um com o outro. Desta forma, achei melhor o uso de um nome fictício.

53 Aqui, cabe uma outra explicação. Uma contextualização. Era o ano de 1993, internet era algo ainda muito restrito e temáticas como gênero, sexualidade, interseccionalidade e afins não estavam no meu dia a dia. O motivo? Se tivesse que responder, acho que seria por conta do privilégio da cor da minha pele.

54 O mandato era anual e no caso do escritório de Brasília e do Rio de Janeiro, optou-se por ter duas pessoas na presidência. E para o ano 2000, foram eleitas Débora e eu.

No ano de 2001, morando nos Estados Unidos, na cidade de Saint Louis (Missouri) fazendo intercâmbio pela AIESEC, tive a oportunidade de trabalhar no departamento internacional da MasterCard International. Ali se reuniam pessoas oriundas de diferentes culturas e regiões do mundo: África, América Latina, Europa, Ásia. Uma diversidade de pessoas, de vivências. Foi nesse período que minha pele foi jogada por inteira na minha cara. Lá, eu não era apenas um ser branco, era também um ser latino. Dependendo da roda de conversa em que me encontrava, eu transitava entre o homem brasileiro branco, o homem latino e, inclusive, o homem não-branco.

Todos esses ritos de passagem foram essenciais no meu processo para eu entender meu pertencimento em um "grupo social privilegiado em termos de locus social [e] enxergar as hierarquias produzidas a partir desse lugar, e como esse lugar impacta diretamente a constituição dos lugares de grupos subalternizados" (Djamila RIBEIRO, 2019, s/p).

Anos mais tarde (2017), já morando em São Paulo e convivendo com e fazendo parte de suas diversas tribos, não deixei de pensar em todos os saberes com os quais vivi, convivi, ouvi e vi. Saberes tais que foram cruciais para mim, como ser humano branco. As sabedorias que estão fora da academia e que são tão necessárias quanto as produzidas dentro dos espaços acadêmicos, mas que ainda são deslegitimadas, como maravilhosamente Mombaça coloca:

Percebe-se, a partir tanto do comentário de viviane v. via facebook quanto de seu ensaio supracitado, o modo como essa disputa em torno do uso de conceitos é um dos muitos espaços de tensão onde, apesar dos crescentes esforços num sentido contrário, a ausência de pessoas trans* nos espaços acadêmicos é reiteradamente produzida: afinal, a opção conceitual da travesti mestrandia, enunciada através de um canal informal (o facebook, mas também o academia.edu, fonte desqualificada, sem Qualis), não tem valor científico e, portanto, é incapaz de produzir consistência por si mesma no interior de um debate acadêmico, sendo envolvida num efeito de subalternidade que a silencia no âmbito mesmo dos estudos acerca das experiências trans*. (Jota MOMBAÇA, 2015, site)

Entender o Lugar de Fala é estar ciente do papel que temos nas construções epistemológicas que surgem a partir de nossos próprios discursos, que eu - enquanto um ser branco na academia - não posso contribuir para a manutenção hegemônica que coloca esta outra pessoa como objeto de pesquisa ao invés de sujeitos contadores de suas próprias histórias. Pelo contrário, devo buscar o rompimento "não só com aquela ciência que esconde seu narrador", mas também denunciar "que essa forma de produzir conhecimento é geocentrada, e se consolidou a partir da desqualificação de outros sistemas simbólicos e de produção de saberes". (Larissa PELÚCIO, 2012, p. 398-399).

O plano epistemológico da ciência moderna, ao estabelecer os modos de validação de seus discursos, determinou, dentre outras coisas, um modelo de performance linguística aceita como critério para entrada na ordem discursiva da ciência, para controlar a proliferação dos discursos nesse espaço do "dizer verdadeiro". É por isso que a universidade foi constituída de modo a bloquear o diferente. (Jefferson CAMPOS; Guilherme Araújo SILVA; Bruno Barra DA SILVA, 2020, 30)

De forma que o meu Lugar de Fala precisa abrir espaço para conviver com o meu Lugar de Ouvir.

... PARA UM LUGAR DE OUVIR

O Lugar de Ouvir, juntamente com o Lugar de Fala, são elementos essenciais no meu processo de desbranqueamento. Para entender-me como este ser branco, preciso compreender esses dois lugares de pertencimento. Enquanto um sujeito que cria putarias artísticas a partir também das histórias de outras pessoas, estabeleço uma presença constante entre estes dois Lugares: o de Fala e o de Ouvir e, a partir disso, outros questionamentos surgem: em que momento é o meu espaço de fala? Em que momento é o de ouvir? E quando esses dois acontecem juntos? Djamilia Ribeiro afirma que *"todas as pessoas possuem Lugar de Fala"* (2019) e Erika Hilton, negra trans vereadora mais votada de São Paulo em 2020⁵⁵, completa:

é só preciso saber de que local eu falo. De que momento, eu falo.
E se as pessoas brancas não tirarem a sua bunda do sofá e se levantarem para entender qual é a gravidade do que acontece no Brasil com relação ao racismo e à cisgeneridade, nós não vamos avançar. (Erika HILTON, 2021)

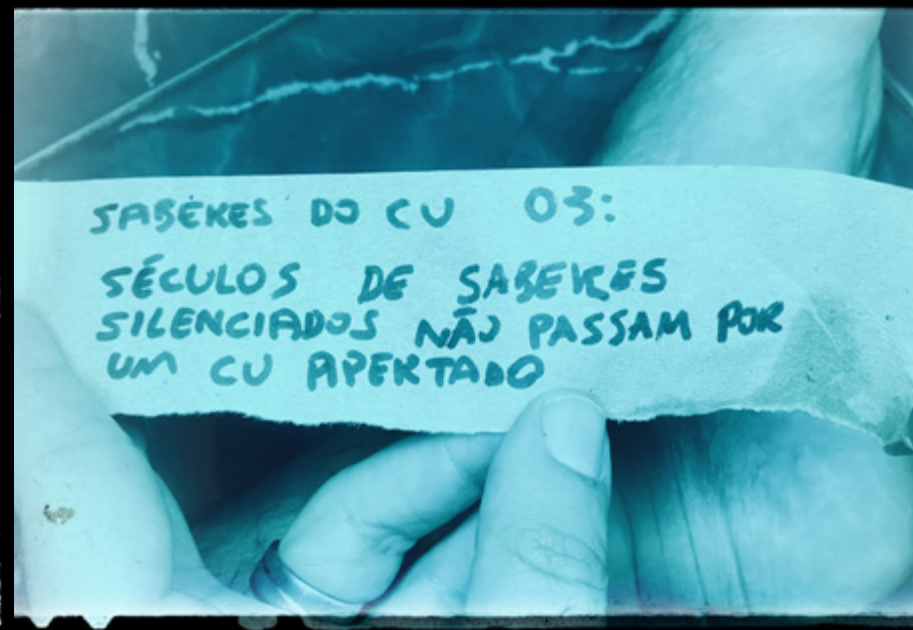
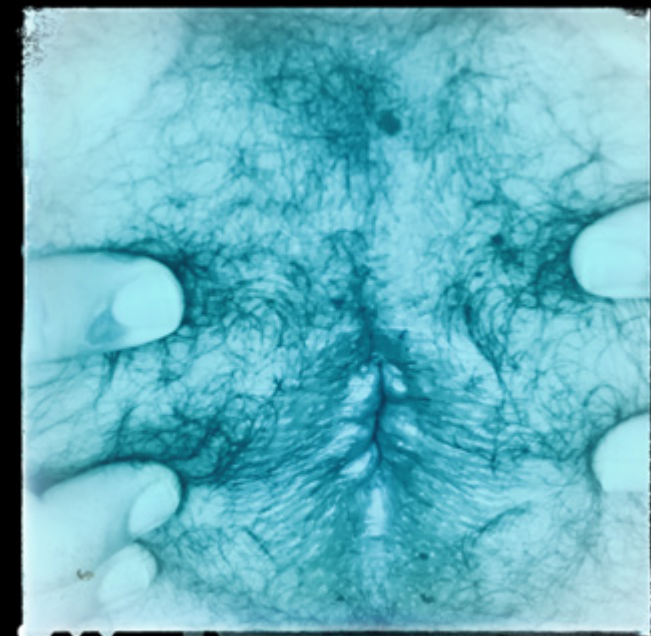
Mas para a branquitude, entender o Lugar de Ouvir é um troço bem mais complicado, pois Lugar de Ouvir significa calar-se. E anos de construção de um sujeito branco a quem foi dado uma autorização permanente de fala e que sempre entendeu que não precisa calar-se, pois são os demais – e entenda como os sujeitos subalternos – é que precisam se calar pois o que a branquitude aprendeu é que o que ela tem a falar é sempre mais importante do o que tem a ouvir, *"de modo que o gesto político de convidar um homem cis eurobranco a calar-se para pensar melhor antes de falar introduz, na realidade, uma ruptura no regime de autorizações vigente"* (Jota MOMBACA, 2017). Lugar de Ouvir é dismantlar os privilégios da branquitude, os que mantêm essa relação de poder que gera violência em todas as suas formas hierarquizando os indivíduos num sistema meritocrático que já faz o nascer – e entenda aqui o ato mesmo de parir – de uma pessoa negra/preta desigual.

Lugar de Ouvir é entender a outra pessoa – seja ela negra, bicha, trans e todo um espectro de subjetividades – como **sujeitas de [r]e[s][x]istência**. É pensar nos saberes que nascem nas terreiras, nas roças, nas ruas, nas ocupações, nas tribos indígenas, nos quilombos como tão potentes e essenciais como os que surgem nas instituições ditas “legitimadas”. É buscar pensar outras referências e citações e no muito que elas têm a contribuir no nosso processo de desbranqueamento.

É não tentar inventar desculpas esfarrapadas como "até tenho amigo negro... (e aqui pode substituir por todas as outras possibilidades de identidade usadas para essas desculpas esfarrapadas)", "estava só brincando...", "lá no interior, não temos acesso...", "não se pode nem fazer piada que já vem com mimimi".

Enquanto seres humanos, erramos – faz parte, mas ao errar, não inventemos desculpas esfarrapadas. Ouçamos sobre o erro, aprendamos, peçamos desculpas, pois Lugar de Ouvir é isso também. É aprender a se racializar como ser branco dentro de uma estrutura

55 Nas eleições de 2022, Erika Hilton foi eleita Deputada Federal pelo PSOL com 256.903 votos e junta com Duda Salabert tornaram-se as primeiras mulheres trans eleitas para o Congresso Nacional.



SABERES DO CU 03:
SÉCULOS DE SABERES
SILENCIADOS NÃO PASSAM POR
UM CU APERTADO

Figuras 67, 68 e 69

Série Saberes do Cu:

Tríptico 03

Chris, The Red
Fotografia com edição no
app Snapseed
São Paulo/SP
2022

social que mata e violenta pessoas todos os dias no mundo todo. Ainda mais agora Desde 2020, vivemos – acho que o termo melhor é sobrevivemos – a uma pandemia pelo Covid-19. No Brasil, na data de hoje – 13 de outubro de 2022, alcançamos o trágico número de 687.076 mil mortes e 34.777.993 milhões de casos conhecidos⁵⁶ num bem-sucedido projeto genocida e junto a isso, o aumento da violência, da desigualdade, da fome, do desemprego, da inflação. É só fazer uma pesquisa básica no Google para nos depararmos diariamente com notícias que dificultam manter a esperança neste país.

As maiores vítimas da pandemia são, inegavelmente, os trabalhadores temporários e sub-remunerados, os que vivem de atividades informais, os desempregados e os sem teto por habitarem as áreas mais precárias das grandes cidades brasileiras (...). Apesar de haver muitas pessoas infectadas nos bairros ricos, poucas morrem; as mortes são mais numerosas em bairros populares, conjuntos habitacionais e favelas, enfim, no que chamamos de "periferias". (Mônica MARTINS, 2020, s/p)

E não podemos achar que no fim da pandemia voltaremos ao normal, pois que *“normal é esse?”*, nos perguntam Bruna Kury, artista anarcotransfeminista negra, e Walla Capelobo, artista afrotransfeminista e anticolonial:

O normal são as velhas construções coloniais que corroboram para a dizimação de determinadas corpas, afinal estamos inseridas a séculos em práticas genocidas as populações pretas, indígenas, travestis, trans, boycetas, bichas, sapatonas, pessoas com diversidade funcional, soropositivas e demais dissidências. Sociedades que têm como estrutura dicotomias e binariedades, manipuladas de acordo com os interesses das hegemonias globais e locais (Bruna KURY & Walla CAPELOBO, 2020).

e tudo isso é fruto dessa hierarquização social que coloca as pessoas brancas no topo do discurso enquanto sujeitos dominantes e não haverá um verdadeiro processo de desbranqueamento enquanto eu, sujeito branco parte de uma branquitude, não me calar e entender a pergunta que Mombaça nos faz: *“pode um saber dominante escutar uma fala subalterna quando ela se manifesta?”* (2015, s/p).

E se um cu mestiço pergunta se pode falar, um cu branco tem que perguntar se pode ouvir, mas pra isso, vai ter que se deixar ser arregaçado, pois séculos de saberes silenciados não passam por um cu apertado, ainda mais um cu branco cisheteronormativo e no meu caso, por mais que meu cu já esteja em constante e prazeroso uso, ainda há muito para aprender sobre a minha branquitude e o meu desbranquear.

Compreender minha branquitude é uma etapa para entender meu papel nesse CIS-tema de arte racista, onde corpas negras ainda são ausentes em vários espaços decisórios e estratégicos e não haverá mudanças profundas enquanto a estrutura racial deste CIS-tema não sofrer transformações reais, pois trazer exposições com artistas negres ou sobre histórias negras é apenas um pedaço do repensar o CIS-tema de arte, é preciso que corpas negras ocupem cada vez mais espaços diretivos.

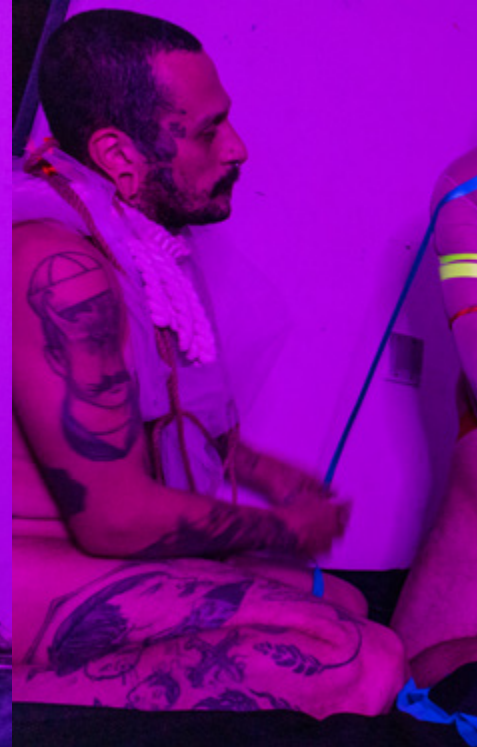
⁵⁶ Disponível em <https://especiais.g1.globo.com/bemestar/coronavirus/estados-brasil-mortes-casos-media-movel>. Acesso: 03 junho 2022.

Um exemplo que percebi neste ponto foi quando participei por dois anos seguidos (2017 e 2018) do *Valongo Festival Internacional da Imagem*. Enquanto em 2017, a curadoria e direção criativa foi assinada por Latã Cannabrava (homem branco)⁵⁷; em 2019, a Diane Lima (mulher negra)⁵⁸ assume como curadora e percebi nitidamente as mudanças nas narrativas do festival, as corpas e artistas que se tornaram presenças e não apenas representações feitas por outras corpas.

VER ANEXO B

57 Disponível em https://issuu.com/bdlf/docs/2017_valongo_02_compressed?e=38839505/89098129. Acesso: 03 junho 2022.

58 Disponível em https://issuu.com/bdlf/docs/2018_valongo_n03_editado?e=38839505/82439096. Acesso: 03 junho 2022.







Figuras 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76 e 77

Shibari-me

Chris, The Red
Performance
São Paulo/SP
2021

Artistes convidadas:
Rainnery e Max Uranio

Registros: Bruno Novadvorski

O CIS-TEMA DE ARTE
É VIOLENTO...

... quando corpos
são censuradas,
assassinadas,
silenciadas, apagadas,
seja por uma violência
física, psicológica ou
pela palavra.

AS CORES DA MINHA BIXICE

Quando criança, chamaram-me de bichinha.
Calado, fiquei.

Pensei: na adolescência, mudará.
Quando jovem, chamaram-me de traveca.
Calada, continuei.

Matutei: na fase adulta, acabará.
Quando adulto, abusada fui.

Questionei: o que sou?
Nada sou. Não tenho fala.
Não tenho identidade e o isolamento imposto,
eu já o vivo há anos.
Está em cada lágrima, cada chute e olhar.
Está nas marcas que carrego, inclusive, as que não podes ver.
Este distanciamento que, agora salva;
a mim, sempre me machucou.
Como no tapa maternal que me proferistes e
na mão do pai a apontar a porta da casa que nunca fora um lar.
E agora, quando idosa, nada pronunciaram,
já não se importam.
(Sobre ser - ou sobre atos da (não) existência
Chris, The Red)

Adoraria afirmar que esta jornada-mestrado tem acontecido de forma tranquila, sem problemas além dos já esperados em uma pesquisa, que não houve questões de outras ordens. Infelizmente, se você leu as notas de rodapé, já sabe que não é o caso. A jornada das corpos dissidentes não é fácil. Ir contra os padrões e as normas é uma luta constante. Trabalhar com temáticas como sexualidade, nudez, pós-pornografia, o explícito é saber que vai incomodar e é sobre este momento que trago a putaria artística **Shibari-me** (2021).

Primeiramente, alguns fatos. Esta jornada começou durante a pandemia do COVID-19, em novembro de 2020, já em um processo de exaustão por conta dos longos 8 meses em que já me encontrava em quarentena. De janeiro a julho de 2021, uma energia pesada foi tomando conta de mim. Aquele momento em que nossas forças são sugadas de tal forma que acreditamos profundamente que não seguiremos adiante e foi em julho do mesmo ano que me questionei se valeria a pena continuar em algo que eu estava tendo que lutar contra uma pessoa que, teoricamente, estava neste caminho para me ajudar e no entanto, estava me consumindo de tal forma que, após longos anos sem uma crise de depressão, comecei a sentir novamente os sintomas e precisei tomar uma decisão. Tirar aquela pessoa do meu caminho para que ela não me incomodasse mais ou me retirar do programa de mestrado para o qual fiz um processo de seleção e fui aprovado. Felizmente, a primeira opção foi a que se tornou real e em agosto, já sobre outra orientação, pude continuar minha jornada.

No entanto, foi durante esse período conturbado que, numa busca de paz e renovação da minha mente e do meu espírito, surgiu a ideia de realizar a performance **Shibari-me**. Assim, três coisas importantes precisam ser mencionadas antes de seguirmos:

DADO 01:

A performance Shibari-me surgiu como um processo de limpeza do meu espírito.

DADO 02:

Foi a primeira vez que me coloquei à disposição da técnica japonesa chamada shibari.

DADO 03:

Esta performance foi realizada com total consentimento e num processo de uma busca pessoal durante esse momento complicado em minha existência.

(PAUSA: INÍCIO)



<https://bit.ly/CRTShibariMe>

**AGORA, CONVIDO
A ASSISTIR
O REGISTRO
DE VÍDEO DA
PERFORMANCE.
CLIQUE NO LINK
OU PELO QR CODE**

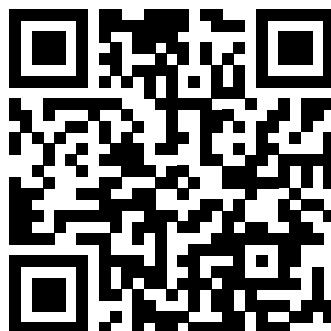


Figura 78

**Registro da performance
Shibari-me**

Chris, The Red
São Paulo/SP
2021

Print: Chris, The Red
Registro: Bruno Novadvorski

(PAUSA: FIM)

Continuando. **Shibari-me** (Figuras 70 a 77 e 84 a 89) foi realizada no dia 28 de junho de 2021, no espaço da minha casa, em São Paulo, onde resido com meu marido, o também artista visual e pesquisador Bruno Novadvorski, que fez os registros de vídeo e fotos . Para a produção dessa performance, convidei duas pessoas e artistas incríveis: Rainnery Queercore e Max Uranio – para quem coloquei meu corpo à disposição e que com a técnica japonesa do *shibari* utilizaram-se do meu corpo como espaço-afetivo de arte.

O SHIBARI

Shibari é uma palavra japonesa que significa amarrar ou ligar. De acordo com Maycon Raposo, no Guia dos Primeiros Shibari⁵⁹, “é a arte de expressar e brincar através das cordas”. Em entrevista para matéria assinada por Tatyane Mendes para o site Metrópolis, a artista de Shibari Karllana Cavalcante, conhecida como Fox explica:

O shibari é a técnica de imobilização e comunicação com cordas e teve sua origem no Japão. Ele é inspirado no hojojutsu, uma técnica sistematizada usada por samurais para restringir criminosos usando cordas, no período Edo. Hoje, o shibari é visto predominantemente como uma arte erótica, porém existem muitas outras vertentes: artística, sensual e – apesar de nenhum estudo aprofundado sobre o assunto – a terapêutica, sendo associado ao reiki, ioga, tantra e outras formas relaxantes e meditativas (FOX, 2018)

O shibari sempre me causou uma grande curiosidade e desejo de ser amarrado, principalmente, no sentido de tentar entender a sensação do que é ter seu próprio corpo amarrado, de deixar outra pessoa “ter controle” sobre si. E no entendimento do shibari como expressão artística. No entanto, o desejo ficou guardado até a realização da performance, quando senti que era o momento de torná-lo real.

O CONSENTIMENTO

Criar a partir de corpos desnudas é entender as diversas camadas que se encontram neste processo do desnudar-se. É primordial que toda pessoa participe deste processo entenda que a nudez é um ato maior que a própria ação do despir-se. Envolve uma série de ações que precisam ser cuidadosamente pensadas, refletidas e conversadas antes da realização do próprio trabalho, ou seja, é preciso que esta pessoa se permita e permita a mim desnudar sua corpa: o consentimento é vital. E no caso de quem trabalha com shibari, não seria diferente. A pessoa que deseja ser amarrada precisa entender o que significa esse processo para então deixar-se ser.

Quando decidi tornar real a ideia de ser amarrado, gostaria que fosse por alguém da minha confiança e que por quem houvesse uma conexão de afeto já construída, principalmente, pelo fato de que a escolha de fazer essa performance com o uso do shibari surgiu desse momento complicado na minha jornada. Então, não queria que essa pessoa fosse uma estranha e foi assim que convidei o Rainnery Queercore.

Rainnery é artista queer e amiga. Nos conhecemos em 2018 quando apresentou uma performance no *Corpo de Quinta: Pornografia, Pós-Pornografia e Arte Erótica*, de 18

59 Disponível no site <https://shibaribase.com.br/guia-shibari-pdf>. Acesso: 10 julho 2021



de outubro, evento que Hugo Faz, Leandro Tupan e eu organizamos em São Paulo, no Estúdio NU. Em um dos momentos de sua performance, ele martela um prego em seu saco escrotal fixando-o em uma madeira (Figura 79) e foi quando

percebi que ali, nasceria uma amizade entre nós. E assim aconteceu. Já trocamos histórias, vivências, afetos, gozos e prazeres. E também vários trabalhos juntos (Figuras 80, 81 e 82). A escolha deu-se também por outro motivo: a confiança que ele depositou em mim em relação a questões pessoais suas relacionadas à temática do suicídio. Em 2020, durante a pandemia, ele me convidou para criarmos um projeto juntos para falar sobre o tema e durante a conversa ele me disse: *“Destá vez, eu escolho a vida”*. E foi assim que surgiu o ensaio FotoPerformático *188 Pode Ser O Primeiro Passo* (2020) (Figura 83) que aconteceu um ano depois dele ter se aberto comigo sobre suas questões suicidas pela primeira vez.

Figura 79

Rainnery Queercore

Registro de performance de Rainnery no evento Corpo de Quinta, no Estúdio NU, São Paulo/SP 2018
Foto: Chris, The Red

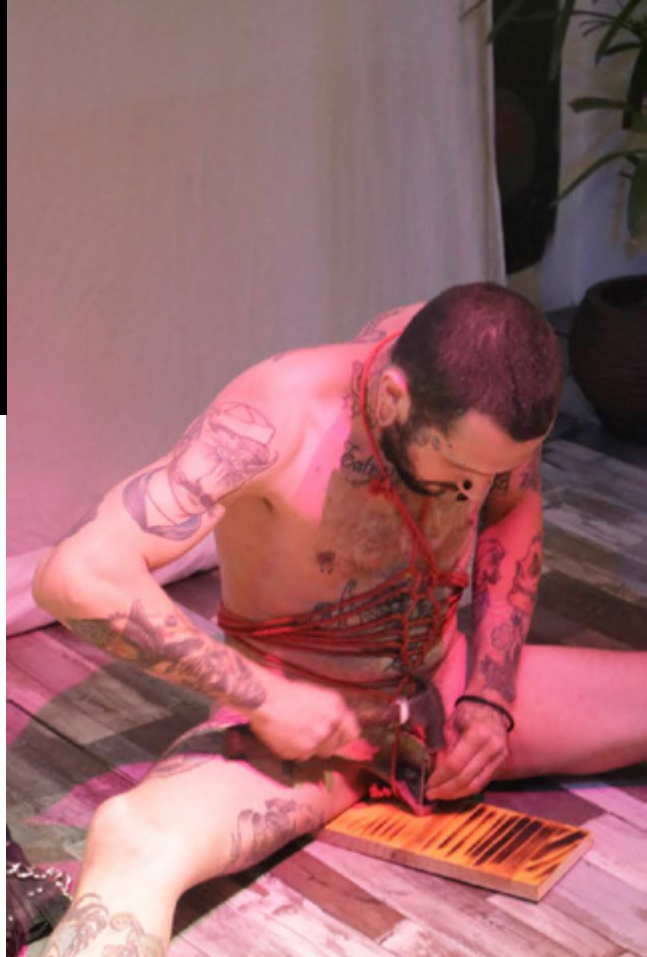


Figura 80 (superior, à esquerda)

Contra o Fascismo Serei Resistência

Chris, The Red
Fotografia
São Paulo/SP
2018
<https://bit.ly/CTRContraOFascismoSereiResistencia>

Figura 81 (superior, à direita)

Fetiches

Chris, The Red
Fotografia
São Paulo/SP
2019
<https://bit.ly/CTRFetiches>

Figura 82 (inferior, à esquerda)

A New Democracy: God + Pornography

Chris, The Red
Fotografia
São Paulo/SP
2019
<https://bit.ly/CTRANewDemocracy>

Figura 83 (inferior, à direita)

188 Pode Ser o Primeiro Passo

Chris, The Red
FotoPerformance
São Paulo/SP
2020
<https://bit.ly/CTR138PodeSerOPrimeiroPasso>

Então, quando decidi fazer **Shibari-me**, tinha certeza de que Rainnery era a pessoa mais certa. Convidei também o Max Uranio, um artista trans que tive a oportunidade de conhecer através de Rainnery durante ensaio fotográfico realizado pelo Bruno Novadvorski no bar RG, em São Paulo, para a edição Nº 08-Março/2021 da revista *corpo explícito*⁶⁰. Ou seja, com certeza, estaria em ótimas mãos.

SHIBARI-ME É A MINHA VACINA

Como vocês já sabem, sou uma Sujeita Bixa e, no momento em me reconheço como tal, identifico-me também como um ser político, pois a nossa própria existência nos é negada a todo tempo. Não apenas negada, como morta. Então, antes de ser artista, sou bixa que tem em minha arte um espaço de resistência, existência e de atividade política (e isso vocês também já sabem):

A própria atividade política, longe de ser apenas voltada a uma transformação do "mundo objetivo" com vistas ao futuro, significa, também, o exercício de uma atividade transformadora da consciência e das suas relações com o mundo. Assim as próprias propostas políticas são repensadas em cima do que elas tem a oferecer já, aqui e agora. Em termos que lhes conferem um significado humano imediato real, sem que isto signifique o abandono de perspectivas mediatas para o futuro como metas necessárias. "A política do corpo", por exemplo, ao exigir a valorização de algo tão individual como o corpo humano enquanto fonte e condição de bem-estar e prazer, puxa para o cotidiano finalidades frequentemente jogadas ao além.
(Wolfgang Leo MAAR, 1982 (2017), s/p)

O meu ser bixa guiou-me na minha produção artística tornando-se parte da minha manifestação cultural e política e uma vez que minha arte é política, ela é aquilo que me rodeia e aquilo que vivo, ela é, entre outras coisas, fruto das minhas memórias "porque a memória não é uma coisa para sepultar ou não, ela está aí, sempre, quer você goste ou não" (Paco VIDARTE, 2019, p. 43). Minha arte é o reflexo do que vivo, do que anseio e é o que vomito para o mundo a partir das toxicidades que me são impostas pela própria sociedade onde existimos e pelas pessoas que me rodeiam.

Desde março de 2020, encontramos-nos em quarentena por conta do Covid-19 que nos levou a nos isolarmos no espaço de nossas casas em busca de evitar a proliferação do vírus, assim como ser infectado. Mas o isolamento não nos protegeu de outros vírus que chegam até nós não pelo ar, mas pelas palavras, pelas ações. Seja o vírus propagado por aqueles que deveriam governar o país ou o vírus disseminado por aquela pessoa a quem escolhi para me guiar nesta jornada. Enquanto para o Coronavírus já possuímos vacina, para os demais ainda buscamos formas de nos distanciar de suas toxicidades e nós, artistas, somos especialistas em transformar nossa arte em vacina. **Shibari-me** foi a minha vacina contra um processo de assédio mental que estava sofrendo até então, um processo de controle sobre mim do qual não havia um acordo consensual e que me afetou profundamente, me adoeceu. Assim, ao deixar meu corpo ser amarrado e "controlado" por Rainnery e Max (Figuras 69 a 75), buscava expurgar de mim todo o mal que estava habitando o meu ser.

60 Disponível em <http://duocu.art.br/index.php/magazines/corpo-explicito#corpoexplicitov2n8marco2021>.





Figuras 84, 85, 86, 87 e 88

Shibari-me

Chris, The Red
Performance
São Paulo/SP
2021

Artistes convidadas:
Rainnery e Max Uranio
Registros: Bruno Novadvorski

Minha corpa é espaço de arte, espaço político, espaço de transformação e nessa performance, quis ressignificá-lo e, para isso, me apoio nas proposições sobre o espaço de Doreen Massey, no livro *Pelo Espaço: uma nova política da espacialidade* (2008) para pensar as relações destas com a minha identidade e a minha produção.

REPENSANDO O ESPAÇO

Pensando mais profundamente nas relações do espaço com a minha pesquisa teórica e artística que envolve as conexões existentes entre sexualidade, identidade e nudez, *“a abordagem alternativa do espaço”* (2008, p. 29) de Massey encontra em minhas provocações artísticas e políticas, brechas para se fazer presente por meio das proposições trazidas pela autora, a saber (2008, p. 29): (1) *“o espaço como produto de inter-relações”*; (2) *“o espaço como esfera da possibilidade de existência da multiplicidade, no sentido da pluralidade contemporânea, como a esfera na qual distintas trajetórias coexistem”*; (3) *“o espaço como estando sempre em construção”*.

Na sua primeira proposição, Massey defende uma política de identidades construída a partir de conexões, que não se pode pensar estas enquanto um aspecto imutável e que tanto nossas identidades quanto nossas inter-relações são processos que acontecem juntos e o espaço é produto desses processos: *“o espaço não existe antes de identidades / entidades e de suas relações”* (2008, p. 30).

Desse aspecto, a construção da minha identidade bixa é fator provocante e resultado ao mesmo tempo das minhas inter-relações. O meu reconhecimento como bixa surge das relações que construo e, ao mesmo tempo, provoca outras alterações e esses processos transformam o espaço em que me encontro. Então, quando Vidarte afirma que a identidade bixa sempre virá antes, posso refletir que a minha identidade bixa provocará as transformações no espaço onde me encontro. De forma que tenho na minha produção artística o elemento para transformar o espaço a partir das minhas inter-relações.

Pensando nisso, quando trago para **Shibari-me** a bandeira do orgulho LGBTQIAP+ que é colocada sobre o meu corpo é a minha forma de reafirmação da minha identidade bixa como símbolo da minha construção política de um sujeito que luta, é fonte de onde posso me inspirar para me fortalecer diante das injustiças, de lembrar quem eu sou e que, apesar das toxicidades, minhas identidades foram construídas em conexão com uma série de relações que me dão coragem para continuar e alterar o espaço:

A existência política nasce de uma posição de sujeito que luta.
Uma posição de sujeito que nasce de uma decisão voluntária, estratégica, conjuntural a partir de uma situação de opressão e injustiça dada. E chega de precauções. Injustiça estrutural + gente que sofre essa injustiça + vontade de luta e de subverter tal situação injusta: não precisa de mais nada para o surgimento de um sujeito político capaz de realizar uma pequena, média ou uma grande revolução. (Paco VIDARTE, 2019, p. 61)

Seguindo adiante e pensando na segunda proposição, Massey escreve:

A estória do mundo não pode ser contada (nem sua geografia elaborada) como a estória apenas do "Ocidente", ou a estória, por exemplo, daquela figura clássica (irônica e frequentemente, ela própria essencializada) do macho branco, heterossexual e que essas

eram histórias particulares, entre muitas outras (e sua compreensão através dos olhos do Ocidente ou do macho heterossexual é ela própria específica). (Doreen MASSEY, 2008, p. 31)

Nas minhas práticas artísticas, quando as afirmo como políticas, eu estou buscando justamente a pluralidade, a quebra de construções hegemônicas. Quando trago a sexualidade, a nudez, o explícito para a superfície, não é com o intuito de chocar, mas de provocar reflexões sobre como a história colocou essas temáticas nos espaços fechados, censurados.

Crescemos em meio a padrões eurocentrados que não nos pertencem, mas que nos são impostos pela própria colonização da nossa sociedade brasileira e entender-se parte desta organização é um processo doloroso por dois aspectos, talvez não únicos, mas que aponto como principais: primeiro, olhar para si e isso nunca é fácil. Sou uma bixa branca cis nascida num corpo biologicamente masculino, o que me coloca com um pau entre as pernas e junto com todas essas características me estabelecem dentro de zonas de privilégios e se perceber dentro dessas zonas não é um processo fácil, mas que é necessário. Não foi fácil para mim entender meus confortos, nem foi um processo rápido. Até alguns anos atrás, eu já estava na Universidade de Brasília quando comecei a perceber ainda mais a minha branquitude quando ainda nem sabia o que essa palavra significava. No entanto, é um processo que todos nós precisamos passar e indispensável para podermos nos preparar para o que considero o processo ainda mais doloroso: lutar pela mudança dentro de uma construção social que me é muito anterior.

E esses processos não acontecem de forma cronológica – primeiro um e, então, o outro – eles são constantes e simbióticos, mas, uma vez iniciados, dificilmente podem ser interrompidos, por mais que determinados setores da sociedade, geralmente os que desejam permanecer em suas zonas de privilégio, façam de tudo para oprimi-los. Quando me entendi como bixa, comecei a perceber meu papel neste processo de como nossa sociedade é construída e como ela deve ser repensada a partir de sua multiplicidade e como diferentes saberes podem e devem coexistir. Enquanto bixa brasileira, pensar menos do ponto de vista do olhar ocidental europeu ou estadunidense e mais profundamente sob o ponto de vista do sul global (lembra das *“Epistemologias do Sul”*?).

Pensamentos estes que alimentam minhas pesquisas teóricas e práticas artísticas. As escolhas que tenho feito são resultados de um processo de resignificação, de não mais contar nossa história pelo aspecto posto como aponta Massey em sua segunda proposição, mas a partir de outras abordagens, outras possibilidades.

Quando escolhi no meu caminho artístico falar de temas como sexualidade e pornografia, por exemplo, o fiz sabendo que não seria um caminho cheio de flores, mas, ainda assim, entendia como essencial para esta mudança do olhar e do espaço ao meu redor. Durante esse caminho, tenho encontrado várias pessoas incríveis que agarraram minhas mãos para seguirmos juntas. Em alguns momentos, eu as guio. Em outros, elas me guiam, mas sempre em um processo de conexão, de coletividade. Isso não significa que pessoas totalmente contrárias a essas ideias não aparecerão e, por algum tempo, até confiaremos nelas como se fossem aliadas até o momento em que elas demonstram suas verdadeiras faces. É uma palavra aqui; uma negação ali; uma câmera fechada acolá; pequenas ações que vão nos poluindo a mente e o corpo. E, quando percebemos, nossa energia já foi sugada a ponto de pensarmos até em desistir.



Figura 89

Shibari-me

Chris, The Red
Performance
São Paulo/SP
2021

Artistes convidadas:
Rainnery e Max Uranio
Registros: Bruno Novadvorski

Mas sou bixa e sou artista e a gente não desiste fácil. Se assim o fizéssemos já estaríamos extintos. A gente se agarra àquela força que sempre nos impulsionou adiante e continuamos nossa busca. **Shibari-me** é meu consentimento de deixar meu corpo ser “controlado”. É meu expurgo e meu processo de ressignificar o que me foi imposto. Poderia descrevê-la ainda como um ritual de energização da minha mente, do meu corpo, para continuar o caminho escolhido para se desvencilhar do olhar cisheteronormativo machista patriarcal e pensar novos saberes que sejam múltiplos, pois, como afirma Massey: *“Sem espaço, não há multiplicidade; sem multiplicidade, não há espaço”* (2008, p. 29).

E se as inter-relações e as multiplicidades habitam nossos espaços, esses não poderiam ser acabados ou fechados e é o que nos traz a terceira proposição de Massey:

Imaginar o espaço como sempre em processo, nunca como um sistema fechado, implica insistência constante, cada vez maior, dentro dos discursos políticos, sobre a genuína abertura do futuro. É uma insistência baseada em tentativa de escapar da inexorabilidade que, tão frequentemente, caracteriza as grandes narrativas ligadas à modernidade.
(Doreen MASSEY, 2008, p. 31 e 32)

E estando em constante transformação, metamorfose, não podemos desistir, pois há sempre a possibilidade de seguirmos, de alterarmos nem que seja uma mudança que pareça mínima para alguns; mas para outras, será infinita. Então, se o livro de Doreen é *“sobre o desafio do espaço, os múltiplos artificios através dos quais esse desafio tem sido tão persistentemente evitado, as implicações políticas de praticá-lo de maneira diferente”* (2008, p. 34), **Shibari-me** é sobre o desafio do continuar ser bixa: uma bixa-artista, uma bixa-política, uma bixa-pós-pornográfica-contrassexual, uma bixa que fez a escolha de não aceitar as determinações do seu tempo, que consentiu ser amarrada e ter prazer no processo. Ao final da performance, estava esgotado e mais vivo do que nunca (Figura 89) e pronta para tomar as decisões necessárias para continuar minha jornada. Pessoas tóxicas podem até tentar, mas elas nunca serão mais fortes que a potência do afeto e da sexualidade existentes em nós. Rainnery e Max me guiaram, naquele momento, foram suas mãos que me guiaram sob o olhar sempre atento, amoroso e carinhoso do marido.

Pensar a minha prática artística a partir da abordagem de Massey sobre o espaço foi um grande e provocante exercício. Primeiro, pois é sempre um desafio se colocar no papel de questionar o que já está posto. Ela se colocou neste papel de imaginar o espaço sobre outras possibilidades: *“imaginar espaços para estes tempos”* (p. 34). E como tal, tenho tentado me colocar nesse papel também, nesse desafio de buscar pensar a discussão teórica e a minha prática artística sob outros olhares, principalmente para estes tempos em que as adversidades surgem em diferentes lugares e a arte se torna uma ferramenta essencial para provocar reflexões e mudanças. Tanto sobre mim (o olhar sobre si) como sobre o que está à minha volta.

Shibari-me foi esse olhar sobre mim a partir de situações adversas, mas também conexão entre a minha produção de arte com as ideias propostas por Massey sobre o espaço, na qual busquei pensar o meu ser bixa político, suas interrelações e a constituição/mutação dos espaços, seja o espaço do meu corpo, seja o espaço ao meu redor. Realizar essa performance foi uma etapa importante e essencial no processo dessa jornada-mestrado. Quando pensei na construção da performance, foi como uma forma de expurgo da energia ruim que habitava em mim. Foi um chamamento da memória, da



Figura 90

**Corpos e Violência.
Série: O Feminino.
Ensaio: Potências
menstruais,
Prisões que mutilam**

Naiara Laila
Fotografia Digital: Jorge Hynd
São Paulo/SP
2020

força, da energia de todas as bixas, sapas, trans, não-binárias, intersexo, bissexuais, assexuais, pansexuais, queer e todas as pluralidades das pessoas que vieram antes de mim e lutaram por nossos espaços, nossos direitos

e potencializaram nossas vozes. Foi um pedido de benção para todas as corpos LGBTQIAP+ que foram mortas pelo CIS-tema, para todes es corpos LGBTQIAP+ que foram mortes pelo patriarcado e para todos os corpos LGBTQIAP+ que foram mortos pelo preconceito.

Foi uma reflexão sobre a violência que há nos CIS-temas, inclusive, no de arte e acredito na importância da representação explícita que percebo não apenas nas minhas putarias artísticas, mas também nos trabalhos de outros artistas, como os

da artista brasileira Naiara Laila. Por exemplo, na sua obra *Corpos e Violência / Série: O Feminino / Ensaio: Potências menstruais, Prisões que mutilam* (2020) (Figura 90), na qual ela se utiliza do seu próprio sangue menstrual como materialidade de criação da sua obra. É muito perceptível a força de suas fotos e seu discurso em relação a mulher, a violência contra a mulher e a objetificação do corpo feminino.

Sobre as temáticas relacionadas com a sua fotografia, Naiara diz:

Entre os vários lugares que me coloco dentro da fotografia, um deles é de mostrar as minhas inquietações, de ser uma ferramenta para mostrar as inquietações do mundo, principalmente, do Brasil, das desigualdades, o preconceito, o conservadorismo e também vem de um lugar muito humanizado de tratar o que precisa ser visto, pois as pessoas vivem em suas bolhas, e se não sairmos destas, não saberemos que tem uma pessoa passando fome. (Naiara LAILA, 2021)

e no caso específico da mulher e de se colocar desnuda em suas fotografias, ela diz:

Meu trabalho é incômodo, é tudo que não pode ser falado, é a mulher que é estuprada e quanto mais eu me colocar desnuda, quanto mais explícito, menos violentada você é, pelo menos na forma como eu coloco na fotografia, que fujo da sensualidade. Como minha cara tem um semblante mais tenso nas fotos, isto já afasta os caras. No começo, tinha mais mensagens invasivas. Ao longo do trabalho, foi diminuindo. Minha fotografia não é para alimentar o patriarcado. Assim, preciso definir as bases da sexualização no patriarcado e definindo esta base, eu tento não entrar nela e a partir disso, vou construindo minhas fotografias" (Naiara LAILA, 2021).

Outro artista que traz estas questões das violências sobre nossas corpos é o brasileiro Julio Leão e seu projeto *Temperos da Carne*⁶¹ (desde 2017) (Figura 91). Acho fantástico quando Julio traz as corpos temperadas com açafrão, colorau, páprica, cominho, entre outros, e todos os significados que existem por trás desses temperos que cobrem as corpos e pensá-las como carne é pensar nos processos de objetificação e violentação da corpa mulher, negra, trans, bixa etc. É refletir sobre quais corpos são consumíveis e como precificamos as corpos em nossos processos relacionais, nas estruturas sociais e CIS-têmicas.

A arte tem este papel fundamental de refletir sobre violências, não apenas as que acontecem fora, mas, e



Figura 91
**Tempero da Carne
(Chris, The Red)**
Julio Leão
Fotografia
São Paulo/SP
2018

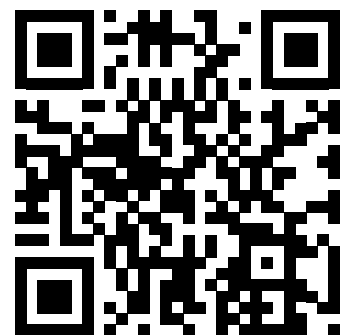
principalmente, as que acontecem dentro do próprio CIS-tema de arte. O olhar para dentro é tão importante quanto o para fora e **Shibari-me** foi a minha dose vacinal composta de afeto, memórias, lutas, orgulhos, gozos, desejos para seguir adiante na minha jornada. Foi um olhar mais profundo em mim, mas também um olhar para as violências intrínsecas às artes.

(PAUSA: INÍCIO)

<https://bit.ly/DUOCUposCORPOS0211out21>

OS REGISTROS DESTA PERFORMANCE
FORAM PUBLICADOS NA REVISTA PÓS
CORPOS. FAÇA UMA PAUSA E CLIQUE NO
LINK OU PELO QR CODE

(PAUSA: FIM)



61 Disponível em <https://linktr.ee/temperodacarne.projeto>. Acesso: 16 outubro 2022.

Figura 92

O Terço

Chris, The Red

Objeto

São Paulo/SP

2021

Registro: Chris, The Red



TODES NÓS QUE ESTAMOS
POR AT, NOS CÉUS, NOS INFERNOS,
MAS KVAS E EM QR LUGAR.
RESPEITADOS SEJAM OS UHNES
POR NÓS ESCOLHIDOS.
VENHAM ANTES CONSTRUIR OS
NOSSOS REINOS,
SEJAM HONRADAS AS NOSSAS ~~UNHAS~~
VONTADES. AQUI NA TERRA E AGORA,
AS INSURGENCIAS NOSSAS DE CADA
DIA SEJAM PEITAS.
NÃO PERDEMOS POR PÃO PELOS
CUS ESCALCAREADOS.
ASSIM COMO NÃO PERDOAREMOS
O SAUQUE EM VESSAS MÃOS.
NÃO NOS DEIXEM ESQUECER
O TESÃO, MAS LIVRAM-NOS
DE TODA CORTIÇA.
AMÉM,



Figura 93

Oração a Contrapelo

Chris, The Red

Texto-Objeto

São Paulo/SP

2021

Registro: Chris, The Red



<https://bit.ly/CTROracaoAContrapelo>

Figura 94

Oração a Contrapelo

Chris, The Red

Performance

São Paulo/SP

2021

Print: Chris, The Red





Figuras 95, 96, 97, 98, 99 e 100

Oração a Contrapelo

Chris, The Red

Performance

Exposição Além da Parada

Curadoria: Filipe Chagas

Galeria Objectos do Olhar

São Paulo/SP

2022

Registros: Bruno Novadvorski



O CIS-TEMA DE
ARTE É FANÁTICO
RELIGIOSO ...

... quando construções
religiosas interferem
em processos
artísticos, em
existências e se
colocam objetos em
pedestais pelos quais
se destilam
palavras de ódio.

AJOELHO, TEM QUE REZAR

De acordo com o Dicionário Online de Português, o Dicio, *Contrapelo* significa: “direção contrária à inclinação natural do pêlo; revés do pêlo. A contrapelo, ao revés, ao arpejo”.⁶²

Ao longo da minha construção como sujeita bixa, fui confrontado várias vezes por normatividades com as quais eu não me identificava. Papéis sociais que eu deveria executar, mas não me causavam tesão. Ir contra o fluxo me trazia provocações mais necessárias em nossos processos de aprendizagem enquanto indivíduos pertencentes a uma cadeia de conexões que muitos chamam de sociedade, de entender a ideia de uma perspectiva a contrapelo.

Assim, fui buscando me perceber nessas provocações e como tudo isso se conectava às minhas próprias questões, a minha própria arte e não deixo de pensar no texto *Por uma semântica profunda: arte, cultura e história no pensamento de Franz Boas* (1998), de Kátia Almeida, especialmente no trecho:

Com efeito, Boas é explícito ao afirmar que, de modo geral, o estilo tem o poder de limitar a criatividade do artista, pois "se admitimos que gênios potenciais (...) podem surgir em qualquer cultura, então a uniformidade das formas artísticas em um dado grupo só pode ser compreendida a partir dessas limitações" (1955 1927 :156). (Kátia ALMEIDA, 1998, p. 25).

Sempre me senti, desde ainda criança, neste espaço do entre-espaço, de não me ver nem lá nem aqui, mas transitando e isso se reflete na forma como escrevo e nas minhas putarias artísticas. Nunca desejei ser reconhecido seja por um estilo único ou uma linguagem única. Sempre me causou uma estranheza esse tipo de reconhecimento. Me percebia muito mais nas transições dos espaços do que nos próprios espaços em si, o que me levou a pensar a construção do meu trabalho artístico fora (ou nos entre-meios) desses espaços das cisheteronormatividades, principalmente, dos papéis que esperavam de mim por ter nascido com um pau entre as pernas.

Então, me percebendo nestes “entres”, aspectos como religião e sexo fazem mais sentido, de um ponto de vista mais pessoal, serem mais amantes do que antagonistas. **Oração a Contrapelo** (2021), formada por três elementos: o objeto **O Terço** (2021) (Figura 92), o texto-objeto **Oração a Contrapelo** (2021) (Figura 93) e a performance **Oração a Contrapelo** (2021) (Figuras 94 a 100) é muito mais uma relação de amor carnal do que “isto” versus “aquilo” e, a seguir, vou traçando os caminhos que levaram à sua construção e as relações com a minha formação religiosa/espiritual e o meu fazer artístico dentro dessa perspectiva de uma sociedade pautada por violências contra o nosso ser e a nossa sexualidade.

Oração a Contrapelo vem se unir ao longo e já existente debate, principalmente, no campo das artes, sobre dois aspectos muito importantes: nossa religiosidade e nossa sexualidade e as interseccionalidades intrínsecas a ambos, como: gênero, identidades e raças. Em 2008, André Musskopf, na sua tese de doutorado *Via(da)gens teológicas: itinerários para uma teologia queer no Brasil*, apontou para a importância dessas duas dimensões em nossas vidas e “que são raras as reflexões que discutem estas temáticas (religiosidade e sexualidade) simultaneamente” (André Sidnei MUSSKOPF, 2008, p. 31). Assim, com esse projeto busco, junto-me a outros artistas como Marcia X, Paulx Castello

⁶² Disponível em <https://www.dicio.com.br/contrapelo/>. Acesso: 01 novembro 2021.

e Ventura Profana, para apresentar estes meus amantes tão importantes na minha construção enquanto Sujeita Bixa: sexualidade e religiosidade.

OS AMANTES: SEXO E RELIGIÃO

Voltando à tese de Musskopf, cito o trecho abaixo para em seguida traçar dois perfis importantes sobre mim e a formação da minha personalidade:

Sexo e religião são duas dimensões fundamentais da vida de brasileiros e brasileiras que, ao longo da história do país, se converteram em motivo de orgulho e identificação e se tornaram foco do desenvolvimento de rotas turísticas provocando tanto uma movimentação interna, quanto atraindo visitantes de outras partes do mundo. São, afinal, uma gente extremamente sensual e com uma fé abundante, ou pelo menos assim são vistos/as e gostam de entender a si mesmos/as.

Na área da sexualidade, o que atrai e provoca esta movimentação é a suposta liberdade sexual e o erotismo dos quais os festejos populares do Carnaval são a expressão mais vívida e representativa. Na área da religiosidade, o maior país católico (religioso) do mundo atrai e provoca movimentações por suas incontáveis romarias, procissões e peregrinações aos santuários da fé, muitas das quais transformadas em patrimônio cultural. Tanto com relação a uma quanto a outra, há dispositivos e instituições voltadas para o controle e policiamento, buscando garantir a manutenção de uma certa ordem e o estabelecimento dos comportamentos e práticas aceitáveis. Tais dispositivos e instituições também promovem a separação rígida entre uma e outra, justamente por não conviverem bem com as formas como elas são experimentadas. Ainda assim, parece que, nem no nível dos comportamentos, nem no nível da separação entre elas, este controle consegue eliminar os elementos de ambigüidade na forma como são vividas. (André Sidnei MUSSKOPF, 2008, p. 30).

Fui criado em uma família católica. Estudei da segunda série até o terceiro ano científico (como era chamado na época o ensino médio) em colégios religiosos. Da 2ª a 4ª série, em um colégio evangélico – que não tinha ainda a significância de hoje – e a conclusão dos meus estudos pré-UnB em um colégio de padres. Minha mãe é uma católica praticante, no entanto, e acho importante frisar, sua religiosidade nunca me foi imposta como uma herança a que eu tinha o dever de seguir. Pelo contrário e, exercendo o meu livre arbítrio, me senti à vontade de seguir dentro da instituição católica – com todos os seus ritos, rituais e possibilidades, exercendo, inclusive, o papel de coordenador litúrgico entre os anos de 1996 e 1997. No entanto, nos meus 19 anos, quando percebi que já não era um espaço no qual me sentia pertencente, resolvi sair da instituição da igreja católica, o que não quer dizer que eu tenha deixado de lado a minha religiosidade, pois sempre percebi como aspectos independentes, a instituição da religião e a minha religiosidade/espiritualidade.

Fui criado em uma família matriarcal com mulheres e pensamentos à frente do seu tempo e, por conta disso, recebi, ainda na minha infância, educação sexual. Aprendi ainda cedo a anatomia dos corpos biológicos masculino e feminino e suas diferenças anatômicas. Além disso, fui ensinado sobre sexo, respeito, consentimento. Fui ensinado

sobre heterossexualidade e homossexualidade. Esses temas nunca foram tabus na minha casa, de forma que quando tive a primeira experiência da minha sexualidade, ela foi feita com muito autorrespeito e desejo. Não carrego comigo traumas relacionados com a sexualidade e, por isso, defendo a importância de que sexo e religião devem ser discutidos ainda na infância, como minha mãe fez comigo, com liberdade, clareza e sem tabus.

Esses dois aspectos da minha existência – sexualidade e religiosidade – cresceram juntos como amantes. Estar na instituição católica era a amante que contribuía para o desenvolvimento da minha espiritualidade. Na construção da minha sexualidade, até os meus 18 anos, ambas (minha sexualidade e estar na instituição católica) se relacionavam muito bem, mas com minha maior participação nos bastidores desta, quando assumi o papel de coordenador litúrgico e também com o maior acesso a internet e ao que acontecia no mundo, fui me dando conta do quanto a minha sexualidade era *persona non grata* no espaço da igreja católica: “o Vaticano afirmou, nesta segunda-feira (15) que padres e outras autoridades da Igreja Católica não podem abençoar uniões entre pessoas do mesmo sexo e que, se isso acontecer, elas não seriam oficiais” (canal de notícias G1, 2021)⁶³. [A notícia é recente, mas a intolerância é antiga].

Recordo-me de dois fatos que aconteceram na minha vida quando era membro da liturgia na paróquia da Cidade Ocidental, Goiás, entorno do Distrito Federal. Foi durante o primeiro semestre da minha graduação em Relações Internacionais, na Universidade de Brasília. Na época, morava na casa da minha madrinha e participei do *Segue-me*, um encontro católico para jovens que reunia debates, discussões, leituras da bíblia e várias outras atividades, entre elas, peças de teatro, e foi numa dessas que os amantes tiveram sua primeira DR. A peça era sobre pessoas que a igreja católica via como pecadoras. Cada uma das personagens se apresentava dizendo qual o seu pecado e uma delas se apresentou: “sou gay”.

Lembro-me de ter pensado: “eu também sou gay e isso não faz de mim um pecador”. Não que eu vivesse em uma bolha no fantástico mundo de Pollyanna, tinha total consciência sobre as questões e os preconceitos relacionados à homossexualidade. A AIDS já era um fato, o medo do HIV era presente e por mais que minha homossexualidade estivesse muito tranquila em mim, até então, ter ouvido aquela pessoa ter dito “sou gay” no espaço da instituição católica que havia escolhido para ser minha amante espiritual me causou muitos incômodos e comecei a questionar se gostaria de continuar a ser parte, já que ali eu era um “pecador”.

Algum tempo depois, outro episódio aconteceu. Na época, minha madrinha pediu para uma mãe de santo fazer uma limpeza espiritual na nossa casa e em nós e por mais que eu nunca tivesse tido contado até aquele momento com as religiões de matriz africana, não vi como um problema participar do ritual de limpeza. Pelo contrário, gostei muito de participar, dos cantos, do banho no rio, me senti extremamente leve. Alguns dias depois, pessoas pertencentes a comunidade litúrgica da paróquia que eu participava foram me visitar, dizendo que tinham ouvido que eu havia participado de um ritual de outra religião e queriam saber se era verdade. Confirmei que sim e aí começou um blá blá blá chato, preconceituoso e intolerante. Gentilmente, pedi que se retirassem da minha casa. Algum tempo depois, me divorciei da igreja católica. Minha espiritualidade não cabia naquele espaço tão limitador.

63 Igreja Católica não pode abençoar as uniões do mesmo sexo, diz Vaticano. Site G1. Publicada em 15 de março de 2021. Disponível em g1.globo.com/mundo/noticia/2021/03/15/igreja-catolica-nao-pode-abençoar-as-unioes-do-mesmo-sexo-diz-vaticano.ghtml. Acesso: 15 novembro 2021.

MÉNAGE À TROIS: SEXUALIDADE, RELIGIOSIDADE E ARTES

Quando o campo das artes foi ocupando seus espaços em minha existência, como nas primeiras poesias que escrevi na minha adolescência ou nos meus trabalhos fotográficos a partir de 2011, aspectos da religião e da religiosidade são constantes. Vejo, nessa conexão, potencialidades dos discursos políticos que tenho defendido em minha arte, mas sem o intuito de defender se toda arte é ou não política, mas de pensar na própria forma como fui construindo o meu fazer artístico como esse espaço de debate político e tendo uma criação católica tão presente, não teria como deixar de lado esse aspecto nas minhas putarias artísticas, uma vez que as instituições religiosas têm sido, ao longo da nossa história, um daqueles espaços de controle abordados por Muszkopf.

Trazer aspectos da religião para questionar o controle religioso sobre nossa sexualidade, sobre nossas vidas. Para questionar a violência, o poder, o preconceito da instituição católica - faço o recorte para a instituição da igreja católica por ter sido



Figura 101
**Sacra-Sexualis I:
Primus in deliciis
vixerunt**
Chris, The Red
Fotografia
São Paulo/SP
2018

onde aconteceu minha formação religiosa e não por que seja a única que apresente esses aspectos é essencial para refletirmos sobre o CIS-tema de arte. Acredito profundamente no poder político e transformador da arte, no seu papel por nos fazer repensar aquilo que tomamos como verdade e tentar, mesmo que minimamente, causar rupturas nesses CIS-temas. Assim foi com *Sacra-Sexualis*⁶⁴ (2018) (Figura 101), *Religião Que Sufoca*⁶⁵ (2018), *A Libertação de Cristo*⁶⁶ (2019), *Que Me Trazem Os Reis?*⁶⁷ (2019), *Questões Contemporâneas*⁶⁸ (2019) e agora, com **Oração a Contrapelo** (2021).

Na medida em que fui desenvolvendo esses trabalhos, fui pensando também nos pedestais onde determinados símbolos religiosos são colocados e o quão perigosos esses podem

64 Disponível em <https://bit.ly/CTRSacraSexuallis>. Acesso: 15 novembro 2021.

65 Disponível em <https://bit.ly/CTRReligiaoQueSufoca>. Acesso: 15 novembro 2021

66 Disponível em <https://bit.ly/CTRALibertacaoDeCristo>. Acesso: 15 novembro 2021

67 Disponível em <https://bit.ly/CTRQueMeTrazemOsReis>. Acesso: 15 novembro 2021

68 Disponível em <https://bit.ly/CTRQuestoesContemporaneas>. Acesso: 15 novembro 2021

ser, principalmente, quando observo violências colocadas em prática na busca de uma defesa da moral, dos bons costumes e da família de bem. Recentemente, a artista negra brasileira Mãe Correria teve seu graffiti *Nossa Senhora do Matriarcado* (Figura 102) censurada e apagada pela Prefeitura de São Paulo após denúncias de um vereador do MDB, “o parlamentar publicou vídeos em suas redes sociais dizendo que o graffiti desrespeitava Nossa Senhora Aparecida, um símbolo da fé católica” (Thiago BORGES, 2021).



Figura 102
Nossa Senhora do Matriarcado
Mãe Correria
Graffiti
São Paulo/SP
2021
Fonte: site Periferia em Movimento

Figura 103
Amén o la Pederastia
Abel Azcona
Instalação-Performance
Pamplona, Espanha
2015-2020
Fonte: site Abel Azcona



Um outro caso é do artista espanhol Abel Azcona que, somente no último mês de abril de 2021, teve uma denúncia feita contra ele em 2019 arquivada⁶⁹. Membros da igreja católica abriram um processo por conta da obra *Amén o la Pederastia* (2015-2020) (Figura 103), para a qual ele utilizou 242 hóstias consagradas para escrever a palavra “Pederastia” e denunciar os abusos sexuais a crianças por membros da igreja católica⁷⁰. Em ambos os casos, Mãe Correria e Abel foram

69 Disponível em https://www.eldiario.es/cultura/arte/abel-azcona-no-profugo-justicia-espanola-juez-archiva-denuncia-artista-delitos-sentimientos-religiososya-no-profugo-justicia-espanola_1_7825378.html.

Acesso: 15 novembro 2021.

70 Disponível em <https://abelazcona.art/amenolapederastia>. Acesso: 16 outubro 2022.

categorizadas como profanadores e ambos são apenas uma ínfima parte das diversas formas de repressão feita a artistas que sofreram algum tipo de violência por se utilizarem dos símbolos ditos sagrados, o que, para os agressores, justificaria a violência, os abusos, a censura. No entanto, é aí que está o grande papel da arte: romper com essas crenças, retirar esses objetos desses espaços sacros de poder. Como bem escreve Paul B. Preciado, no livro *Um Apartamento em Urano*:

"Enquanto o profeta e o político se esforçam para santificar as palavras, ocultando sua historicidade, cabe à filosofia e à poesia [às artes], como sugere Giorgio Agamben, a tarefa de profanar as palavras sagradas para devolvê-las ao uso cotidiano" (Paul B. PRECIADO, 2020, p. 118).

E aqui, quero fazer uma pausa antes de adentrar na obra em si. Talvez algumas pessoas possam pensar que Mãe Correria e/ou Abel Azcona não teriam realizado qualquer tipo de profanação no sentido mais agambiano⁷¹, ao criar suas respectivas obras. A questão não é esta, mas o fato de que as pessoas que criticaram os artistas e/ou as obras entenderam que eram profanações pois se utilizaram de elementos "sagrados" na criação delas e fizeram ameaças, pois, no caso de Mãe, a imagem de Nossa Senhora não poderia ser utilizada em um grafitti, mesmo tendo a artista, após a ameaça, afirmado que sua obra não retratava uma santa ou qualquer entidade religiosa, mas a sua avó⁷². E ainda assim, sua obra foi apagada do muro onde estava. Ainda assim, ela profanou. É uma profanadora e como tal, para os conservadores de plantão, merecia ser apagada. E se somos profanadores, assumo este papel como Profanador[a][e] do CIS-tema de arte.

Com a ascensão do "*Cristofacismo Brasileiro*" (Rafael LEOPOLDO; Alessandra MAWU apud PY, 2022, p. 112), principalmente, no governo de Bolsonaro e especialmente, no contexto da pandemia pelo Coronavírus, a religião assumiu uma função ainda mais central nos discursos políticos e na formação, o que Rafael Leopoldo e Alessandra Mawu chamam de o "*microempreendedor de si religioso*" (Rafael LEOPOLDO; Alessandra MAWU, 2022, p. 112), que traz para sua vida pessoal a lógica empresarial e "*quando o indivíduo é produzido como uma empresa, duas coisas resultam: 1) um novo tipo de individualismo; e 2) a brutal ausência de alteridade*" (Rafael LEOPOLDO; Alessandra MAWU, 2022, p. 114). De forma que

O que se percebe no bolsonarismo é, algumas vezes, uma espécie de indiferença às pessoas e, em outras, um prazer sádico em

71 No capítulo Elogio da Profanação do livro *Profanações*, Giorgio Agamben traz o seguinte sobre esta relação entre o sagrado e o profano: "*Sagradas ou religiosas eram as coisas que de algum modo pertenciam aos deuses. Como tais, elas eram subtraídas ao livre uso e ao comércio dos homens, (...) Sacrílego era todo ato que violasse ou transgredisse esta sua especial indisponibilidade, (...). E se consagrar (sacrare) era o termo que designava a saída das coisas da esfera do direito humano, profanar, por sua vez, significava restitui-las ao livre uso dos homens. "Profano" - podia escrever o grande jurista Trebácio - "em sentido próprio denomina-se àquilo que, de sagrado ou religioso que era, é devolvido ao uso e à propriedade dos homens".*" (AGAMBEN, 2007, s/p) E ao longo do capítulo, o autor vai traçando uma série de relações em torno da construção do sagrado e do profano e as intersecções com as construções sociais, religiosas, culturais e econômicas. Além disso, a partir de Walter Benjamin e seu conceito de "*capitalismo como religião*" (AGAMBEN, 2007, s/p), Agamben apresenta como a ideia de profanação foi aproveitada pelo sistema capitalista como discurso de controle social e de consumo, criando o que chamou de "Os Improfanáveis": "*Se profanar significa restituir ao uso comum o que havia sido separado na esfera do sagrado, a religião capitalista, na sua fase extrema, está voltada para a criação de algo absolutamente Improfanável!*" (AGAMBEN, 2007, s/p). E a partir daí, ele vai nos trazendo aspectos como museus, linguagem, mídia, pornografia como dispositivos de controle do que pode ou não ser profanado e termina afirmando que "*é importante toda vez arrancar dos dispositivos - de todo dispositivo - a possibilidade de uso que os mesmos capturaram. A profanação do improfanável é a tarefa política da geração que vem.*" (AGAMBEN, 2007, s/p).

72 Ver em <https://periferiaemmovimento.com.br/nossasenhoradomatriarcado/>. Acesso: 13 março 2022.

mergulhar na doença; em alguns momentos, percebemos uma total apatia e em outros, um desejo sádico por contato. (...) Consequentemente, não há um processo de identificação, nem luto nem melancolia. A empresa não chora por seus empregados, apenas os substitui. (Rafael LEOPOLDO & Alessandra MAWU, 2022, p. 114).

E esta não identificação com a outra pessoa, talvez explicaria o que leva um homem a matar uma pessoa, arrancar seu coração e colocar uma imagem de Nossa Senhora Aparecida sobre o tórax da vítima como aconteceu em Campinas, em 2019, quando um homem de 20 anos, sem antecedente criminais, desempregado e, de acordo com exames realizados pela Polícia Militar, não se encontrava sob efeitos de álcool ou entorpecentes, matou uma travesti dona de um bar onde trabalhava, afirmando que atendeu a um “chamado divino” e que ela era um “demônio”⁷³. E pensando sobre a mesma lógica dos agressores de Mãe Correria e/ou Abel Azxona e ainda, se noss[e][a][o] corp[e][a][o] é nosso templo sagrado, a corpa da mulher também foi profanada.

Nesse sentido, o projeto **Oração a Contrapelo** é a minha forma de expressar o sentimento de “profanação” nessa busca a contrapelo no seu significado de ir não apenas na direção contrária, mas também para direções diversas – *“de profanar o improfanável”* (Giorgio AGAMBEN, 2007, s/p). De pensar outras religiosidades, pois quando me “divorciei” da igreja católica não rompi como minha espiritualidade, pelo contrário, abriu espaços para criar outras relações com ela, na qual minha sexualidade e minha religiosidade são minhas amantes-guia. Nessa putaria artística, me aproprio de elementos da minha formação católica para a sua construção: o terço, a oração e a reza.

O TERÇO

Um dos principais símbolos sagrados da igreja católica é o terço. Objeto no qual é colocado a fé para que um pedido aconteça e também, o agradecimento e é a partir dele que construo a primeira parte desse projeto artístico: **O Terço** (2021) (Figura 92), feito com camisinhas, madeira e EVA.

Criar esse objeto feito com camisinhas foi o meio que encontrei de trazer/provocar reflexões sobre os diversos posicionamentos da igreja católica ao longo da história em relação às nossas corpas, ao papel reprodutor do sexo, às relações sexuais e afetivas, ao HIV/AIDS, ao uso de contraceptivos e da camisinha, aos apagamentos e silenciamentos impostos. Só muito recentemente, com o papa Bento 16 e, depois, com o Papa Francisco, a igreja católica, finalmente, começou a alterar seus posicionamentos em relação a métodos contraceptivos, mas ainda muito longe de um pensamento mais humanizado⁷⁴.

⁷³ Ver em <https://www.acidadeon.com/campinas/cotidiano/regiao/NOT,0,0,1399636,apos+arrancar+coracao+homem+pos+imagem+de+santa+sobre+corpo+de+travesti.aspx>. Acesso: 13 março 2022.

⁷⁴ Ver em https://brasil.elpais.com/brasil/2016/02/18/internacional/1455808373_120037.html.

Figuras 104 e 105

Desenhando com Terços

Márcia X
Performance/Instalação
Petrópolis/RJ
2000-2003



Para a idealização desse objeto artístico, inspirei-me na performance-instalação, da artista brasileira Márcia X., *Desenhando com Terços*⁷⁵ (2000-2003) (Figuras 104 e 105), na qual a artista “de camisola branca, usou 400 terços para realizar desenhos de pênis no chão em uma sala de cerca de 20 metros quadrados.”⁷⁶. No entanto, no ano seguinte ao de sua morte, sua obra sofreria censura:

Em 2006, registros da performance *Desenhando com Terços* fez parte da coletiva itinerante "Erótica: Os sentidos da Arte" do Centro Cultural Banco do Brasil. Ao chegar no Rio de Janeiro – ironicamente a cidade-natal da artista –, políticos e religiosos exigiram a retirada da obra por ofender o catolicismo. Estabeleceu-se um debate público sobre liberdade de expressão e o Ministro da Cultura na época condenou a censura. Mesmo assim, a obra foi retirada da itinerância e as instituições culturais levaram quase 10 anos para expor algum trabalho da artista novamente (sendo esses, os com menos indícios eróticos) (Filipe CHAGAS, 2021, p. 81).

Construir esse objeto artístico a partir de camisinhas também é uma maneira de cutucar a censura a tantes artistas que ao longo de suas carreiras já sofreram agressões, violências de todos os tipos por conta do pedestal onde esses símbolos religiosos foram colocados. É lembrar de

ações como a da artista Pêdra Costa no Salão de Artes Visuais de Natal onde ela tira do cú um terço religioso (2010), a ação do Coletivo Coiote na Marcha das Vadias do Rio de Janeiro com masturbação e quebra de símbolos religiosos (2013)..., a performance de Viviany Beleboni transexual crucificada na parada LGBT de São Paulo (2015) (Bruna KURY, 2021, p. 17)

A ORAÇÃO

Durante a missa, o padre convida a todas as pessoas a ficarem de pé e rezarem a oração que o Senhor nos ensinou. Não foi nossa mãe, nosso pai, avó, amigo, foi o próprio Senhor – a entidade suprema – que nos ensinou dando ao texto da oração do Pai Nosso sua sacralidade máxima. E é a partir dela que surge a segunda parte deste projeto: o texto-objeto **Oração a Contrapelo** (2021) (Figura 93), transcrito abaixo:

Todes nós que estamos por aí, nos céus, nos infernos, nas ruas e em qualquer lugar. Respeitados sejam os nomes por nós escolhidos. Venham juntas construir os nossos reinos. Sejam honradas as nossas vontades. Aqui na Terra e agora As insurgências nossas de cada dia sejam feitas. Não pediremos perdão pelos cus escancarados. Assim como não perdoaremos o sangue em vossas mãos. Não nos deixem esquecer o tesão, mas livrai-nos de toda caretice. Amém!

Acesso 16 outubro 2022.

75 Disponível em <http://marciax.art.br/mxObra.asp?sMenu=2&sObra=26>. Acesso em 15 novembro 2021.

76 Disponível em <http://marciax.art.br/mxText.asp?sMenu=5&sText=3>. Acesso: 15 novembro 2021.

Enquanto a Oração do Pai Nosso foi ensinada pelo próprio Senhor, a Oração a Contrapelo a gente aprende nas ruas, nas violências que nos são impostas, nos contragolpes. A gente aprende com as travestis, com as monas, as sapas, as bixas, as pretas. A gente aprende no apagamento das nossas corpos dissidentes. A oração do pai nosso faz parte de um conjunto de textos sagrados, como a bíblia, e que geralmente são utilizados para argumentar discursos de ódio e preconceito. Pode observar, por trás do que violenta em nome da família de bem, da moral e dos bons costumes, sempre tem uma bíblia sendo esbravejada. É sobre a bíblia que juramos dizer a verdade e somente a verdade e nada mais que a verdade.



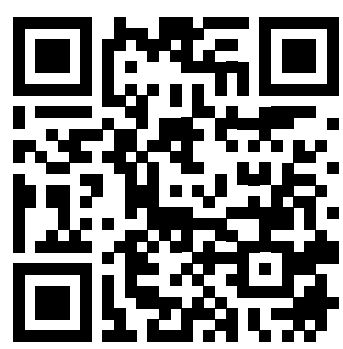
Figura 106
Novo Testamento
 Ventura Profana
 Colagem digital a partir das notas encontradas em minha primeira bíblia e na bíblia principal de minha avó materna, dimensões diversas. 2019
 Fonte: Site Prêmio Pipa

Então, é sobre a “bíblia”, neste caso, a de Ventura Profana e sua obra *Novo Testamento* (Figura 106) que digo a grande verdade sabida por tod[e][a][o]: que ao longo da história da humanidade pessoas foram violentadas, mortas, abusadas, assassinadas pelas instituições religiosas e continuam até hoje. Neste exato momento em que escrevo este texto, alguma criança está sendo abusada por um padre no mundo; uma pessoa trans sendo violentada por um devoto religioso; uma mulher sendo assediada por um médico, professor, pai e marido de uma família de bem; um filho gay sendo expulso de casa pela família que vai à missa todos os domingos pedir perdão pelos seus pecados, mas “não perdoaremos o sangue em vossas mãos” (Chris, THE RED, 2021).

(PAUSA: INÍCIO)

<https://bit.ly/CTRaBibliaProfana>

JÁ QUE ESTAMOS FALANDO DE BÍBLIA, CONVOCO UMA PAUSA NA LEITURA PARA PEDIR A VOCÊS A LEREM O CAPÍTULO 01 DO EVANGELHO DE SÃO RED DA BÍBLIA PROFANA. CLIQUE NO LINK OU PELO QR CODE



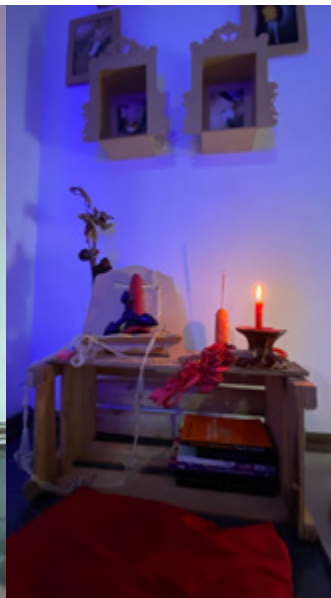
(PAUSA: FIM)

A REZA

Por fim, o ato de orar. Seja em casa ou na igreja, durante a missa, a formação católica é pautada no momento de nos ajoelharmos e rezarmos. Momento para pedir a “*absolvição dos nossos pecados*”. Somente assim, estaremos limpos para recebermos a hóstia: o corpo e o sangue de Cristo. A performance **Oração a Contrapelo** (2021) foi realizada, até então, duas vezes. A primeira, em 2021, durante a quarentena total, em minha residência (Figuras 94). A segunda vez, em 2022, já vacinado, na abertura da exposição *Além da Parada*, com curadoria de Filipe Chagas e realizada na Galeria Objectos do Olhar, em São Paulo/SP (Figuras 95 a 100)⁷⁷.

Em ambos os momentos, me coloco de joelhos diante de um altar, um Altar de Artiste composto por elementos que, entre outros, entendo como intrínsecos ao desenvolvimento do meu saber: obras artísticas e livros. São esses que me alimentam (pensando na própria hóstia). São as artes e os livros que saciam a minha fome, o meu desejo por outros saberes, por outras perspectivas a contrapelo. Entre as obras, além d’**O Terço**, estiveram presentes, no primeiro momento (Figuras 107 e 108), o incensário *Meu pau é feminino*, da Profânia Maria; uma cabeça de argila em construção, do Bruno Novadvorski; a intalação fotográfica *Sacra Sexuallis*, de minha autoria; castiçal de cerâmica, de Vania Gevaerd; e, entre os livros: *O manual do sexo anal* (2021), da Abhiyana; *Manifesto contrassexual* (2017), do Paul B. Preciado; *Crônicas do CUS* (2019), de Leandro Colling e Gilmaro Nogueira; *Corpos que*

importam (2019), da Judith Butler e *Pelo cu: políticas anais* (2016), de Javier Sáez e Sejo Carrascosa.



Figuras 107 e 108

Altar de Artiste do Projeto Oração a Contrapelo

Chris, The Red
São Paulo/SP
2021

Registros: Chris, The Red

Figuras 109 e 110

Altar de Artiste do Projeto Oração a Contrapelo

Chris, The Red
São Paulo/SP
2022

Registros: Chico Castro



77 Disponível em <https://bit.ly/CTRexpoAlemDaParada>. Acesso 16 outubro 2022.

Na realização de 2022 (Figuras 109 e 110), entre as obras: o incensário *Meu pau é feminino*, da Profânia Maria; xilogravura *Sem Título*, do Bruno Novadvorski; imagens da instalação fotográfica *Sacra Sexuallis*, de minha autoria; e, entre os livros: *Textos putos: por que gozar é tão bom? Vol. 2* (2020), da Abhiyana; *Corpos que importam* (2019), da Judith Butler; *Falo Selection* (2022), de Filipe Chagas; *A pós-pornografia como arma contra a maquinaria da colonialidade/Modos artísticos em intersecções ecológicas: ecomonstruosidades pelo fim do mundo humano, entre povos da terra e grupos dissidentes* (2021), de Bruna Kury e Mogli Saura; *Artivismos musicais de gênero* (2021), de Rose de Melo Rocha; *O espaço delirante* (2018), de Rose Steinmetz, Rafael Tomazi et al; *Ética bixa* (2019), de Paco Vidarte; *Crônicas do CUS* (2019), de Leandro Colling e Gilmaro Nogueira e *Não vão nos matar agora* (2021), de Jota Mombaça.

Além de livros, obras, camisinhas, gel, isqueiro, incenso e o texto-objeto **Oração a Contrapelo**, no porta-bíblia, encontravam-se um dildo e um plug anal. Com eles, abro o meu corpo para outros exercícios da minha sexualidade. Diante desse Altar de Artista e antes de começar a “reza”, [1] pego o plug ou o dildo e o introduzo no meu cu e o mantenho lá durante toda a reza neste monótono processo de repetição do texto-objeto a cada conta d’**O Terço**; [2] com o terço em mão, faço o sinal da cruz e mentalizo, em forma de uma jaculatória⁷⁸, um pedido às forças que me protegem para que possam me guiar nos meus caminhos. No entanto, ao deixar o plug no meu cu enquanto de minha boca saem as palavras “sacrosexuais”, interligo pontas do meu corpo – *“orificios-entrada”*⁷⁹ (Paul B. PRECIADO, 2017, p. 32) e me alimento da energia desses objetos que compõem o meu altar, da energia sexual, da energia das corpos marginalizadas que vieram antes de mim e abriram espaços para seguirmos adiante. De forma que a monotonia da repetição se canaliza em gozo no meu corpo-mente-espírito. É a partir desse altar que construo minhas outras religiosidades, ritos e rituais.

Ao me separar da instituição católica, busquei outros espaços para construir estas novas relações entre minha sexualidade e minha religiosidade. A missa que quero fazer parte e celebrar com é a de Paulx Castello: *Missa I – celebrada por Crembregui* (2017) (Figuras 111 a 115), na qual elu recria tanto a liturgia das palavras proferidas na missa católica, assim como os próprios ritos da missa (Figura 116), fazendo de sua própria corpa seu espaço de comunhão.

78 Jaculatória, do latim *jaculum* (que significa fazer Jato), são pequenas orações que lançamos a Deus dos nossos corações e podem ser feitas durante orações, novenas, terços. Ver em <https://www.nossasagradafamilia.com.br/conteudo/o-que-sao-oracoes-jaculatorias-.html>. Acesso 16 outubro 2022.

79 No livro *Manifesto Contrassexual* (2017), Paul B. Preciado nos traz dois pontos importantes da Contrassexualidade. O primeiro é a utilização de dildos e o segundo, a reconquista do ânus como centro erógeno, retirando do pênis sua centralidade no sistema heterocentrado: *“A reconquista do ânus como centro contrassexual de prazer tem pontos comuns com a lógica do direito: cada lugar do corpo não é somente um plano potencial no qual o dildo pode se deslocar, mas também um orifício-entrada, um ponto de fuga, um centro de descarga, um eixo virtual de ação-paixão”* (p. 32).



Figuras 111, 112, 113, 114 e 115

Missa I – Celebrada por Crembregui

Paulx Castello
Rosário, Argentina
2017

Frames do vídeo: Chris, The Red (2021)

Misa I

Celebrada por Crembegui
08.dic.2017

Que su orto esté con usted
Todxs: y con nosotrxs

I. Liturgia de comunión

Apertura de la celebración como visita a la propia cuerpo: celebradrx saca una de las fluidas obscenas de su cuerpo mientras comparte los motivos e intenciones del alimento de la celebración. Hoy, día 8 de diciembre de 2017 esta visita es muy importante. Nos vamos a celebrar a nosotras mismas. Vamos a reapropiarnos de nuestras cuerpos, autoreconocernos, con toda nuestra integridad política e ideológica. Haciendo un rompimiento de la colonización corporal que sufrimos.

Y LA señor dijo: garchen y meense en celebración a si mismos!

Que su orto esté con usted
Todxs: y con nosotros



II. Celebración de autoreconocimiento

La importancia política de apropiarse del auto-placer anal. Orto, cu, rabo, rosca, traga leche, baba porra, ojete, poto, cuceta, ortoncha! La ortoncha. Este es nuestro objetivo, zorras. Queremos deconstruir la vergüenza anal hasta que llegue a la ortoncha. Abierta, dilactada. Un organo hecho para el placer. Pero acuerdense bien: "aca el agujero no es para los machos" (linn:jp24). Abrimos nuestra ortoncha para nosotras. Para nuestro placer y porque somos dueñxs de nuestras cuerpos. Queremos la liberación y la apertura para compartimos entre nosotras: putas abortistas, maricas kutres, tortas mounstruosas, travestis vagabundas y toda la manada degenerada. Aquí, la monogamia no tiene espacio, y la endogamia se hace necesaria.

Zorras, empien a probar de esta alegría que es su orto. CELEBRANTES SAQUEN SUS ROPAS. Con un (o más) dedo(s) toquen sus pliegues anales. De a poco abran la puerta a este mundo de placeres. Laman sus dedas, y vuelvan a meter en la orto. Despacio, sientan sus pliegues dilatarse. Mojen sus falanges en las paredes del recto. Mojada, suave, rosada. Sa-

quen el dedo de la orta y tóquenlo con la lengua, chúpelo, sientan el sabor a orto penetrado y descolonizado. Y repitan cuantas veces fuera necesario hasta poder lamer sus dedos sin asco. O cuantas veces pida su calentura. Sientan la textura de infinitos placeres de su recto y el sabor a fin del higienismo sexual.

Que su orto esté con usted
Todxs: y con nosotros

III. Salmo al transgresor

A usted, que lee este humilde salmo Pedimos que libere su ojete De la triste tarea de defecar agazapadamente

Permitale que sea citado, recordado, tocado
Permitale que traiga también, otras formas de placer
Permitase, que le mostraremos

Venga con nosotros en esta cruzada en contra de los rechazos de las cosas dichas impuras
Venga con nosotros a venerar el placer, condenando a la invisibilidad pecaminosa
Venga con nosotros a disfrutar sin dolor, culpa o asco

Sáquese la condenación del interdicho

Toque su cuerpo, úsela como quiera
Conózcase por el orificio común

A usted le pedimos, pruebe el bendito agujero
A usted le suplicamos, libérese, libérenos
Le guiaremos, libérese

Que su orto esté con usted
Todxs: y con nosotros

Vayan con la alegría de haberse recibido a si mismxs.



Figura 116

Liturgia da Misa I - Celebrada por Crembegui

Paulx Castello
Rosário, Argentina
2017

Por fim, fazer da minha religiosidade e sexualidade dois amantes vem com um preço a ser pago, ainda mais em um país bíblicamente violento como o Brasil, onde, a todo momento, atos de repressão e censura são feitos a artistas que ousam “profanar” os símbolos e dogmas religiosos cristãos e eu não passaria batido.

Em 2018, participando da 2ª Bienal de Artes do Ouvidor 63, em São Paulo, com a instalação fotográfica *Sacra Sexuallis* (2018)⁸⁰, tive a foto *Sacra-Sexuallis I: Primus in deliciis vixerunt*⁸¹, que faz uma releitura d’*A Última Ceia* (1495–1498) de Leonardo Da Vinci, arrancada do espaço onde estava exposta e jogada na lixeira do banheiro junto com restos de papel higiênico usados (Figuras 117, 118 e 119).

E diante desse caso e de tantos outros de censura contra artistas é que se faz importante continuar trazendo para o discurso da arte contemporânea no CIS-tema de arte, temas como religiosidade e sexualidade e as intrínsecas relações que há na conjunção de ambos.

Oração a Contrapelo traz esses dois aspectos da minha vida, não apenas questionando

80 Disponível em <https://bit.ly/CTR2BienalArtesOuvidor63>. Acesso: 28 novembro 2021.

81 “Primus in deliciis vixerunt” é uma brincadeira com o latim que significaria A Primeira Orgia.



Figuras 117, 118 e 119

Instalação Fotográfica Sacra Sexuallis na 2ª Bienal de Artes do Ouvidor 63 (à esquerda)
Espaço vazio onde encontrava-se a foto Sacra-Sexuallis I: Primus in deliciis vixerunt (centro)
Foto Sacra-Sexuallis I: Primus in deliciis vixerunt na lixeira do banheiro do Centro Cultural Ouvidor 63
junto com restos de papéis higiênicos e outros resíduos (à direita)

São Paulo/SP

2018

Registros: Chris, The Red

a forma como são construídos ao longo da história, mas buscando propor outras possibilidades de existências e reescritas a contrapelo por outros olhares, os olhares das corpos dissidentes, como já defendia Walter Benjamin em *Theses on the philosophy of history* (1969):

A resposta é inevitável: com o vencedor. E todos os governantes são herdeiros daqueles que conquistaram antes deles. Portanto, a empatia com o vencedor invariavelmente beneficia os governantes. Os materialistas históricos sabem o que isso significa. Quem saiu vitorioso participa até hoje da procissão triunfal em que os atuais governantes passam por cima dos que estão prostrados (Walter BENJAMIN, 1969, s/p)⁸²

82 Tradução minha. Texto Original: "The answer is inevitable: with the victor. And all rulers are the heirs of those who conquered before them. Hence, empathy with the victor invariably benefits the rulers. Historical materialists know what that means. Whoever has emerged victorious participates to this day in the triumphal procession in which the present rulers step over those who are lying prostrate" (BENJAMIN, 1969).







Figuras 120, 121, 122, 123, 124 e 125

Doctor Red

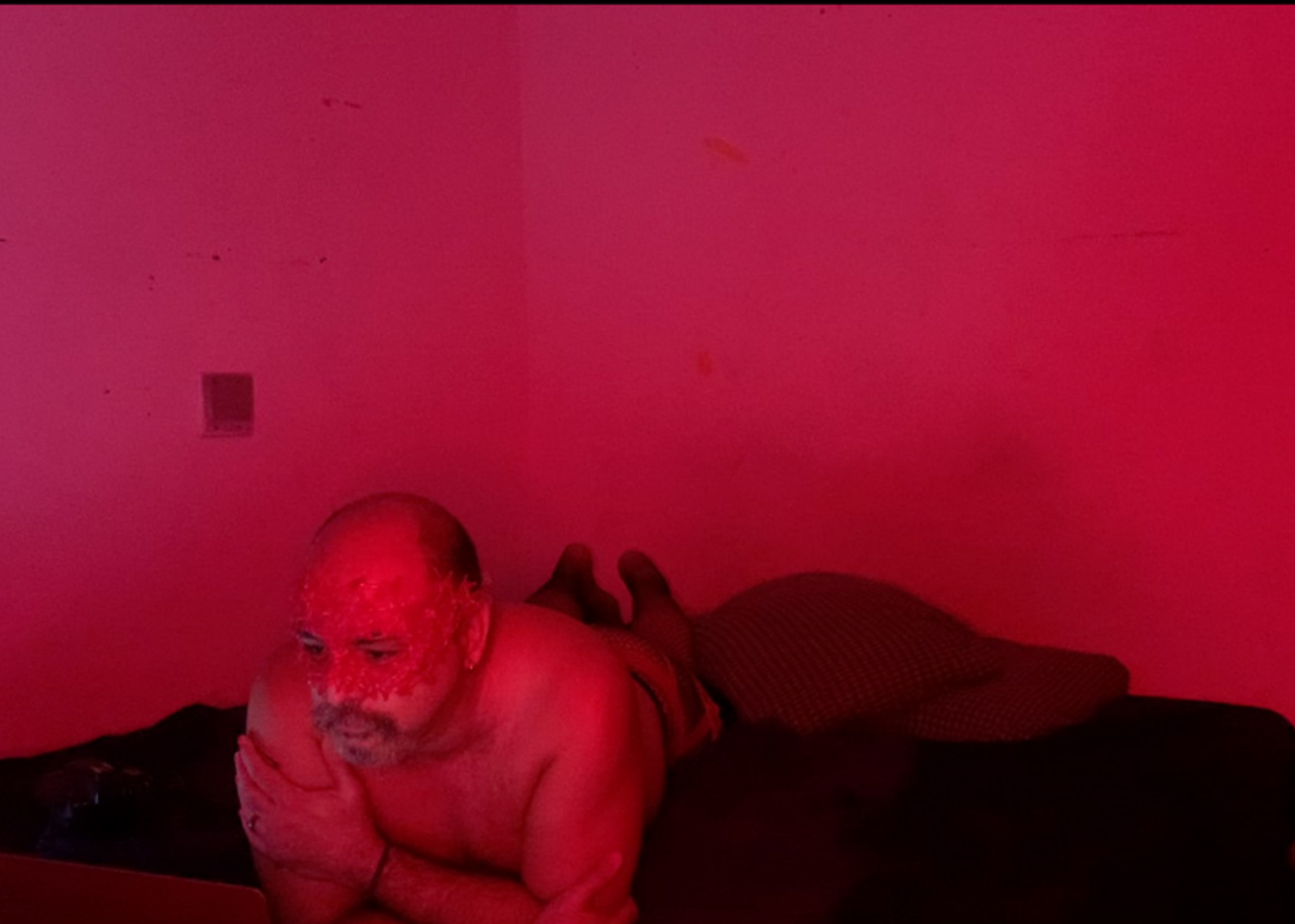
Chris, The Red

Performance

São Paulo/SP

2021

Frames: Chris, The Red





O CIS-TEMA DE ARTE É ELITISTA...

... quando os espaços
ditos legítimos,
as galerias
e os espaços
institucionalizados
atuam a partir de uma
hierarquia muito forte
que acabam por apagar
outres artistas,
inclusive,
as corpos dissidentes.

DOCTOR RED SE APRESENTA

I'll be your mistress tonight.
I'd like to put you in a trance.
If I take you from behind.
Push myself into your mind.
When you least expect it.
Will you try to reject it?
If I'm in charge and I treat you like a child.
Will you let yourself go wild?
Let my mouth go where it wants to?
Give it up - do as I say!
Give it up and let me have my way!
I'll give you love - I'll hit you like a truck!
I'll give you love - I'll teach you how to...
(Madonna, música Erotica)

"Eu sou Dr. Red. (...) Eu tô aqui para fazer um convite. Vamos lutar juntas. Vamos contar nossas histórias. (...) Minhas histórias se misturam às suas; as suas se conectam às minhas e assim, nossa potência de força é maior, é mais forte. Nossas histórias são de pessoas que têm que lutar todos os dias para simplesmente ser. Essas histórias de bichas, lésbicas, trans, cis, negras, brancas, gordas, magras e toda uma pluralidade de vidas, de existências. Essas histórias de pessoas que todos os dias têm que mostrar para o mundo o quão chato todo este conservadorismo é, mas ele não é só chato. Chato, a gente consegue relevar, mas ele é violento. Ele mata. Ele violenta todos os dias nossa existência. Ele violenta as pessoas pelo que nós somos. Pessoas com deficiência, pessoas sem deficiência, pessoas gays, lésbicas, trans, não-binárias, assexuais, intersex e por aí vai. Todos os dias, temos que ficar lutando, lutando e lutando e enquanto precisar, a gente vai lutar, vai resistir e contar nossas histórias é um caminho. Elas precisam ser contadas, ouvidas, conhecidas para que não nos percamos diante de toda opressão e violência. Não podemos deixar que o tempo apague nossas existências. (...) Quero agradecer a todes vocês. Eu só queria me apresentar, Doctor Red, pois pelos próximos anos, a gente vai tá junta. Eu vou convidar vocês para muitas coisas, para contar nossas histórias, pois a gente vai invadir a universidade com as histórias das pessoas que estão à margem, como o CIS-tema nos coloca (FODA_SE), na margem está a nossa força. Obrigade. Obrigada. Obrigado. Amo Vocês. Sigamos lutando. (...) Beijos. Dr. Red"

O texto anterior é uma transcrição de trechos da performance **Doctor Red** (2021) (Figuras 121 a 125), realizada no dia 08 de fevereiro de 2021, via plataforma Zoom para um grupo de pessoas convidadas. Nela, eu apresento minha outra persona, o *Dr. Red* que dividirá comigo a construção do **Ato 02 - Nosses Corpes Penetrades**. Chris, The Red é *Dr. Red* e vice-versa.

A ideia da persona me atrai, destes outros “eus” que coexistem em mim e que juntas podem alcançar outros lugares e ir além. “Em sua origem, a palavra designava a máscara utilizada por atores, definindo o papel a ser desempenhado” (Fábio Oliveira NUNES, 2016, p. 100). Para mim, a uso como uma possibilidade de outros devires. Como Chris, The Red, já trago as minhas próprias vivências ou, pensando no conceito de Suely Rolnik, minhas próprias marcas, surgidas dos encontros acontecidos pelas nossas jornadas:

Ora, o que estou chamando de marca são exatamente estes estados inéditos que se produzem em nosso corpo, a partir das composições que vamos vivendo. Cada um destes estados constitui uma diferença que instaura uma abertura para a criação de um novo corpo, o que significa que as marcas são sempre gênese de um devir. (Suely ROLNIK, 1993, p. 242)

e ao criar essa persona, busco provocar outras conexões entre mim e as **sujeitas de [r]e[s][x]istência** que caminham comigo. Com **Dr. Red**, abro um leque de perspectivas, pois

Quando um artista resolve dividir-se em diferentes "eus" está multiplicando o seu potencial de criação, pois passa a pensar dentro de novas estruturas. Cada persona criada emula novos comportamentos, novas visões de mundo que não caberiam naquele "eu" original. [...] as personas permitem ao artista se distanciar destas situações, assumindo o estado de uma folha de papel em branco diante de sua própria história, a ser preenchida como bem entender (Fábio Oliveira NUNES, 2016, p. 101-102).

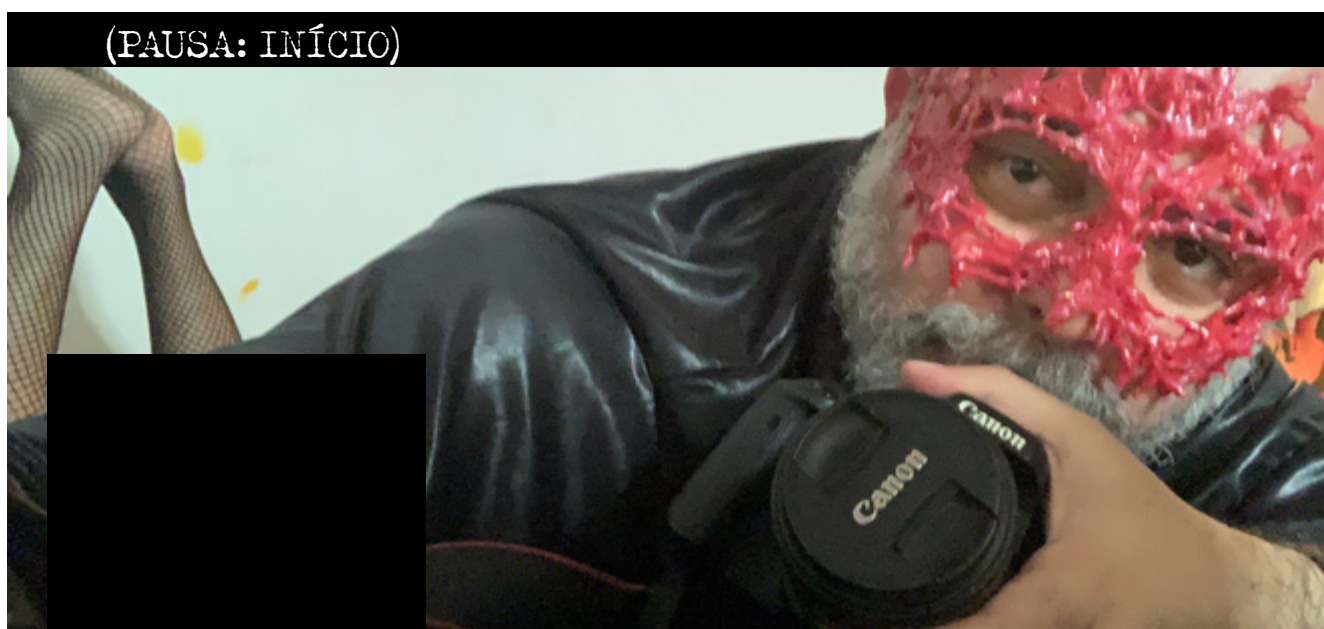


Figura 126

Máscara Doctor Red

Artista: Chico Américo Dourado

A MÁSCARA DE DR. RED

Um dos elementos principais da persona Dr. Red é a máscara (Figura 126) que usa durante a realização das "terapias fotopornossexualigráficas". A máscara foi criada especialmente para Dr. Red pelo artista Chico Américo Dourado, em 2018. Na época, Chico era um dos artistas residentes na ocupação do Centro Cultural Ouvidor 63.

(PAUSA: FIM)

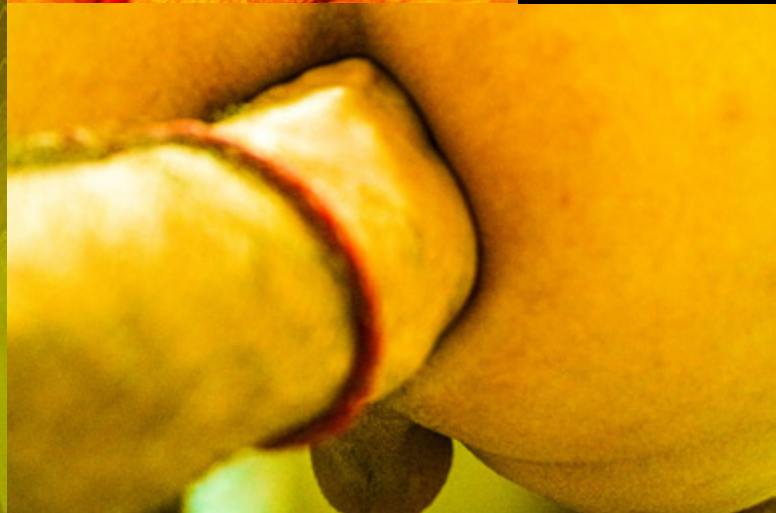
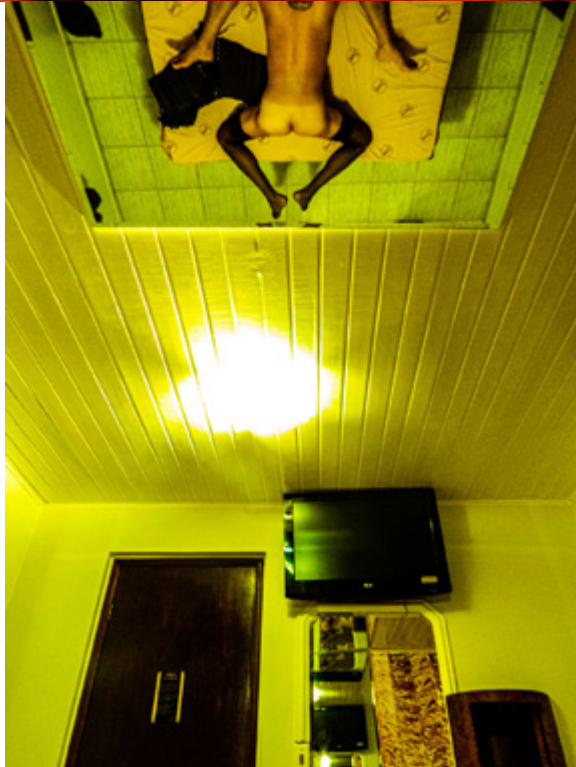
AS ORIGENS

Somos seres com tesão, com desejo, com vontades e fetiches. Seres que gostam de uma sacanagem, de uma nudez, de uma putaria, de uma brincadeira a 2, 3, 4, 10 e, inclusive, a 1. No entanto, ao longo da nossa história, fomos ensinados a esconder tudo isso, colocar nossas taras debaixo do tapete por medo do julgamento da sociedade da moral e dos bons costumes que, sob discursos diversos – religiosos, da família, do controle, da medicina, da política – nos foi tirando o prazer e dizendo que tudo isto – é pecado, heresia (A história da humanidade está cheia de evidências. Quantas pessoas foram mortas ou enclausuradas por conta do simples prazer de uma siririca ou um dedo no cu?). E assim, adoecemos, nos tornando depressivos, reprimidos e violentos, infelizes. E uma simples punheta foi “anomalizada” e fomos “corrigidos” educacionalmente a esconder nossas taras, nos submetemos a um mundo de medo e preconceitos, “monstrualizados”⁸³.

O Brasil é o país que mais mata pessoas trans e, ao mesmo tempo, um dos que mais visualizam conteúdo com pessoas trans, em sites como XVideos e afins. Qual a razão desta disparidade? Comecei a fotografar pessoas desnudas em 2011 e, de lá para cá, muitas histórias e desejos me foram confidenciais. Histórias sobre fetiches, taras, desejos que as pessoas gostariam de tornar reais, mas tinham medos, receios, vergonha, pois cresceram ouvindo que era errado, pecado e a não realização desses desejos/taras acabaram por deixar essas pessoas tristes e deprimidas. Levando a busca por ajuda psicológica.

Ainda me lembro de uma tarde que estava no motel com um cara que conheci pelo Grindr e no meio a chupadas e dedadas, ele me confessou que sempre teve vontade de vestir uma calcinha, ficar de quatro e pedir pra o cara bater na bunda dele bem forte. Perguntei a ele o motivo de nunca ter realizado sua fantasia e para minha surpresa, ele me respondeu que a religião dele o condenaria ao inferno se realizasse tal “pecado” – foi exatamente assim que ele descreveu a fantasia dele. Para mim, não fazia muito sentido, pois se para a religião dele tal fantasia era “pecado”, imagino que trepar com outro homem também era e ainda assim, ele não conseguia vestir a tão sonhada calcinha, mesmo eu dizendo que esta história de pecado era uma construção de controle da sociedade sobre nós. Não o encontrei mais depois, não faço ideia se ele realizou ou não sua fantasia, mas como ele, várias outras pessoas me contaram histórias. Algumas como a deste rapaz; outras, de pessoas que finalmente realizaram seus desejos e estavam super felizes por se permitirem.

⁸³ Essas três figuras – o monstro, o que precisa ser corrigido e a masturbação como figuras da anomalia são trazidas por Michel Foucault, no livro *Os anormais*.



Figuras 127, 128, 129 e 130

Porn Therapy Sessions:

Session 01

Chris, The Red

Fotografia

São Paulo/SP

2018-2019

Diante desses relatos, comecei a refletir sobre estas questões referentes aos nossos desejos sexuais, ao sexo em si, às nossas buscas por vídeos na internet e pensando na importância de uma conversa aberta sobre desejos e fantasias. A importância da nossa educação sexual. Me pergunto se a repressão e opressão aos nossos fetiches, contribuem para casos, por exemplo, de homens que, não conseguindo realizar suas fantasias sexuais de forma saudável, tornam-se violentos, cometendo crimes como o estupro? Quebrar o tabu e esse preconceito contribuiria para transformar o CIS-tema e o modelo patriarcal e a sexualidade estabelecida a partir das genitálias? E a sexualidade nas artes, a dualidade entre arte erótica e arte pornográfica⁸⁴, como esta distinção contribui para a manutenção de um CIS-tema de arte preconceituoso e violento?

Todas essas perguntas foram germinando em minha mente um desejo por desenvolver um projeto fotográfico envolvendo essas temáticas e como trazê-la deste âmbito de submundo para uma outra relação conosco e nossos desejos sexuais.

Ainda na minha adolescência, tive a oportunidade de ler a obra *A Cama Celestial* (1987), do escritor estadunidense Irving Wallace. O livro aborda a história de um médico especializado em sexologia que acredita que alguns casos não podem ser resolvidos pelos meios tradicionais. Para isso, ele faz uso de uma nova técnica para ajudar seus pacientes:

⁸⁴ Voltarei com mais profundidade nessa dualidade sobre erotismos e pornografias nas artes no Ato 02.

o uso de suplentes sexuais. No entanto, tal prática acarreta uma série de problemas ao médico e aos seus ajudantes junto a sociedade, que acreditam que o tratamento, na realidade, é uma fachada para prostituição, obrigando a irem embora do Arizona para a Califórnia, onde acreditavam que conseguiriam colocar sua técnica em prática sem sofrer julgamentos da sociedade. Partindo deste argumento, as ideias criaram forma e, assim, de 2018 a 2019, aconteceu o projeto fotográfico *Porn Therapy Sessions (PTS)*⁸⁵ (Figuras 127 a 130) e junto, a persona *Dr. Red* apareceu.

PTS vem como um desejo de romper com as construções sociais que “determinaram” que nossos desejos são “anormais”, “frutos de mentes doentias e pecaminosas” e todo aquele blá blá que a gente está cansado de ouvir. *PTS* é uma ferramenta high-tech contrassexual numa busca por “novas formas de sensibilidade e de afeto” (Paul B. PRECIADO, 2017, p. 36).

(PAUSA: INÍCIO)

Optei por não usar a palavra "pornografia", "desejos pornográficos" e similares, nesse primeiro momento, pois adiante, focarei nas questões da pornografia, no entanto, é importante fazer uma distinção agora: não confunda "desejos pornográficos" com "indústria pornográfica" [esta é cheia de questões e comportamentos abusivos e machistas (lembra de quando conversarmos sobre pós-pornografia?)]. A indústria pornográfica mainstream é um reflexo direto das construções dos CIS-temas patriarcais, heteronormativos cis elitista.

(PAUSA: FIM)

E nesse objetivo, surge *Dr. Red*, terapeuta fotopornossexualigráfico - voltaremos a este conceito no Ato 03 - para guiar es “pacientes”⁸⁶ rumo ao prazer, ao gozo livre. *Dr. Red* gosta de ver, é voyeur. Com sua câmera sempre em mãos, registra tudo, cada sessão, cada uma das pessoas que passam por seu divã-cama. Seu consultório é seu quarto, onde tudo pode acontecer.

Para além disso, *Dr. Red* surge também do deboche ao elitismo. Seu conhecimento e seu “título” de *doctor* vem da vida, das ruas, das putarias, das entregas. *Dr. Red* não precisa de um diploma de médico ou psicólogo para se conectar às pessoas em sua cama-divã. Não precisa se hierarquizar para se sentir o tal. E é doctor em inglês mesmo, melhor que doutor red ou doutora red. *Dr. Red* não tem gênero, é fluide.

Dr. Red também é inspirade na persona *Dita Parlo*, assumida por Madonna ao lançar, em 1992, o álbum *Erotica* e o livro *Sex* (Figuras 131 e 132). Na introdução do livro, Madonna escreve:

⁸⁵ Disponível em <https://bit.ly/CTRPornTherapySessions>. Acesso: 16 outubro 2022.

⁸⁶ Opto por colocar a palavra paciente entre aspas, pois não são pacientes de verdade, mas pessoas que aceitaram participar dos ensaios fotográficos desempenhando este papel de “paciente”, já as histórias contadas por el[u][a][o] s...

This book is about sex. Sex is not love. Love is not sex. But the best of both worlds is created when they come together. You can love God, you can love the planet, you can love the human race and you can love all things, but the best way for human beings to show love is to love one another. It's the way we spread love through the universe: one to one.

(...)

My name is Dita. I'll be your mistress tonight.
I'll be your loved one, darling. Turn out the light.

(...)

I'm gonna change your life.
I'm like a poison flower.
Give it up. Do as I say".

(Madonna, 1992)⁸⁷



Figuras 131 e 132

Capa do álbum Erotica (à esquerda)
Embalagem e capa do livro Sex (à direita)

Madonna

1992

Fonte: Internet

Dr. Red é amante das putarias, das taras, das fantasias. Em sua cama-divã, não existe pecado, mas liberdade. A cada nov[e][a][o] “paciente”, um espaço para outras construções de afeto, de sexualidade, de sexo, de amor, de trepadas e gozos. A cada primeira sessão, *Dr. Red* perguntava: “Qual a sua fantasia reprimida?” e o seu prazer era satisfazer cada uma das histórias contadas, não importava se eram verdadeiras ou falsas. “A arte não tem a obrigação (...) de dizer a verdade, de ser a verdade” (REZENDE, 2006, apud Fábio Oliveira NUNES, 2016). As duas próximas páginas são as únicas que consegui do *Diário de Dr. Red*, as únicas que consegui que ele me passasse para vocês entenderem melhor o processo de sua terapia fotopornossexualigráfica.

87 Tradução minha: “este livro é sobre sexo. Sexo não é amor. Amor não é sexo. Mas o melhor do mundo é criado quando sexo e amor surgem juntos. Você pode amar Deus, você pode amar o planeta, você pode amar a raça humana e amar todas as coisas, mas a melhor maneira dos seres humanos mostrarem amor é amando uns aos outros. É a forma como espalhamos amor pelo universo: de um[a] em um[a]. (...) Meu nome é Dita. Serei sua amante esta noite. Serei sua amada, baby. Apague a luz. Vou mudar a sua vida. Sou como uma flor venenosa. Desista. Faça como eu digo”.

P. / Sessão 04

Hoje, foi a 4ª sessão de P.
Ainda me lembro da sua primeira vinda ao meu consultório.
Casado há 7 anos, um amor profundo pelo seu marido, mas extremamente infeliz com sua vida sexual.

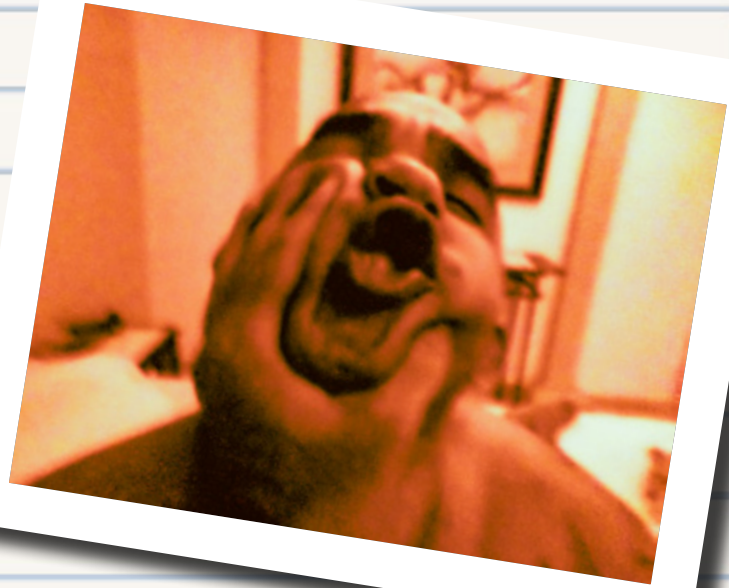
P. estava cansado das trepadas sistemáticas com seu parceiro - beijar, oral, penetrar, gozar, fim.

Ele queria mais e tinha medo de contar para o marido sobre seus

desejos e taras. Na sua primeira sessão, estava receoso de contar suas taras e desejos, mas uma taça de vinho ajudou ele a relaxar e me contar o que desejava: apanhar, ser amarrado. Queria sentir dor. Estava no tapa na cara o seu prazer; no cinto, o seu tesão.

P. foi meu primeiro paciente.

A cobaia primeira da minha terapia fotopornossexualigráfica. Até então, não tinha certeza se obteria resultados pos



ativos, mas depois da sessão de hoje, P. estava no caminho certo de auto-conhecimento e aceitação.

A sessão de hoje foi uma das melhores. Ele me pediu para ser amarrado com meu cinto e que o penetrasse com meu pau e o dildo. Pedi para ele tirar minha roupa enquanto me chupava e senti que ele já o fazia de forma mais prazerosa, bem diferente da primeira sessão que ele mal conseguia tirar a própria roupa.

P. está apresentando sinais de melhora, mas confesso que não sei como será na próxima sessão.

Fiz uma proposta que o deslocou muito. O pedi para trazer seu marido. Ainda não sei se ele conseguirá.

Vamos esperar...! Agora, só quero uma banheira, um vinho e bater uma punheta vendo as fotos da sessão de hoje. Que tesão!



Doctor Red.

Tudo caminhava bem, mas em 2020, veio a pandemia do COVID-19 e *Dr. Red* teve que parar suas sessões e o projeto suspenso até estarmos todos imunizados e como tal, *Dr. Red* também ficou em hibernação até ser desperte durante minha participação na oficina de teatro online *Estudos Sobre o Olho - Teatro e Pornografia a partir do livro História do Olho de Georges Bataille*, que aconteceu de 09 de novembro a 14 de dezembro de 2020, via Zoom, com a orientação da Doutora em Artes Cênicas Janaína Fontes Leite, pelo Grupo XIX de Teatro⁸⁸ (Figura 133).

Durante as falas e provocações de Janaína, e das experimentações na oficina, percebi a potencialidade da persona *Dr. Red* em outros espaços, além do *Porn Therapy Sessions*, mas também como parte desta minha Jornada-Mestrado e daí, surge a performance **Doctor Red** e *Dr. Red* assumirá, junto comigo, o **Ato 02 - Nosses Corpes Penetrades**. No entanto, é importante deixar compreendido que *Dr. Red* é

uma persona em construção e que as conexões já feitas e as que serão contribuirão para o criar desta persona que é puta, bixa, queer, anti-hegemônica e também é resultado de todas as corpas negras, trans, não-binárias, todas as corpas plurais. Como afirma o sociólogo e filósofo polonês Zygmunt Bauman, “a identidade não tem a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, (...) e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age (...) são fatores cruciais” (2005, p. 17). Nossas identidades estão em constante metamorfose, “as ‘identidades’ flutuam no ar, algumas de nossa própria escolha, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas em nossa volta” (2005, p. 19).

Doctor Red é também uma resposta às pessoas que dizem que meu trabalho artístico é só perversão e putaria, pois elas estão certas, *Dr. Red* é pervertide, pute, libertine. Adora a putaria e faz dela uma ferramenta de desconstrução das normatividades das “famílias de bem”. Enquanto alguns patologizam a perversão, eu/*Dr. Red* a tom[o][a], enfi[o][a]-a cu adentro e [faço][faz] dela [meu][seu] instrumento de liberdade, de resistência e existência. Um espaço de estudos e práticas artística-sexual não-hegemônico. *Dr. Red* é o explícito. É a sexualidade e a contrassexualidade descobrindo sua plenitude explícita e buscando ir ao encontro do que traz Leandro Colling no livro *Que os outros sejam o normal* (2015):

estudos que tratam de forma mais explícita da sexualidade, ou melhor, que falam das práticas sexuais não-hegemônicas e com elas pensam e desenvolvem os estudos queer, cumprem um importantíssimo papel político e epistemológico ao combater a leitura patologizante e normatizante sobre essas práticas e ao oferecer novos conceitos e formas de pensar sobre o nosso campo. (Leandro COLLING, 2015, p. 234)

Então, aceitamos - *Dr. Red* e eu - de bom grado o título de pervertide, do nosso ponto de vista, a putaria, como já temos apontado, é um excelente caminho para repensar inclusive o CIS-tema de arte. Elu é uma mutação constante, uma consequência direta das

Figura 133

Participação na oficina online de teatro Estudos sobre o Olho - Teatro e Pornografia

São Paulo/SP

2020

Print de Janaína Leite (2020)



⁸⁸ Disponível em <https://www.facebook.com/201568306551888/photos/a.552196241489091/4551951238180218>. Acesso: 17 outubro 2022.

minhas vivências e também de todas as pessoas participantes dessa suruba de histórias e vivências. É amante do deboche e está cagando para o elitismo do CIS-tema de arte cheio da moral e dos bons costumes.

A PERFORMANCE COMO LINGUAGEM PÓS-PORNOGRÁFICA

Neste ato, a performance foi uma constante em quase todas as putarias artísticas criadas e fiz essa opção pela potência da performance como uma linguagem artística não apenas contrassexual, mas pós-pornográfica. No entanto, desde que comecei a estudar sobre pós-pornografia, muitas pessoas me perguntam: o que é pós-pornografia? Então, vamos lá. Na introdução, falamos sobre Contrassexualidade a partir do livro *Manifesto contrassexual* (2017), do Paul B. Preciado. Agora, vamos entender sobre Pós-Pornografia. Todos estes conceitos serão importantes para a Pornossexualigrafia que apresentarei no Ato 03.

O termo “pós-pornografia” surgiu oficialmente, em 1988, com a artista, diretora, sexóloga, performer, que também foi prostituta e atriz pornô estadunidense, Annie Sprinkle (Figura 134). Em 1989, Annie e uma série de outras artistas assinaram o *The Post Porn Modernist Manifesto* (Figura 135). Em entrevista para Tim Stüttgen e publicada no livro *Post Porn Politics* (2010), Annie explicou as origens:

O termo "Modernismo Pornô" foi criado originalmente pelo artista holandês Wink van Kempen para uma exposição de suas fotografias. Seu título mexeu comigo, por isso perguntei se poderia reformulá-lo para o título de meu primeiro espetáculo solo. Chamei meu espetáculo de Post Porn Modernist (Modernista Pós-Pornô). Mais tarde, passei a chamar o pornô que eu produzia e dirigia de Pós-Pornô, com a intenção de descrever uma pornografia que não era a dominante; era mais política, experimental, feminista, bem-humorada, conceitual... e não necessariamente preocupada em ser erótica. Nos anos 1970 e 1980 eu só queria mesmo era excitar as pessoas. Mas por volta de 1988 parei de me preocupar com esse estímulo sexual e comecei a fazer o que me vinha na telha. (Annie SPRINKLE, 2010 apud Eduardo KAC, 2013, p. 49)⁸⁹

Figura 134 (à esquerda)

Annie Sprinkle

Foto de Joeigh Bullock

Fonte: Site da artista

Figura 135 (à direita)

The Post Porn

Modernist Manifesto

Veronica Vera

1989

Fonte: Internet



89 Tradução de Eduardo Kac para a Revista Ars, ano 11, n. 22. Disponível em <https://www.revistas.usp.br/ars/article/view/80655>. Acesso: 17 outubro 2022. Texto Original: *The term "Porn Modernism" was originally created by Dutch artist Wink van Kempen for a photography show he was having. His title resonated with me, so I asked if I could rework it for the title of my first one-woman show. I named my show Post Porn Modernist. Later I started calling the porn I was producing and directing Post Porn, intending to describe porn that wasn't mainstream porn; it was more political,*

Nas palavras de Eduardo Kac,

designa geralmente obras sexualmente explícitas que oferecem uma crítica do sexo normativo e das representações de gênero e produzem um campo cultural politizado composto de textos e imagens alternativos, lúdicos e subversivos (Eduardo KAC, 2013, p. 47).

Não pretendo com estas poucas palavras trazer tudo sobre o movimento pós-pornográfico, mas dar uma rápida noção sobre e de onde surgiu. No entanto, esta é a explicação que temos visto pelos academicistas e, principalmente, nas epistemologias do norte que subjulgam as outras às suas próprias necessidades e como escrevi antes, quero neste processo causar rupturas às hegemonias epistemológicas.

Figura 136 (à esquerda)

Eduardo Kac. Movimento de Arte Pornô

(Performance "intervenção", Praia de Ipanema, 1982)

DVD da performance, 4'43", preto & branco, som, vídeo

Fonte: site Tropicuir.

Figura 137 (à direita)

Eduardo Kac. Manifesto de arte pornô, 1980

Performance "intervenção"

Praia de Ipanema

1982

23,7x16,2cm



Bem antes da Annie, o Brasil já discutia a tríade sexo-arte-política. Bem antes, o Brasil já trazia nas artes o explícito como crítica à normatividade. Entre 1980 e 1982 [1984], surgia o *Movimento de Arte Pornô*, idealizado pelo coletivo *Gang* composto pelo próprio Eduardo Kac e também: Cairo de Assis Trindade, Teresa Jardim, Denise Henriques de Assis Trindade, Sandra Terra, Ana Miranda, Cynthia Dorneles, entre outros. Sobre o Movimento, ele escreve:

O Movimento de Arte Pornô considerava exaurido o paradigma modernista e buscava desmoronar as hierarquias de valor, abrindo ao mesmo tempo as comportas para um pluralismo democrático na arte e na política. Como resultado, adotamos uma posição coletiva e pública. Denunciamos a supressão geral da corporeidade na arte e na poesia, ignoramos os abis-mos entre a baixa e a alta culturas e rejeitamos a supremacia da

experimental, feminist, humorous, conceptual... and not necessarily focused on being erotic. In the 70s and 80s I just really wanted to turn people on. But then around 1988 I stopped caring if people got hot and just did whatever the hell I wanted. (SPRINKLE, 2010, p. 102)

mídia impressa em favor de uma hibridização entre a oralidade e a mixed media. Criticamos publicamente a noção de uma posição universal do sujeito e cultivamos multiplicidades ontológicas que estendiam-se além dos papéis teatrais para extinguir os limites entre as posições estéticas transgressivas e a vida real. Definimos o pornô como forma. (Eduardo KAC, 2013, p. 37)

E o faziam por meio de uma variedade de linguagens artísticas que transitavam entre intervenções em espaços públicos, textos, poemas-objetos, fanzines, livros de bolsos, fotografias, cartazes e uma diversidade de suportes, principalmente, a performance (Figuras 136 e 137).

A ação da Gang tratava de provocar uma "desabituação" do corpo e da palavra. Os modos de agir propostos pelo grupo iam além do espaço do livro e os suportes tradicionais da literatura. Não havia palavra que não merecesse ser usada, como não havia zona do corpo que devesse ser censurada. O grupo buscava assim desestabilizar aquela normalização autoritária que tinha contaminado o corpo, e que tinha transferido de forma eficaz a censura governamental sobre a informação e os debates políticos à "auto-censura", cada vez mais generalizada (Fernanda NOGUEIRA & Pêdra COSTA, 2014)

Muito antes de Sprinkle, o Movimento de Arte Pornô já trazia outros desnudares: "o nu não artístico, mas anartístico; o pornográfico, que não corresponde aos parâmetros da pornografia tradicional, mas a uma contra-pornografia (ou pós-pornografia) fora dos padrões tradicionais binários hétero e homonormativos, e seus corpos perfeitos etc." (Fernanda NOGUEIRA, 2016, p. 126). Mas a quem interessa este apagamento do Movimento de Arte Pornô? A quem interessa essas práticas de descobrimento, autorias e oficializações de saberes? "Por que nossas ficções subversivas e realidades liberadoras são invisíveis? O que essa invisibilidade nos diz hoje? A quem interessa tudo isso?" (Fernanda NOGUEIRA & Pêdra COSTA, 2014).

(PAUSA: INÍCIO)

Não estou querendo diminuir ou excluir a importância da Annie Sprinkle e o Movimento Pós-Pornô por ela trazido, mas questionando as epistemologias que legitimam determinados saberes e apagam (ou inferiorizam) outros. Sprinkle tem papel pioneiro na construção de uma indústria pós-pornográfica estadunidense feminista, e como diretora, o prazer e o gozo femininos, assim como a buceta são elementos centrais em suas produções visuais. Fato extremamente político e revolucionário dentro de uma indústria pornográfica mainstream dos EUA, onde a mulher (e poderia colocar aqui também o gay passivo)⁹⁰ é um mero

90 E uma série de outros papéis como o negro ativo para satisfazer o desejo da branquitude ou ainda, as duas mulheres para satisfazer o fetiche do homem. Mesmo quando temos dois homens e uma mulher no vídeo

elemento para o gozo do homem (e do ativo). Assim, o que busco aqui é provocar outras possibilidades de construção das nossas narrativas, como escreve Fernanda Nogueira no artigo MEMÓRIA EM DISPUTA: ARTES OBSCENAS EM FOCO:

A história é uma instituição e uma ficção, como nos lembra o Crimp ativista, e como tal é necessário criar fissuras. Pelo menos há cinco séculos vivemos uma disputa pela visibilidade, pela memória, pela validade estética das práticas artísticas que contradizem valores coloniais. Interferir neste processo é lutar pela própria existência frente a um sistema colonial que persiste, marcado por uma voz patriarcal, heteronormativa, branca e supostamente "neutra". Espaços de representação, visibilidade, historicização são cruciais para manter literalmente vivos corpos e estéticas dissidentes.
(Fernanda NOGUEIRA, 2016, p. 130)

(PAUSA: FIM)



Figura 138

Bruna Kury

Fonte: site da artista

É por isto que, quando penso nas minhas produções artísticas e pesquisas pós-pornográficas, estou muito mais alinhado ao pensamento das *“Pornografias do Sul”* (Fernanda NOGUEIRA, 2015), como, por exemplo, nos escritos da Bruna Kury (Figura 138), brasileira, anarcotransfeminista, performer, artista visual e sonora.

pornográfico mainstream, a mulher ainda está lá como um mero elemento do gozo do outro. No caso de duas mulheres, geralmente, as duas se tocam, se beijam, se lambem. Enquanto que, no caso inverso, os dois homens mal se tocam.

(PAUSA: INÍCIO)

OUÇA O EPISÓDIO PÓS-
PORNOGRAFIA LENDO O QR CODE OU
CLICANDO NO LINK AO LADO

(PAUSA: FIM)



<https://bit.ly/CTRDVPosPornografia>



Figura 139

Diários Vermelhos:

Pós-Pornografia

Chris, The Red

Podcast

2022

Partindo ainda do livro da Bruna, trago mais duas citações (Bruna KURY, 2021): *“a pósporno vem como resistência política”* (p. 15) e *“o corpo e a performance como campo de batalha”* (p. 13) e pensando na performance como uma linguagem pós-pornográfica a partir das putarias artísticas apresentadas nesse ato, como **Shibari-me** (2021), **Oração a Contrapelo** (2021) e **Doctor Red** (2021), Renato Cohen, no livro *Performance como Linguagem* (2013) entende a performance como uma linha tênue entre a arte e a vida, em que performance *“é uma forma de se ver arte em que se procura uma aproximação direta com a vida”* (p. 38). Mais adiante, ele escreve:

O trabalho do artista de performance é basicamente um trabalho humanista, visando libertar o homem de suas amarras condicionantes, e a arte, dos lugares comuns impostos pelo sistema. Os praticantes da performance numa linha direta com os artistas da contracultura, fazem parte de um último reduto que Susan Sontag chama de "heróis da vontade radical", pessoas que não se submetem ao cinismo do sistema e praticam, à custa de suas vidas pessoais, uma arte de transcendência. (Renato COHEN, 2013, p. 45)

Nesses aspectos, a performance torna-se uma importante ferramenta nos processos de construção de uma outra sociedade, aquela que estaria mais próxima da trazida por Preciado no livro *Manifesto Contrassexual* (2017) ou, partindo para o nosso contexto, de uma sociedade pós-pornográfica como tecnologia de construção de um dispositivo contrassexual, que ultrapassa os campos do áudio/visual e da própria performance.

A performance pós-pornográfica, principalmente, das corpos dissidentes do gênero e da sexualidade, acontecem de tal forma que não dá para separar o que é a arte e o que é vida e nem pensar na performance como apenas uma representação/atuação e, desse ponto de vista, quando, em **Shibari-me**, coloco meu corpo à disposição para ser amarrado, ele se torna a obra, “*corpo-obra*” (Guilherme ALTMAYER, 2020; Marco Antonio VIEIRA, 2022), uma vez que “*o corpo se tornou o meio de expressão mais direto*” (Leandro COLLING, 2021, p. 220), o que vem gerando obras entendidas, como aponta Colling, “autobiográficas”. Quando coloco meu “corpo-obra” em um processo de expurgo, estou transformando a minha própria história. O que aconteceu nessa performance influenciou diretamente na construção da minha narrativa de vida, uma vez que ela aconteceu por conta da minha história, de um momento específico da minha vida.



Figura 140
Bruna Kury em Performance com part. da Diana Pornoterrorista
Festival de pósporno An*rmal, "DesCulonización"
Cidade do México, MX
Outubro 2017
Fonte: site da artista.

A performance, sob este aspecto da pós-pornografia, amplia ainda mais o seu papel como ferramenta artística rompendo um pouco mais com os padrões da heterossexualidade compulsória e da heterormatividade, assim como da cisgeneridade e cismatividade. Ela coloca as nossas corpos nesta mistura de performatividades de gênero e performances de gênero, aproximando-as, conforme Leandro Colling traz em seu livro *A vontade de expor: arte, gênero e sexualidade* (2021), no qual ele faz uma crítica a Judith Butler que, ao criar a teoria da performatividade de gênero, em seus livros *Problemas de Gênero* (2016) e *Corpos Que Importam* (2019), tenta distinguir uma da outra. No entanto, quando pensamos em artistas como Bruna Kury (Figura 140), Castiel Vitorino, Ventura Profana, Bruno Novadvorski, Paulx Castello, Profania, Lyz Parayzo, Elton Panamby, Rainnery Queercore, Marcia Marci, Mogli Saura e tantas outras, em que suas obras são as materialidades de suas próprias histórias e questões, torna-se complicado fazer essas distinções usadas por Butler, pois “*o que existe são complexas relações entre essas duas noções que não nos permitem fazer distinções rígidas entre elas, como nos sugere Butler*” (Leandro COLLING, 2021, p. 221). Isso não significa que é uma performance literal das vidas dos artistas em suas obras performáticas, mas a separação total também não cabe.

Nesse aspecto, e pensando em **Oração a Contrapelo** (2021), eu entendo esta expansão da performance no campo da pós-pornografia, principalmente, quando estamos lidando com uma série de interseccionalidades e processos de “*deCulonização*” (Bruna KURY), uma vez que nossa religiosidade e sexualidade e as opressões e violências que giram em

torno destes dois aspectos são resultados diretos dos controles impostos pelas instituições, no meu caso específico, pela minha formação junto à igreja católica. Então, quando me aproprio de um texto sagrado e o reescrevo a partir tanto da minha vivência como destas corpas que são colocadas à margem, estou neste processo de reescrita da história sob outras perspectivas, em que meus processos artísticos se fundem com a minha vida e, conseqüentemente, a outras, ou seja, uma dimensão não se separa da outra.



Quando Viviany Beleboni performa crucificada na maior parada LGBTQIAP+ do mundo, em São Paulo, em 2015 (Figura 141)⁹¹, ela não está trazendo o aspecto religioso da crucificação de Cristo, ela está trazendo a sua história enquanto mulher trans que, como Jesus, tem sido crucificada diariamente neste país que, pelo 13º ano consecutivo⁹², é o país que mais mata pessoas trans e travestis no mundo, de forma que se torna praticamente impossível, quando estamos falando de performance de corpas dissidentes, separar o artista de sua obra. A obra é o corpo, “obras-corpo” que provocam “pensar um trabalho de arte como uma materialidade inseparável da corporeidade que a concebe; que ainda que ela possa ganhar distância e autonomia como obra, ela estará sempre em relação com a pessoa criadora” (Guilherme ALTMAYER, 2020, p. 76)⁹³.

Certa vez, me deparei em um perfil de uma rede social com a seguinte postagem: “artista visual se ama muito to aqui lendo um texto e parece que a pessoa ta esperando que construam um altar pra ela simplesmente por realizar um trabalho consciente politicamente”⁹⁴. Isso me faz pensar muito na série de lambes digitais **Vômitos**, pois é isto que a grande parte des artistes cujas criações giram em torno de questões da sexualidade, da pornografia, que precisam politizar suas obras para continuarem suas jornadas, na realidade, continuarem vivas, ouvem todos os dias: “que querem só chamar a atenção”, “que é ego, vaidade”, “que só que polemizar” “é um bando de narcicistas” e tantos outros comentários afins. Pois bem, que seja, se para continuarmos nossas jornadas, precisaremos construir altares, vamos criá-los, serão nossos altares de artistes, tal como criei o meu em **Oração a Contrapelo**, com muita arte, livros, sexo, desejo, afeto, prazer, gozo. Que assim seja, Amém!

Figura 141

Viviany Beleboni

Ato contra a homofobia na 19ª Parada do Orgulho LGBT na Avenida Paulista
Foto: Reuters/Joao Castellano
Fonte: site G1

91 Por conta dessa performance, a atriz sofreu vários ataques na internet e foi intimada a depor por conta de um processo movido pela Associação das Igrejas Evangélicas de São Paulo. Disponível em <https://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2016/06/transexual-e-intimada-depor-por-crucificacao-em-parada-gay-de-2015.html>. Acesso: 25 janeiro 2022.

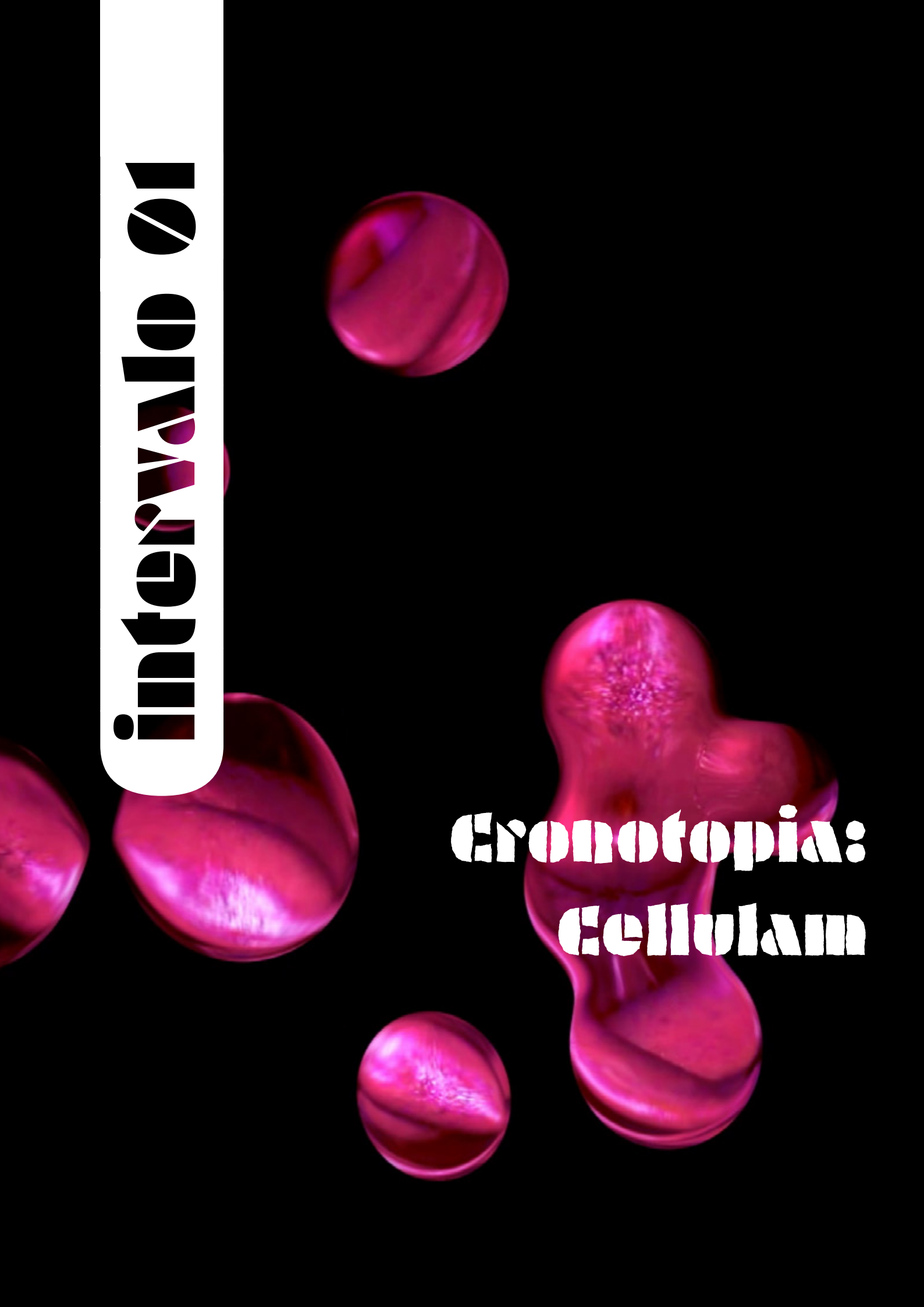
92 O levantamento sobre assassinatos de pessoas trans no Brasil são realizados pela Associação Nacional de Travestis e Transexuais e está disponível em <https://antrabrazil.org/assassinatos/>. Acesso: 17 outubro 2022.

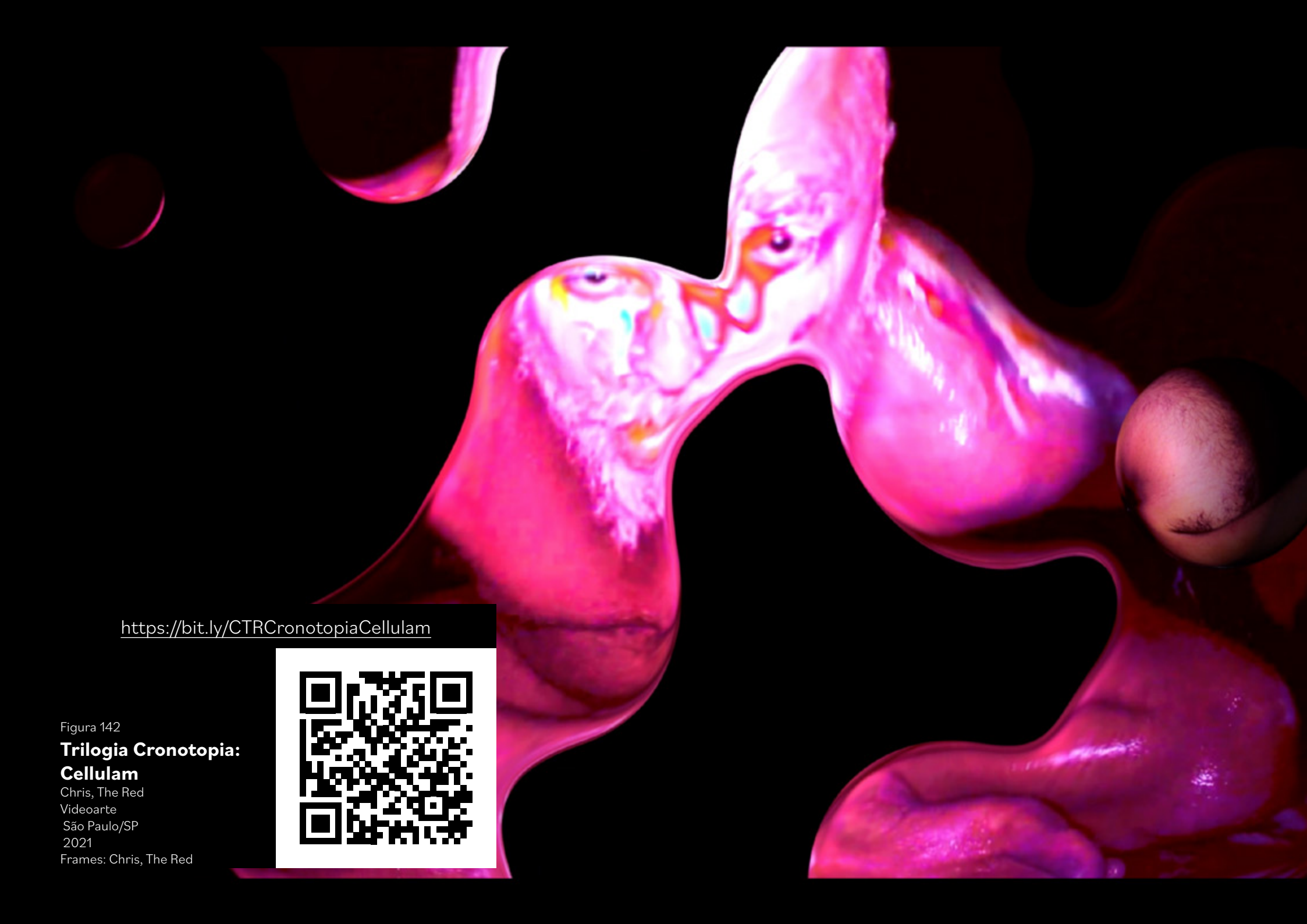
93 Disponível em <https://www.tropicuir.org/obras-corpo/>. Acesso: 25 janeiro 2022.

94 A identidade da pessoa, rede social e perfil será mantida no anonimato.

interwaid 01

**Chronotopia:
Cellulam**





<https://bit.ly/CTRCronotopiaCellulam>



Figura 142

**Trilogia Cronotopia:
Cellulam**

Chris, The Red

Videoarte

São Paulo/SP

2021

Frames: Chris, The Red


qual o lugar do tempo em nosso
tempo em nosso lugar em nosso
corpo? como posso pensar o que
pode o corpo se o lugar do corpo
altera de lugar pra lugar, de
tempo pra tempo? o lugar do meu
tempo é o corpo que habito neste
exato nanosegundo, no próximo
nanosegundo já será outro corpo
outro lugar outro tempo. qual o
lugar do tempo que o meu corpo
existe? qual o tempo do lugar
onde meu corpo habita? qual o
corpo do lugar que meu tempo
vive? como posso escrever sobre
o lugar do tempo no meu corpo?
qual célula me define? qual célula
compõe a molécula que compõe o
tempo do meu corpo neste momento
que clico na tecla A?

ATO 02

[NOSSES CORPES penetrades]

Vem comigo, deixa eu lamber seu dedo, deixá-lo bem molhadinho para você penetrar meu ser enquanto minha mão lubrificada vai te despindo, te arregaçando. Isto, jorra em mim seu líquido, seu mel. Cospe na minha cara. Aperta meus mamilos enquanto esfrego meu cu na sua cara e você o penetra com sua língua gulosa. Deixa-me sentir seus lábios, todos eles, os grandes, os pequenos. Façam fila, serei de vocês todes. Só venham!

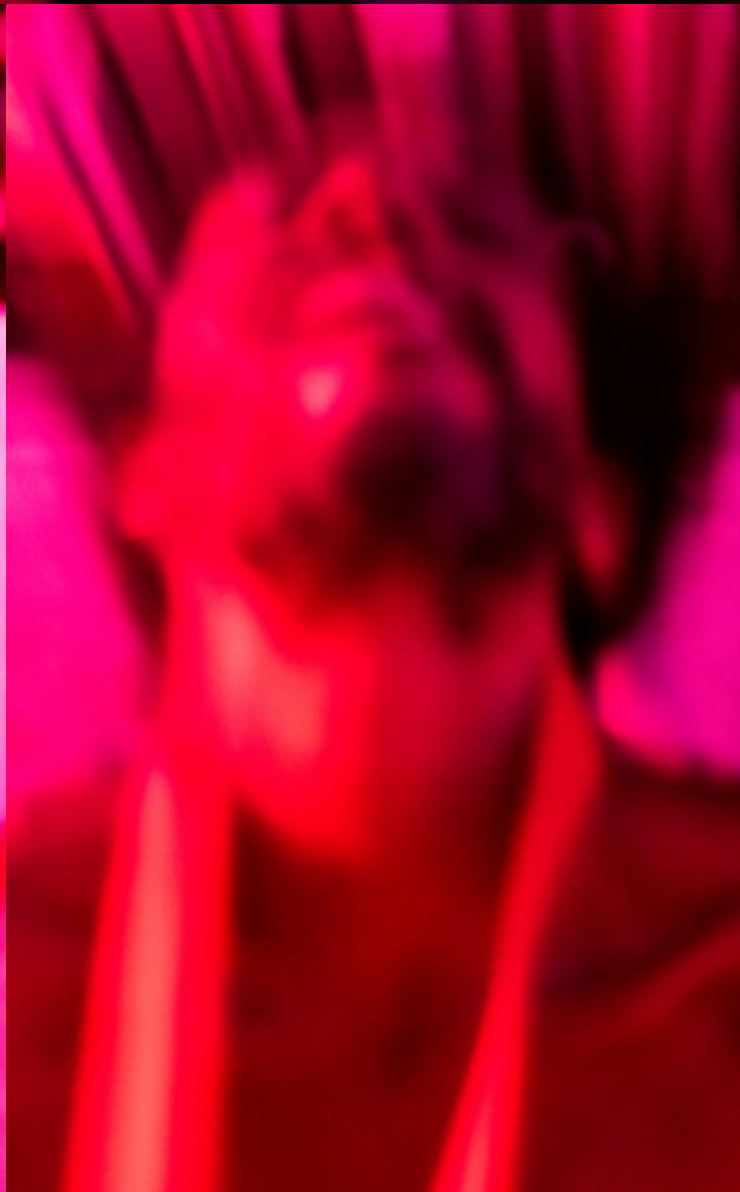





Figuras 143, 144, 145 e 146

La Lito [DJ Jonhybigu]

Chris, The Red
Instalação Pornossexualigráfica
São Paulo/SP
2021





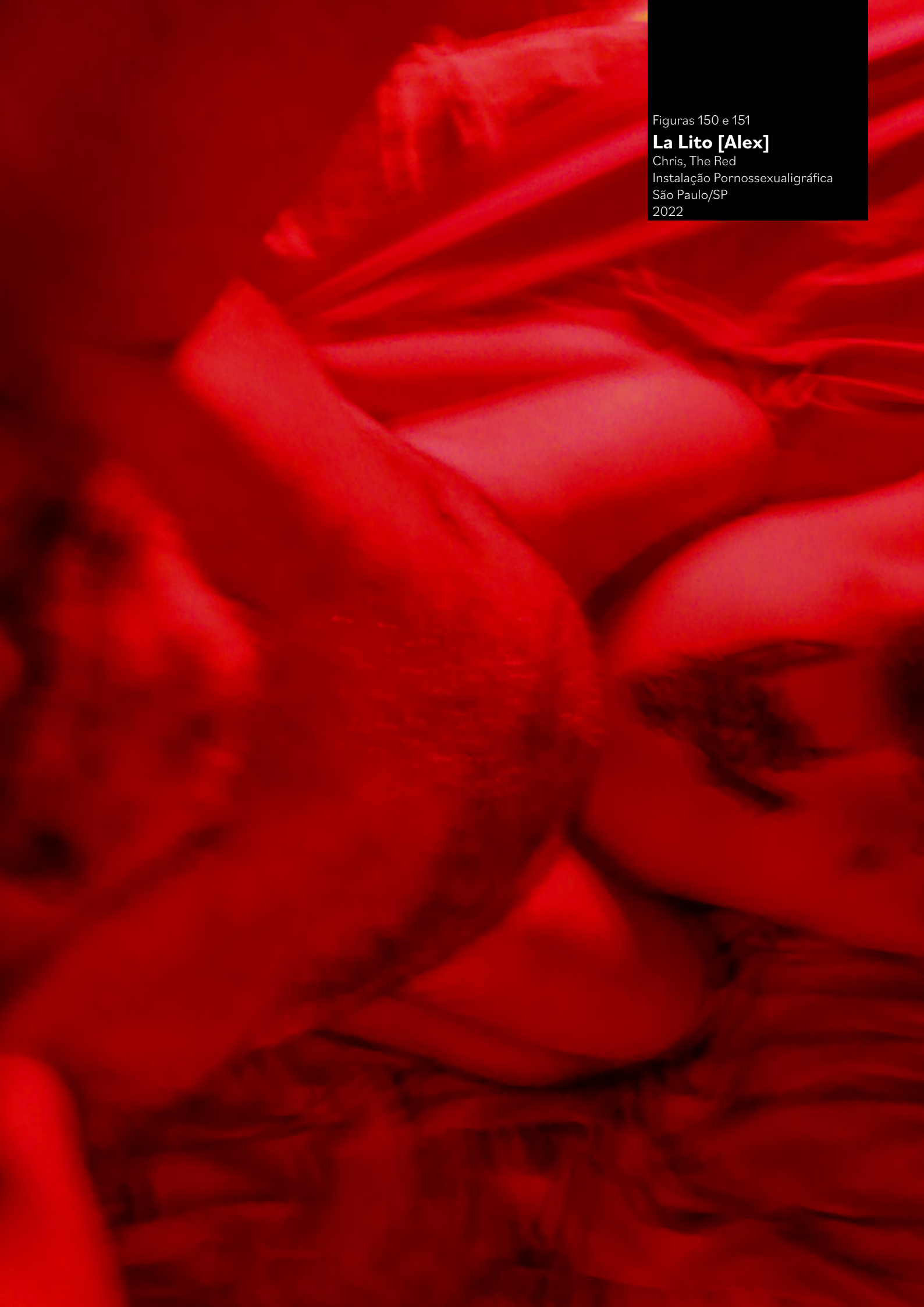


Figuras 147, 148 e 149

La Lito [Sue & Cláudio]

Chris, The Red
Instalação Pornossexualigráfica
Porto Alegre/RS
2021





Figuras 150 e 151

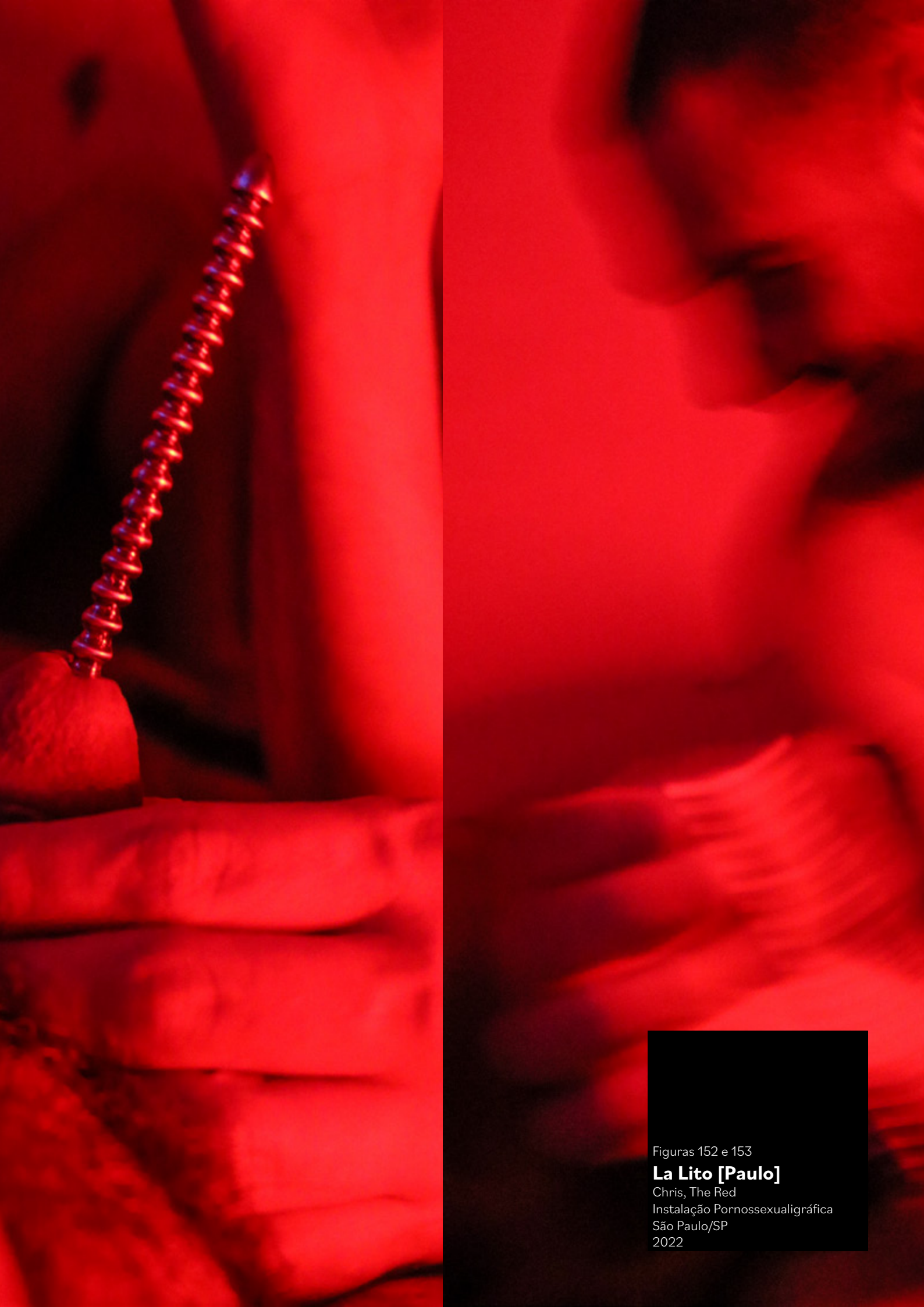
La Lito [Alex]

Chris, The Red

Instalação Pornossexualigráfica

São Paulo/SP

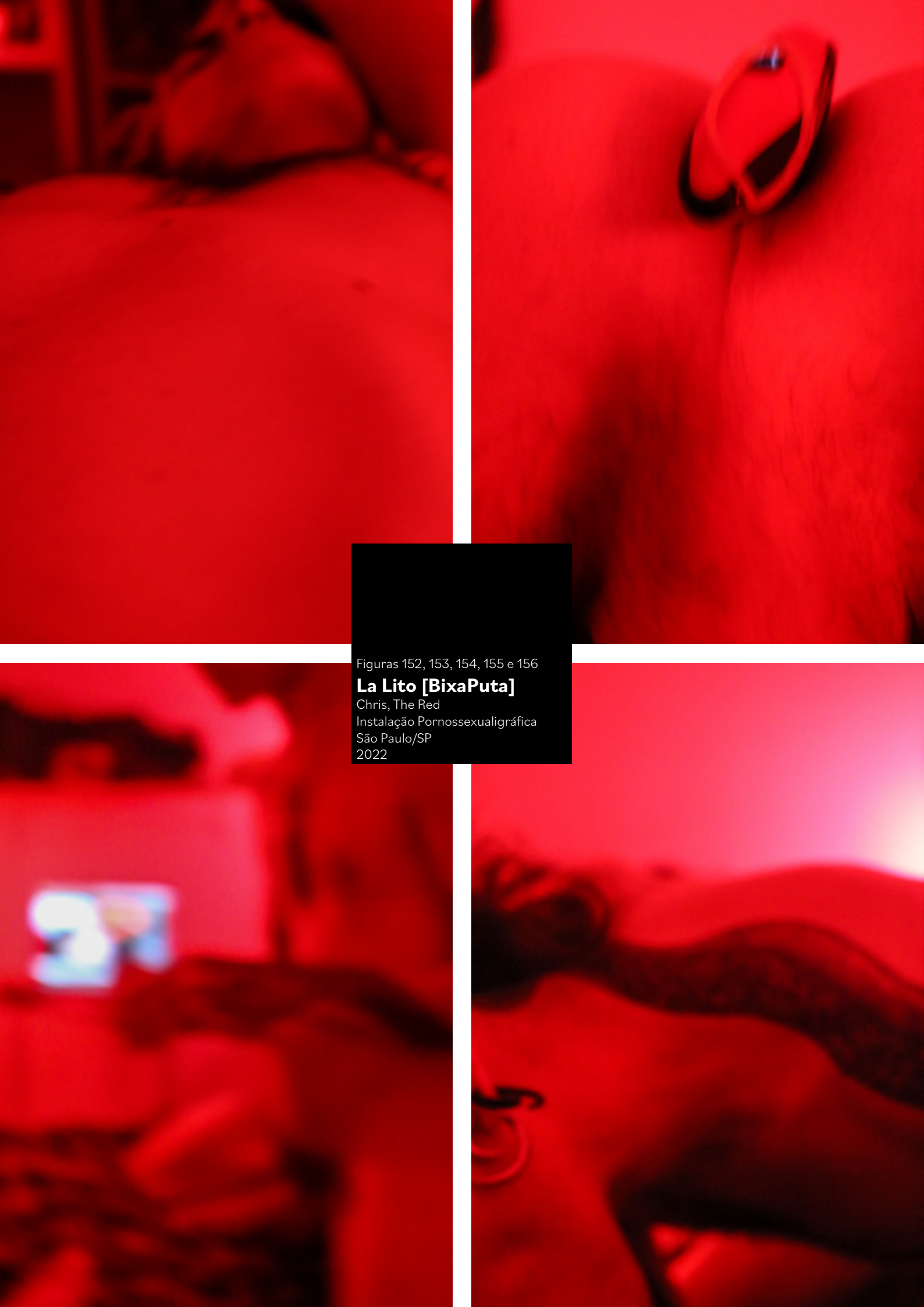
2022



Figuras 152 e 153

La Lito [Paulo]

Chris, The Red
Instalação Pornossexualigráfica
São Paulo/SP
2022



Figuras 152, 153, 154, 155 e 156

La Lito [BixaPut]

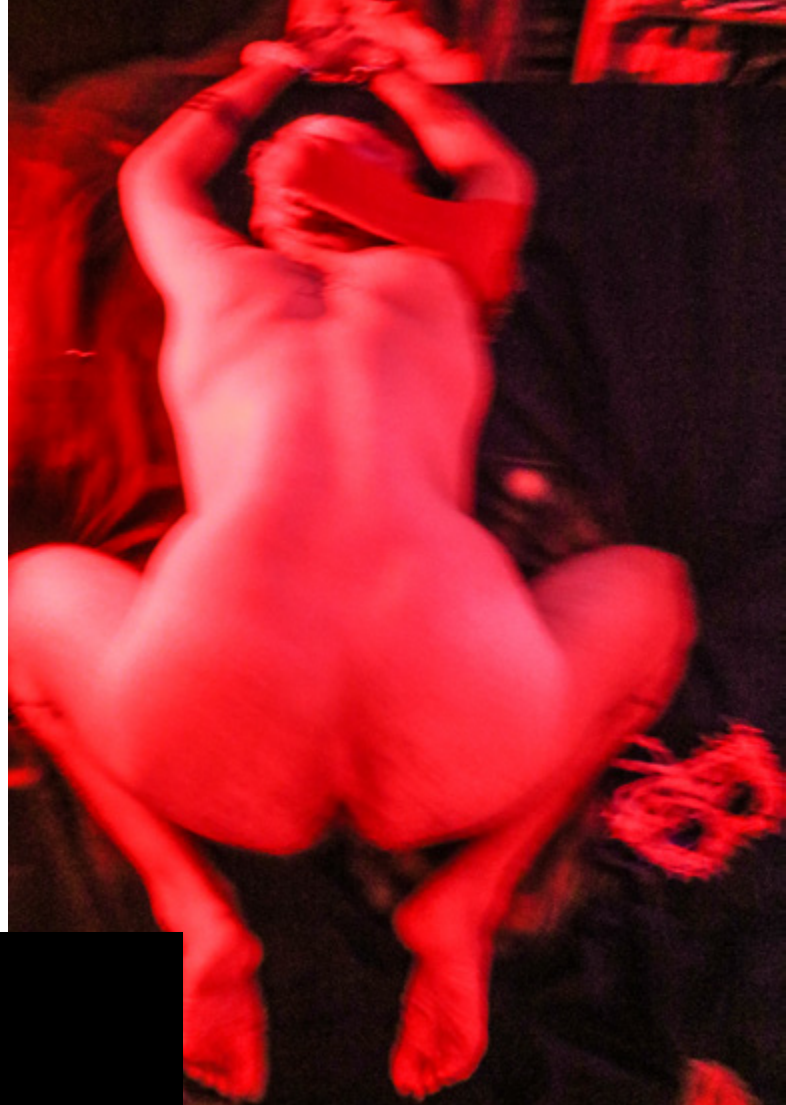
Chris, The Red

Instalação Pornossexualigráfica

São Paulo/SP

2022

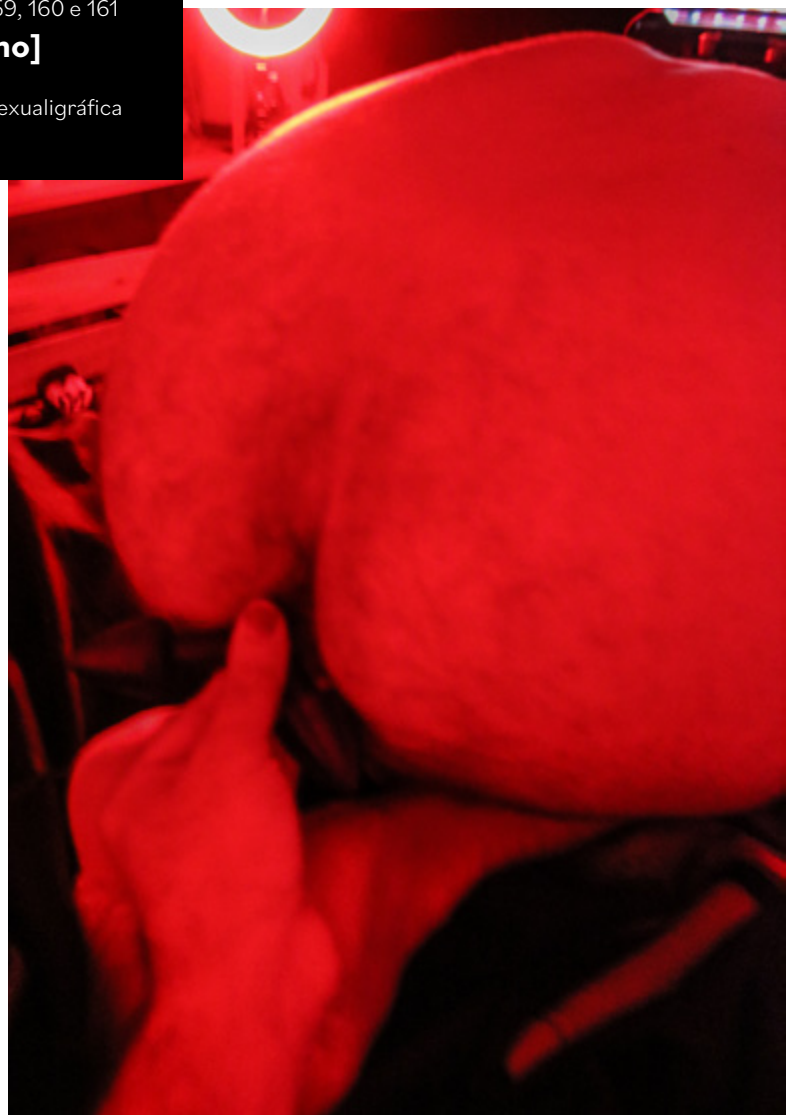




Figuras 157, 158, 159, 160 e 161

La Lito [Bruno]

Chris, The Red
Instalação Pornossexualigráfica
São Paulo/SP
2022







Figuras 162 e 163

**La Lito [Mauro, Beto
& Jr]**

Chris, The Red
Instalação Pornossexualigráfica
São Paulo/SP
2022

Figuras 164, 165, 166, 167, 168,
169 e 170

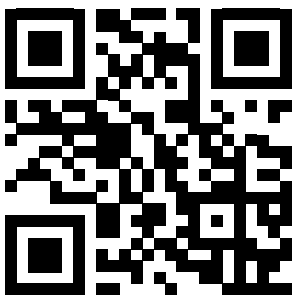
La Lito [BrBottom]

Chris, The Red
Instalação Pornossexualigráfica
Rio de Janeiro/RJ
2022



Fotos

<https://bit.ly/LaLitoCTR>



Vídeo

<https://bit.ly/CTRLaLitoVideo>



O CIS-TEMA DE ARTE
É CONSERVADOR...

... quando, em nome de
uma moral e dos bons
costumes,
se determina o que
deve ser visto e o que
deve ser escondido
no CIS-tema de arte,
apagando, entre
outras coisas, as artes
explícitas e colocando
tudo na mesma
caixinha do erótico
para normatizar e
legitimar o que é
exibido.

A teia me aponta para uma tendência interartística de pensar a invenção aliada a um borrar da noção de autoria individual, pensando a obra de arte enquanto espaço de encontro/contágio, e para uma perspectiva de continuidade do fazer artístico, como o inacabar de uma obra ou o brotar de infinitos esporos-fungos de obras em trama, que deixa fios, raízes e linhas no ar para que sejam fígadas por outros processos e, assim, continuarem a si fazendo. (Levi BANIDA, 2021, p. 65)

Caríssima pessoa leitora deste Ato 02, é preciso que entenda algumas coisinhas antes de continuar para que sua mente não bugue geral. Este Ato surge de mim, de *Dr. Red* (você conheceu esta sujeita no final do Ato 01) e todas as pessoas que a nós se conectaram neste processo de Jornada-Mestrado. A sujeita da escrita muda todo tempo, ela transita em um grande processo de teia bem articulada, mas infinita. Inacabada, mas enraizada. Trazendo algumas respostas, mas provocando outras perguntas. E assim, não se avexe não se sua mente entrar em um turbilhão, é assim mesmo, deixe-se levar. “*Take the red pill*”⁹⁵. Pensar por outros caminhos, pelos desvios, pelas dissidências causa essa confusão, pois é sobre sair de zonas de conforto. E assim, em alguns momentos deste Ato, sou eu – Chris, The Red; em outros, é *Dr. Red* e também vozes-outras, pois quando nos conectamos, nos tornamos plurais, coletivos e nossas vozes ainda mais potentes. Sendo assim, o convite está feito. É só seguir adiante.

Uauuuuuuu!!!! Você me arregaçou, literalmente, meu corpo, minha mente, minhas pregas. Minha cama-divã é para isto, para nossos orgasmos e que sejam sempre muitos. **La Lito**, entre todas as minhas putarias artísticas, tem se superado. Minha corpa nunca tremeu tanto de prazer, de gozo, de arte. E olha que é um projeto não finalizado, tudo que havia pensado até então, em todos os meus anos de terapeuta pornossexualigráfico⁹⁶, nunca pensei que tudo que escrevi, pensei sobre sexualidade e arte poderia ser tanto colocado em xeque. Sem sombra de dúvida e com sua porra ainda escorrendo pela minha boca, **La Lito** está em construção, se modifica a cada momento que mais uma corpa se conecta a minha. Chris, The Red estava certo. Essa experiência me transformaria para sempre. Aceito de bom grado se nunca tiver uma versão final, pois é o que sou, aliás, o que somos. Uma metamorfose constante. “*E, afinal, foi bom pra você?*”⁹⁷. Foi sim. Está sendo. E você, quer mais? Quero, Dr. Red, quero muito mais, mas primeiro sussurra de novo no meu ouvido o que significa **La Lito** enquanto sua pele quente roça na minha. “*É caaaamaaaaa!!!*”⁹⁸. Que delícia, adoro uma cama, uma cama-divã é ainda melhor. Claro, baby. Minha cama-divã é e sempre será um espaço de liberdade, das sexualidades, de deixar cada uma de vocês trazerem suas vivências, seus desejos. Contarem suas histórias. Se desnudarem de corpo e

95 Tradução literal: “Tome a pílula vermelha”. Esta é uma referência ao filme *Matrix* (1999), onde o personagem Morpheus convida o personagem Neo a fazer uma escolha e libertar sua mente.

96 Mais adiante, falaremos sobre este termo “ pornossexualigrafia/pornossexualigráfic[a][o]”.

97 (Leandro COLLING, 2015, p. 248).

98 La Lito significa cama em Esperanto. O Esperanto é uma língua internacional planejada que foi lançada em 1887 com objetivo de facilitar a comunicação entre os povos de diferentes países e culturas. O autor do Esperanto foi o médico polonês Lázaro Luís Zamenhof (1859-1917) que o lançou com o pseudônimo “Dr. Esperanto” que significa nesse idioma “aquele que tem esperança” em um livro denominado “Unua Libro de la Lingvo Internacia”. Portanto, o nome original do Esperanto é “Lingvo Internacia”, que melhor se traduz por “língua para ser internacional”. Disponível em <http://esperanto.org.br/info/index.php/18-disvastigado/5-o-que-esperanto>. Acesso: 17 julho 2022.

LA LITO



DOCTOR RED
CONVIDA
DJ JOHNNY

FotoLivePerformance

você é nossa convidade para assistir!

Hoje, 14.03.2021,

às 22h30

(plataforma Zoom)

só para convidades.

NÃO DISTRIBUA O LINK DE ACESSO.

Figura 171

Convite enviado para
o La Lito com o
DJ JonhnyBigu

Chris, The Red

Instalação Pornossexualigráfica

São Paulo/SP

2021

alma juntas comigo. Tira minha calcinha vermelha, sente o calor da minha pele. Aqui, não há censura. Consentimento, sim. Censura, nunca.

La Lito é processo e obra e putaria e arte, tudo junto e misturado. Somos nós performando para

você, para mim, para es convidades que nos vêm agora pelas telinhas direto de suas casas, camas, banheiros, se masturbando, batendo uma siririca, uma curirica, nos vendo, passando suas mãos por suas peles, seus cus, bucetas, paus, cabelos, mamilos, gozando enquanto o fotografar, o performar, o gravar, o instalar acontece. Nosso

espaço real se mistura ao espaço virtual da câmera e, por isso, nunca poderei pensar **La Lito** como encerrada, posso não mais realizá-la se o Chris, The Red assim não mais me permitir, mas

acabada, não. É uma construção, metamorfose, transformação, um espaço de confiança entre nós, de parto de nossas memórias, de nossas poéticas. Bebe mais um pouco! Este vinho é inebriante. Baco estava certo. Deixe o vinho deslizar pela sua pele, vou sorvê-lo em sua pele com minha língua úmida... Um espaço aberto a todes que quiserem se abrir e contar suas histórias e, nossa, quantas já foram contadas, meu cu até pisca de lembrar. É aquela putaria artística que a gente não quer que acabe. Aliás, gata, sabe o que lembrei agora. Daquela aula de performance como linguagem que tive com o Renato Cohen,

na qual ele disse que, *“apesar de sua característica anárquica e de, na sua própria razão de ser, procurar escapar de rótulos e definições, a performance é antes de tudo uma expressão cênica (...) A partir dessa primeira definição, podemos entender a performance como uma função do espaço e do tempo $P=f(s,t)$; para caracterizar uma performance, algo precisa estar acontecendo naquele instante, naquele local”*⁹⁹. Você

tem noção que nossos corpes, neste exato momento, neste exato local, estão em total sintonia se expressando, mas não de uma forma cênica como ele falou, pois cada momento vivido por nós está de fato sendo sentido, vivido. São

performances de nossos desejos, minha mão entrando na sua boca não era uma encenação, era libido. Seu dedo siriricando meu cu enquanto te fotografava era tesão e, quando olho para essas fotos, é esse tesão que me vem a mente, e é disso que gosto em **La Lito**, dessas fusões, dessas misturas, todes somos sujeitos presentes, nada daquela coisa de uma parte sujeito e uma parte objeto, ou de um

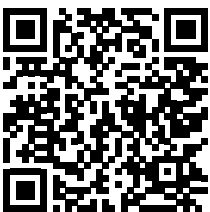
sujeito presente e um sujeito ausente, mas sujeitas, conectadas, libertas, excitadas. Essa dualidade presente-ausente não cabe, não nos representa. Não sou quem determina o que acontecerá. É você. Você manda e eu, Dr. Red,

obedeço. E sabe, Dr. Red, meu tesudo, sabe o que mais gosto nessas nossas putarias artísticas? São também as nossas conversas. Você, quando ouve nossas histórias, fantasias e, entre línguas e dedos, permite que possamos desnudar não apenas nossas corpas, mas nossas experiências. Adoro ainda mais, porque nunca

sei o que esperar das histórias de vocês, elas são múltiplas, possibilidades mil e não aquele roteiro marcado do mainstream que surgiu lá nos anos 70, que estabeleceu aquela sequência horrível e sem graça, focada na satisfação do homem “macho e ativo”. Sabe? 1. Começo, a tal das preliminares (que coisa mais sem noção, não existe essa porra de preliminares). 2. Meio, a penetração (como se fosse o objetivo único da nossa sexualidade) e 3. Fim, a ejaculação (do homem

99 (Renato COHEN, 2013, p. 28).

“macho ativo”, né? Porque foda-se se a pessoa penetrada gozou ou não)¹⁰⁰. E o pior, dr., é que isso ficou como sendo a normativa do sexo, quando estou em sua cama-divã, não tenho ideia do rumo que pode tomar, ainda que antes, o Chris tenha toda uma conversa sobre consentimento, quando começa a transmissão, nossas mentes e corpos se transformam e se sentem livres para se entregar. Sim, me lembro da primeira pessoa que convidei para o **La Lito**, em março de 2021, o DJ JohnnyBigu (Figura 171). Confesso que estava bem nervoso, pois era a primeira vez que colocaria em prática essas minhas novas ideias fotopornossexualigráficas. Era tudo ainda esboços, pensamentos sobre a criação dessa nova putaria artística. Chris, The Red tinha me passado algumas informações e notas, mas a construção tem acontecido durante o processo, durante cada vez que um encontro acontece. Nesse dia, comecei a transmissão ao som de *Unstoppable*, de Lianne Las Havas¹⁰¹, e com as palavras do #putopreto Marcus Vinicius/Otello e me lembro da emoção nos olhos do Johnny. Ele é um rapaz negro e, ao ouvir as palavras de Otello, me disse emocionado: *“me vejo nas palavras de Otello”*. *“Temos que ser ativo, viril, comedor/reprodutor. Mas é hora de um basta, de gritar! O feminino está em mim como o falo está para o meu corpo. Apenas está. Vivo a liberdade de experimentar tudo que provoca o senso comum. Transitar entre gêneros é vida. Arte que nos humaniza. Que provoca o sentido real de estarmos compartilhando esse mesmo espaço-tempo. A minha cor não determina minha sexualidade. Nem onde meu corpo deve estar. Meu dote não me obriga a comer geral. Sou mais do que uma rola preta para satisfazer desejos do patriarcado. Sou de carne e osso e vontades infinitas. Meu prazer está em satisfazer a vontade incessante de gozar diferentes momentos. Sou fluido. Sou além de um pau. Sou vampiro. Devoro vidas. Realizo desejos. O falo é mero detalhe. As regras são minhas. Obedeço o meu corpo na busca do gozo onde as carnes são meros coadjuvantes”*¹⁰². E, então, uau, até me arrepio de lembrar, Johnny, de você chegando calçado com um sapato de salto alto vermelho e se posicionando entre as minhas pernas. Sua pele quente, ardendo. Você me beijou a boca com vontade de me sugar. Você se entregou completamente ao momento e foi incrível e durante aquela hora, nos deliciamos com as suas histórias de resistência enquanto uma sujeita de [r]e[s][x]istência negra bixa nascida no Rio de Janeiro. Lembro de você me falando que, antigamente, quando tinha seu corpo negro objetificado pelos padrões da virilidade, do pau grande, da masculinidade que era colocada sobre seu corpo, você ficava calado e você resolveu dizer não. *“Até os meus 35 anos eu não me dava conta que eu era objetificado, de que tinha que ser o negrão da piroca, ativo, e muitas vezes tinha que criar uma personagem, mesmo querendo dar o cu, tinha que manter um ser ativo. Antes eu me permitia ser objetificado, de ir lá comer o cara e ir embora, ser um pedaço de carne. Hoje, não aceito mais, não posso ficar calado. Eu posso comer seu cu de salto, não preciso ser o negrão da piroca. Eu posso me montar e me desmontar. Eu sou franciscana, é dando que se recebe. A sociedade já me rotula tanto e ainda vou colocar mais rótulos em mim? Sou feliz curtindo corpos diferentes”*. Sim, é sobre isso. E quando lhe perguntam o tamanho do seu pau, prontamente você responde: *“se quiser saber o tamanho da minha pica, engole uma régua e me chupa”*. Adoro, ainda vou fazer uma camiseta com essa frase. As pessoas precisam parar de objetificar corpos por conta de nossas genitais. Chega! Sem falar do racismo, né, gato, pois somos seres intersseccionais e a objetificação de você não era apenas do ponto de vista da sexualidade, era também da



100 (Bruno RIBEIRO, 2022, p. 71)

101 Ouça a Playlist Putarias Artísticas do Dr. Red: <https://bit.ly/PlaylistPutariasArtisticasdeDrRed>

102 (Marcus VINICIUS, 2019, p. 58).

raça, pois ao mesmo tempo em que o querem como o negro ativo metedor, você sofre racismo por ser negro. *“Sim!!!! Um dia eu estava caminhando e uma mulher, ao me ver, segurou mais forte sua bolsa e, logo depois, essa mesma mulher sofreu uma tentativa de assalto por um homem branco e quem a ajudou fui eu. Teve outra vez, na padaria, uma pessoa me olhou dos pés a cabeça, eu olhei pra ela e disse bom dia. Você não precisa ter medo de mim, mas se você não educar seu filho, você pode ter medo dele porque ele pode roubar sua bolsa e comprar drogas. Eu não lhe ofereço risco nenhum. É preciso dar uma chacoalhão nas pessoas”*. Sim, precisamos cutucar essas pessoas, como você está agora me cutucando, continua, não pára. Que delícia!!!! Tô todo molhadinho, até me perdi no meu pensamento, isto, me abre as pregas com seu dedo. Acho que vou passar a fala para o Chris enquanto você vai me dedando...



Figuras 172, 173 e 174

La Lito [D] Johnnybigu]

Chris, The Red
Instalação Pornossexualigráfica
São Paulo/SP
2021



Como assim? Também quero esta dedada. Mas sim, Dr. Red e Johnny, a mudança do preconceito estrutural que existe em nossa sociedade não vai mudar com passada de pano ou pedidos de desculpas esfarrapados. É preciso dismantellar o racismo, quebrar na unha a homofobia e todos os padrões opressores impostos, inclusive no CIS-tema de arte que é, além de racista, conservador.

Estava lendo, um dia desses, o livro *O que vem depois da farsa?*, do Hal Foster (2021), e ele escreve o seguinte:

Dizem que por muito tempo a esquerda se concentrou na identidade cultural e cedeu o controle político à direita. No entanto, é na esfera cultural - museus, universidades e instituições afins - que muitos de nós podemos exercer nossa pequena influência. (...) Contudo, um resultado desses desdobramentos é decerto uma volta inesperada do museu e da universidade como possíveis locais de resgate da esfera pública, em que, ao menos em princípio, podem-se expressar críticas e se propor alternativas. Eles emergiram como pontos de pressão para artistas ou críticos ativistas que têm se empenhado em explorar as tensões entre os compromissos públicos dessas instituições e os interesses privados que as dirigem. (Hal FOSTER, 2021, s/p).

E é por isso que **La Lito** (2021-2022) (Figuras 143 a 174, 176 a 179, 181 - 192, 196 - 199, 203 a 211) tem sido tão importante nesses meus processos criativos e nesta jornada-mestrado. Ela me leva a quebrar ainda mais os parâmetros do que é processo e do que é obra em minhas construções poéticas e até mesmo não pensar de forma definitiva e numa separação das linguagens artísticas. Isso realmente não importa, mas *"ponderar a obra de arte enquanto um espaço de hibridação e fricção entre fatias de mundos na estranheza, é, sobretudo, expandir as possibilidades do pensar artístico"* (Levi BANIDA, 2021, p. 65). **La Lito** é este meu ponto de pressão dentro da academia, minha proposta à alternativas em nossos processos de poéticas visuais, espaço de expansão. A cultura e a arte são bases para uma sociedade mais inclusiva e equalitária e não deve ser colocada em zonas de conforto e de tradições ou para interesses privados exclusivamente, mas em uma constante experimentação e conexão com pensamentos-outros e corpos-outros. **La Lito** é esse espaço experimental que acontece no performar das corpos de *Dr. Red* com as pessoas que convida para sua cama-divã. Se faz no momento em que o público se delicia e olha com desejo a tudo que está acontecendo. No momento em que *Dr. Red*, acompanhado de sua "dildo-câmera"...

(PAUSA: INÍCIO)



Uso o termo "dildo-câmera" como uma referência a Paul B. Preciado que, no livro Manifesto Contrassexual (2017), traz o conceito de dildotectônica, que designa

(...) qualquer descrição das deformações e das anormalidades detectáveis, à primeira vista, em um único corpo ou em vários corpos que transam com, ou se utilizam de, dildos" e busca "identificar as tecnologias de resistência (que, por extensão, chamaremos de "dildos") e os momentos de ruptura da cadeia de produção corpo-prazer-benefício-corpo nas culturais sexuais hétero e queer (Paul B. PRECIADO, 2017, p. 49).

Assim, a "dildo-câmera" do *Dr. Red* junta-se aos dildo-perna, dildo-braço, dildo-pênis, dildo-peito (Figura 175) de Preciado como uma ferramenta tecnológica no romper anti-

higiênico e de resistência pelas artes da sexualidade. Uma ferramenta para o gozo, para o prazer. No Manifesto, Preciado diz que **"a formação da palavra dildo nas línguas latinas estaria etimologicamente justificada pela relação com o termo latim dilectio, amor, gozo"** (Paul B. PRECIADO, 2017, p. 199). A dildo-câmera é exatamente sobre isso: amor e gozo.

No entanto, é interessante também fazer uma relação com Vilém Flusser e o livro Filosofia da caixa preta - elementos para uma futura filosofia da fotografia (2002) que, no capítulo 3, "O aparelho", escreve o seguinte:

Instrumentos são prolongações de órgãos do corpo: dentes, dedos, braços, mãos prolongados. Por serem prolongações, alcançam mais longe e fundo a natureza, são mais poderosos e eficientes. Os instrumentos simulam o órgão que prolongam: a enxada, o dente; a flecha, o dedo; o martelo, o punho. São 'empíricos'
(Vilém FLUSSER, 2002, s/p)

Ou seja, os aparelhos, especialmente o fotográfico, transborda a barreira de um simples instrumento, tornando-o um brinquedo que precisa ser esgotado para trazer outras possibilidades. Minha "dildo-câmera" deixa de ser um mero aparelho para ser um mundo a ser descoberto. Um mundo de gozo, afeto, desejo e amor. Dizem por aí que a câmera é a extensão do nosso olho ou da nossa mão, a "dildo-câmera" de Dr. Red é a extensão de toda a sua corpa enquanto materialidade e subjetividade. Ela penetra a alma e o corpo, a mente e o cérebro, a razão e a emoção...

Chris, vou te interromper um pouco, pois estas últimas coisas que você falou aí de corpo, mente, cérebro e tudo mais me fez lembrar de uma tarde gostosa que tive com o professor Afonso Medeiros e dele ter falado sobre como estas dicotomias cartesianas são criticadas radicalmente pelo neurocientista português António Damásio. Ele até me indicou o livro O erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano para euzinha ler, mas acabei não conseguindo, você sabe, né, muita gente se conectando aqui na nossa cama-divã. Mas acho que pode ser uma boa leitura pra você como referências futuras. Daí, você lê e me passa o resumo (risos).

Massa, não conheço. Já anotei aqui, Dr...

Aliás, peraí, lembrei que ele anotou um trecho do livro do Damásio para mim. Só um minuto que vou procurar aqui nesta minha zona. Aqui, achei. Diz o seguinte: "**a compreensão cabal da mente humana requer a adoção de uma perspectiva do organismo... não só a mente tem de passar de um cogitum não físico para o domínio do tecido biológico, como deve também ser relacionada com todo o organismo que possui cérebro e corpo integrados e que se encontra plenamente interativo com um meio ambiente físico e social**"¹⁰³. Bixa, não entendi nada, mas...

Olha, assim sem ler o livro, também não entendi muita coisa, mas gosto muito do que ele fala sobre cérebro e corpo integrados e a relação plena com o meio ambiente e pensando no que estava falando antes sobre "dildo-câmera", estava aqui matutando que sua "dildo-câmera", muito mais que uma prolongação como afirma Flusser, ou uma extensão do olho ou da mão, ela é sua mente, corpo, alma, cérebro, espírito, a razão, a emoção, tudo junto e misturado. Ela não obedece ao comando do clique do seu dedo, ela é o próprio comando. Claro, isso tudo pode ser uma grande viagem minha, mas acho interessante pensar essas possibilidades a partir de sua "dildo-câmera".

(PAUSA: FIM)

Continuando... No momento em que a "dildo-câmera" de Dr. Red vai registrando, criando retratos do desejo, da entrega, da liberdade, sem preocupar-se com aspectos técnicos da fotografia, ela acontece. Não interessa a fotometria, a luz, o foco, nem ISO nem nada, inclusive a "dildo-câmera" está totalmente colocada no modo automático, ela flui por conta própria conforme o momento. É sobre fugir das roteirizações da construção não apenas da pesquisa acadêmica, mas também do que é o processo e do que o resultado. Em **La Lito**, tudo se funde provocando construções epistemológicas-outras, processos-outras.

De forma que optei, ao longo da minha jornada-mestrado, pelo processo de fusão das linguagens e ir para além do imagético e da escrita como única forma de comunicação, e pensar as oralidades, os cantos, a poesia, o gozo enquanto práticas de construção artística e de saber, a conexão das corpas enquanto processos que também são as obras sem uma necessidade obrigatória de defini-las como sendo isto ou aquilo unicamente. Uma visão expandida. Aliás, palavra esta - expandida - que está muito intrínseca em minhas Putarias Artísticas (PA). Aliás, o conceito de fotografia expandida tornou-se muito importante no meu processo criativo. Quando *Dr. Red* e eu afirmamos que **La Lito** é processo e resultado ao mesmo tempo, estamos conversando com esse conceito.

103 (António DAMÁSIO, 2005, p. 282)

O conceito de "expandido", para as linguagens artísticas, especialmente, a fotografia, vem como resultado da própria construção da fotografia como linguagem no CIS-tema de arte. De acordo com Rubens Fernandes Jr., na sua tese de doutorado intitulada *A fotografia expandida* (2002), algumas pessoas são essenciais para se compreender essa ideia de "expandido". Ele elas, Andréas Müller-Pohle, que, no texto **Information strategies**, publicado na revista alemã **European Photography**¹⁰⁴ (1985), defende o conceito de fotografia expandida como um processo de rompimento com a tradição do fazer fotográfico. Além dele, Gene Youngblood, que na década de 1970, para se referir a expansão das linguagens, principalmente, do cinema, escreve o livro **Expanded cinema**¹⁰⁵ (1970); e Rosalind Krauss e o seu texto **Sculpture in the expanded field**¹⁰⁶ (1979), no qual ela discute sobre a escultura expandida; entre outras pessoas que buscaram outros caminhos para compreender a produção das poéticas visuais contemporâneas e que se conectam com o que o próprio Rubens apresenta em suas pesquisas sobre fotografia expandida, na qual a ênfase está na **"importância do processo de criação e dos procedimentos utilizados"** (Rubens FERNANDES JR., 2006, p. 11) pelas artistas:

A fotografia expandida existe graças ao arrojo dos artistas mais inquietos, que desde as vanguardas históricas, deram início a esse percurso de superação dos paradigmas fortemente impostos pelos fabricantes de equipamentos e materiais, para, aos poucos, fazer surgir exuberante uma outra fotografia, que não só questionava os padrões impostos pelos sistemas de produção fotográficos, como também transgredia a gramática desse fazer fotográfico. (...) A fotografia expandida é desafiadora, porque subverte os modelos e desarticula as referências. (Rubens FERNANDES JR., 2006, p. 11)

Importante também é a ponte que Rubens faz com Vilém Flusser e as ideias trazidas no livro **Filosofia da caixa preta** (2002). De acordo com Rubens, Flusser sintetiza

104 "Information Strategies", in revista *European Photography*. Göttingen: Volume 6, Nº 1, Jan.-Mar., 1985.

105 Ver *Expanded cinema*, Gene Youngblood, A Dutton Paperback, 1970.

106 Ver "Sculpture in the expanded field", in: revista *October*, Nº 8, primavera 1979.

perfeitamente a ideia de fotografia expandida e como ela rompe com a fotografia convencional¹⁰⁷, uma vez que ele nos convida a caminhar junto com ele para, pouco a pouco, tal como os ciclos de Dante, irmos captando elementos que são essenciais para construção dessa filosofia da fotografia:

- (1) A imagem;
- (2) A imagem técnica;
- (3) O aparelho;
- (4) O gesto de fotografar;
- (5) A fotografia;
- (6) A distribuição da fotografia;
- (7) A recepção da fotografia;
- (8) O universo fotográfico; e por fim, (9) A urgência de uma filosofia da fotografia:

A filosofia da fotografia é necessária porque é reflexão sobre as possibilidades de se viver livremente num mundo programado por aparelhos. Reflexão sobre o significado que o homem pode dar à vida, onde tudo é acaso estúpido, rumo à morte absurda. Assim vejo a tarefa da filosofia da fotografia: apontar o caminho da liberdade. Filosofia urgente por ser ela, talvez, a única revolução ainda possível. (Vilém FLUSSER, 2002, s/p)

Essa ponte com Flusser torna-se essencial para a construção de um conceito de fotografia expandida, uma vez que nos leva a pensar (a) esses elementos separadamente e (b) a relação de alimentação de um para o outro e como compreendê-los nos possibilitará, além de transitar por outros espaços da fotografia,

romper uma matriz codificada, subverter os modelos instituídos, operar nas brechas dos programas. Essa é a tarefa do artista que reconhece o absurdo dos programas e não quer se submeter às regras e às combinações pré-estabelecidas pelo sistema (Rubens FERNANDES JR., 2006, p. 14).

Essa é a tarefa a que me propus ao dar início a essa jornada-mestrado, de um artista incomodado com os absurdos do CIS-tema de arte, das regras pré-estabelecidas e por acreditar que construções poéticas visuais são espaços potencializadores de rompimentos com esses aspectos limitantes que nos são impostos, inclusive pela técnica. **La Lito** não se constitui apenas nas fotos que acompanham este Ato 02 desta dissertação-manifesto (Figuras 143 a 174, 176 a 179, 181 - 192, 196 - 199, 203 a 211). Nas palavras de Rubens, **La Lito**

107 Rubens entende fotografia convencional como “aquela que é produto de uma ação entre o sujeito e o objeto, intermediada por uma prótese, a câmera fotográfica” (FERNANDES Jr., 2006, p. 12).

(...) é exatamente a busca dessa diversidade sem limites e da multiplicidade dos procedimentos - novas formas do conhecimento humano onde o mundo passa a ser entendido como uma trama complexa, extraordinária e instável. A fotografia contemporânea é hoje um suporte para várias manifestações imagéticas que exigem do espectador uma capacidade de leitura diferenciada. (Rubens FERNANDES JR., 2006, p. 15)

La Lito não é o vídeo que ficou gravado, mas é também. Não é a performance, mas é também. Ou, nas palavras de Tadeu Chiarelli para falar sobre fotografia expandida, La Lito trata-se de uma fotografia contaminada pelo olhar, pela existência de seus autores e concebida como ponto de intersecção entre as mais diversas modalidades artísticas, como o teatro, a literatura, a poesia e a própria fotografia tradicional (Tadeu CHIARELLI, 1999. p. 115).

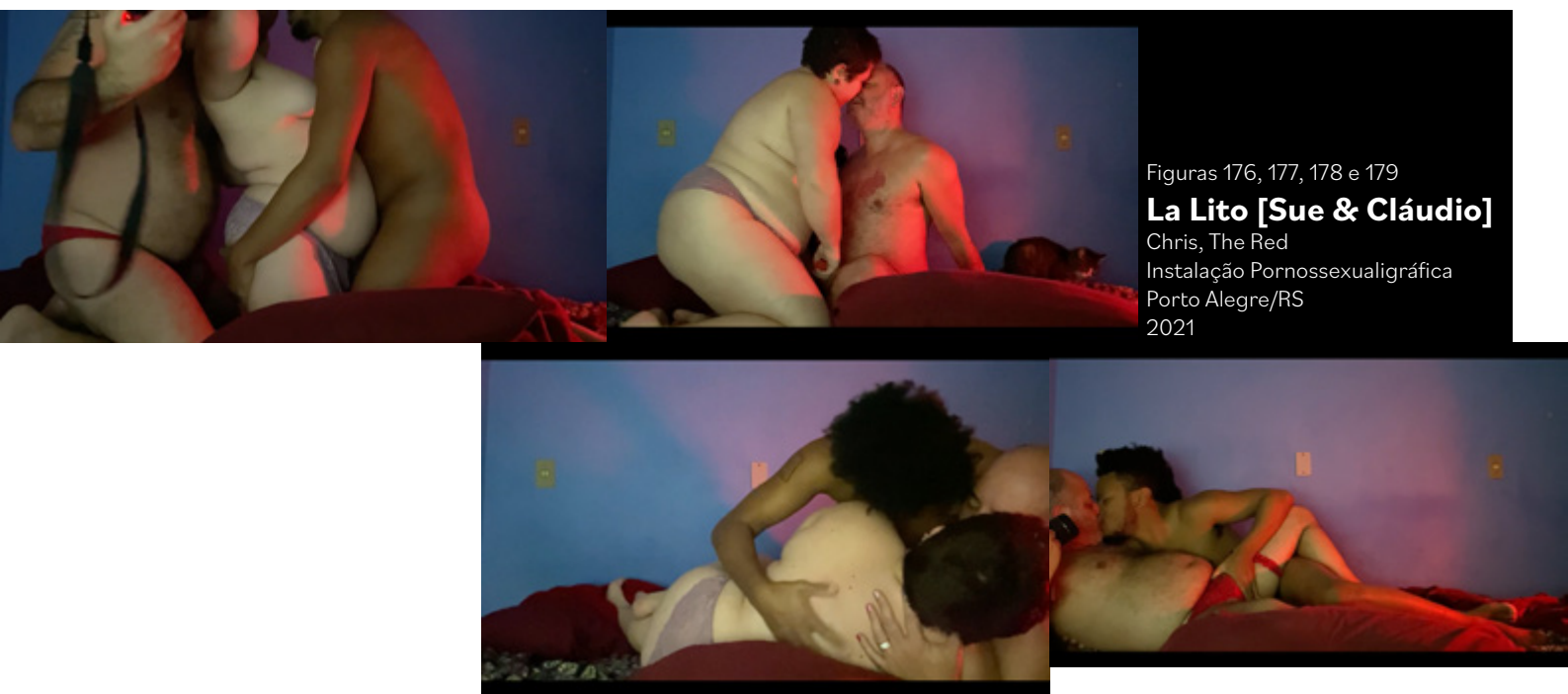
La Lito é o toque, a performance (ou a performatividade) (ou a perfechatividade¹⁰⁸), é o olhar da câmera de quem não abriu o vídeo, é o olhar do internauta que acessou o site, é o convite, é a sala do Zoom, é o tecido vermelho sobre a cama. É infinito, é o gozo, a música, o gemido, é a porra, é a memória utilizada nas nuvens. É a expansão. La Lito não é uma única linguagem. É uma grande instalação pornossexualigráfica trazendo histórias de pessoas que, em algum momento, tiveram suas corpos e suas escolhas negadas pelas normatividades do CIS-tema. Seja a corpa negra de Johnny, a corpa não-binária de Sue, a corpa não-hétero de Cláudio, a corpa cuir de Alex, a corpa-sonda de Paulo, a corpa puta de BixaPutta, a corpa-cu de Bruno, as corpos pornográficas de Mauro, Beto e Jr, a corpa gorda preta passiva de BrBottom.

La Lito é múltipla quando as pessoas que nela estão também são múltiplas, em suas vivências, em suas origens, em seus desejos, em suas vozes. Como aponta Fernandes Jr., é uma busca sem limites pela diversidade que precisa estar presente no CIS-tema de arte sem preconceitos, violências e apagamentos.

(PAUSA: FIM)

108 Sobre o termo, ler o artigo Perfechatividades de gênero: a contribuição das fechativas e afeminadas à teoria da performatividade de gênero (2019), de Leandro Colling, Murilo Souza Arruda e Murillo Nascimento Nonato. Disponível em <https://www.scielo.br/j/cpa/a/nnMnWqQW7tjNCP9Kn9tgYJf/?lang=pt>. Acesso: 26 setembro 2022.

Fica quietinho, Vermelhinho, que a Puta Sue chegou e já está toda ouriçada aqui na minha cama. Me pediu pra ler um trecho da Virginie Despentes enquanto acaricia suas tetas e seus mamilos inchados querendo ser lambidos. *“Escrevo a partir da feiura e para as feias, as caminhoneiras, as frígidas, as mal comidas, as incomíveis, as histéricas, as taradas, todas as excluídas do grande mercado da boa moça. E começo assim para que tudo fique bem claro: não me desculpo de nada, não vim aqui pra reclamar. Não trocaria de lugar com ninguém”*¹⁰⁹. Não me arrependo de arreganhar-me toda para você, queremos deslocar. Não crio para a elite, não crio para a hegemonia da estabilidade, para o seu ego machista, misógino com a mão no pau querendo comer a buceta *“São três posições, estão prontos pra gozar”*¹¹⁰. Crio para e com as putas, como puta que sou, crio para incomodar, desestruturar, sei lá o que, mas é tão gostoso o sabor do seu líquido vaginal em minha boca enquanto seu boy nos olha, sedento pra participar também. Vem, vem Cláudio, tira este roupão e vem brincar com a gente. Vamos mostrar pra esta gente que te colocou numa caixa da heteronormatividade que você está cagando para tudo isso, que você quer é experimentar, sentir nossas línguas juntas, um ménage a trois de linguadas. Aqui, vamos superar as violências contra nossas corpas. *“No Natal de 2015, fui abusada sexualmente e, até hoje, não me lembro de como isso aconteceu. A situação se deu depois de eu ter saído da ceia com a família e ido até a casa de um colega para beber e ouvir música. Na casa desse colega, acabei bebendo muito e sei que comecei a dançar para me divertir”*¹¹¹. *“As pessoas sempre me rotularam como hétero, mas não me defino assim nem de outra forma, busco deixar meu corpo livre para experimentar, sentir, viver possibilidades”*. Que delícia de trezinho. Sue, você é muito safade, tá aí se tocando enquanto me olha com seu boy, a gente se pegando. Vejo em seu olhar, seu tesão, a lubrificação brilhando em sua buceta. Volta aqui para cama. Somos três putas. Como você escreveu deliciosamente *“PUTA, seja homem, mulher ou não binária, é poder. Poder ser quem é, poder usar a roupa que quer, poder transar com quem quer e quando quer, poder ter uma vida sem dar atenção para*



Figuras 176, 177, 178 e 179

La Lito [Sue & Cláudio]

Chris, The Red
Instalação Pornossexualigráfica
Porto Alegre/RS
2021

109 (Virginie DESPENTES, 2016, p. 7)

110 Trecho de Tomara, música de Linn da Quebrada

111 (Sue GONÇALVES, 2020, p. 49)

as críticas conservadoras desse mundo cisheterocapitalista”¹¹². Somos PUTAS e nossas putarias desestabilizam as normas. Se sentem ameaçados com as nossas liberdades, libertinagens e tentam a todo momento, encaixotar numa caixinha que denominaram de erótico como forma de nos higienizar e poder dividir o joio do trigo, mas não aceitaremos mais isto. Chris, fala um pouco sobre o estudo do professor Afonso que muito nos ajudou sobre essas questões da história das artes das sexualidades nos CIS-temas de arte, que acha?

Sim, *Dr. Red*, o professor Afonso Medeiros, do Instituto de Artes da Universidade Federal do Pará tem um estudo muito importante sobre as questões do que chamam de arte erótica e arte pornográfica, mas antes de falar sobre seus estudos acho indispensável fazer um retorno à própria construção da palavra “pornografia” que gostaria de trazer a partir do livro *El museo secreto* (o museu secreto), de Walter Kendrick (1995) e do livro *A invenção da pornografia*, de Lynn Hunt (1999). Nos dois, é feito um resgate linguístico e conceitual do termo¹¹³.

(PAUSA: INÍCIO)

OUÇA O EPISÓDIO PORNOGRAFIA
COM BETO C LENDO O QR CODE OU
CLICANDO NO LINK AO LADO

(PAUSA: FIM)



<https://bit.ly/CTRDVPornografia>

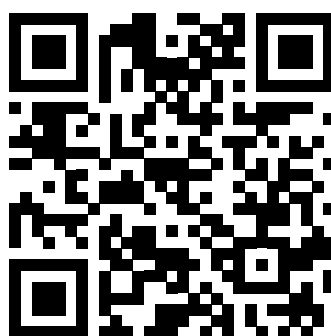


Figura 180

**Diários Vermelhos:
Pornografia com Beto C**

Chris, The Red
Podcast
2022

Após esse bate papo gostoso de *Dr. Red* com Beto C em torno da pornografia, voltemos a Kendrick. Segundo ele, a palavra viria do grego *Pornographos*, que significa “*escrito sobre prostituição*” (Walter KENDRICK, 1995, s/p) e, apesar da existência da etimologia grega, em 1755, o termo não aparece no dicionário de Samuel Johnson, vindo a ressurgir em 1857 no dicionário médico como descrição da prostituição ou das prostitutas enquanto assunto de utilidade pública. Antes disso, em 1842, a Academia Francesa definiu o

112 (GONÇALVES, 2022, p. 122)

113 Importante lembrar que estou fazendo referência à pornografia e não a indústria pornográfica.

pornógrafo como quem “trata de temas obscenos” e pornografia, “a produção de objetos obscenos”. Esse ressurgir do termo, de acordo com o autor, se deve principalmente aos achados considerados lascivos na região de Pompeia, como inclusive aponta a definição trazida, em 1864, pelo *Webster’s Dictionary*, que define pornografia como “pintura licenciosa empregada na decoração de paredes de lugares de bacanais e orgias, como os de Pompeia”.

Em 1866, foi publicado o primeiro catálogo intitulado *Coleção pornográfica* com imagens dos artefatos proibidos do Museu Borbónico. Adiante, em 1875-1877, foi lançada a *Coleção pornográfica Museu Secreto de M. L. Barré*, que, por conta das “obscenidades”, era proibida para mulheres, crianças e pobres. Em 1909, o *Oxford English Dictionary* definiu pornografia como “descrição de vidas, costumes das prostitutas e clientes, daí a expressão de licenciosidade ou assuntos impuros tanto na literatura como na arte” e, por fim, em 1975, o *American Heritage Dictionary* definiu pornografia como “forma escrita ou gráfica de comunicação que tenta despertar a luxúria”.

Esse resgate cronológico é importante até para entendermos como a pornografia é tratada nos tempos atuais e como desde aquela época sempre houve um processo de silenciamento e invisibilização do que o CIS-tema de arte vem categorizando como arte pornográfica e tal qual continua a colocar o explícito guardado em espaços secretos, à semelhança do que era feito antigamente, como aponta Kendrick (e Lynn a partir de Kendrick) sobre a construção social da pornografia, principalmente, entre o fim do século XVIII e início do século XIX, que se dá pela criação dos “museus secretos”, nos quais ficavam reservados os objetos considerados lascivos, assim como pelo aumento de escritas relativas à prostituição, de forma que provocou questionamentos e o conseqüente controle sobre assuntos relacionados à pornografia e seu consumo, tornando, como mencionado no parágrafo anterior, o acesso exclusivo a apenas uma parte da sociedade: a elite, mas também um maior controle sobre as obras literárias. “A pornografia como categoria regulamentada surgiu em resposta à ameaça de democratização da cultura” (Lynn HUNT, 1999, p. 13) e isso só se alterou quando o acesso à cultura pornográfica chegou às massas de forma ampliada com o aumento crescente do impresso (Lynn HUNT, 1999).

As problemáticas com a definição da palavra pornografia nos ajudam a entender os pré-conceitos e a visão machista patriarcal que reflete até hoje na própria forma como o CIS-tema de arte constrói suas narrativas em torno do erotismo e da pornografia. No entanto, para pensar e conceber outras possibilidades para as artes das sexualidades foi importante compreender como determinados termos são colocados nas estruturas sociais e em nossos processos educacionais, uma vez que pensar pornografia tem sido uma construção de relações de discursos e de poder, especialmente, nas construções ocidentais, como aponta Lynn:

Embora o desejo, a sensualidade, o erotismo e até mesmo a representação explícita dos órgãos sexuais possam ser encontrados em muitos, senão em todos, tempos e lugares, a pornografia como categoria legal e artística parece ser um conceito tipicamente ocidental (Lynn HUNT, 1999, p. 10).

De forma que me pareceu importante, a partir do momento em que casos de censura a obras consideradas explícitas têm sido uma constante na história da arte, fazer àquele resgate histórico e cronológico para compreender como a palavra “pornografia” foi

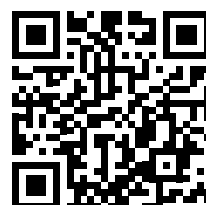
colocado neste espaço do “sujo”, do “pecado”, do “proibido” no CIS-tema de arte contemporâneo - “a perspectiva histórica é crucial para a compreensão da pornografia na cultura contemporânea” (Lynn HUNT, 1999, p. 11).

Peraí, bixa, que lembrei de algo que li um dia desses sobre a questão da pornografia na contemporaneidade, este é o meu momento de bancar a cult (risos) A lôka!!!! Sabe aquele livro que você me deu pra ler, o *Pornocultura*? O livro é bem babado e traz uma visão bem atual sobre a construção desta cultura pornográfica que você falou aí. Mas peraí, que vou colocar um plug aqui no rabo e pegar o livro pra gente bater um papo. Você estava aí falando como o movimento crescente da imprensa ampliou o acesso aos objetos lascivos, né? Então, Claudia & Vincenzo, es autores do livro, partem do advento, entre outras coisas, da internet para uma reconfiguração da pornografia. Elus começam o livro assim *“vitrines eletrônicas, lingerie erótica, jockstraps, algemas de pele, ..., GIFs pornôs, live cams, ..., horror porn, fucking machines, selfies sedutoras: dissoluto e faustoso, cru e superexposto, o pornô triunfa e prolifera por toda parte, das malhas da rede aos contextos urbanos, das telas midiáticas aos interstícios do cotidiano, invade as tramas da vida pública, supera a conexão eletrônica e impregna de fantasias a socialidade contemporânea”*¹¹⁴. No entanto, o que percebo na minha longa carreira de puta é que junto com esta maior acessibilidade construiu-se e ampliou-se as ferramentas de controle. Tome como exemplo, as nossas fotos “lascivas” (hahahahaha, adorei esta palavra) que são constantemente deletadas dos nossos perfis no Instagram e também o finado Tumblr que se rendeu ao lado conservador da internet. Ou seja, mesmo com mais espaços, formas, possibilidades de exercermos nossas pornografias (*“o pornô ultrapassou as margens subculturais em que permanecera escondido até a explosão da versão participativa da Internet”*¹¹⁵), mais mecanismos de controle foram estabelecidos a partir desta mesma internet. Mas, bixa, somos duras na queda e a gente não esmorece fácil, pois mesmo assim com todos estas novas formas de controle, a pornografia tornou-se mais presente do que nunca em nossas vidas diárias. Cada vez mais, pessoas têm se permitido e o **La Lito** é um exemplo de como a arte é parte essencial dessas novas configurações da Pornocultura. E bixa, lembra que o Preciado também escreveu alguns imperativos pornográficos e que eu gravei?¹¹⁶. Ouve lá de novo. Mas voltando, **La Lito** tem sido este espaço de experimentações para a construção de, muito mais que outras poéticas visuais, de possibilidades de questionarmos ainda mais os caminhos das artes e da sexualidade. Por exemplo, Vermelhinho, nas últimas semanas, passaram pela nossa cama-divã o Alex, o Paulo e a BixaPutta e cada uma delas trouxe novos olhares para quebrarmos ainda mais as fronteiras impostas pelo CIS-tema de arte. O suor do Alex caindo em minha boca enquanto me fodia. Seu corpo ardente exalando tesão por cada um de seus poros. Paulo enfiando uma sonda em minha uretra e me provocando orgasmos múltiplos enquanto me olhava direto nos olhos com seu sorriso safado consciente do prazer que causávamos um ao outro. BixaPutta com seu conjunto de dildos, plugs, vibradores ampliando exponencialmente nossas possibilidades de gozos para além de nossas genitálias. Como poderia dizer que não é arte quando cada uma das imagens visuais, sonoras, odoríficas, paladares resultantes daqueles momentos são expressões de nosso mais íntimo, profundo, oculto, explícito ato de viver?

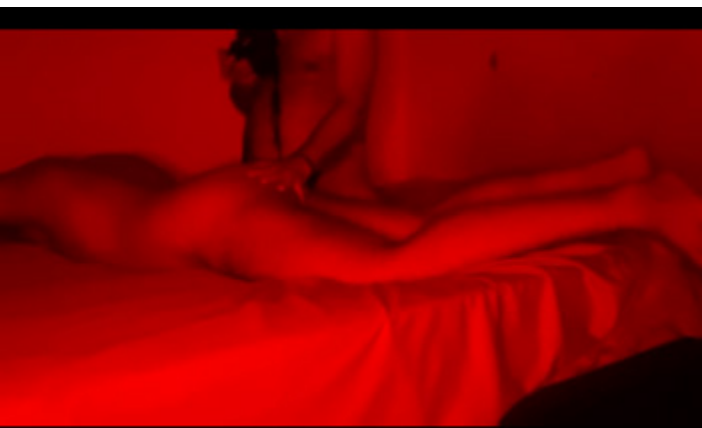
114 (Cláudia ATTIMONELLI et tal, 2017, p. 7)

115 (Idem, p. 138)

116 Clique aqui para ouvir: <https://on.soundcloud.com/|zCse>



Não há ciência hermenêutica capaz de decifrar todas as sensações/sentidos intrínsecos a estes momentos, a estas putarias artísticas. No entanto, Chris, ao mesmo tempo, fico refletindo muito como estas experiências podem de fato causar fissuras nestas estruturas? Quando me interessei pela pornografia, era do ponto de vista de entender as questões referentes aos traumas pornográficos, no entanto, você me trouxe um aspecto que tornou tudo isto ainda mais sensível e profundo: o ponto de vista da arte e como esta fusão tem causado debates controversos e também importantes para as violências que acontecem no CIS-tema de arte, mas confesso (só para você, tá?) que muitas vezes, tenho receios, medos do que tudo isto pode causar? Se chegarmos, de fato, a alguma mudança. Bixa, viajei muito agora. Acho que o beck tá batendo. E Chris, sabia que enquanto eu to aqui fazendo a linha intelectual-filosófica com você, o Laialex está ali na cama me esperando e me implorando para dar uns tapas na cara dele. Vou lá atender os desejos dele, sentar em seu pau duro enquanto assistimos o vídeo de *Deliria*¹¹⁷. Aliás, vc já viu? Está um bafo! Laialex arrasou e a bixa estava me contando que a letra e vídeo dessa música foi uma forma de se curar de um trauma, de quando teve sua corpa violentada e me lembrei de quando você escreveu sobre **Shibari-me** ter sido sua vacina contra o assédio moral que estava sofrendo e me lembro de quantas pessoas já passaram pela minha cama-divã que vivenciaram experiências semelhantes. Nossa, bateu uma bad aqui agora (xô, baixo astral! hehehehee). Vou ali dar uns tapinhas no Laialex (elu adora). *“até a manhã do outro dia já são cinco contra um, do néctar proibido, sente até o talo, só não chora, pintosa, pelo leite derramado. Deliriaaaaaa!!! Deliriaaaaaa!!!!”*¹¹⁸



Figuras 181, 182, 183 e 184

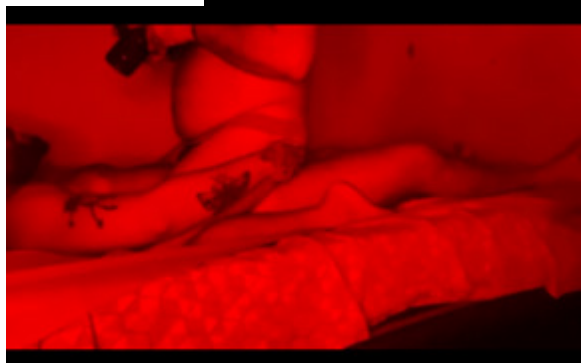
La Lito [Alex]

Chris, The Red

Instalação Pornossexualigráfica

São Paulo/SP

2022



Ai, que delícia. Adoro uns

117 Assista no YouTube: [https://www.youtube.com/watch?v=8\]EoTbykAw4](https://www.youtube.com/watch?v=8]EoTbykAw4)

118 Trecho de *Deliria*, de Laialex.

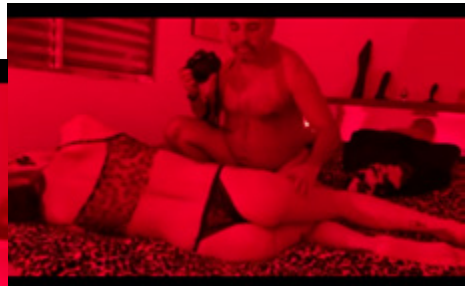
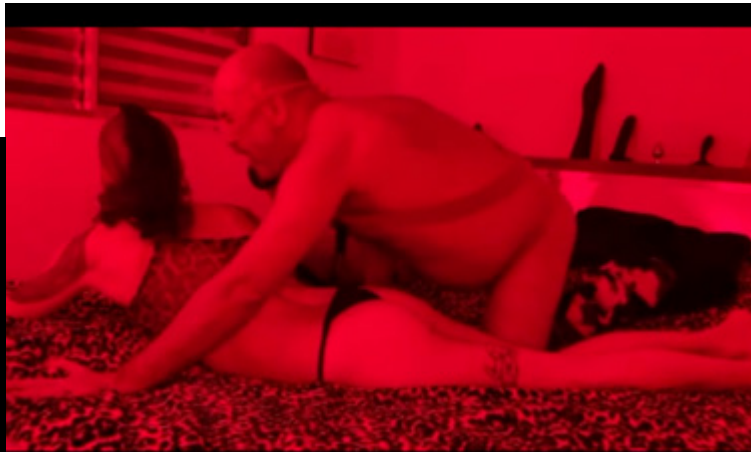




Figuras 185, 186, 187 e 188

La Lito [Paulo]

Chris, The Red
Instalação Pornossexualigráfica
São Paulo/SP
2022



Figuras 189, 190, 191 e 192

La Lito [BixaPutta]

Chris, The Red
Instalação Pornossexualigráfica
São Paulo/SP
2022



tapinhas também! Vai lá dar uns tapas no Laialex e, *Dr. Red*, eu também me pergunto sempre se tudo isso vale a pena, e também me dá umas bads, mas sei lá, acho que não é sobre pensar onde vai dar, mas continuar fazendo. Bom, vamos lá, vamos conversar agora sobre os estudos pornô-erótico do professor Afonso Medeiros.

O professor Afonso tornou-se uma importante referência para minhas pesquisas e tem me ajudado profundamente a pensar nas relações das artes da sexualidade com o CIS-tema de arte tanto nas questões de produções imagéticas como da palavra¹¹⁹. Os pensamentos que compartilho a seguir são uma conversa fabulativa entre mim e o professor numa tarde gostosa e partem, principalmente, de três textos seus. [1] *O imaginário do corpo: entre o erótico e o obscuro. Fronteiras líquidas da pornografia* (2008); [2] *Apontamentos para uma cartografia da história da arte porno-erótica* (2010); [3] *Erotismo & pornografia na arte: uma história mal contada?* (2016) que fazem parte do período de oito anos nos quais Afonso se debruçou “sobre a representação do desejo e da sedução na história da arte e na cultura visual” (Afonso MEDEIROS, 2016, p. 27). Sua pesquisa me trouxe importantes reflexões sobre as questões da representação do explícito nas construções poéticas visuais que tenho apresentado nesta dissertação-manifesto e ainda me provocam a pensar em uma construção epistemológica a partir das discussões que tenho trazido neste Ato 02 sobre pornografia e erotismo e que serão úteis para o próximo ato.



Figura 193

Toca de Cima do Fundo do Boqueirão da Pedra Furada, Parque Nacional Serra da Capivara, São Raimundo Nonato, Piauí

2018

Acervo:

Leandro Colling, Michel Justamand, Antoniel dos Santos Gomes Filho e Gabriel Frechiani de Oliveira.

É inegável a presença das corpas na arte desde os tempos mais remotos. Tomemos, como exemplo, os registros rupestres encontrados nos sítios arqueológicos do Parque Nacional Serra da Capivara, em São Raimundo Nonato, Piauí¹²⁰, nos quais encontramos,

¹¹⁹ Importante salientar que uso os termos “imagéticas” e “palavra” não apenas no sentido de uma construção do sentido visual, mas também uma provocação aos demais sentidos, como o do ouvir ou o do falar, como forma de enfatizar a importante de epistemologias que surgem de uma imagem sonora ou de uma palavra declamada.

¹²⁰ Não farei uma discussão sobre como estas imagens podem ser lidas a partir de nossos olhares e narrativas contemporâneas. Para isto, sugiro o artigo *Questões queer para analisar os registros rupestres com cenas que sugerem práticas sexuais na Serra da Capivara* (2019), de Leandro Colling, Michel Justamand, Antoniel dos Santos Gomes Filho e Gabriel Frechiani de Oliveira. Disponível em <https://revista.sabnet.org/ojs/index.php/sab/article/view/588>. Acesso: 01 novembro 2022.

além da representação das corpos, representações do que poderíamos ler como práticas da sexualidade (Figura 193). No entanto, “a discussão sobre a manifestação – implícita ou explícita – do desejo e da sedução não acompanha essa proeminência” (Afonso MEDEIROS, 2010, p. 464), uma vez que no CIS-tema de arte (nos CIS-temas como um todo, mas fazendo um recorte ao campo que me encontro e dialogo), há uma clara diferenciação entre as artes ditas eróticas e as ditas obscenas/pornográficas:

Durante muito tempo, o erótico (aliado à sensualidade) foi a expressão permitida do corpo, enquanto que o obsceno pornográfico (identificado como impureza e aliado ao excesso e ao desregramento) foi a visão interdita desse mesmo corpo. (Afonso MEDEIROS, 2008, p. 29)

“A simples menção da palavra “pornografia” acarreta estranhamento e, no campo das artes visuais, resume-se tudo ao termo ‘erotismo’” (Afonso MEDEIROS, 2010, p. 464).

Analisar essa dualidade se faz extremamente importante uma vez que pesquisar sobre as artes da sexualidade é buscar entender nossas sexualidades em seu aspecto expandido, ou seja, não apenas da sua subjetividade, mas também da sua prática no campo das artes, principalmente, na representação de uma imagética explícita, não metafórica, principalmente, no que se refere às questões de linguagem artística. O professor escreveu o seguinte:

É necessário reiterar que do século XVI ao XIX, a pintura e a escultura jamais produziram tantas cenas de sexo explícito como na gravura. Estabelecendo mais uma fronteira nada sutil entre artes "maiores" e "menores", a representação do corpo na escultura e na pintura raramente trafega no campo do obsceno, enquanto que a gravura, com seu caráter de reprodutibilidade e portabilidade, tornou explícita a libido, o desejo e os prazeres da carne com detalhes que não deixam nada a dever às mais ousadas publicações pornográficas da atualidade. (Afonso MEDEIROS, 2008, p. 47)



Figura 194
O jardim das delícias terrenas
1500-05
Óleo sobre madeira
painel central 220 x 195 cm
painéis laterais 220 x 97 cm
Hieronymus Bosch
Museu do Prado, Madri.
Fonte: site Nota Terapia



Figura 195

Six Erotic Lithographs da série Liebe

Mihály Zichy

Litografias coloridas

Aproximadamente 20 x 15 cm

(cada)

Publicação póstuma em 1911

Fonte: Shapiro Auctions

Mais adiante, em um outro trecho deste artigo, ele cita, além da gravura, a fotografia, e trata sobre como essas linguagens estariam mais próximas das representações ditas pornográficas. Deste aspecto relacional – pintura > erotismo / gravura > pornografia – o que diferiria as duas obras que trago adiante?

Ambas datam deste período (séculos XVI – XIX). A primeira é a pintura *O jardim das delícias terrenas* (Figura 194)¹²¹, do holandês Hieronymus Bosch (1500-1505 – século XVI); a segunda, litografias do artista austríaco Mihály Zichy, da série

Liebe (Figura 195)¹²² que datam da segunda metade do século XIX.

Ambas retratam cenas de sexualidade explícita. Na obra de Bosch, em meios aos diversos detalhes da pintura, temos seres diversos – pessoas, bichos, sereias etc. Corpos nus, sozinhas, em duplas, em grupos, interracialis, ou seja, uma grande orgia explícita. Nas litografias de Zichy, temos pessoas exercendo sua sexualidade de diferentes maneiras: homens se masturbando, mulheres grávidas fazendo sexo, corpos lidos como femininos chupando corpos lidos como masculinos, corpos lidos como masculinos chupando corpos lidos como femininos. No entanto, qual a lógica do CIS-tema de arte em determinar que

[...] o erótico é preferencialmente uma forma de representação do corpo presente na escultura e na pintura, enquanto que o obsceno é praticamente abordado na gravura e na fotografia. A escultura e a pintura (objetos únicos) privilegiaram as grandes narrativas e nelas inseriram a visão do corpo metafísico. A gravura e a fotografia (objetos reproduzíveis), ao contrário, preferiram o prosaico e a perspectiva física. Aquela fronteira entre o "bom gosto" do erótico e o "mau gosto" do obsceno se verifica também na escolha da linguagem artística (Afonso MEDEIROS, 2008, p. 50)?

121 Disponível em <https://notaterapia.com.br/2015/12/14/7-detalhes-de-o-jardim-das-delicias-terrenas-de-hieronymus-bosch-que-voce-provavelmente-nunca-percebeu/>. Acesso 04 novembro 2022.

122 Disponível em <http://www.shapiroauctions.com/auctions/russian-international-art-auction-2014-06-07/46-mihaly-von-zichy-hungarian-1827-1906/>. Acesso: 04 novembro 2022.

Num processo de categorização e hierarquização do CIS-tema de arte, por que historicamente o erótico pode ser associado à pintura e à escultura quando estão conectadas com a ideia de artes da aura e o pornográfico, conectadas com as artes da reprodutibilidade? Esse tipo de associação subliminar não teria contribuído para uma definição e hierarquização entre o erótico e o pornográfico em termos de “alta cultura” e “baixa cultura”?

Destas reflexões, e pensando junto com Walter Benjamin e seu texto *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica: primeira versão* (1985), o romper com as tradições hegemônicas do erótico e do pornográfico talvez seja uma inevitável consequência do pensamento crítico em relação às construções artísticas das sexualidades. Quando Benjamin afirma que “retirar o objeto do seu invólucro, destruir sua aura, é a característica de uma forma de percepção cuja capacidade de captar ‘o semelhante no mundo’ é tão aguda, que graças à reprodução ela consegue captá-lo até no fenômeno único” (Walter BENJAMIN, 1985, p. 170), retirar essa carga erótica/pornográfica das artes das sexualidades seja a ação que falta para esta nova forma de perceber nossas relações com nossas sexualidades e as expressões artísticas dessas sexualidades – não mais categorizadas no âmbito do erótico ou do pornográfico – mas no âmbito do político num total romper com a bolha conservadora (o invólucro) para um espaço de ressignificação de nossas construções poéticas e na própria escrita da história da arte, de forma que essas falhas categóricas (erótico/pornográfico, alta cultura/baixa cultura) nos dão ainda mais motivos para este processo de rompimento com a dinâmica de higienização das artes da sexualidade. Assim, quando penso em **La Lito** como uma grande instalação pornossexualigráfica, vejo nisso a importância da fusão das linguagens que trago nas construções que venho apresentando, em não me definir numa linguagem única, mas brincar com elas, em que a ideia de performance, fotografia, vídeos e registros acabam por se perderem e não se apresentam sob uma hierarquização. Na construção das imagens apresentadas até então de **La Lito**, quando uma linguagem termina e a outra começa? Quando é registro ou é fotografia? Quando é erótico ou quando é pornográfico? Ainda dá pra se pensar – se é que um dia deu – essa divisão das linguagens artísticas para uma relação erótica/obscena?

Oi!!! Voltei!!!! Menine, que calor, que fogo que está aqui nesta minha cama-divã. Mauro, Beto e Junior me deixam sem ar. Uffaaaaa! Mas queria te interromper, pois estava aqui com a boca neles e o ouvido em você (bixa multiuso) e é muito louco o quanto esta ânsia furiosa da sociedade em sempre nos rotular de alguma forma como sendo isto ou aquilo e, na maior parte das vezes, são sempre esses extremos, essa escolha de duas alternativas e pronto. E tava lembrando do dia que Afonsinho estava sob meus lençóis vermelhos conversando justamente sobre estas questões da sexualidade, do desejo, das corpas na arte e na história da arte. Estávamos comentando que para a arte e seus cânones, parece que a gente não trepa. E olha que M, B e Jr estão aqui se pegando deliciosamente, na minha frente, minha câmera não para de eternizar este fogaréu todo. Aliás, Mr. A e eu também falamos sobre a entrada da fotografia na arte e na representação do nu que *“travestiu-se de ‘artístico’, de ‘científico’ ou de ‘mitológico’, mas logo se escancararam todos os pudores em relação ao corpo e, desde então, a história da sensualidade na arte – e, por extensão, do desejo e da sedução – tornou-se mais que pura tendência ou gênero artístico”*¹²³. Outro ponto que Afonsito trouxe

123 (Afonso MEDEIROS, 2010, p. 462)



Figuras 196, 197, 198 e 199

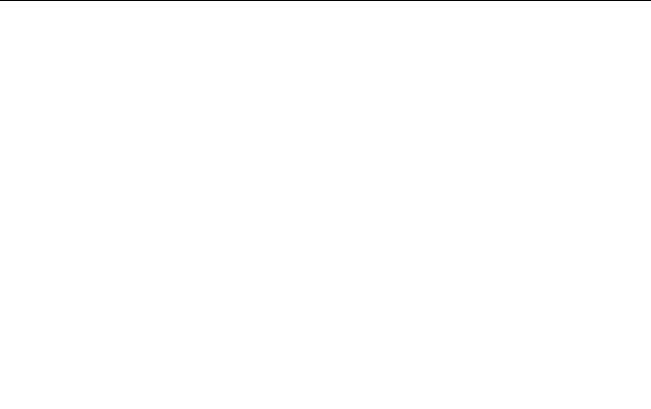
La Lito [Mauro, Beto & Jr]

Chris, The Red
Instalação Pornossexualigráfica
São Paulo/SP
2022



foi sobre a despersonalização dos corpos: “o corpo e a sexualidade vêm sendo despersonalizados há séculos e a arte, ao idealizar ambos, está profundamente imbricada nessa questão”¹²⁴. Esqueceu-se a expressão singular de cada pessoa em suas especificidades afetivas, emocionais, corporais e de sua sexualidade. Aspecto importante e que trazemos em nossas construções, Chris. Aliás, sempre foi uma busca nossa. Cada pessoa que passa aqui pela minha cama-divã são respeitadas em suas próprias identidades, percebendo-as em suas particularidades que compõem o todo que contribui para o coletivo. Os meninos aqui tb estavam falando sobre isto. Os três, assim como eu, atuam em filmes pornográficos e percebem o quanto são despersonalizados por muitas das pessoas que veem seus filmes. São corpos para punheta, não para o afeto. Para o sexo, mas não para o passeio no parque. Somos julgados por explicitarmos nossos prazeres e gozos. Nossos desejos e fetiches – “atire a primeira pedra...”

124 (Afonso MEDEIROS, 2010, p. 463)



Figuras 203, 204, 205, 206 e 207

La Lito [Bruno]

Chris, The Red
Instalação Pornossexualigráfica
São Paulo/SP
2022

Sim. Com certeza. Lembro muito deste dia que o professor Afonso esteve aí com você, *Dr. Red* e tem duas falas dele que gostaria de trazer aqui. A primeira

Investigar as formas de representação do desejo e da sedução, explicitando o pornografismo também como expressão e valor a serem considerados, parece causar constrangimento, principalmente através de um silêncio obsequioso. Desconfio que encarar a expressão do desejo e da sedução em todas as suas manifestações sem um entrave moralista é comumente percebido como uma questão que deve ser confinada aos "estudos de gênero", como uma espécie de diletantismo alheio à história da arte enquanto campo de conhecimento. (Afonso MEDEIROS, 2010, p. 465)

E, por isso, faço questão de trazer essa discussão para esta jornada-mestrado. Acabar com esse "silêncio obsequioso" e escancarar o cu.

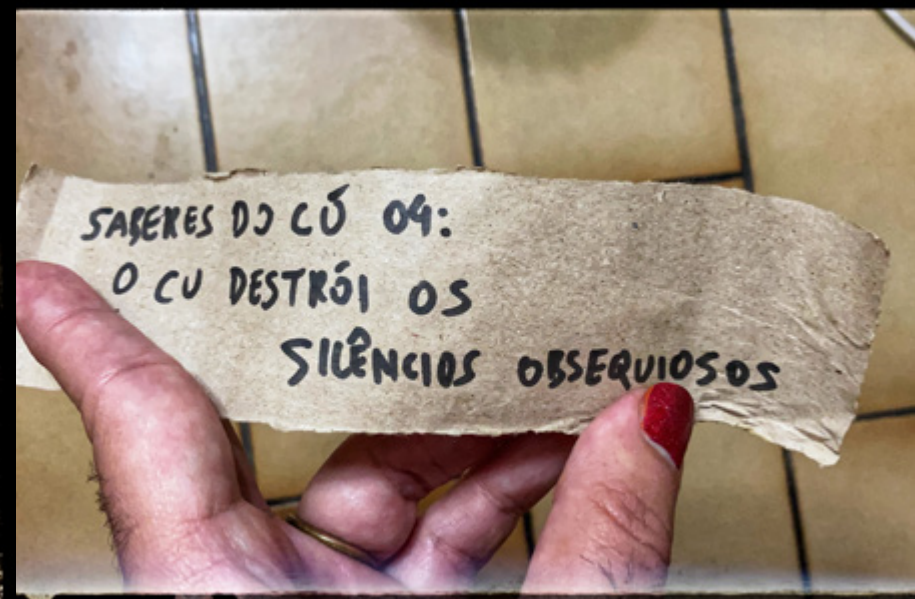
Aliás, Chrisinho, falando em cu, sabe quem passou por aqui ontem? Seu marido. Puta que pariu, que tesão ele é. Deixei-o todo algemado, vendado, plugado. Foi gostoso demais da conta. Quero repetir. Muitas vezes. Estava aqui lembrando dele e brisando: se questões como as corpas desnudas e explícitas já causam toda esta discussão no campo da arte, imagina, as questões relativas ao CU nas artes. E artistas como Bruno, você, Bruna Kury, Tertuliana, PC entre outros têm trazido contribuições essenciais para essa dicotomia complexa que o CIS-tema de arte traz em relação ao erótico e ao pornográfico.

Sim, mas se formos adentrar nesse buraco agora, não saímos mais dele tão cedo. No entanto, quero enfatizar que sim, o Cu é um espaço essencial para a produção de saberes nesta luta por todas as discussões sobre erotismo, pornografia, corpo, sexualidade, arte etc. Assim como esta dissertação-manifesto, o cu também é arma. "Utilizar boca e cu ou cu e boca como método de revolta é importante e legítimo. Desta forma, a sintonia é urgente, nosso prazer anal é também força do grito" (Bruno NOVADVORSKI, 2022, s/p).

O cu, o gozo, o sexo e a boca são apenas alguns elementos provocadores nas transformações desse discurso erótico-pornográfico para construções outras. O professor Afonso nos traz uma proposta de repensar essa dualidade, que é o segundo ponto que havia mencionado anteriormente, e tenho algumas considerações a fazer sobre esse ponto, que me levará para a construção do Ato 03.

Afonso assim escreve:

A crer nas conclusões temporárias que tenho retirado do percurso investigativo, as fronteiras entre erotismo e pornografia são "líquidas", tênues, rarefeitas... Por essa razão, assumo neste ensaio o termo "porno-erotismo" (assim mesmo, com um hífen caracterizando elos e diferenças) para deixar claro que para além do dualismo opositivo verificáveis nas operacionalizações dos termos "erótico" e "pornográfico", deve-se perceber as mediações, as diferenças e a complexidade do pensamento que constrói o conhecimento sobre o corpo e a sensualidade - e o termo "conhecimento" aqui se refere não só ao discurso verbal, mas também e sobretudo ao discurso visual



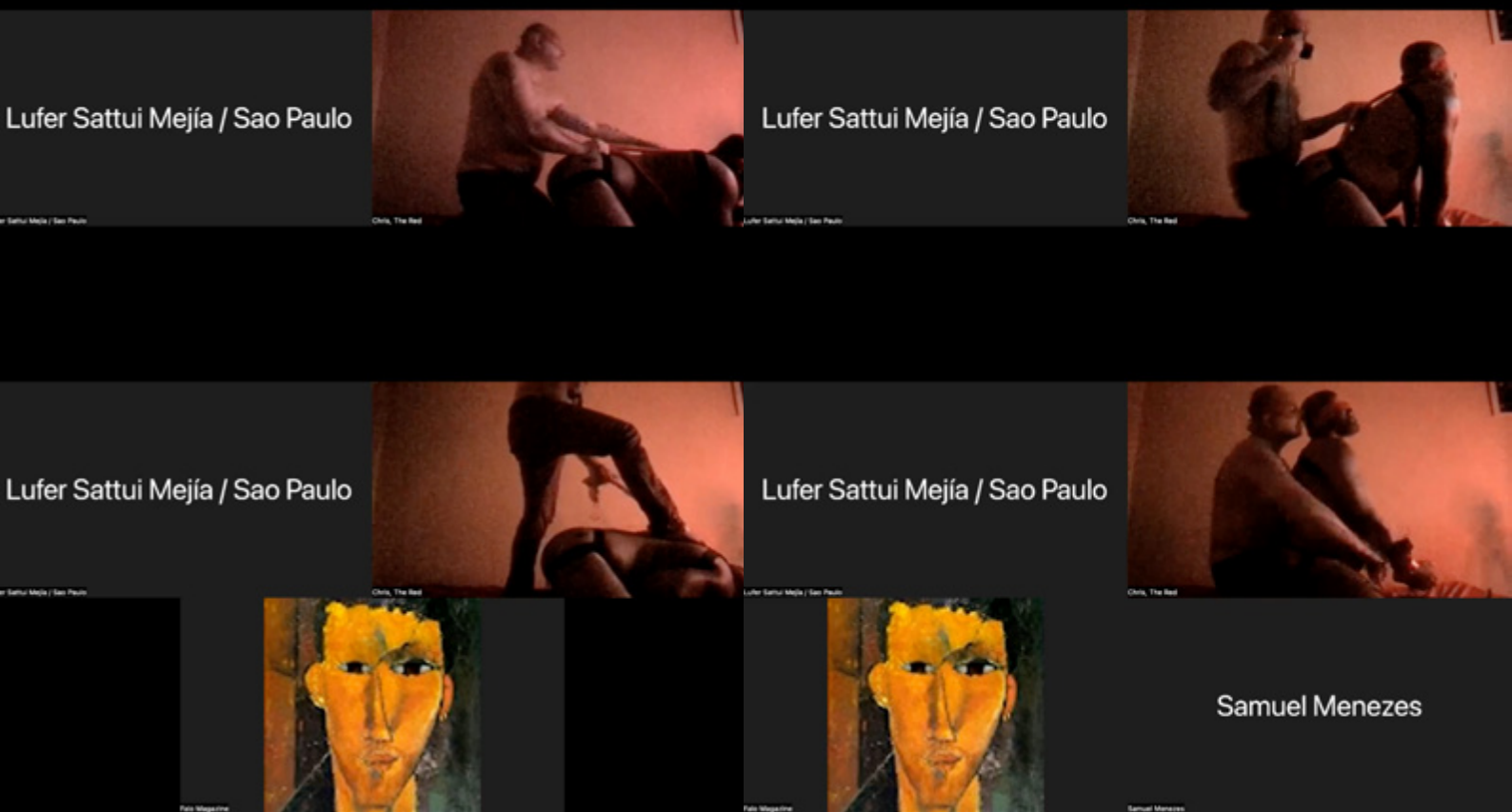
Figuras 200, 201 e 202

**Série Saberes do Cu:
Tríptico 04**

Chris, The Red
Fotografia com edição no
app Snapseed
Rio de Janeiro/RJ
2022

ou, melhor dizendo, à construção do discurso verbal a partir do visual. (...) Em síntese, uma "História da Arte Porno-erótica" obriga não só a uma revisão da trajetória das representações do corpo e da sexualidade na arte, mas impõe também, a partir dessa questão, um questionamento dos pressupostos da disciplina ou, pelo menos, de alguns deles (Afonso MEDEIROS, 2010, p. 465-466)

Uma primeira consideração que gostaria de fazer é sobre a potência do trecho *"construção do discurso verbal a partir do visual"*. No Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, do qual faço parte e onde desenvolvi esta pesquisa de mestrado, há uma separação em duas áreas de concentração: Poéticas Visuais (PV) e História, Teoria e Crítica (HTC). Em termos burocráticos-administrativos, faço parte da área de PV e desde que solicitei a troca de orientação, minha nova orientadora, a Mônica Zielinsky, é de HTC. No entanto, esta diferença entre a minha área de concentração e a dela tem se mostrado extremamente enriquecedora. Ainda mais que o Leandro Colling, da Universidade Federal da Bahia, tem sido meu coorientador e esse trio tem se mostrado de uma força criadora-afetiva incrível e possibilitando ir além dos limites de cada uma das áreas de concentração, pois para além da construção de uma poética imagética, tenho agregado à minha pesquisa uma base histórica-crítica que tem me possibilitado pensar para além do CIS-tema da universidade



e de arte para pensar os discursos em torno das artes e da sexualidade e pensar potencialidades-outras de debater temáticas tão essenciais, mas ainda tão carentes de uma reparação artística-histórica. E essas construções só são possíveis, pelo menos para mim, quando há um fluxo contínuo entre os discursos: o visual alimentando o verbal e também o verbal alimentando o visual. Não há fronteiras e, como Afonso escreve, é “mais pertinente não falarmos em ‘fronteiras’ entre o erótico e o obsceno, mas em margens líquidas, sujeitas a enchentes e vazantes” (Afonso MEDEIROS, 2008, p. 63).

E vou aproveitar o gancho desse trecho para a minha segunda consideração. Justamente porque essas margens são líquidas, transbordantes é que observo no termo trazido por Afonso - “arte pornô-erótica” - uma problemática. Primeiro, por ainda se manter numa perspectiva de dualidade, de antagonismo e limitante entre duas escolhas. Segundo, por acreditar que não alcança com profundidade e transgressão necessárias o romper anti-higiênico com as normatividades do CIS-tema de arte e os silenciamentos gerados nas escritas da história da arte em torno das sexualidades. E aceitando o convite de Afonso de buscar algo que promova uma “diluição de fronteiras entre erotismo e pornografismo na contemporaneidade” (Afonso MEDEIROS, 2010, p. 473) é que proponho a ideia de “Pornossexualigrafia”, termo este que você já leu ou ouviu em alguns momentos desta dissertação-manifesto e que será agora apresentada como mais profundidade no **Ato 03 - O desejo que habita em mim saúda o desejo que habita em ti e convida: “vamos surubar”**, no entanto, foi-se primordial passar pelas histórias e ideias trazidas neste ato para que pudéssemos deslizar mais facilmente pela ideia de pensar a construção das artes pornossexualigráficas. Espero vocês no ato final desta jornada.

Hey, espera e eu? Esqueceu de mim, Chris, The Red? Que bixa safada, já ia me deixar aqui ao léu, só porque eu estava ali me deliciando com o BrBottom. Aliás, estamos num bate-papo cabeça sobre corpas gordas, afeminadas, negras, passivas e de pau pequeno no pornô. E você trouxe esta dualidade entre o erótico e pornográfico no CIS-tema de arte e o quanto é importante romper com isto e BrBottom e eu estávamos justamente conversando sobre o quanto estas corpas são rejeitadas nas artes das sexualidades pornográficas. Nas palavras de BRBottom: "essas questões do passivo, da mulher, do corpo negro, no meu ponto de vista não é apenas um problema do pornô mainstream. Cada vez mais, observo no pornô amador tb, no qual estou inserido. Eu sou um corpo preto, um corpo gordo e o corpo de um passivo. E um corpo com um pau pequeno que não correspondem às expectativas do pornô que parte de um olhar majoritariamente branco, heteronormativo e bem aquela coisa do cara malhado e todas estas padronizações já invadiram muito do pornô amador e de quem produz conteúdo adulto para plataformas como Twitter, OnlyFans e afins como os conteúdos que produzo. Mesmo nos meus canais, onde o ator principal sou eu - o passivo - são os ativos que acabam se tornando o elemento principal por conta deste olhar padronizado de corpos. Já passei por várias situações dentro do pornô e me vejo neste lugar de fala, de levantar discussões sobre gênero e sexualidade e sobre autoestima do passivo, do corpo gordo, de não se sujeitar e aceitar qualquer coisa, de não aceitar quando dizem que somos o último da fila do interesse sexual. E romper com estes padrões é importante, necessário e urgente". Está certíssima, gostosa. Precisamos urgente colocar nossas rabas para jogo e dar um chega pra lá nesta hipocrisia toda que está no mundo do pornô e tb nos CIS-temas de arte, para mim, está tudo conectado. Mas é isto. BrBottom e eu voltamos no Ato 03. Tá babadoooooooo!!!!!!

interwaid 02

**Chronotopia:
Moleculo**



<https://bit.ly/CTRCronotopiaMoleculo>

Figura 212

**Trilogia Cronotopia:
Moleculo**

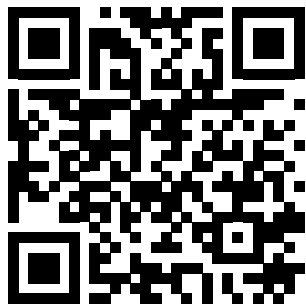
Chris, The Red

Videoarte

São Paulo/SP

2021

Frames: Chris, The Red



quando penso no meu corpo ou
no corpo de bruno novadvorski
trepando com o meu, qual lugar no
tempo nossos corpos ocupam? qual
o exato tempo que nossos corpos
resistem para existirem em um
lugar?

quando penso no meu corpo
beijando a corpa de bruna kury,
qual tempo ficou marcado no lugar
das línguas que se tocaram? quais
células ocuparam o lugar da
existência do desejo?

quando penso no corpo em meio a
outra.e.o.s corpa.e.o.s com
cus,
bucetas
e picas -
bruno
paulo,
nanda,
alex,
fábio,

glauco,
paulx,
profania,
sadan,
edu,
fred,
xerxes,
felipe,
alan,
dogo,
chaos,
gustrava,
beto,
profania,
suellen,
cláudio,
johnnybigu,
ney,
shaffer,
luiza,
crystal,
rainer,
saulo,

rainnery,

lufer,

dita,

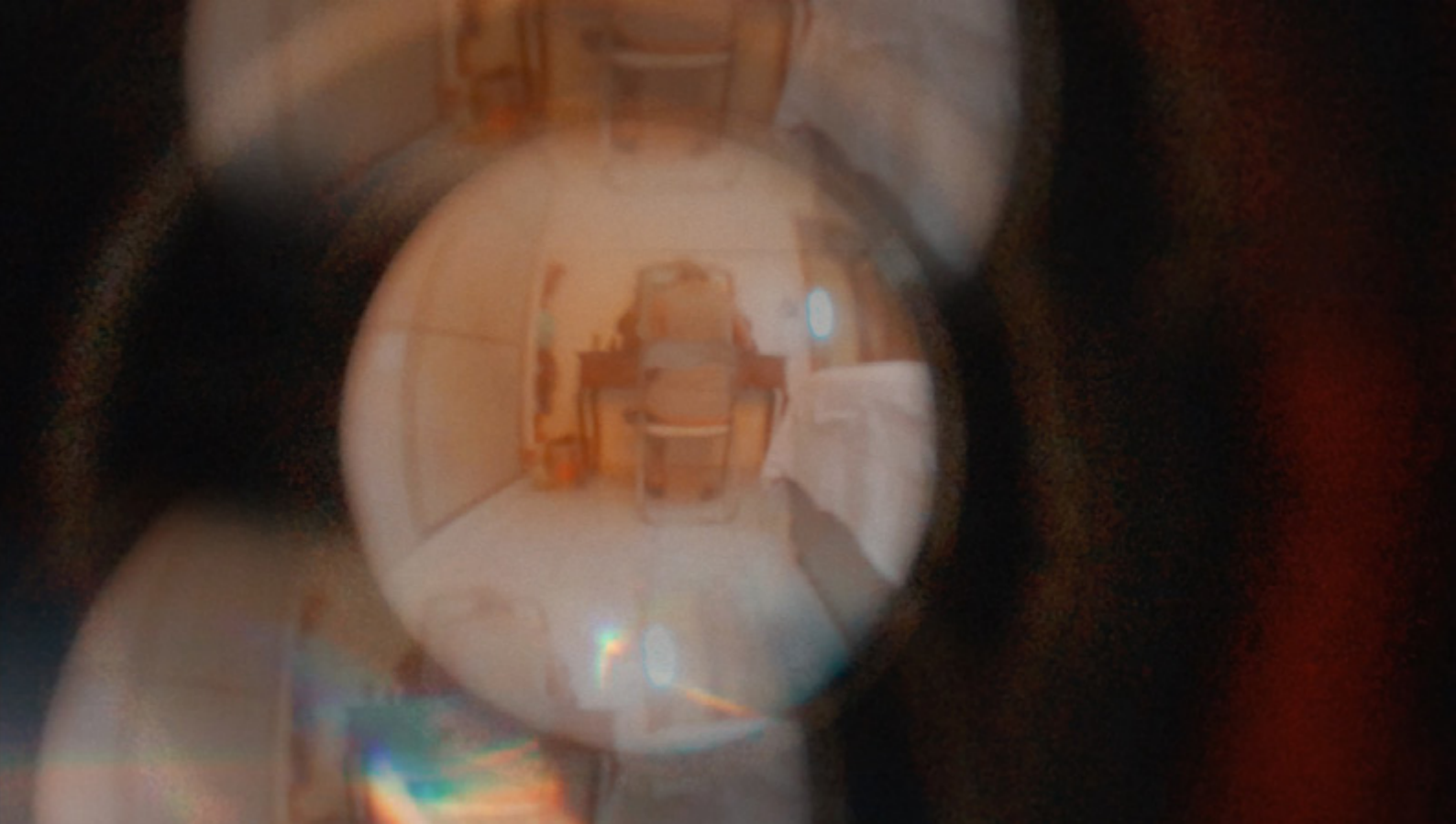
charles

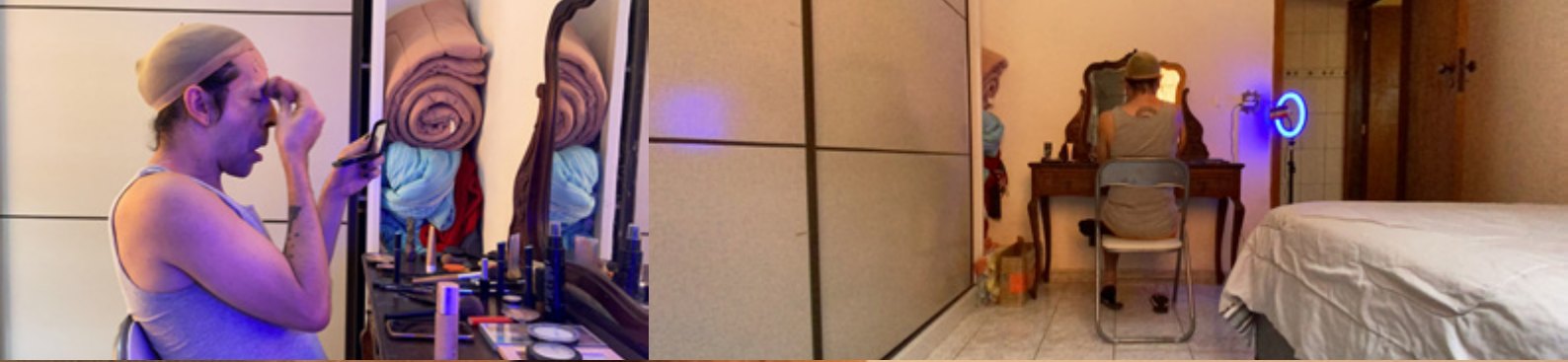
etc. etc. etc. num contínuo trocar
de fluxos, fluidos, jatos, líquidos,
porras, salivas, gozos, qual lugar
o tempo ocupa na construção da
molécula, do desejo, do sexo, do
prazer, da existência?

ATO 03

[O desejo que
habita em mim
saúda o desejo
que habita em ti
e convida:
“vamos
surubar”?]

Nossas mentes em chamadas! Conectadas em prazer! Criando. Procriando.
Gozando. Juntas pensando artes-outras/sexualidades-outras.
Artes Pornossexualigráficas.







Figuras 213, 214, 215, 216, 217, 218,
219, 220 e 221

**Gravação do
documentário
fotográfico
performático
Dita Absinthe**

São Paulo/SP
2021

Fotos: Chris, The Red



O CIS-TEMA DE ARTE
É CIS...

... quando corpos
transvestigeneres,
transmaculines,
trans e travestis
são excluídas e/ou
precisam se adaptar
às normatividades
do CIS-tema para
estarem presentes ou
quando são ausentadas
e substituídas pelo
olhar do outro.

Hoje, dia 23 de outubro de 2022, chego ao Ato 03 nos resquícios de uma pandemia que no Brasil levou quase 700 mil pessoas, entre elas, o meu pai. Chego ao Ato 03 em um dos momentos mais importantes de nossa história recente: as eleições 2022. Faltam exatamente 07 dias para o dia que faremos o L, o dia em que iremos às urnas para eleger o presidente que assumirá o cargo mais importante do Brasil pelos próximos 4 anos. E como pensar o futuro das minhas poéticas visuais diante de um cenário tão incerto, pois, mesmo diante da vitória certa de Lula, as perdas foram gigantes e talvez irrecuperáveis. Brasil de volta ao mapa da fome. Cultura e seus programas destruídos. Violência em níveis alarmantes. Desemprego explodindo. Perdas de direitos trabalhistas. Uberização do trabalho. Programas de saúde desmantelados. Falta de vacinas para a varíola do macaco. Sucateamento do ensino público. Desmatamento alcançando os maiores níveis da história e tantas outras problemáticas que preencheriam facilmente umas 20 páginas, no mínimo, desta dissertação-manifesto. Então, qual o retrato que quero construir diante deste contexto, no qual “o sofrimento do eu é o sofrimento do outro em vários sentidos” (Christian DUNKER, 2018, s/p), no qual a censura da outra é também uma censura a mim, o apagamento do eu é o apagamento da outra? Estamos todas interligadas. As penetrações em nossas corpas alcançam corpas-outras e se expandem. O prêmio ganho por Liniker no Grammy Latino 2022 pelo melhor álbum de MPB fazendo dela a primeira artista transgênero a receber um troféu é um prêmio que se expande a todas as outras artistas transgêneros¹²⁵, pois quando uma pessoa transgênero é morta no Brasil, nós morremos um pouco também. Da mesma forma, quando ela quebra um padrão e rompe uma barreira, nós também sentimos sua alegria, sua emoção. Assim, diante desse cenário que temos atualmente no Brasil, repito as indagações de Hélio Oiticica: “Como situar aí a atividade do artista?” ou “para quem faz o artista sua obra?” (1986, p. 97). Fazemos para que a mudança possa ser possível, pois se não o fizermos, nem a possibilidade da mudança é uma realidade. Então, nós, artistas, nossas atividades, reflexões, pensamentos são armas de ruptura com o CIS-tema e quanto mais me insiro nas questões relativas aos CIS-temas de arte mais concordo com abigail Campos Leal¹²⁶: “os problemas das violências de gênero/sexualidades y raciais, respectivamente, não podem ser resolvidos reformulando ou ‘hackeando’ as estruturas desse mundo (antilgbtqia y antipreto), mas somente abolindo-as” (2021, p. 69).

Em 2020, quando comecei esta Jornada-Mestrado, tinha um desejo: encontrar brechas nos espaços acadêmicos para contar histórias de pessoas que não apenas o CIS-tema das universidades têm colocado às margens, mas todos os demais, inclusive, o de arte, pois imaginava que, ao encontrar as brechas, poderia causar algumas rupturas para desmantelá-los, hackeá-los e, a partir dessas rupturas, provocar mudanças na estrutura já existente, principalmente, nas questões relacionadas às artes das sexualidades.

No entanto, agora, passados quase dois anos, fica mais nítido que a estrutura existente tem fundações sólidas demais para serem simplesmente repaginadas e só ir ocupando as brechas talvez não seja suficiente. Elas precisam ser implodidas, eliminadas como um câncer que tomou conta de cada célula do nosso organismo que precisa ser eliminado 100% para não se esconder nas lacunas e voltar ainda mais forte e também para não apenas nós continuarmos sobrevivendo, mas vivendo quem somos de fato.

125 Ver em <https://www.papelpop.com/2022/11/ludmilla-liniker-bala-desejo-e-mais-brasileiros-sao-premiados-no-grammy-latino-2022-confira>. Acesso: 17 novembro 2022.

126 A escrita do nome da autora com a minúsculo foi em respeito à própria forma como ela escreve seu nome no livro referenciado.

Essas estruturas de violências e apagamentos tornaram-se um vírus e a estratégia de resistência para existir não dá mais conta, pois a simples ideia de não se deixar sucumbir, não ceder às normatividades, já não é suficiente para reverter séculos de estórias criadas para esconder histórias-outras.

Como escrevi nos atos anteriores, ao começar esta pesquisa de mestrado, me propus a pensar sobre as questões das artes da sexualidade a partir de um viés da pornografia, da pós-pornografia e da contrassexualidade e da ideia de “corpos falantes”, apresentada por Paul B. Preciado (2017), no livro *Manifesto contrassexual*:

[...] a contrassexualidade aponta para a substituição desse contrato social que denominamos Natureza por um contrato contrassexual. No âmbito do contrato contrassexual, os corpos se reconhecem a si mesmos não como homens e mulheres, e sim como corpos falantes, e reconhecem os outros corpos como falantes. Reconhecem em si mesmos a possibilidade de aceder a todas as práticas significantes, assim como a todas as posições de enunciação, enquanto sujeitos, que a história determinou como masculinas, femininas ou perversas. Por conseguinte, renunciam não só a uma identidade sexual fechada e determinada naturalmente, como também aos benefícios que poderiam obter de uma naturalização dos efeitos sociais, econômicos e jurídicos de suas práticas significantes".
(Paul B. PRECIADO, 2017, p. 21)

O fiz por acreditar que as ideias envoltas nestes pensamentos seriam capazes de expandir as brechas e provocar mais rupturas e provocar novas mudanças. Foi um começo, importante, mas não suficiente. Talvez a contrassexualidade tal como pensada por Preciado tenha surtido mais efeitos na Espanha ou na França ou nos EUA ou pelas demais cidades onde Preciado vive[u], mas não para nós, ainda mais para as estruturas brasileiras de raça, gênero, classe, sexualidade, nas quais todas as pessoas (eu e vocês) estão (estamos) inseridas. Por aqui, é como escreve Leandro Colling no prefácio do livro *Metafísicas Sexuais*, de Martin de Mauro Rucovsky e Bryan Axt (2022): “Preciado, aqui, passou por um processo de crítica e decolonização sudaka e, por isso, o Preciado que lemos aqui se transformou em algo muito mais interessante que o espanhol” (Leandro COLLING, 2022, p. 11). Da mesma forma, o pensamento pós-pornográfico estadunidense e espanhol precisou passar por uma regurgitação.

O buraco é bem mais embaixo e bem mais profundo para pensarmos as artes das sexualidades no Brasil; e a pornografia e/ou a pós-pornografia e/ou a contrassexualidade já não me satisfazem ou me fazem gozar por completo. Precisei ir mais longe, mas também voltar alguns passos.

Para encontrar as brechas no CIS-tema de arte, foi preciso entender como cada um dos marcadores sociais da diferença se interseccionam com as normas desse sistema e entender como o CIS-tema de arte configura as artes das sexualidades e os seus processos criativos para a construção dessas artes.

Esse CIS-tema de arte do qual faço parte, como artista, pesquisador, agente, e esse CIS-tema da academia do qual também faço parte como artista, pesquisador e agente estão corrompidos. Isso é inegável. Foram precisos, por exemplo, leis relativas às cotas e comissões de ações afirmativas para estreitar a distância abismal entre esses espaços e

uma pluralidade de pessoas que não conseguiam [e ainda não conseguem] acessá-los. A distância tem diminuído, mas longe de uma reparação histórica que seja capaz de acabar com as desigualdades construídas nesses espaços ao longo de muitos anos. Políticas públicas-outras são urgentes, mas também o amadurecimento e conscientização dos demais agentes que compõem esses espaços, como docentes, discentes, curadorias, artistas/artistes que ainda buscam suas fundamentações em construções conservadoras de uma história de arte eurocentrada e que define o que é arte e o que não é arte ou quem pode estar presente ou não nos espaços de arte a partir de um ponto de vista de estruturas hegemônicas brancas, masculinas, cis, ricas, religiosas e capacitistas.

A história da arte escrita até então não alcança a nossa pluralidade. E você pode me dizer que já temos muitas dessas pluralidades presentes e eu lhe digo: "Ok, muitas das corpos marginalizadas já conseguiram acessar tais espaços", mas quantas pessoas o fizeram sem precisar "higienizar" suas produções para terem o passe de entrada? Quantas estavam cansadas demais de dar murro em ponta de faca e acabaram por aceitar as regras do CIS-tema para simplesmente pagarem os boletos? Quantas desistiram ou pensaram em desistir? Ou morreram?

Ouvimos por aí que precisamos jogar com as armas do CIS-tema de forma estratégica para causar rupturas e até acho válido tais caminhos, mas só até determinado momento, pois acredito que não são suficientes ou eficazes para irmos além. Quantas mais pessoas precisarão se cansar, morrer, serem apagadas para um dia essas estratégias de fato causarem mudanças profundas nos alicerces coloniais que permeiam nossas vidas diariamente?

Recentemente, em agosto de 2022, tive uma videoarte¹²⁷ censurada em uma exposição coletiva que aconteceria junto ao final de uma disciplina que cursava no programa de pós-graduação no qual me encontro atualmente. Entre as condições apresentadas para que pudesse participar da exposição, nenhuma solucionaria a questão e a que propus não foi aceita. No final, e em um esforço de não gastar mais energia com o assunto, optei por desistir de participar da exposição. Mas essa não foi a primeira e nem será a última vez em que algo do tipo aconteceu ou acontecerá com pessoas que optaram por temáticas da sexualidade e não se colocaram na caixinha do erótico aceita pelos CIS-temas (como conversamos no Ato 02, junto com o professor Afonso Medeiros).

No Ato 01, comentei sobre a fotografia *Sacra-Sexualis I: Primus in deliciis vixerunt* (2018)¹²⁸ (Figura 101) que foi arrancada do espaço onde estava em exibição durante a 2ª Bienal de Artes do Ouvidor 63, em São Paulo, em 2018. Nela, Jesus Cristo, Maria Madalena e Apóstolos, Apóstolas, Apóstoles se encontram para celebração da vida, dos prazeres e dos gozos antes do sacrifício final. A imagem é uma releitura d'*A Última Ceia* (1495-1498), de Leonardo da Vinci e, ao ser excluída do espaço, a mensagem da pessoa que foi sujeita da ação é simples: eu passei dos limites permitidos para a arte, a sexualidade e a religiosidade.

Em outros anos, Renata Carvalho, Maikon K, Wagner Schwartz, Eddy Porn, Mãe Correria, Bruna Kury, Bruno Novadvorski, Órion Lalli e tantas outras pessoas das artes brasileiras sofreram algum tipo de censura em seus trabalhos artísticos. Mais recentemente, em abril de 2022, o Museu da Diversidade Sexual, em São Paulo, foi fechado e só conseguiu ser reaberto em setembro de 2022¹²⁹.

127 A videoarte Manifesto do futuro fracassado será apresentada no epílogo desta dissertação-manifesto.

128 Tradução literal: Sacra-Sexual I - a primeira orgia

129 Ver em <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2022/08/31/justica-de-sp-autoriza-reabertura-do-museu-da-diversidade-sexual-no-centro-de-sao-paulo.ghtml>. Acesso: 17 novembro 2022.

Esses são apenas alguns casos de censura que demonstram como as estruturas atuam em relação a quem diverge e desobedece às normas pré-estabelecidas. Diante disso tudo, concentrar-me em Paul B. Preciado para pesquisar sobre sexualidades, pós-pornografia e afins não daria conta do recado, era preciso trazer meu olhar para outros saberes, especialmente, os saberes sudakas.

Nesta busca, tem sido fundamental estar junto dessas várias pessoas e quero destacar, neste momento, duas delas: Mônica Zielinsky (minha orientadora) e Leandro Colling (meu coorientador). Elas estão sendo primordiais para pensar não apenas questões importantes das sexualidades, mas a própria relação com a arte contemporânea. Inclusive, minha própria permanência no mestrado, assim como as construções dos meus processos criativos a partir de pontos importantes como representação e política ativista, construções teórico-práticas do discurso e refletir sobre meu(s) objetivo(s) na minha pesquisa de mestrado.

Contar as histórias de resistência e existência de pessoas que optaram por desobedecer às normas de um CIS-tema hétero patriarcal machista sobre a ótica da pós-pornografia não seria suficiente para implodir as violências do CIS-tema de arte, era preciso pensar outros percursos e propor algo a mais. O caminho não era encaixar as minhas Putarias Artísticas (PA) em categorias já existentes, mas pensar formas de não apenas romper com essas categorias que o CIS-tema de arte produz, dividindo as artes da sexualidade entre artes eróticas e pornográficas, mas aboli-las. As células cancerígenas já estão profundamente enraizadas nessas terminologias, em fase terminal. Só estão esperando o desligar dos aparelhos para elas sucumbirem de vez e abrirem espaço para outras possibilidades de se pensar a sexualidade nas artes, longe de preconceitos e tabus, em um exercício livre de nossos desejos, da grafia de nossos desejos vivenciados, experimentados com nossos corpos, nossas corpas, como bem escreve Leda Maria Martins (2021), no livro *Performances do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela*. Ela pensa a partir das e nas artes negras, mas penso que suas reflexões também podem ser acionadas aqui no sentido de como também grafamos nos nossos corpos, nas nossas corpas os nossos saberes:

Grafar o saber era, sim, sinônimo de uma experiência corporificada, de um saber encorpado, que encontrava nesse corpo em performance seu lugar e ambiente de inscrição. Dançava-se a palavra, cantava-se o gesto, em todo movimento ressoava uma coreografia da voz, uma partitura da dicção, uma pigmentação grafitada da pele, uma sonoridade de cores.
(Leda Maria MARTINS, 2021, p. 36)

Grafar novas vias para as artes das sexualidades é resultado de vivências e histórias marcadas pelas (e nas) muitas outras corpas que gestam saberes, provocam reflexões para além das canonizadas. Para essas novas grafias acontecerem, é preciso deixar de lado os saberes já legitimados através dos tempos, saberes esses que se tornaram figurinhas tarimbadas nos espaços acadêmicos e que perpetuam os aspectos colonizadores e as tradições conservadoras e mantém os discursos sempre nas mesmas bolhas das epistemologias e das corporeidades. Botas antigas nem sempre comportam novos pés e construções teóricas antigas nem sempre comportam novas danças e performances das nossas sexualidades nas artes.

É preciso dar respostas diretas e imediatas aos silenciamentos (e às tentativas) de nossas histórias e nossas pluralidades para que não sejam feitas mais perguntas do tipo: “existe uma arte brasileira?”, “arte indígena é arte ou artesanato?”, “pornografia é arte?”, “existe uma arte e artistas cuir no Brasil?”, entre outras do tipo.

Em um debate publicado na revista *Perspective*¹³⁰ (2013), intitulado *Existe uma arte brasileira?* (só esta pergunta já é complexa por si só), com Luiz Marques, Cláudia Mattos, Mônica Zielinsky e Roberto Conduru – posteriormente, republicada na revista *Porto Arte: revista de artes visuais* (2017) – Luiz Marques responde a tal pergunta de uma forma que considero claramente preconceituosa e conservadora e com vários pontos que menosprezam a arte brasileira e que não vale a pena reproduzir aqui, pois o mais importante e que quero enfatizar do texto é a resposta da Mônica Zielinsky que, sabia e cirurgicamente, vai refutando cada uma das percepções apresentadas por Marques e ao final de sua explanação, ela escreve:

Cabe a essa historiografia da arte brasileira gerar as necessárias transformações epistemológicas e suscitar novos desafios disciplinares acadêmicos por meio de modelos relacionais de diversidade adaptados à história dessa cultura e dessa arte. Ela poderia, assim, permitir o florescimento de um pensamento construído a partir de seus limites, um pensamento de borda e que provém do "habitar a borda" (...) essa historiografia, em seu modo específico de fazer a contemporaneidade, exige que os marcos locais sejam ultrapassados e que uma nova cartografia da arte no país seja criada. Em uma perspectiva jamais monolítica, mas por meio dos referidos modelos de alteridade, essa historiografia deve articular as confluências e as influências dessa arte em meio às culturas que a constituem e que com ela se associam. Longe de ser marcada pela fragilidade, a arte desenvolvida no Brasil deve se identificar com uma historiografia em processo, a que marcará suas diferenças e será sem dúvida politicamente inovadora, ao reconhecer assim o seu devido lugar na cultura mundial (Mônica ZIELINSKY et al, 2017, p. 16).

Cabe a nós arrancar na raiz as tentativas de apagamento e de silenciamento de nossas histórias a partir de vieses cisheteronormativos. A própria ideia de linguagem única, de escolher entre fotografia ou performance ou vídeo ou qualquer outra linguagem me parece um caminho desgastado, uma herança ainda das antigas práticas europeizantes das “belas artes”.

Pensar novos espaços de arte é pensar para além dos CIS-temas compostos de uma história única (Chimamanda Ngozi ADICHIE, 2019). É um processo de latinização, africanização, aborigenação, asiaticização, indigenação, empretecimento, enviadecimento, perfectativização¹³¹, transanarquização feminista de nossos caminhos, histórias,

130 Debate publicado originalmente em francês e português na revista *Perspective*, 2, 2013. Referência eletrônica: Luiz Marques, Roberto Conduru, Claudia Mattos et Mônica Zielinsky, « Existe-t-il un art brésilien ? », *Perspective* [On line], 2 | 2013. Texto em francês disponível em: URL : <http://perspective.revues.org/3879> | Texto em português disponível originalmente em: URL: <http://perspective.revues.org/5543>.

131 Sobre o termo, ler o artigo *Perfechatividades de gênero: a contribuição das fechativas e afeminadas à teoria da performatividade de gênero* (2019), de Leandro Colling, Murilo Souza Arruda e Murillo Nascimento Nonato. Disponível em <https://www.scielo.br/j/cpa/a/nnMnWqQW7tjNCP9Kn9tgYJf/?lang=pt>. Acesso: 26 setembro 2022.

pensamentos, referências. É um processo de desgenitalização das artes das sexualidades e ruptura com o sistema sexo/gênero e construir a partir de uma surubação de saberes, uma pornossexualigrafia de histórias.

Mas como pensar outros caminhos para as artes da sexualidade quando temos construções tão solidificadas sobre a dualidade erotismo e pornografia? Quando temos uma carga extremamente negativa sobre o próprio termo "pornografia"? Como quebrar essa dualidade imposta pelo CIS-tema de arte de divisão entre erotismo e pornografia quando a pornografia está estabelecida como algo ruim ou "pecado"? Como repaginar o termo pornografia quando as estruturas machistas patriarcais e religiosas estão penetradas profundamente em nossos poros, peles, pensamentos?

Vejamos, como exemplo, o que aconteceu com Órion Lalli, que precisou refugiar-se fora do Brasil¹³² para permanecer vivo após ter sua obra *Todes es Santes renomeado #EuNãoSouDespesa* censurada na exposição LAVRA 2020 que acontecia no Centro Municipal de Artes Hélio Oiticica (CMAHO)¹³³, no Rio de Janeiro. Órion passou a sofrer ameaças de todos os tipos, perseguição e foi obrigada a retirar sua obra da exposição e, junto a tudo isso, abandonada por aquelas que deveriam protegê-la: a organização do LAVRA 2020 e a própria direção do CMAHO. Nas palavras de Órion:

Estamos vivendo uma série de assassinatos no Brasil a partir da ascensão do governo de extrema direita de Jair Bolsonaro ao poder. Ser incriminado, censurado e ameaçado de morte falando de um corpo gay vivendo com HIV em uma sociedade que nos invisibiliza e como certas reflexões são pautadas por um veto religioso em um país laico, mostra que a discussão está longe de ter uma razoabilidade. Toquei em uma ferida social e me faz refletir sobre sua importância na contemporaneidade enquanto fazedor artístico. Um retrato do agigantamento do governo da morte, da morte das florestas, dos corpos físicos, da esperança e da cultura. (Órion LALLI, 2021)

Casos como o de Órion mostram o quanto esta estrutura de violência está solidificada. Nos Atos anteriores, observamos, a partir de Walter Kendrick, Lynn Hunt, Claudia Attimonelli e Vincenzo Susca, como o nosso imaginário coletivo sobre a pornografia foi construído a partir de uma visão de uma elite branca, machista e heteropatriarcal. Também, a partir dos estudos de Afonso Medeiros, como o CIS-tema de arte construiu os discursos em torno do erótico e do pornográfico e a cooptação da pornografia pela indústria pornográfica trouxe junto todas as problemáticas sociais: o machismo, a misoginia, o racismo, a lgbtqiap+fobia e todas as normas estruturantes e as disputas de poder que consolidam ainda mais as práticas hierarquizantes. Também vimos que, nos anos 80, numa busca por romper com essas estruturas, surgiram o Movimento de Arte Pornô e o movimento pós-pornográfico¹³⁴ e que, desde então, a partir de pessoas como Eduardo Kac, coletivo Gang, Annie Sprinkle, Fabián Giménez Gatto, Laura Milano, María Llopis, Bruna Kury, Érica Sarmet e tantas outras pessoas têm pensado e discutido sobre

132 Ver sobre em <https://www.orionlalli.com.br/censura>. Acesso: 17 novembro 2022.

133 É muito trágico - e até mesmo irônico - que tudo isso tenha acontecido em um espaço de arte que leva o nome de Hélio Oiticica.

134 Alguns coletivos, como o Ediy Porn, preferem utilizar o termo "pornô desviante" por acreditarem que o prefixo "pós" dá uma ideia de construção linear do tempo para algo que é muito mais subjetivo do que cronológico e que uma vez criado o termo "pós-porno", pode dar a entender que houve uma extinção do pornô *mainstream*.

pornografias-outras nos permitindo dar passos importantes no processo de construção de uma reparação secular dos nossos prazeres e das nossas sexualidades nas artes, uma vez que vai provocando essas estruturas hegemônicas da indústria *mainstream* pornográfica. Para além do que já trouxe antes sobre esses movimentos, gostaria de citar, da argentina Laura Milano, o seguinte:

A pós-pornografia produz novas narrativas do prazer que permitem não apenas a visibilidade das sexualidades dissidentes, mas também funciona como um convite a experimentar a sexualidade de maneira lúdica, despreconceituosa e criativa. Não pretende ser instrutiva nem despreziosa. Pelo contrário. É inquietante, incômoda e perturbadora. A pós-pornografia se distancia novamente do pornô para evidenciar outras corporalidades possíveis, declaradamente artificiais, híbridas, tecnológicas. As representações produzidas não trabalham sobre a correspondência entre sexo, gênero e prática sexual, mas experimentam uma plena autorização para brincar e a livre combinação entres estes três elementos imóveis na lógica heteronormativa. Esta é sua maior e mais deliciosa perturbação. (Laura MILANO, 2014, p. 10)¹³⁵

No entanto, entendo que esses movimentos são recentes, datados dos anos 80, surgidos das questões referentes tanto a indústria audiovisual pornográfica como das feministas, de forma que ainda podem ser compreendidos como em construções e, como tal, alcançando outros espaços: a fotografia, a performance, a escrita etc. Nesse sentido, a pós-pornografia, por exemplo, também pode ser compreendida como um movimento não unificado ou codificado (Érica SARMET, 2014), o que permite uma pluralidade de ações que podem ser definidas por artistas como pós-pornográficas. No entanto, essa mesma abertura para uma pluralidade precisa ser observada com cautela para que, numa ânsia por se apresentar como dissidente em termos de sexualidade, nós, artistas, não reproduzamos práticas sociais machistas e normativas advindas dos pensamentos do norte global e que ainda subjagam e subalternizam corpos à branquitude, ao prazer do sujeito penetrador, aos binarismos, entre outros sérios e problemáticos processos de controle das corpos e das histórias (Bruna KURY, 2021). É preciso observar como o CIS-tema de arte normativo se aproveita das pautas artísticas [pós]pornográficas para consolidar suas narrativas hegemônicas. Além disso, nos atentarmos como tem sido essa expansão do movimento pós-pornográfico ao longo dos anos e em diferentes lugares, pois o pós-pornô a partir de Annie Sprinkle num contexto estadunidense é diferente do trazido por Diana Pornoterrorista em um contexto espanhol e Bruna Kury, no contexto brasileiro, para citar apenas algumas, e como são estabelecidas as relações de poder e de narrativas diante dessas construções-outras. Como escreve Bruna, pós-pornografia é sobre cuidado (Bruna KURY, 2021).

135 No original: La pospornografía produce nuevas narrativas del placer que no sólo permiten la visibilidad de las sexualidades disidentes sino que además funciona como invitación a experimentar la sexualidad de manera lúdica, desprejuiciada y creativa. No pretende ser instructiva, ni aleccionadora. Todo lo contrario. Es inquietante, incómoda y perturbadora. La pospornografía se aleja nuevamente del porno para mostrar otras corporalidades posibles, declaradamente artificiales, híbridas, tecnológicas. Las representaciones producidas no trabajan sobre la correspondencia entre sexo, género y práctica sexual, sino que experimentan una autorización plena al juego y la libre combinación entre estos tres elementos inamovibles en la lógica heteronormativa. Esta es su mayor y más deliciosa perturbación.

Construir saberes-outros é uma tarefa delicada e requer atenção para que não caiamos nas armadilhas das estruturas de poder. Suely Rolnik (2018) nos chama atenção para essas relações no livro *Esferas da insurreição - notas para uma vida não-cafetinada* quando defende que nesses movimentos a(r)tivistas¹³⁶ não basta agir nas esferas da macropolítica, é preciso atuar nas micropolíticas¹³⁷ também, pois é nas microesferas que as forças de poder têm atuado cada vez mais. São nas subjetivações, ultrapassando as forças econômicas, alcançando as forças criativas que o regime hegemônico atua para manter as estruturas girando conforme suas próprias ideologias.

Nessa transterritorialidade criam-se condições mais favoráveis para a mobilização da potência de criação das práticas ativistas, bem como da potência micropolítica nas práticas artísticas que, apesar de terem em tal potência sua essência, encontram-se hoje dela destituídas em favor de sua cafetinagem pelo capital, que tem nesse domínio uma fonte privilegiada para sua expropriação. (Suely ROLNIK, 2018, s/p)

Pensemos, por exemplo, nas formas como o capital interage com o chamado pink money ou como temáticas a(r)tivistas, por exemplo, as artes cuir, são cooptadas pelo CIS-tema de arte, ou ainda a cooptação das questões dos movimentos negros, trans, indígenas como forma de se manter o controle sobre a estrutura geral - *“o que lhe confere um poder perverso mais amplo, mais sutil e mais difícil de combater”* (Suely ROLNIK, 2018, s/p).

Mas como evitar e nos libertar dessas apropriações?

O trabalho necessário para responder a esta pergunta nos exige que, junto com o deslocamento da política de produção da subjetividade e do desejo dominante na nova versão da cultura moderna ocidental colonial-capitalística, desloquemos igualmente a política de produção do pensamento própria a essa cultura, ativando sua medula vital e sua habilidade para desarmar as configurações do poder. Sem isso, nossa intenção morre na praia. Da perspectiva desses deslocamentos, pensar e insurgir-se tornam-se uma só e mesma prática; uma não avança sem a outra (Suely ROLNIK, 2018, s/p).

Repetindo: questionar, refletir e ir além. Inclusive, dos significados sociais construídos sobre nossas corpos. Lembra que no início desta dissertação-manifesto fiz a pergunta “o que é o corpo? e que retornaria a esta questão mais adiante?” Pois bem, chegou a hora de retornar a essa pergunta. Porém, no atual ponto desta Jornada-Mestrado, acredito que ela tenha se tornado irrelevante. Pensar “o que é corpo?” me parece uma tentativa contínua de definir o corpo em normativas sociais para as quais já não deveriam ter espaço. Tentar responder a tal pergunta nesta pesquisa me parece sem sentido quando temos corpos e corpes que estão justamente na busca por definir a si mesmas/es. Assim,

136 Acho importante frisar que Suely Rolnik não usa termo “ativista” no livro citado, mas “ativismo”. No entanto, a partir da leitura, ela traz aproximações entre ativismo e arte que, no meu entender, conversam com a ideia de ativismo.

137 Sem o intuito de uma explicação mais aprofundada sobre “micropolítica” e “macropolítica”, destaco que Suely Rolnik se desprende dos conceitos “tradicionais e antagônicos” para pensar, a partir da obra *Caminhando* (1963), de Lygia Clark, outras possibilidades para pensar micro e macropolíticas a partir da construção de subjetividades individuais e coletivas, não como conjuntos separados, mas interligados e simultâneos. Assim, para Rolnik, micropolítica não é apenas a política feita em escala menor, mas aquela que produz outros processos de subjetivação.

a pergunta mais assertiva seria “o que pode um corpo? Uma corpa? Ume corpe”. Tentar pensar sobre o que pode é muito mais amplo e potente do que pensar sobre o que é. Entre aquele primeiro momento – “o que é corpo?” e agora, fui colocado diante desta pergunta – “o que pode um corpo?” em alguns momentos. Primeiramente, no curso online Aprendizagem e criação: processos de um corpo político (2021), ministrado por Wagner Ferraz e convidadas, promovido pelo Estudos do Corpo. Por diversas vezes, durante o curso, Wagner nos provocou a pensar sobre o que pode um corpo e “suscitou significativos pensares, leres, fazeres, escreveres e falares, os quais ressoam no corpo de cada um” (Wagner FERRAZ & Paola VERDUN, 2022, p. 16) a partir dos escritos de Spinoza, principalmente, no livro *Ética* (2016) quando ele escreve: “o corpo humano pode ser afetado de muitas maneiras, pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída” (Benedictus de SPINOZA, 2016, s/p).

Outro momento foi com o texto de Bruna Kury, *A pós-pornografia como arma contra a maquinaria da colonialidade* (2021), no qual ao perguntar “o que pode um corpo?”, ela responde: “podemos pesquisar e resgatar tecnologias ancestrais, futurísticas e contemporâneas” (Bruna KURY, 2021, p. 16).

Mais recentemente, na mesa redonda *Recuperar corpo-mundo: formação humana e as artes do corpo*, proferida por Lilian do Valle, Bruno Novadvorski e Verônica Pinheiro, no IV Seminário arte-educação – levantes: presença e pertencimento, realizado na UERJ/RJ. Nos três momentos, eu destaco um ponto em comum para pensar sobre a pergunta “o que pode um corpo?”: afeto/afetar. O que podem nossas corpos está diretamente relacionado a como afetamos e como são nossas corpos afetadas e as respostas que essas ações refletiram em nossas respostas, em nossas potências. Então, mais do que pensar sobre responder “o que é um corpo?”, pois essa é uma resposta que nunca será satisfatória, uma vez diante da cada vez maior diversidade de nossas existências e identidades, de forma que prefiro pensar muito mais nas possibilidades do que as corpos podem nos fazer afetar. Assim, o que pode um corpo diante de um CIS-tema secular de normatizações e apagamentos de outras pluralidades? O que pode um corpo diante de um CIS-tema de arte cheio de limites e regras que apagam outras vivências? O que pode um corpo diante de uma estrutura social que definiu como “homens” e “mulheres”¹³⁸ estão presentes / representados no CIS-tema de arte?



Figura 222

As mulheres precisam estar nuas para entrar no MASP?

Guerrilla Girls

Cartaz

Exposição Guerrilla Girls: gráfica, 1985-2017 no MASP São Paulo/SP. 2017

Fonte: <https://www.guerrillagirls.com/exhibitions/#grafica-masp-saopaulo>

138 Importante enfatizar que os termos “homens” e “mulheres” aqui se referem ao significado socialmente construído e normatizado das pessoas que nasceram com pau e buceta, uma vez que é a partir desta binariedade que as normatizações e representações sociais são estabelecidas. No entanto, quando penso sobre o que pode um corpo é justamente nas possibilidades de ruptura com os significados sociais dos termos “homens” e “mulheres” e pensar não mais por essa dualidade, mas a partir da ideia de como as pessoas se auto identificam, independente de suas genitálias.

O coletivo *Guerrilla Girls* questiona em suas obras a disparidade entre homens e mulheres nos museus e na exposição realizada em 2017, no MASP, o cartaz *As mulheres precisam estar nuas para entrar no Met. Museum?* (1989) foi reconfigurado para a realidade do MASP (Figura 222), no qual aponta, segundo as estatísticas da época, que apenas 6% de artistas do acervo em exposição são mulheres, mas 60% dos nus são femininos e pergunta: *as mulheres precisam estar nuas para entrar no Museu de Arte de São Paulo?* E, sobre isso, questiono: a quais mulheres essa pergunta faz referência? Mulheres Cis apenas ou incluem nelas as mulheres Trans também? No texto de apresentação da exposição presente no site oficial do MASP¹³⁹, em nenhum momento, faz-se referência às mulheres trans, utilizando-se o termo geral “mulheres” em contraponto ao termo “homens”, mas fica a dúvida se essas palavras transitam também por outras identidades de gênero, por outras possibilidades do que pode um corpo e como o CIS-tema de arte se autoquestionará acerca de sua representação majoritariamente cis¹⁴⁰.

Para pensarmos juntas sobre isso, trago a seguir uma entrevista realizada com Lufer Sattui, artiste com quem gravei o documentário fotográfico performático **Dita Absinthe** (2021), que trago neste ato para refletirmos sobre as questões da cisgeneridade no CIS-tema de arte e como os discursos cisgêneros acabam por apagar ou dificultar histórias-outras.

<https://bit.ly/DitaAbsinthe>

**[LUFER] [ENTREVISTA CONVERSA
PORNOSSEXUALIGRÁFICA]
[11.02.2022]**

Foi numa tarde de fevereiro de 2022 que Lufer e eu nos encontramos novamente para unir nossas corpas desejantes e conversarmos sobre o documentário fotográfico performático **Dita Absinthe** (Figura 223) que gravamos em 2021. As imagens que abrem este Ato (Figuras 213 a 221) são do dia da realização e você pode assistir clicando no link acima ou pelo QR Code.

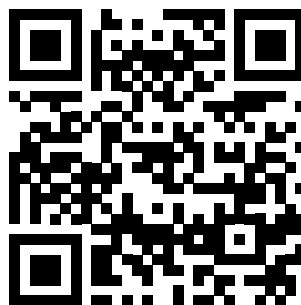


Figura 223

Dita Absinthe
Chris, The Red
Documentário Fotográfico
Performático
São Paulo/SP
2021

¹³⁹ Ver em <https://masp.org.br/exposicoes/guerrilla-girls-grafica-1985-2017>. Acesso: 05 novembro 2022.

¹⁴⁰ Importante acrescentar que, em 2019, a artista trans Élle de Bernardini teve a obra *A imperatriz está entre nós* (2019) acrescida ao acervo do Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (MASP).

Chris: Uma das primeiras coisas que quero ver contigo é sobre a questão da barba que você traz no vídeo e no seu processo de manter ou não barba (“mulher não pode ter barba?”), pensando na questão da figura feminina, nas interseccionalidades desta figura com o que a sociedade vai colocando e quais rupturas podem ser feitas nesta imagem feminina construída. Butler traz a separação entre performance e performatividades. Leandro Colling refuta essa separação afirmando que, para alguns artistas, essa separação não faz sentido e aí, pensando em você, nós temos Lufer, que se entende enquanto pessoa não binária com pronome de tratamento “elu” e temos Dita que se entende enquanto uma figura feminina, com pronome de tratamento “ela”. No entanto, mulher não a partir da construção social, mas uma outra que ainda está em processo, ainda na sua procura. Então, dentro dessa ideia de performatividades, de Butler, e desta contraperformatividade, se assim poderíamos chamar, de Colling, como você vê todas estas performances, performatividades de Lufer/Dita Absinthe?

Lufer: Para mim, Lufer, está muito claro o que é minha performance e performatividade de gênero, está tudo misturado. Eu, enquanto Lufer, tenho uma expressão de gênero mais masculina, mas no caso da Dita, o pronome é Ela/Dela. Mas tem uma questão que faz barulho, é o jeito de adaptar a minha barba à figura dela, pois ela sempre foi sem barba e na busca deste rosto de Dita, recentemente, fiz uma testagem de maquiagem para Dita, onde consegui manter esta feminilidade mantendo a barba e foi muito grato, pois a fala com outras drags (não mainstream, mas drags que fazem a mesma pesquisa que eu, como questões de gênero), me ajudou bastante. Importante salientar que este ruído com a barba não é porque eu acredite que drag queen não possa performar barba, mas era uma questão da minha criança. Eu nasci como uma drag sem barba. Ainda que minha mãe drag seja uma old school. Ela era uma drag meio padrão, mas eu acabei tendo muitas referências que contribuíram nesta construção. Além dela, minha vó drag, minha tia drag, minha filha drag, minha irmã drag. Todas nós temos esta questão de performar uma feminilidade padrão dentro das normatividades construídas pela sociedade sobre o ser feminino. Além da minha família drag, minhas referências outras também são muito femininas, principalmente, da cena do cabaré, do burlesco, que vem também da cena pin-up. Ou seja, todas expressões de uma feminilidade bem carregada e que são impossíveis até mesmo para mulheres cisgêneras, trans ou não-binárias que estejam dentro desta performance feminina, como cintura pequena, quadril muito grande, bunda grande, uma sensualidade exacerbada. Uma pin-up é uma drag, pois é a construção de uma feminilidade impossível. E tudo isso criou esta narrativa meio estranha na minha cabeça, de como fazer para adaptar todas estas minhas referências para esta nova construção de drag. Em outubro deste ano, farei 10 anos que me monto e ainda que não tenha sido uma queen de boate, eu tenho uma estética, um rosto já meio característico e esta mudança faz com que seja uma coisa mais complexa. Eu tive um pouco de contato com o teatro que também me ajudou na construção da personagem ainda que Dita não seja só uma personagem. Dita exagera minhas características. Eu sou safade, eu sou sensual, ela é ainda mais. Eu sou politizade, ela é mais...

Chris: desculpa te interromper, mas dentro destas características que você falou de você é safade, Dita é mais. Qual seria uma característica que seria só de Lufer e outra que seria só de Dita? Não sei a palavra característica é melhor, mas seria algo que só é de Lufer e algo q só é da Dita?

Lufer: eu sou muito inseguro. Dita não é. Enquanto eu digo: “Acho que sou...”, Dita diz “sou”. Absolutamente e “period” (risos). Ela é maravilhosa. Dita é sempre bonita. Eu não sou sempre bonita, entende? E falo isto para todo mundo, pra mim, ser bonita não é uma questão estética, é uma questão que tem a ver com o emocional.

Chris: estava aqui pensando, estávamos falando sobre expressões de gênero e em relação as expressões de sexualidade, como elas conversam com Lufer e Dita?

Lufer: Dita é muito safada. Ela é louca. Ela pode fazer coisas que eu mesma não me atreveria a fazer.

Chris: Tipo?

Lufer: Dita é muito mais dominante, ela pode fazer o que ela quer. Dita é... !!!

Chris: deixa eu falar uma coisa. Eu, por exemplo, já vivi a experiência da sexualidade com você enquanto Lufer e também com Dita. E a Dita é mais...

Lufer: louca, direta.

Chris: eu diria ousada. Como Dita, há uma ousadia a mais que Lufer.

Lufer: Sim. Totalmente.

Chris: e como é que isto na tua cabeça?

Lufer: hahahahahha, é muito louco. É como se fosse uma moqueca de emoções, de pensamentos. É como se eu, neste momento, não estivesse presente, mas ao mesmo tempo, eu estou. É muito... muito... muito complexo de explicar. Acho que só pessoas que fazem performances vão entender. Acho que seria algo tipo com pessoas que fazem produção de vídeos adultos. Tem o sexo para o vídeo e o sexo dela. Tem uma diferença muito grande. Tem emoções que você não carrega. Tem barreiras que você se atreve a quebrar quando se está performando, porque ainda que Dita faça coisas que eu faço, ela leva para outro nível.

Chris: tem uma coisa que você disse que me fez lembrar, a partir de leituras minhas de Zygmunt Bauman e Stuart Hall sobre identidades, de que fomos levados a crer que esta busca identitária seria por uma identidade única e tanto Bauman como Hall escrevem que nós nunca seremos esta única identidade, que estaremos sempre trabalhando com várias e que elas não são ficções. O fato de, por exemplo, de Lufer nascer Dita, não significa que Dita seja uma ficção. É uma outra identidade tão real quanto Lufer. Esta ideia de persona, vem do teatro, ela vem junto com a ficção. Só que hoje, isto, meio que se perde. Penso em mim mesmo. Em vários trabalhos meus, eu uso uma persona, o Dr. Red. Tem o Chris, The Red que já é muito louco, pois já é uma persona do Christian Gustavo de Sousa. Nasci Christian de onde nasceu Chris, The Red e de onde nasceu Dr. Red. E cada vez, por conta do teatro, acreditava que esta persona era uma ficção e, ultimamente, tenho percebido que Dr. Red é uma outra identidade tão real quanto Chris, The Red e tão real quanto o

Christian Gustavo. Cada uma tem suas questões próprias, mas que se misturam. Então, para mim, Dita é tão real quanto Lufer e Lufer é tão real quanto a pessoa anterior a Lufer. E eu falei tudo isso, pra fazer uma outra pergunta que pode parecer estranha. Lufer se entender enquanto uma pessoa não-binária e fico pensando se você trabalha Dita dentro de algumas normatividades ou não te interessa? Dita enquanto mulher, você a pensa dentro destas normatividades da sexualidade ou você também a pensa como uma forma de romper com estas normatividades compulsórias?

Lufer: então, vai soar estranho, mas estamos falando de performance. Dita é uma mulher cis. A identidade de Dita é uma mulher cisgênera que como Lufer, é pansexual. Nossa forma de se relacionar com o prazer vai além dos gêneros. Ela não se define como uma mulher heterossexual e eu sou uma pessoa não binária, pansexual.

Chris: por um tempo, eu também já me identifiquei enquanto pansexual. Hoje, eu já me penso como fluido. Cada vez mais eu tenho usado saias, pintado as unhas, usado brincos, acessórios ditos femininos a partir de construções sociais. E aí, eu fico me perguntando e não acho que tenha chegado a uma resposta, nem sei também se é este o objetivo, mas quando eu vou a uma reunião, de saia, unha pintada, com maquiagem, calcinha, onde que eu tô dentro disso? Ali, posso me colocar como uma pessoa não-binária por conta do que estou usando já que estou rompendo com esta binariedade social? Naquele momento, eu estou numa transição? O prefixo “trans” aqui não como uma questão biológica, eu me identifico com o meu corpo biológico, o termo trans aqui estaria mais próximo do trans* que Ian Habib traz sobre trans como “além de”, ou seja, eu me identifico com meu corpo biológico e ao mesmo tempo, eu transiciono entre espaços de gênero, de forma que tudo isso é uma grande confusão mental, então, me coloco neste espaço do fluido. Para onde isto vai me levar, não sei.

Lufer: mas por exemplo, no meu caso, eu sou bissexual. Na realidade, depende do tempo as minhas respostas sobre bissexualidade, pansexualidade... porque ao final do dia, ambas têm uma nadica de diferença porque nenhuma das duas se importa no gênero. Nenhuma das duas é binária. Então, é isto.

Chris: vou te fazer uma pergunta e se for ofensiva, por favor, me desculpe.

Lufer: Ok.

Chris: Dita é uma mulher cis, como você falou e é uma mulher cis com pau.

Lufer: mas Dita não tem pau. Quem tem pau é Lufer, sou eu. Entende?

Chris: entendi.

Lufer: quando você teve sexo com a Dita, ela usou o meu pinto para ter sexo com você.

Chris: hummmmmmmmm!!!! Quando transei com Dita, o pau que estava dentro de mim não era dela, era seu.

Lufer: é como se Dita tivesse usando um dildo.

Chris: interessante isso, pois vai muito para Preciado, no Manifesto Contrassexual e a dildotopia e a dildotectônica, que não necessariamente é o dildo de plástico.

Lufer: exatamente. Dita usa um dildo de carne.

(neste momento, ficamos Lufer e eu, em silêncio, pensando sobre tudo isso)

Chris: e Preciado fala sobre esta questão do dildo, do dildo-corpo, dildo-braço, dildo-perna. Então, é um dildo-pau. Dita usa um dildo-pau.

Lufer: exatamente. Dita é muito rápida. Ela não vai para o sexo buscando um dildo se ela já tem um disponível.

Chris: uauuuuuu e a cabeça faz assim: boommmmm (risos).

(mais um tempo em silêncio. Absorvendo.)

Chris: queria voltar a uma questão relacionada a drag e pensando naquela polêmica que teve sobre a possibilidade de ter o RuPaul's Drag Race Brasil e a Xuxa foi cogitada para assumir o programa e criou-se toda aquela discussão que ela não poderia por não ser drag, que teria que ser a Pablló Vittar. Dentro desta discussão e do seu entendimento da cultura drag, como você vê a drag?

Lufer: para mim, a drag é basicamente uma performance de gênero porque a pessoa que performa drag, entendendo a drag como uma arte performática, que pega construções de gênero e vai misturá-la com manifestações artísticas diferentes, como dança, dublagem, atuação, comédia, modelo, etc. e vai performar algum tipo de performatividades de gênero seja feminina (drag queen), masculina (drag king) ou performances que não tem um gênero definido (drag queer), ou as que vão além da espécie (trans-animal), mas não confundir com os puppies que usam máscaras. Quando você faz drag, você performa uma ideia (construção) de gênero. Tipo, a minha construção de gênero é baseada na pin-up, no burlesco. No caso do Ru Paul, ela transita pelas referências negras e também pelas Barbies, as super-modelos (Super Model of the World). E quando Ru Paul mudou seu bordão de “may the best woman win” para “may the best drag queen win”, pois ao final do dia, não é sobre ser mulher, mas ser drag. E tudo isto me faz questionar muito sobre feminilidade. O que é ser mulher? É ter buceta? Se eu sou um corpo com pinto, com barba, eu não posso ser mulher? Por quê?

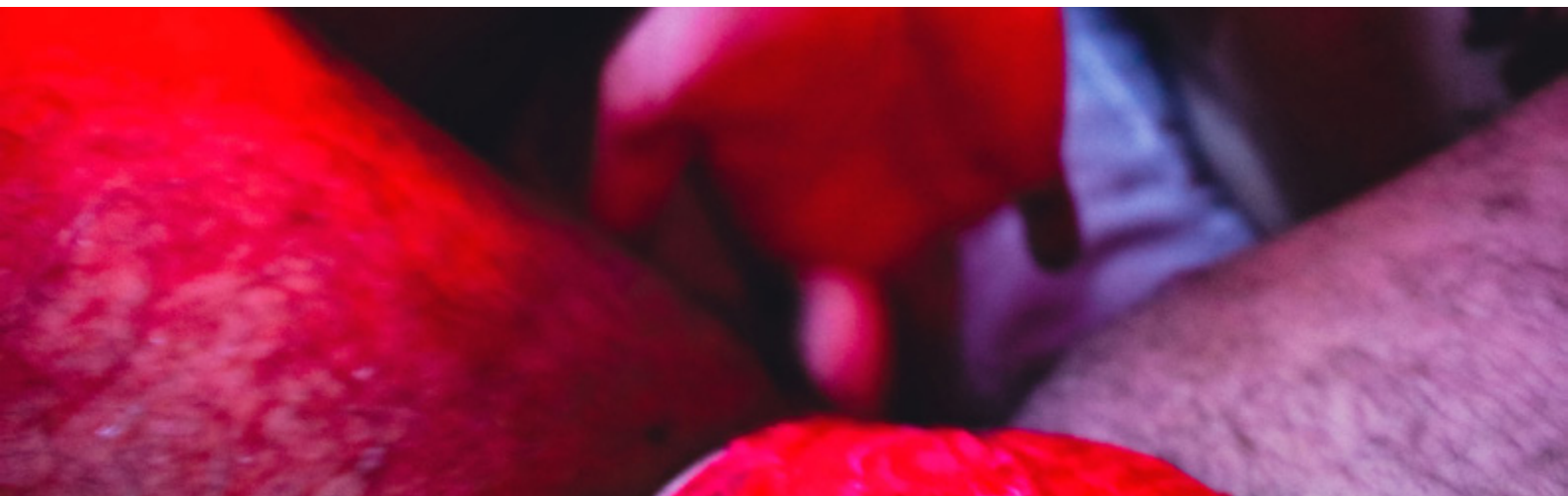
Chris: e pensando na questão do dildo-pau, a mulher cis com buceta que usa um cintaralho, ela deixa de ser mulher?

Lufer: se ela deixa de ser uma mulher cis? Não! Ela deixa de ser mulher? Também não! É tipo uma mulher trans com pinto? Ela deixa de ser mulher? Ela pode comer cus, ela deixa de ser mulher? Não! Então, ser mulher vai muito além da performatividade, vai além da biologia, porque ser mulher é algo que vai se construindo. Cada pessoa vai construindo que a identifica como mulher e vai construindo o seu jeito de ser mulher e

é muito importante isto, pois cada pessoa vai construindo sua própria feminilidade. Se existem 350 bilhões de mulheres, vai ter 350 bilhões de jeitos de ser mulher.

Chris: e a sociedade quer reduzir para duas coisas.

Lufer: exato, mas isto é um projeto que a gente pode chamar de capitalista que precisa homogeneizar, pois quanto mais diverso, mais complexo e quanto mais complexo de entender a sociedade, mais complexo é transformar em consumo, pois é isto que movimenta o mundo: o aquí!



[LUFER] [ENTREVISTA CONVERSA PORNOSSEXUALIGRÁFICA] [26.04.2022]

Lufer e eu estamos na cama (de novo, a gente adora) e ele me diz o seguinte:

Lufer: naquele momento, daquela entrevista, eu entendia Dita como uma mulher cisgênera, mas acabei entendendo que ela é mulher, que ela não precisa a etiqueta de cisgênera, transgênera. Ela é uma mulher e que não muda nada que ela usa meu pinto, que é tipo duas identidades diferentes: Dita e Lufer. Dita acaba sendo uma extensão, mas que tem personalidade própria.

Chris: e como foi Dita de barba pela primeira vez?

Lufer: Ai!! Nossa! As primeiras vezes, como era só dentro de casa, era, sei lá, tipo, eu olhava e pensava: “tô bonita? Sim, tô bonita”, mas eu não sairia na rua montada, porque eu me acostumei com outro padrão de drag, como te falei antes. Então, comecei a experimentar mais um pouco e ficava pensando mentalmente: “mulher não pode ter barba?”, e aí, quando resolvi ir ao Drag Nights montada e de barba, eu me olhei: “nossa, gente, que é isso, que bonita!” Para mim foi uma coisa assim, “eu estou muito bonita, muito feminina e a barba é um detalhe, eu me empoderei.” E agora me sinto muito mais confortável e semana passada, eu me apresentei no Grande Cabaré e fiz meu show com barba e foi maravilhoso.

E foi isto, e Lufer voltou a me beijar.

Figura 224

Dita Absinthe

Chris, The Red
Documentário Fotográfico
Performático
São Paulo/SP
2021

Figura 225

Cartaz Dita Absinthe

Chris, The Red
São Paulo/SP
2021

Dita Absinthe

um documentário fotográfico performático
por Chris, The Red

com
Lufer Sattui

DITA ABSINTHE: UM DOCUMENTÁRIO FOTOGRÁFICO PERFORMÁTICO

Lufer é Dita Absinthe. Dita Absinthe é Lufer. Elus compartilham o mesmo território. A mesma corpa, a mesma mente, as dúvidas e os anseios, Lufer não nasceu Lufer. Tornou-se Lufer e Lufer tornou-se Dita e, assim, elus transitam entre buscas, processos, fugindo dos papéis que a sociedade havia dito para aquela pessoa anterior a Lufer desempenhar. Lufer provoca Dita. Dita provoca Lufer. E das provocações, elus vão se encontrando, se descobrindo. E falando de encontros...

Conheci Lufer em 2020 por meio de um app. Territórios dos tempos contemporâneos. Apesar de, na época, morarmos próximos, no mesmo bairro em São Paulo, nossas conversas permaneceram no espaço da virtualidade. Tínhamos uma pandemia entre nós. Foi durante os nossos papos que descobri que Lufer é peruane, da cidade de Trujillo, e veio para o Brasil em outubro de 2017. Quarentena infundável. Acabamos perdendo contato. Mundo virtual cansa muito. Coisas da vida. A vida traz, a vida leva. Às vezes, traz de novo. E em outubro de 2021 nos encontramos de novo em um outro espaço virtual com elu curtindo umas fotos minhas do projeto *Corpos em quarentena* (2020-2022). Aproveitei a deixa e convidei Lufer para o projeto e foi neste lugar que fizemos nossa primeira troca artística (Figuras 226 a 229).



Figuras 226, 227, 228 e 229

Corpos em Quarentena: Lufer (São Paulo, Brasil)

Chris, The Red
Fotografia
São Paulo/SP
2020-2022

(PAUSA: INÍCIO)

Março de 2020. Covid-19. Quarentena. Turbilhão na mente. Como continuar a fotografar outras pessoas sem sair de casa? Corpos em quarentena foi o caminho que encontrei para continuar fotografando.

Corpos em quarentena não existiria sem repensar o próprio ato do fotografar. O nome surge de uma foto que faço do Bruno e, ao postá-la no meu perfil do Instagram, a nomeio como Corpo em quarentena me deixando com a pergunta: quem são os outros corpos em quarentena? Como registrá-los estando em isolamento em um único espaço físico? Como olhar para este quarto, que também é home office, por outros ângulos ainda inexplorados? "Comunicar com os outros e com a comunidade é furar a bolha, alargar os limites do espaço e do tempo, tomar consciência de que o nosso mundo se estende muito para além dos quartos a que estamos confinados." (JOSÉ GIL, 2020) E foi assim que furei a minha bolha, repensando não apenas a ideia de espaço, mas a tecnologia que nos rodeia e é com ela que o continuar fotográfico se faria. Seria por ela que o criar aconteceria superando não apenas o medo, mas o isolamento social, tão difícil, mas extremamente necessário. (Chris, THE RED, 2020, p. 521)

(PAUSA: FIM)

E foi assim que novos territórios foram sendo explorados por meio desta série de ensaios fotográficos realizados de forma online e à distância por vídeo-chamadas que me permitiram fotografar e conhecer pessoas de diversas cidades brasileiras e do mundo. Entre elas, Lufer. E foi quando descobri, durante nossas conversas, que Lufer também é a drag Dita Absinthe.

O mundo drag sempre exerceu um fascínio sobre mim desde quando vi o primeiro show de drag ainda em Brasília, na extinta boate Garagem. Foi lá, nos fins dos anos 90, que vi Alice Bombom performando, fiquei extasiado. Já tinha visto o filme *Priscilla, a rainha do deserto*, mas nada se comparava aquela experiência e tudo isso muito antes de RuPaul, Pablo Vittar, Gloria Groove e tantas personalidades do mundo drag da atualidade.

Naquele momento, ainda não compreendia o poder artista da arte drag, não conhecia a história de Marsha P. Johnson ou da Divine ou da Silvetty Montilla ou da Márcia Pantera. Essa aproximação é mais recente. Veio com as paradas LGBTs, com o programa RuPauls Drag Race e com a música de Pablo Vittar. Naquele momento, também não entendia que ser drag vai muito além do que falavam que era um *"homem vestido com roupas de mulheres"* (2017)¹⁴¹. Drag é uma expressão de arte vivenciada pela pluralidade de nossos seres, sejamos nós homens cis, homens trans, mulheres cis, mulheres trans ou tantas outras possibilidades e, no caso de Lufer, uma pessoa não binária. Assim, quando Lufer me apresentou Dita Absinthe, o inevitável aconteceu, viramos um ménage. E essa

141 Disponível em Disponível em <https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/drag-queens-a-historia-da-arte-por-tras-de-homens-vestidos-de-mulher.ghtml>. Acesso: 24 outubro 2022.

história precisava ser contada. A arte drag é arte política potencializada em muitos níveis. Ela ultrapassa as questões de gênero, de sexualidade. É um rompimento total com os binarismos do sistema cisheteronormativo.

(PAUSA: INÍCIO)

Quarentena. Ficar em casa. Tempos contemporâneos. Imagens. Imagens-foto. Imagens-vídeos. Imagens-filme. Imagens-janela. Imagens-tela. Imagens-sem foto. Imagens-nome. Ousaria dizer, mesmo correndo o risco de errar feio, que nunca fomos tão "perpetuamente superexpostos às imagens" (Emmanuel ALLOA, 2015, p. 07), que nunca fomos tão provocados a "pensar a imagem" e o que a "imagem dá a pensar" transcrevendo a provocação de Alloa (2015) no livro *Pensar a Imagem*.

(PAUSA: FIM)

Dita Absinthe traz Lufer na construção de sua persona drag. No entanto, muito mais do que a construção de um documentário, mais do que a criação de fotografias e mais do que uma performance, Dita Absinthe é plural. Dita é tudo aquilo que lhe faz única e é tudo aquilo que faz cada corpa não-binária, cada corpa drag, cada corpa dissidente um símbolo de resistência. Dita Absinthe é sobre Lufer, Dita, Sara, Dandara, Amora, Ravena, Dodi, Renata, Profânia, Erika, Rô, Yaga, Iara e tant[e][a][o]s outr[e][a][o]s, que escolheram não aceitar o papel que a sociedade lhes determinou antes mesmo de nascer e que estão, como escreve Bruna G. Benevides:

Denunciando publicamente uma organização muito bem constituída, sob regras hierarquicamente estabelecidas, onde o topo é dedicado ao patriarca e a base, àquelas pessoas que sequer são reconhecidas como gente, ao ponto de enfrentarem diversos processos de desumanização para que, ao não serem reconhecidas como iguais, seja autorizada todo tipo de violação e violências, inclusive a morte, para punir e conter a subversão não-autorizada. (Bruna G. BENEVIDES, 2021, p. 12)

Dita é o deboche, é a putaria e é arte.

Arte para além do documentário, da performance ou da fotografia. Arte para além da imagem ou do que pode ser uma imagem. Estou muito mais focado nas provocações que uma imagem pode disseminar do que pensar o que é uma imagem? Prefiro concordar com a resposta dada por Alloa para tal pergunta e seguir adiante para outras questões:

O que é uma imagem? A múltipla proliferação de imagens no mundo contemporâneo parece - e esse é seu paradoxo - inversamente proporcional à nossa faculdade de dizer com exatidão ao que elas correspondem. Parece ocorrer com as imagens quase o mesmo que acontece com tempo em Santo

Agostinho: somos perpetuamente superexpostos às imagens, interagimos com elas, mas se alguém nos pedisse para explicar o que é uma imagem, teríamos dificuldades de fornecer uma resposta. Poder-se-ia retrucar que existem duas razões para essa dificuldade e que a questão está mal colocada. Por um lado, interrogar-se sobre o que é uma imagem seria ainda ignorar que a imagem tende a se disseminar, declinar-se dela mesma em formas plurais, se desmultiplicar em um devir-fluxo que se sustentaria instantaneamente no Um. Por outro lado, perguntar o que é uma imagem retorna inevitavelmente a uma ontologia, a uma interrogação sobre seu ser. Ora, nada parece menos seguro do que o ser da imagem. (Emmanuel ALLOA, 2015, p. 07).

Nada parece menos seguro do que as proposições absolutas. Então, muito mais do que pensar o que é a imagem, quero usar as diferentes oportunidades que o criar da imagem pode proporcionar, o que as imagens podem fazer pensar. E assim apresento esse trabalho não como um mero documentário, não como meras fotografias e não como uma mera performance, mas o fluxo de todas essas linguagens em um grande devir. Dita Absinthe é a própria mistura de nossos seres e do que podem nossas corpos. É Lufer-Dita-Chris, The Red. É o que somos, fomos e o que ainda nem sabemos o que seremos. É documentário-fotográfico-perfomático dividido em três atos e em três telas (Figura 230).

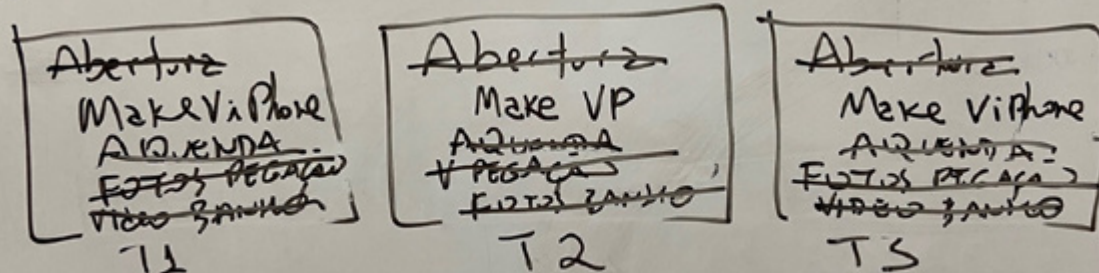


Figura 230

Estrutura dos vídeos

Registro: Chris, The Red
São Paulo/SP
2021

No primeiro ato (Figuras 231 a 237), Lufer vai tornando-se Dita, construída por maquiagem, palavras e aquecimento¹⁴² esta outra persona, “elu” torna-se “ela”. Em suas próprias palavras: “é esta questão que eu gosto muito na drag. Ela traz discussões muito interessantes com respeito ao gênero. Quais são os limites da drag? Quais são os limites da personagem? Quais são os limites do que a gente constrói como homem? E do que a gente constrói como mulher?”.

No segundo ato, é Dita quem dita as regras, eu só a observo, a fotografo, ela manda. Meu corpo pertence a Dita. Com minha câmera em mãos, vou registrando o tocar dessas corpos, o desejo. Dita e eu. “Ela” torna-se “nós”. E paralelo ao construir das fotografias, apresento as imagens resultantes deste momento (Figuras 238 a 244).

Por fim, no terceiro ato (Figuras 245 a 251), Dita se contempla no espelho, como Narciso, admirando a própria beleza, a própria força diante de um mundo que, por muitas vezes, não a respeita e a violenta. Ao ver sua imagem refletida no espelho, Dita, diferente de Narciso, não se entrega, pelo contrário, se fortalece e assim, deixa a água escorrer sobre o seu corpo trazendo Lufer à superfície. “ela” torna-se “elu”.

142 “No pajubá - o dialeto popular das travestis - ‘aqueendar’ significa esconder, ocultar;” Assim, as Draqs “aqueendam a neça”, ou seja, escondem o pinto. Crédito Campo Grande News. Disponível em <https://www.campograndenews.com.br/lado-b/comportamento-23-08-2011-08/para-as-transexuais-aqueendar-a-neca-e-questao-de-sobrevivencia>. Acesso: 20 novembro 2021.

Dita Absinthe



Figuras 231, 232, 233, 234, 235, 236 e 237

Dita Absinthe (Frames)

Chris, The Red
Documentário Fotográfico Performativo
São Paulo/SP
2021



Figuras 238, 239, 240, 241, 242, 243 e 244

Dita Absinthe (Frames)

Chris, The Red
Documentário Fotográfico Performático
São Paulo/SP
2021

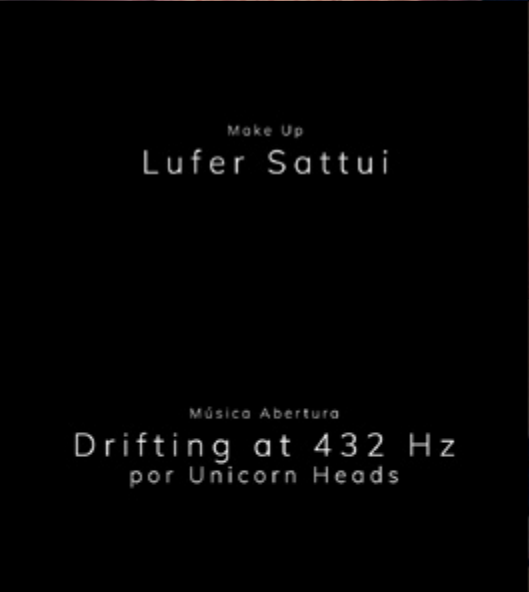


Dita Absinthe

um documentário fotográfico performático
por Chris, The Red



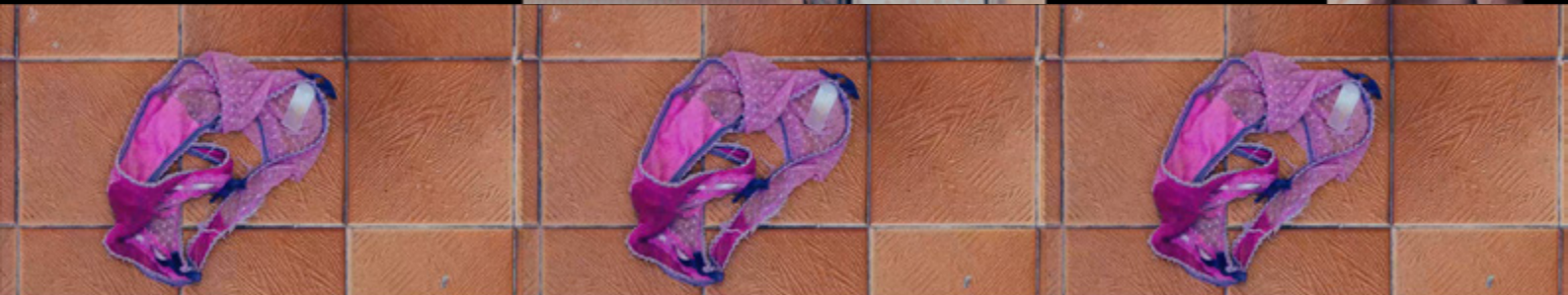
Lufer Sattui
e
Dita Absinthe



Make Up
Lufer Sattui



Música Abertura
Drifting at 432 Hz
por Unicorn Heads



Figuras 245, 246, 247, 248, 249, 250 e 251

Dita Absinthe (Frames)

Chris, The Red
Documentário Fotográfico Performático
São Paulo/SP
2021

Lufer e Dita vão se permitindo, se descobrindo, compartilhando territórios, histórias e vivências, assim como este documentário-fotográfico-performático em que diferentes linguagens se unem para se fortalecerem, quebrarem estilos e unicidades. Somos seres plurais. Lufer é plural. Dita é plural. Eu sou plural e como Alloa escreve *“a imagem tende a se disseminar, declinar-se dela mesma em formas plurais”* (2015, p. 07). Que esse trabalho se dissemine e se transforme em outras formas e alcance outros territórios. Que seja inspiração e abra os caminhos para este terceiro e último ato. O desfecho desta Jornada-mestrado. Será o clímax ou a queda?

(PAUSA: INÍCIO)



Figuras 252, 253 e 254

(à esquerda) Postagem no perfil do DIGO Festival no Instagram

(centro) Certificado de Menção Honrosa

(à direita) Programação Mostra Artística 15 anos do NuCuS

Prints: Chris, The Red
Goiânia/GO - Salvador/BA
2021-2022

Dita Absinthe foi selecionado para o 7º *DIGO - Festival Internacional de Cinema da Diversidade Sexual e de Gênero de Goiás 2022*, na categoria nacional, e recebeu o Prêmio Menção Honrosa no VII *DIGO Festival Internacional de Cinema da Diversidade Sexual e de Gênero de Goiás*, pelo júri do festival, que aconteceu de 15 de junho a 30 de junho de 2022 (Figuras 252 e 253). Também foi selecionado para a *Mostra Artística 15 anos do NuCuS*, da Universidade Federal da Bahia, realizada entre 09 e 11 de novembro de 2022, em Salvador/BA (Figura 254).

(PAUSA: FIM)



Figuras 255, 256 e 257 (acima)

Retratos Pornossexualigráficos [Alex]

Chris, The Red
CIFs
São Paulo/SP
2022



Figuras 258, 259 e 260 (abaixo)

Retratos Pornossexualigráficos [Glauco]

Chris, The Red
CIFs
São Paulo/SP
2022



Figuras 261, 262 e 263 (acima)

Retratos Pornossexualigráficos [Dogo de la Mancha]

Chris, The Red
CIFs
São Paulo/SP
2022

Figuras 264, 265 e 266 (abaixo)

Retratos Pornossexualigráficos [Chaos]

Chris, The Red
CIFs
São Paulo/SP
2022





Figuras 267, 268 e 269 (acima)

Retratos Pornossexualigráficos [Alan]

Chris, The Red
CIFs
São Paulo/SP
2022



Figuras 270, 271 e 272 (abaixo)

Retratos Pornossexualigráficos [Charles]

Chris, The Red
CIFs
São Paulo/SP
2022



Figuras 273, 274 e 275 (acima)

Retratos Pornossexualigráficos [Edson]

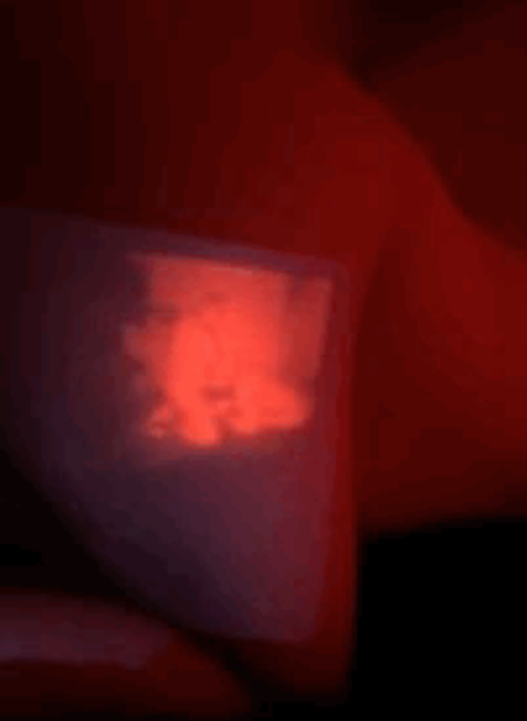
Chris, The Red
GIFs
São Paulo/SP
2022

Figuras 276, 277 e 278 (abaixo)

Retratos Pornossexualigráficos [Edu]

Chris, The Red
GIFs
São Paulo/SP
2022





Figuras 279, 280 e 281 (acima)

Retratos Pornossexualigráficos [Fábio]

Chris, The Red
GIFs
São Paulo/SP
2022

Figuras 282, 283 e 284 (abaixo)

Retratos Pornossexualigráficos [Felipe]

Chris, The Red
GIFs
São Paulo/SP
2022





Figuras 285, 286 e 287 (acima)

Retratos Pornossexualigráficos [Luferr/Dita]

Chris, The Red
CIFs
São Paulo/SP
2022

Figuras 288, 289 e 290 (abaixo)

Retratos Pornossexualigráficos [Paulo]

Chris, The Red
CIFs
São Paulo/SP
2022





Figuras 291, 292 e 293 (acima)

Retratos Pornossexualigráficos [Mauro]

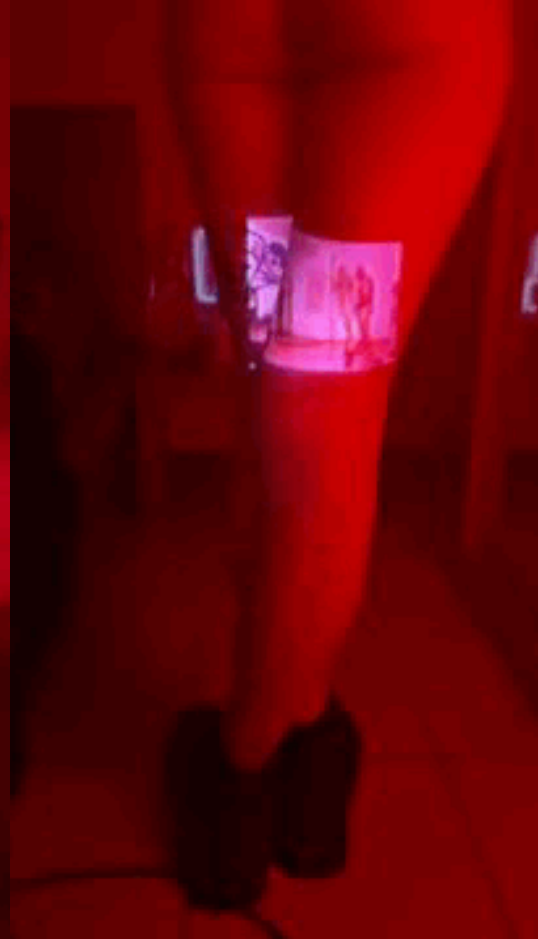
Chris, The Red
CIFs
São Paulo/SP
2022

Figuras 294, 295 e 296 (abaixo)

Retratos Pornossexualigráficos [Beto]

Chris, The Red
CIFs
São Paulo/SP
2022





Figuras 297, 298 e 299 (acima)

Retratos Pornossexualigráficos [BixaPutá]

Chris, The Red
GIFs
São Paulo/SP
2022

Figuras 300, 301 e 302 (abaixo)

Retratos Pornossexualigráficos [Xerxes]

Chris, The Red
GIFs
São Paulo/SP
2022





Figuras 303, 304 e 305 (acima)

Retratos Pornossexualigráficos [BrBottom]

Chris, The Red
CIFs
Rio de Janeiro/RJ
2022

Figuras 306, 307 e 308 (abaixo)

Retratos Pornossexualigráficos [Daniel]

Chris, The Red
CIFs
Rio de Janeiro/RJ
2022





Figuras 309, 310 e 311 (acima)

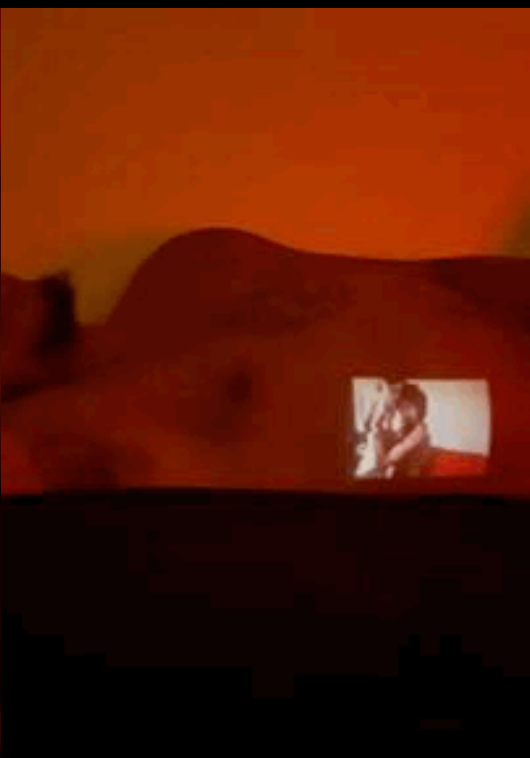
Retratos Pornossexualigráficos [Sue]

Chris, The Red
CIFs
Rio de Janeiro/RJ
2022

Figuras 312, 313 e 314 (abaixo)

Retratos Pornossexualigráficos [Cláudio]

Chris, The Red
CIFs
Rio de Janeiro/RJ
2022





<https://bit.ly/CTRRetratosPornosexualigraficos>



ACESSE O LINK OU O
QR CODE PARA VER
A SÉRIE RETRATOS
PORNOSSEXUALIGRÁFICOS

O CIS-TEMA DE ARTE É MACHISTA...

... quando o sistema
patriarcal determina
os padrões e
mulheres* e outras
identidades ainda
são minorizadas nos
espaços de arte.

* Importante enfatizar que o termo mulher aqui se refere a todas às pessoas que se identificam como mulheres e não em relação ao significado socialmente construído e normatizado com pessoas que nasceram com buceta.

No início da Introdução desta dissertação-manifesto, escrevi o seguinte:

“Denise Ferreira da Silva (2019) introduz seu livro *A dívida impagável* com as seguintes perguntas: ‘Por onde começar? Desde onde começar a tarefa de expor, capturar e dissolver, de apresentar o que excede e desafia o pensamento?’ (DENISE FERREIRA DA SILVA, 2019, p. 33). E a partir dela e uma vez começado, adiciono: ‘para onde quero ir?’”

Pensando no “para onde quero ir?”, trazer o explícito para as minhas construções imagéticas é um dos caminhos que encontrei para responder a essa pergunta, uma vez que o CIS-tema de arte ainda coloca as artes da sexualidade com representações mais explícitas no espaço do proibido ou do não aceito.



Figura 312

**Frame da gravação dos vídeos
para o projeto Retratos
Pornossexualigráficos**

São Paulo/SP

2022

Print: Chris, The Red

Ao final do Ato 02, apresentei para vocês a ideia de Pornossexualigrafia que trago como uma possível resposta à pergunta “para onde quero ir?”. Então, como uma forma de quebrar essa divisão das artes entre eróticas e pornográficas, proponho um outro pensamento em que essa categorização seja interrompida. A Pornossexualigrafia consiste em um convite à ruptura, à construção de devires epistemológicos – imagéticos e conceituais, a pensar além da dualidade erotismo/pornografia. Nesse novo mundo que não está mais porvir, pelo contrário, já está por aí, ocupamos as brechas e criamos outros espaços nos quais as separações entre artes eróticas e pornográficas já não fazem mais sentido, as artes da sexualidade são o que são.

A Pornossexualigrafia propõe analisar criticamente as estruturas do CIS-tema de arte e das categorizações em que algumas obras são inseridas. Categorizações essas que acabam por causar repressões e censuras à sensualidade, à sexualidade, a artistas e obras. É um convite a pensar além dessa ideia do erótico como o limpo, o aceitável; e o pornográfico, o contrário disso.

A proposta é pensar nas artes da sexualidade como uma representação discursiva e imagética artística para além das narrativas conservadoras do CIS-tema de arte e entender as artes pornossexualigráficas simplesmente, como escreve abigail Campos Leal, “criação, isto é, concepção, gestação e parto de forças criadoras” (2021, p. 29). Forças essas que se fazem cada vez mais presentes pelos dispositivos de arte ocupados pelas corpos desobedientes de gênero, da sexualidade e das normas. Então, diante da falha do CIS-tema, nos agarremos às nossas putarias e façamos arte, artes



Figura 313

**Frame da gravação dos vídeos
para o projeto Retratos
Pornossexualigráficos**

São Paulo/SP
2022

Print: Chris, The Red

pornossexualigráficas. Isso não é uma definição nem uma verdade em si mesmo, são pensamentos e possibilidades, é um caminho ou um desvio do caminho...

Para isso, é preciso que nós nos insurjamos e inspirado em Pedro Maurício Dotto (2018), Peter Pál Pelbart (2017), Adalberto Ferdnando Inocêncio & Jefferson Campos (2020), declaro que as artes das sexualidades, ou melhor, como apresentei no final do Ato 02, as Artes Pornossexualigráficas:

1. não se dão pelo higiênico. Recuso-me a limpar o que quer que seja em minhas putarias artísticas para agradar mentes enclausuradas e estruturas de arte conservadoras. Não ignoro os modos como elas constroem, mas não as quero perpetuá-las.

2. são saberes corporificados de nossos desejos íntimos tornados explícitos e vice-versa ou versa-versa ou versa-vice-versa ou qualquer outra possibilidade de manifestação em nossos processos artísticos da sexualidade. O íntimo é o olhar para si e o levante é explícito, mas nada é hierárquico. "As insurreições caracterizam-se, antes, por movimentos horizontais precários, porque escapam a uma ontologização da liberdade de 'ser'" (INOCÊNCIO & CAMPOS, 2020, p. 13).

3. não desejam ser cooptadas pelas estruturas ou cooptar categorias sociais do CIS-tema sobre as artes das sexualidades. A pornossexualigrafia as destitui e o poder que elas exercem sobre nossas grafias e saberes.

4. não são mais uma busca pela construção de uma história única ou definição consolidada de algo, mas um convite a um constante exercício de reflexão, inclusive, das relações das artes da sexualidade com a política, pois "disso decorrem não apenas corpos em combate, mas ideias e discursos que

se lançam como mísseis" e que "coloca todos os lugares em metamorfose, produzindo conexões completamente inesperadas e em movimento" (INOCÊNCIO & CAMPOS, 2020, p. 15)

5. não travam o combate apenas por meio das estruturas institucionalizadas (universidades, museus, galerias, curadorias, bienais, associações), mas também pelas existências singulares de cada pessoa. O prazer nosso de cada dia é combustível para as pornossexualigrafias.

6. não esperam que as normas e instituições lhe dêem consentimento para agir, criar ou ser. "Os modos de vida gays, lésbicos, transexuais, travestis, intersexo, queer, dissidentes lutam por aquilo que falta - nos sistemas de saúde, de educação, da política partidária - mas, também, por aquilo que transbordam." (INOCÊNCIO & CAMPOS, 2020, p. 16). As artes pornossexualigráficas lutam por aquilo que falta nos CIS-temas de arte. Lutam pelos prazeres proibidos, silenciados, higienizados, pelos gozos interrompidos.

7. não são apenas resistências às estruturas engessadas. São fugas a contrapelo em busca de outros olhares, para si, para nossos desejos, para as nossas conexões e para a livre prática de uma arte da sexualidade desobediente às normas erotizantes.

8. são odes à alegria, às pluralidades sexuais, às bixas trans pretas travestis sapas, às rabas rebolantes, às lacrações.

9. transitam pela sexualidade, nudez, pornografia, pós-pornografia, dissidência, pelo implícito, pelo explícito, pelo erotismo, simplesmente são o que são, nem menos ou mais legítimas, mas resultados de processos criativos e artísticos, de pensamentos e reflexões de artistas sobre tais temáticas. São grafias de um desejo artístico.

Então, vamos nos embriagar nas delícias do sexo, mas esqueça aquele sexo roteirizado monótono. Esqueça a ideia daquele sexo para satisfazer o tesão do macho penetrador viril. Juntem-se a nós as afeminadas, as putas, as *butches*, as travestis, as passivas, as drags, as crossdressers, as não-monogâmicas, as poliafetivas, as fluidas, as *puppies*, as sadomasoquistas, as gordas, as não-binárias, as intersexos, as assexuais, as pessoas com deficiência e vamos criar artes-outras. Artes nascidas em nossas peles, em nossos fluidos, em nossos beijos sedentos por porra, mijo, cuspe, lágrimas, sorrisos, gritos. Artes nascidas na cama, nas festas, nas surubas, nos guetos, em qualquer lugar onde nossas corpos desnudas e em tesão se encontram a outras corpos plurais desnudas, livres, orgásticas, consentidas e descolonizantes.



Figura 314

**Frame da gravação dos vídeos
para o projeto Retratos
Pornossexualigráficos**

São Paulo/SP
2022

Print: Chris, The Red

Dodi Leal escreveu que *“criar só pode ser ato de transacionar elementos em torno não de um fim, mas de uma finalidade, ou de finalidades”* (2018, p. 393). Assim, nossas corpos em êxtase não são o fim, são pontes para conversas e discussões para artes-outras, artes pornossexualigráficas para as TRANSformações-TRANSgressões que precisam urgentemente acontecer. Para a construção de retratos-outras de quem somos e de nossas histórias e de nossas sexualidades, como em **Retratos Pornossexualigráficos** (2022) (Figuras 255 a 314). Putaria Artística criada para este terceiro ato. Imagens da sexualidade de cada uma dessas pessoas que aceitaram o convite e fizeram de seus desejos e fetiches movimentos de resistência e, principalmente, de insurreição. Pessoas que se permitiram que eu as gravasse em seus momentos mais íntimos para fazerem delas forças criadoras na construção de levantes explícitos que contribuirão no processo de fissuras do CIS-tema de arte para além da dicotomia erotismo/pornografia. Para a construção epistemológica de uma nova historiografia das artes das sexualidades (um novo retrato), um retrato pornossexualigráfico.

OUTROS RETRATOS

Retratos Pornossexualigráficos (2022) é uma série de GIFs criados com WhatsApp a partir de projeções de vídeos gravados por mim e depois, projetados nas corpos das próprias pessoas presentes nos vídeos (Figuras 312 a 317-327 a 328-332 a 334). As histórias dos vídeos não são minhas, mas das próprias corpos que colaboraram com o trabalho. São seus fetiches, desejos, taras, sem preconceitos ou tabus. São suas histórias de livres exercícios de suas sexualidades. Não são histórias contadas por palavras, mas por gozos. É a sonda que o Paulo enfia em sua própria uretra. É o chicote de Glauco na corpa de Alex. É a masturbação gostosa de Felipe. A dupla penetração em Xerxes. A mijada em BrBottom e o Pole Dance da BixaPutta. O prendedor de mamilo de Edu. A massagem de Mauro em Beto. A descoberta dos prazeres do próprio corpo de Cláudio e o vibrador na buceta de Sue. É a mordação na boca de Édson. É o troca-troca com Alan. É o prazer não-auditivo de Charles. É o dildo-pau de Dita comendo o cu de doctor Red. É o prazer híbrido de Dogo de la Mancha. É o desejo por tapa na bunda de Daniel. É o ménage híbrido de Chaos e é o xixi de Bruno em Chris, The Red.

Retratos Pornossexualigráficos são seus desejos transmutados em artes, ou melhor, em Putarias Artísticas. É o transmutar da própria ideia de retrato para uma imagem em movimento, os GIFs.



Figura 315

Frame da gravação dos vídeos para o projeto Retratos Pornossexualigráficos

São Paulo/SP
2022

Print: Chris, The Red

O que são GIFs?

GIF é acrônimo de *Graphics Interchange Format* e foi introduzido pela empresa de internet CompuServe, em 1987 e são “imagens voltadas ao meio virtual, dessa forma, são concebidos em resoluções mais baixas (entre 72 e 90 DPI)” (João Henrique Duarte NADAL, 2014, p. 51), o que torna mais fácil seu uso. “Sua natureza favorece para que o tamanho final do arquivo seja reduzido, contribuindo para um maior nível de compartilhamento da informação” (João Henrique Duarte NADAL, 2014, p. 51).



Figura 316

Frame da gravação dos vídeos para o projeto Retratos Pornossexualigráficos

São Paulo/SP
2022

Print: Chris, The Red

O GIF na Pornocultura?

Já observamos antes que a tecnologia tem papel fundamental na pornocultura. O crescimento de sites, principalmente os voltados para o público adulto, permitiram acessos inumeráveis a vídeos das sexualidades e surgiram sites como *Pornhub*, *XVideos*, *XTube*, entre outros, com foco nas produções em formatos de vídeos. Além disso, surgiram mídias sociais como o Tumblr:

Tumblr, surgido em 2007, mas vindo a se popularizar especialmente a partir de 2010. (...), a plataforma é destinada à criação e gerenciamento de blogs pessoais, possibilitando

o compartilhamento de diversas mídias como textos, faixas de áudio, fotografias, vídeos e GIFs. (...) Parte da popularidade do Tumblr se deve à possibilidade de publicação e compartilhamento de conteúdo sexualmente explícito, sendo que por esse motivo houve um rápido crescimento do número de blogs dedicados à nudez e à pornografia. Diferente dos sites pornográficos tradicionalmente direcionados ao público masculino heterossexista, contudo, o Tumblr se distinguiu por difundir conteúdo produzido por e para sujeitos não contemplados pela pornografia comercial. (Bruno RIBEIRO, 2022, p. 64)



Figura 317

Frame da gravação dos vídeos para o projeto Retratos Pornossexualigráficos

São Paulo/SP

2022

Print: Chris, The Red

Nesse contexto, as linguagens mais difundidas foram a fotografia e o GIF. A publicação de vídeos explícitos era permitida, mas devido a questões técnicas seu upload era vetado. Era necessário então que os vídeos pornográficos fossem hospedados externamente para serem atrelados às publicações do Tumblr posteriormente através do recurso embed. (...) Ou seja, fotografias e GIFs podiam ser anexados diretamente às publicações, mas arquivos de vídeo deveriam primeiramente ser publicados em sites como XVideos, XHamster e PornHub, para só então serem integrados à postagem no Tumblr. (Bruno RIBEIRO, 2022, p. 65)

Dessa forma, o uso de GIFs nessas plataformas cresceu, principalmente, como forma de divulgar teasers de vídeos. O GIF tornava-se a ponte entre o usuário e o vídeo final.

Além disso, o maior acesso a smartphones e apps como *Cinemagram*, *Gif Brewery*, *GifBoom* e mais recentemente, a própria Adobe, por meio do app *Adobe Express*, adicionou esta funcionalidade para criar GIFs ou converter vídeos em GIFs animados. E no caso da série **Retratos Pornossexualigráficos** (2022), o app *WhatsApp* foi a ferramenta utilizada uma vez que permite que gravações de até 06 segundos possam ser enviadas em formato GIF. O aumento e o apreço por este tipo de linguagem, de acordo com Sarah Miglioli e Moreno Barros, seria que

os GIFs animados - ausentes de áudio, grosseiramente texturizados e impotentes para apresentar cores complexas - apelam para um fetiche sobre a imperfeição, distinguidos em tecnologias de videoarte que simulam a aparência degradada dos filmes Super 8 e câmeras fotográfica Holga. Mas a atual exaltação ao GIF vai além da estética e da nostalgia. Os GIFs animados não são apenas reminiscências, são particularmente adequados para alguns modos muito contemporâneos de consumo cultural e desempenham funções distintas que outros formatos não fariam. (Sarah MIGLIOLI & Moreno BARROS, 2013, p. 71)

No entanto, em 2018, as mudanças nas políticas de uso do *Tumblr*, proibindo conteúdos explícitos, fizeram com que usuários do *Tumblr* migrassem para o *Twitter* de forma a continuarem publicando seus materiais. Hoje, em 2022, o *Twitter* tornou-se a principal plataforma de divulgação e distribuição de materiais criados por quem trabalha, cria materiais de conteúdo adultos, como atores e atrizes. Tornou-se espaço de divulgação de quem trabalha com prostituição, mensagens e uma série de outros serviços do campo da sexualidade. Tornou-se espaço para publicação de artistas que atuam no campo das artes da sexualidade¹⁴³.

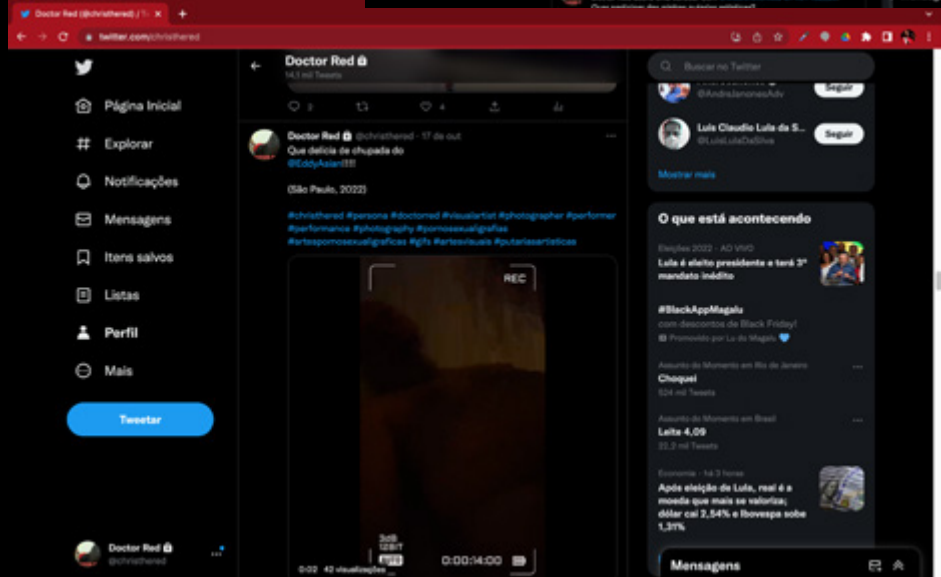
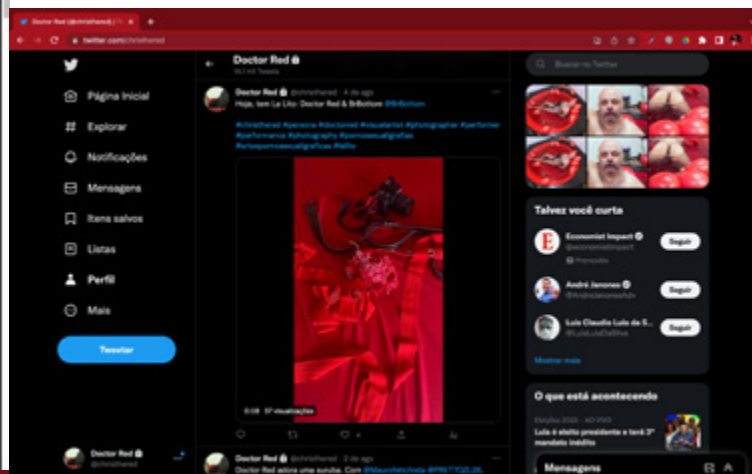
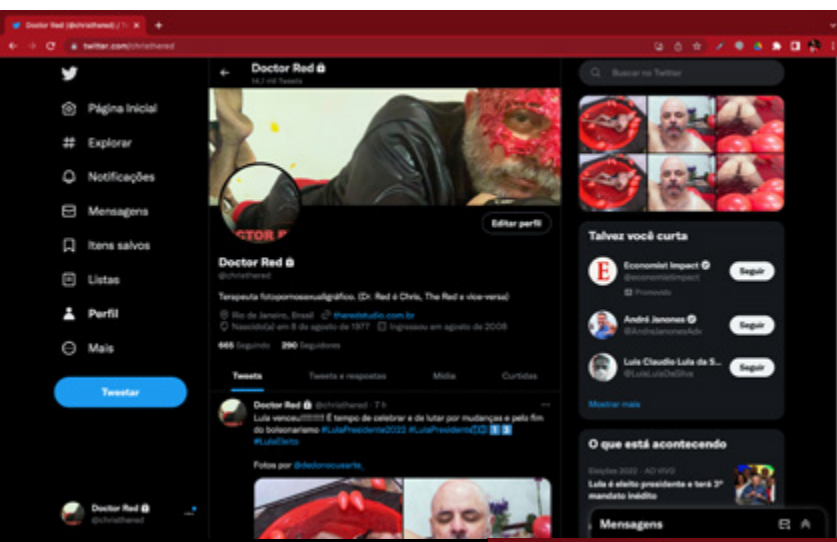
(PAUSA: INÍCIO)

Oi, amores, cá estou, quietinha, mas acompanhando tudo que esta bixa Chris está fazendo e já que estamos falando de Twitter, eu também tenho um perfil lá (Figura 223 a 225). Em tempos de busca por novos espaços para expormos nossas putarias artísticas, acabei escolhendo a plataforma do passarinho para ser esse lugar de troca e experimentações. Conhecer outras manas para dividir ideias e convidar uma galera para nossas “brincadeiras bobas e gostosas”¹⁴⁴. Faço do meu perfil no Twitter um espaço de exibição digital. A Sarah e o Moreno citam algo bem importante nesse mesmo artigo que você trouxe, Chris, sobre arte e web: “Segundo Weintraub (1997), a web é um mecanismo viabilizador de arte com características bastante específicas como a mutabilidade das obras, a inexistências de fronteiras entre as partes de um trabalho ou de vários trabalhos entre si, e a alteração da obra através da interação com espectador. Segunda a autora, no espaço digital, a interface não age como uma fachada ou um portal para o conteúdo, mas pode determinar diretamente a estrutura e o caráter da obra. ‘Estruturas lógicas de HTML como tabelas, formulários, molduras, GIFs animados’ (1997, p. 101) possuem suas próprias excentricidades de transmissão. Neste aspecto, em comparação com a arte analógica, a web arte é extremamente fluida, esporádica e interrompível, onde cada participante poderá ver um trabalho diferente e não há uma versão definitiva de uma obra. Estes elementos alteram radicalmente a percepção de uma obra de arte, onde até a duração é afetada; e dadas as limitações de banda, uma interação pode ser medida em segundos, minutos ou horas. Para Weintraub, seu apelo está na oportunidade de contato direto com o espectador, a falta de mediação por espaços de arte, a promessa de interação real promovida pela serendipidade e

143 Esta política pode sofrer futuras alterações como aconteceu com o *Tumblr* com a atual compra do Twitter pelo Elon Musk. Ver em <https://www.correiobraziliense.com.br/economia/2022/10/5047809-elon-musk-conclui-compra-do-twitter-e-rede-social-deve-sofrer-mudancas.html>. Acesso: 01 novembro 2022.

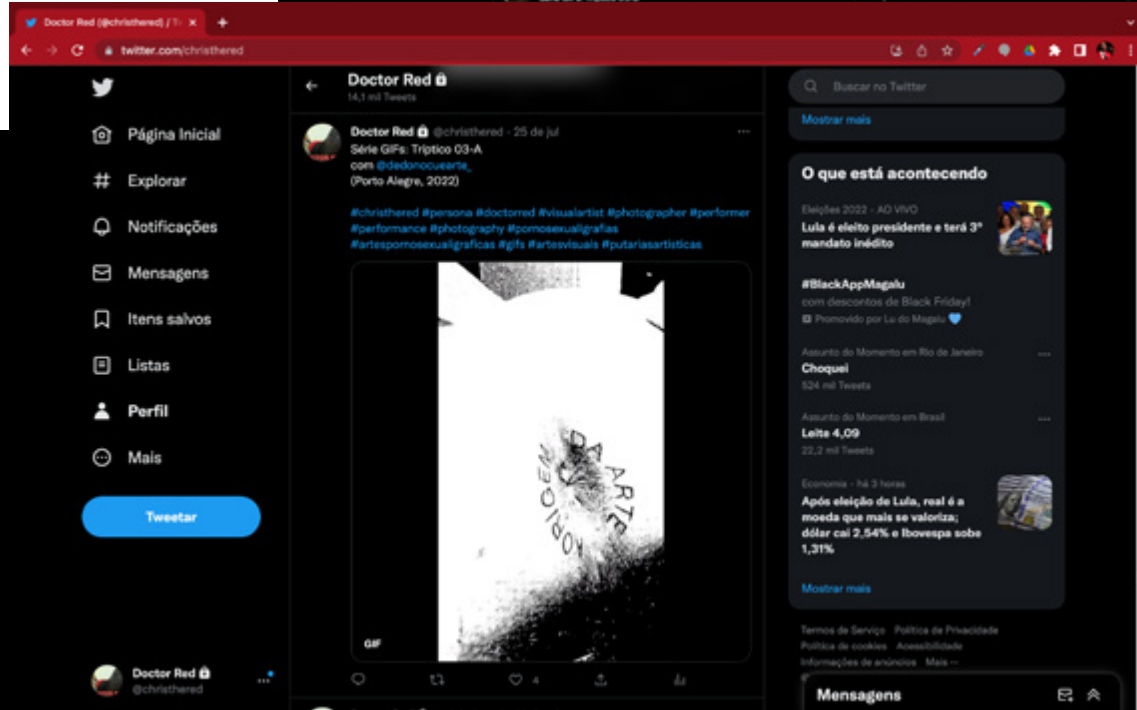
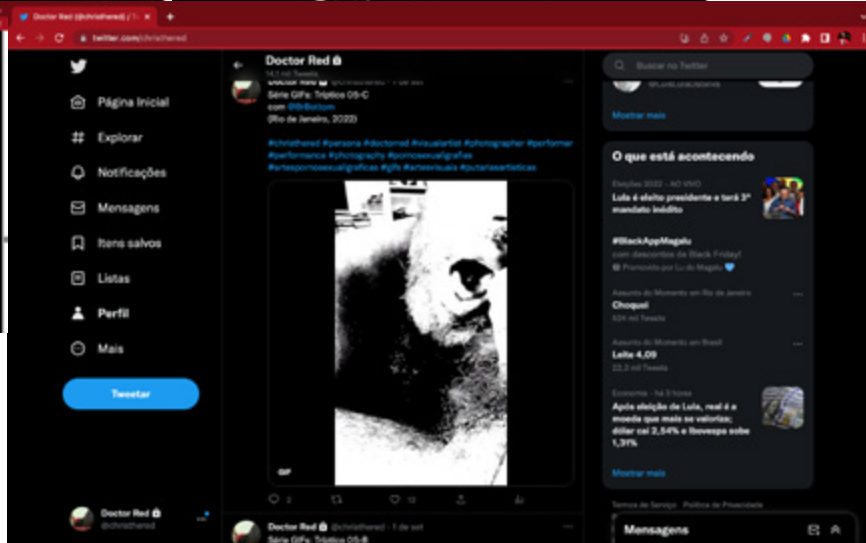
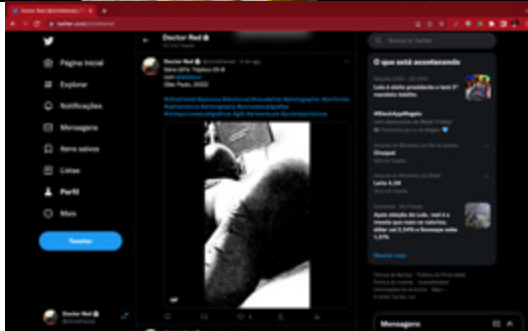
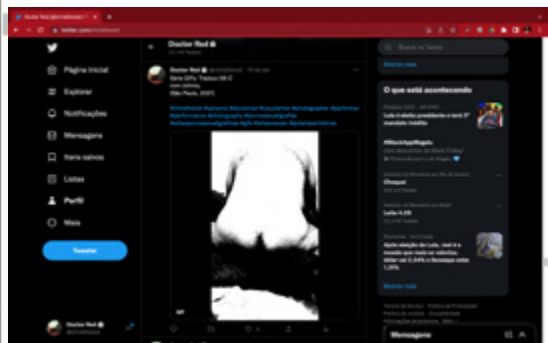
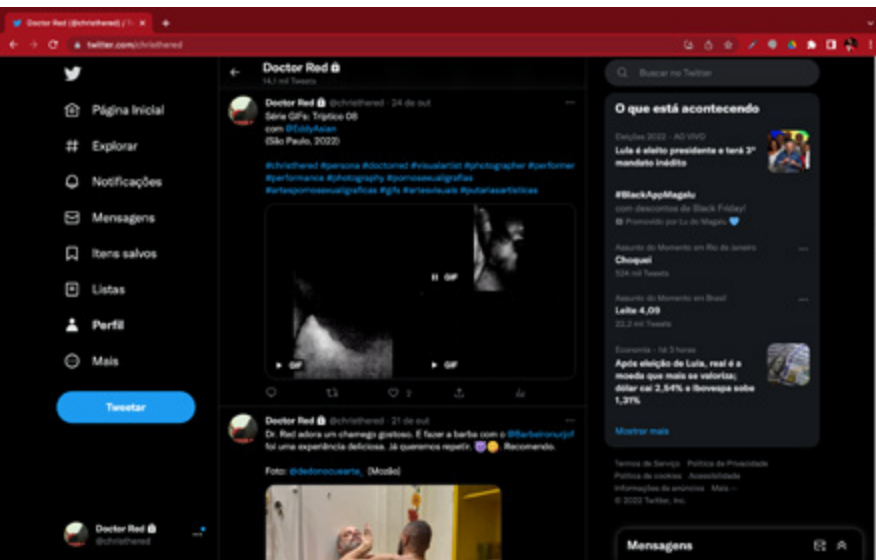
144 Frase dita por Linn da Quebrada durante sua participação no BBB 2022 e que ganhou a boca e memes em vários lugares do Brasil.

feedback”¹⁴⁵. Tudo isso me faz pensar no que o Chris estava falando com vocês sobre “o que pode um corpo?” e eu tenho refletido muito em “quais espaços a arte pode estar?” Como pensar para além dos ditos espaços legitimados, os tais cubos brancos? Como pensar o espaço de arte para além de museus, galerias etc.? A pandemia do COVID-19 nos colocou numa realidade ainda mais digital e essa discussão se tornou ainda mais pertinente e eu não poderia deixar de também pensar a respeito, afinal de contas, sou uma puta que gosta de estar em constante conexão com minhas amantes, mostrar minhas putarias artísticas e escolhi o Twitter como este espaço de arte. Lá tenho, entre outras coisas, mostrado a série GIFs: Trípticos (Figuras 321 a 325). Também tenho a minha, viu, Chris, The Red? Achou que vc iria ficar com tudo só pra você? Dançou, bonita. Copiei bem bonito sua ideia do uso do GIF como uma linguagem para nossas putarias artísticas e o Twitter é a minha galeria de arte. Ops!! Pera. Galeria de arte não. Galeria de Putarias Artísticas. Mas nem adianta pedir link para acessar. Lá, meu perfil é privado e só entra quem eu quero. Mas deixo vocês com uns prints para te deixar com água na boca e gostinho de quero mais (Figuras 318 a 320).



Figuras 318, 319 e 320
Twitter Doctor Red
 2022
 Print: Chris, The Red

145 (Sarah MIGLIOLI & Moreno BARROS apud Annette WEINTRAUB, 2013, p. 70)



Figuras 321, 322, 323, 324 e 325

Twitter Doctor Red

2022
Print: Chris, The Red

(PAUSA: FIM)

Por que escolher o GIF para o Retratos Pornossexualigráficos?

O GIF (...) tem outras especificidades a serem levadas em consideração: uma delas é que ele é rapidamente carregado, sendo ativado e desativado com um único clique (e nisso ganha dos sites e portais de vídeos, com seus usuais tempos de espera para carregar seus conteúdos). Além disso, ele valoriza o ato sempre inconcluso, ressaltando micromovimentos postos em eterna repetição, numa edição que muitas vezes se dá de forma mais rítmica que gráfica. (Erly VIEIRA JR., 2021, p. 491)

Por reproduzir animações de forma cíclica, o GIF contribui com o rompimento da previsibilidade narrativa, sendo essa característica especialmente significativa para obras pornográficas. Isso porque, conforme abordado anteriormente, a partir dos anos 1970, a pornografia mainstream passou a estabelecer uma sequencialidade que tem como objetivo a construção progressiva do desejo do espectador masculino, consistindo de começo (as preliminares), meio (a penetração) e fim (a ejaculação visível em tela, que se presume coincidir com o gozo do espectador). No filme pornográfico, o orgasmo intencionado pelo espectador é pautado pela continuidade e concretização do ato sexual observado. Enquanto isso, o GIF pornô se reduz a repetir um trecho específico, sem que ele "se desenvolva". Deste modo, a repetição que ocorre no GIF subverte a expectativa de continuidade e concretização do ato sexual. (Bruno RIBEIRO, 2022, p. 71)

Para além do citado acima, o GIF na pornocultura era a ponte entre o usuário e o vídeo. Em **Retratos Pornossexualigráficos**, ele não é ponte para uma obra, ou melhor, para uma putaria. É a própria putaria artística. Amplamente divulgado em sites como *Pornhub*, o GIF pegava um trecho do vídeo para servir de divulgação. Geralmente, colocado ao lado do vídeo que estava em exibição para atrair o olhar do público para que fosse clicado e levado ao site com o vídeo completo ou uma outra plataforma onde poderia ser comprado, por exemplo (Figura 326).

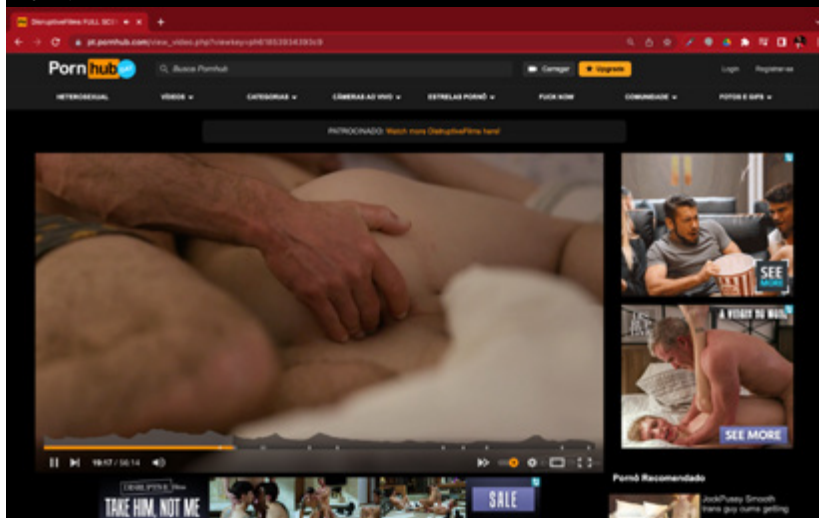
Além disso, o GIF, como linguagem artística, já vem ocupando alguns espaços como o artista brasileiro Rick Silva¹⁴⁶ que expôs no *Whitney Museum of American Art*, em Nova York¹⁴⁷ (2011); *The*

Figura 326

Print de tela do PornHub com exemplo de GIF no canto superior direito

Fonte: site Pornhub (https://pt.pornhub.com/view_video.php?viewkey=ph61853934393c9)

Print: Chris, The Red 2022.



¹⁴⁶ Ver em <http://ricksilva.net/>. Acesso: 18 novembro 2022.

¹⁴⁷ Ver em <https://www.terra.com.br/byte/internet/brasileiro-leva-gifs-animados-para-o-nivel-da-arte,6a3afe32cd>

Photographers' Gallery, em Londres, que realizou uma exposição coletiva, em 2012; o *Museum of the Moving Image*, em Nova York com exposições em GIFs¹⁴⁸; o *Art Basel*, de Miami Beach, em dezembro de 2012¹⁴⁹ e mais recentemente, os GIFs têm estado presente de forma massiva no mundo dos NFTs.



Figura 327

Frame da gravação dos vídeos para o projeto Retratos Pornossexualigráficos

São Paulo/SP

2022

Print: Chris, The Red

Figura 328

Frame da gravação dos vídeos para o projeto Retratos Pornossexualigráficos

São Paulo/SP

2022

Print: Chris, The Red



Por que o uso do termo retratos?

A ideia de trazer o termo “retratos” para nomear essas putarias artísticas vem como uma provocação a pensar a própria ideia do que foi definido como retrato dentro das construções tanto da fotografia como das artes como um todo. Annateresa Fabris (2004) faz um importante estudo sobre o retrato fotográfico no livro *Identidades virtuais - uma leitura do retrato fotográfico*, no qual destaco dois trechos do capítulo *Identidade/ Identificação*.

bda310VqnCLD200000bbcceb0aRCRD.html. Acesso: 18 novembro 2022.

148 Ver em <https://mashable.com/archive/gif-art>. Acesso: 18 novembro 2022.

149 Ver em <https://movingthestill.tumblr.com/>. Acesso: 18 novembro 2022.

Primeiro,

O ritual inerente ao retrato fotográfico não é diferente do ritual inerente ao vestuário. Vestir-se é ao mesmo tempo estrutura e acontecimento: ao combinar elementos selecionados de acordo com certas regras, num reservatório limitado, o indivíduo declara seu pertencimento a um grupo social e realiza um ato pessoal. Ato de diferenciação, vestir-se é essencialmente um ato de significação, pois afirma e torna visíveis clivagens, hierarquias, solidariedades de acordo com um código estabelecido pela sociedade. (Annateresa FABRIS, 2004, p. 37)

Segundo,

(...) o retrato fotográfico populariza e transforma uma função tradicional, ao subverter os privilégios inerentes ao retrato pictórico. Mas o retrato fotográfico faz bem mais. Contribui para a afirmação moderna do indivíduo, na medida em que participa da configuração de sua identidade como identidade social. Todo retrato é simultaneamente um ato social e um ato de sociabilidade (...) (Annateresa FABRIS, 2004, p. 38)

Nossos desejos são partes inerentes de quem somos ou de quem buscamos ser. São partes de nossas potencialidades e do que nossas corpos podem ser de forma que gravar todas essas pessoas em seus momentos de sexualidade, de realização de “um ato pessoal” (Annateresa FABRIS, 2004, p. 37) e projetar as gravações sobre suas próprias corpos para transmutá-las nessa outra ideia de retrato, que não tem a ver com a imagem estática ou com a representação de um rosto, é um ato de uma nova significação do retrato enquanto parte da “configuração de sua identidade” (Annateresa FABRIS, 2004, p. 38) não apenas como um ato social, mas um ato de nossa sexualidade que é tão artístico quanto o retrato fotográfico de nossos rostos. Seja nos retratos fotográficos que surgem em **La Lito** (Figuras 329 a 331) seja nos **Retratos Pornossexualigráficos**, as expressões de nossa sexualidade são parte dessa insurreição para a qual

Figuras 329, 330 e 331

La Lito

Chris, The Red
Instalação Pornossexualigráfica
São Paulo/SP - Porto Alegre/RS
2021-2022

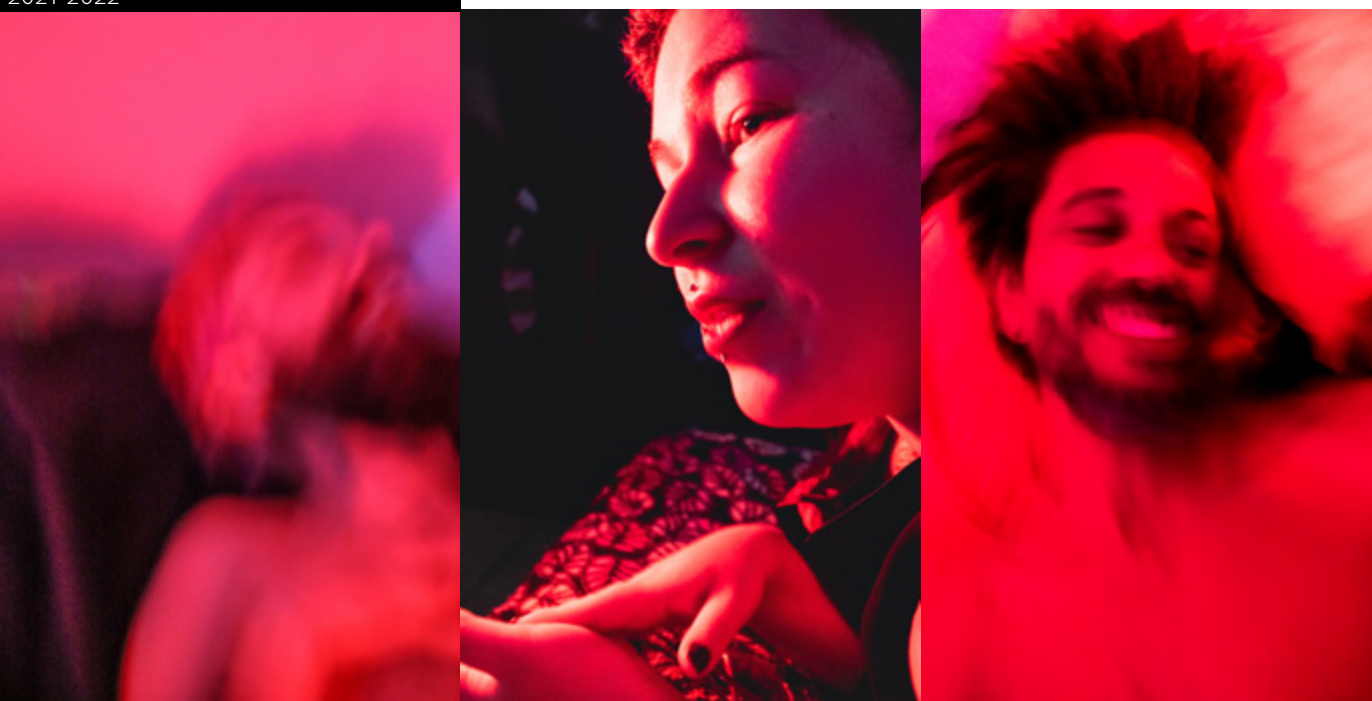




Figura 332

**Frame da gravação dos vídeos
para o projeto Retratos
Pornossexualigráficos**

São Paulo/SP
2022

Print: Chris, The Red

Figura 333

**Frame da gravação dos vídeos
para o projeto Retratos
Pornossexualigráficos**

São Paulo/SP
2022

Print: Chris, The Red



convido a todes, todas e todos a fazer parte. A serem Sujeitas de [r]e[s][x]istências no romper anti-higiênico com o CIS-tema de arte e parte dessa construção de histórias para além do erótico, para além do pornográfico. Um convite a pensar pelos desvios as pornossexualigrafias de nossas artes.

E respondendo à pergunta “para onde quero ir?”, uma das respostas é: quero pensar para além do CIS-tema de arte tal como está hoje configurado. Propor alternativas para outros romperes, outras possibilidades e potencialidades. Pensar como outras corpos precisam estar presentes nos espaços de arte; não apenas representadas, mas presentes.

Pensar, inclusive, na própria significação da palavra corpo, que vem de uma construção social na qual estamos inseridos, na qual nossas corpos estão inseridas, principalmente, por ser a afirmação do masculino patriarcalizado machista. Assim, pensando com Michel Foucault (2019) e seus escritos sobre o discurso, ao terem eles papel essencial para se pensar nas relações de poder e representação nesses CIS-temas que trago. O pensamento de Foucault abre possibilidades para a sua expansão, ao se conectar narrativas a espaços nos quais as fontes foucaultianas não parecem ter alcançado: nas interseccionalidades, nos marcadores sociais da diferença. Assim, questionar a palavra corpo e todas as narrativas imersas nessa ideia para pensar sobre

CORPA-RAÇA,

CORPE-GÊNERO,

CORPO-SEXUALIDADE,

CORPA-FORMA,

CORPE-PERCEPÇÃO

CORPO-CIS

CORPA-TRANS

CORPE-EXISTÊNCIA

e como tudo isto é uma grande *trama* (Levi BANIDA, 2021) *interseccionalizada* (Carla AKOTIRENE, 2019). Não há como traçar uma crítica do CIS-tema de arte, seus discursos e suas representações imagéticas, sem partir de uma matriz interseccional, como bem aponta Akotirene:

Do meu ponto de vista, é imperativo aos ativismos, incluindo o teórico, conceber a existência duma matriz colonial moderna cujas relações de poder são imbricadas em múltiplas estruturas dinâmicas, sendo todas merecedoras de atenção política. Combinadas, requererão dos grupos vitimados¹⁵⁰: 1. instrumentalidade conceitual de raça, classe, nação e gênero; 2. sensibilidade interpretativa dos efeitos identitários; 3. atenção global para a matriz colonial moderna, evitando desvio analítico para apenas um eixo de opressão. (Carla AKOTIRENE, 2019, s/p)



Figura 334

Frame da gravação dos vídeos para o projeto Retratos Pornossexualigráficos

São Paulo/SP
2022

Print: Chris, The Red

150 “As feministas negras, como bell hooks, reconhecem os impactos supremacistas brancos na trajetória individual e coletiva, mas rejeitam o lugar político de vítimas passíveis da compaixão branca. Neste sentido, a noção de “vitimado” resguarda o caráter político de afetação e alcance das injustiças sociais aos grupos identitários – já as noções de agência política e autodefinição negras correspondem ao lugar histórico dos que foram escravizados e não escravos, portanto são vítimas no sentido de vitimados” (AKOTIRENE, 2019).

E como essa ideia de interseccionalidade precisa ser trazida também para pensar o discurso entre erotismo e pornografia nas artes. Quero que as artes da sexualidade não sejam colocadas numa hierarquia entre o limpo e o sujo. Isto não cabe mais. É violento. Não dá para categorizar as artes da sexualidade dessa forma, pois elas não cabem em uma construção binária. Pelo contrário, são interseccionais entre pluralidades de vivências de raça, classe, gênero e outros marcadores sociais que eliminam qualquer vestígio de uma divisão binária das artes das sexualidades e, como bem coloca o professor Afonso, a prática e a história da arte das sexualidades ainda precisam ser escritas, gozadas, cantadas, exibidas sem preconceitos, sem tabus, “é necessário não ter medo da excitação e do prazer que ela, certamente, provocará” (Afonso MEDEIROS, 2010, p. 473). E a Pornossexualigrafia é minha contribuição a essa urgência, mas, como escrevi antes, não tenho fórmulas prontas, definições fechadas em si nem conclusões de nada. O que tenho é um convite para um rompimento anti-higiênico com as estruturas que nos matam, figurativamente ou não. O que proponho é a construção de devires epistemológicos - imagéticos e conceituais, e descobriremos juntas como fazer isso e, no caminho, gozarmos bastante. Eu quero. Você quer?

INTERVAL 03

**Cronotopia:
Corporis**





<https://bit.ly/CTRCRonotopiaCorporis>

Figura 335

Trilogia Cronotopia:

Corporis

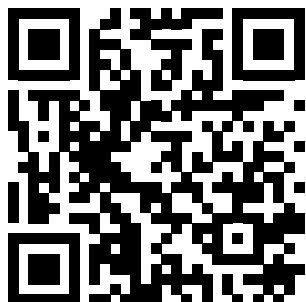
Chris, The Red

Videoarte

São Paulo/SP

2021

Frames: Chris, The Red



como pensar o que pode um corpo quando o tempo em que existo neste exato momento é violento. racista. transfóbico. machista. lgbtqiap+fóbico. capacitista. sexista. tão cheio de escuridão? ou, como idealiza agamben, seria justamente na escuridão que compreenderemos o lugar do tempo ou o tempo do lugar do/no nosso corpo. manter "fixo o olhar no seu tempo, para perceber não as suas luzes, mas a escuridão (...) perceber na escuridão do presente essa luz que procura nos alcançar e não pode fazê-lo (...) é, antes de tudo, uma questão de coragem: porque significa ser capaz não só de manter fixo o olhar na escuridão da época, mas também de perceber nessa escuridão uma luz que, dirigida até nós, afasta-se infinitamente de nós" (Giorgio Agamben, 2014).

pensar o que pode um corpo para
mim, artista, é pensar o que pode
a arte. o que pode meu corpo
na arte. o que pode minha arte
no corpo. é desfragmentar meu
corpo no tempo no lugar. é tornar
molécula e ainda não satisfeito,
tornar célula e cada célula
uma força do tempo, em todos os
tempos, o deste momento, o de
ontem e do que virá. e cada célula
uma presença de existência e
resistência do lugar que ocupo
agora,
ontem e amanhã.

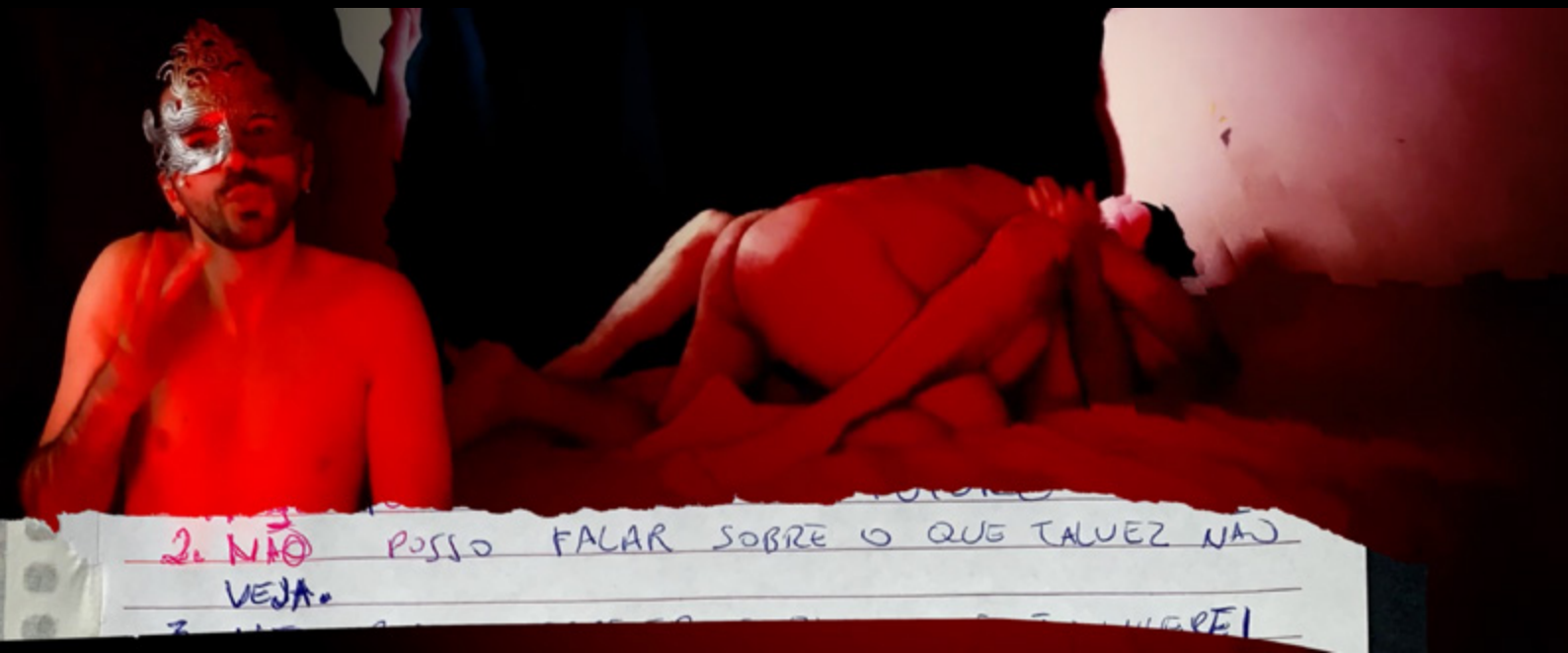
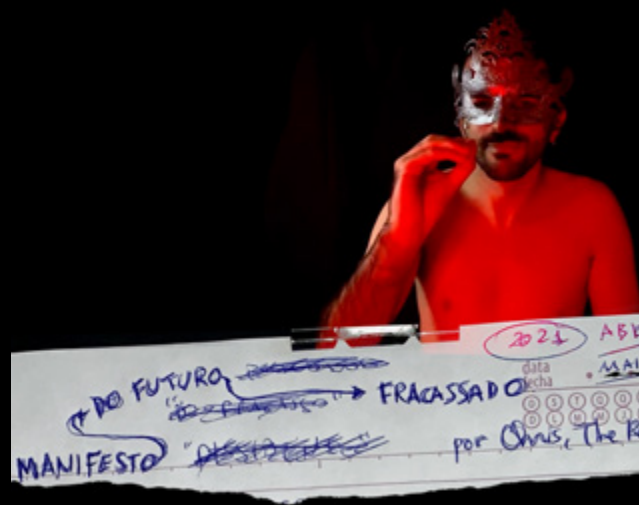
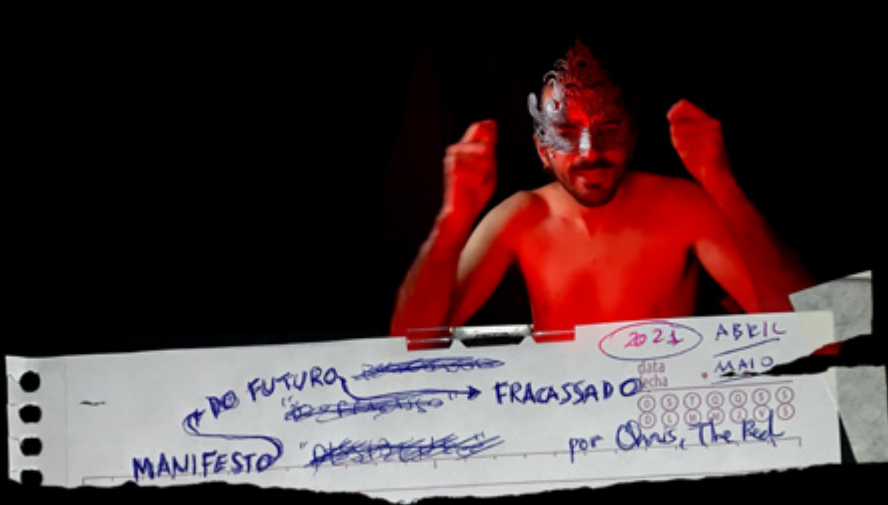
por fim, o que pode o corpo que
é corpo que é célula é espaço
é mutação é ontem é amanhã é
presente é molécula é metamorfose
é o que há é o que já foi é o que
pode ser é memória é desejo é real
é líquido é imensidão é essência
é natureza é sexo é o não sexo é

não-binário é eruptivo é utopia é
distopia é o meio é passageiro é
(r)evolução é mutável é mundo é o
micro é infinito é fim e é começo. é
lugar. é tempo. cronotopias. e meu
corpo. seu corpo. sua corpa.
corpe pode ser

epílogo

**[que também
pode ser apenas
uma transição,
um entre-
espaço ou (...)]**

Mas não pense que isto seja uma conclusão nem considerações finais, é apenas o começo. Ainda temos muito que gozar e celebrar.



Figuras 336, 337, 338, 339 e 340

Manifesto do Futuro

Fracassado

Chris, The Red

Videarte & Texto-Objeto

São Paulo/SP

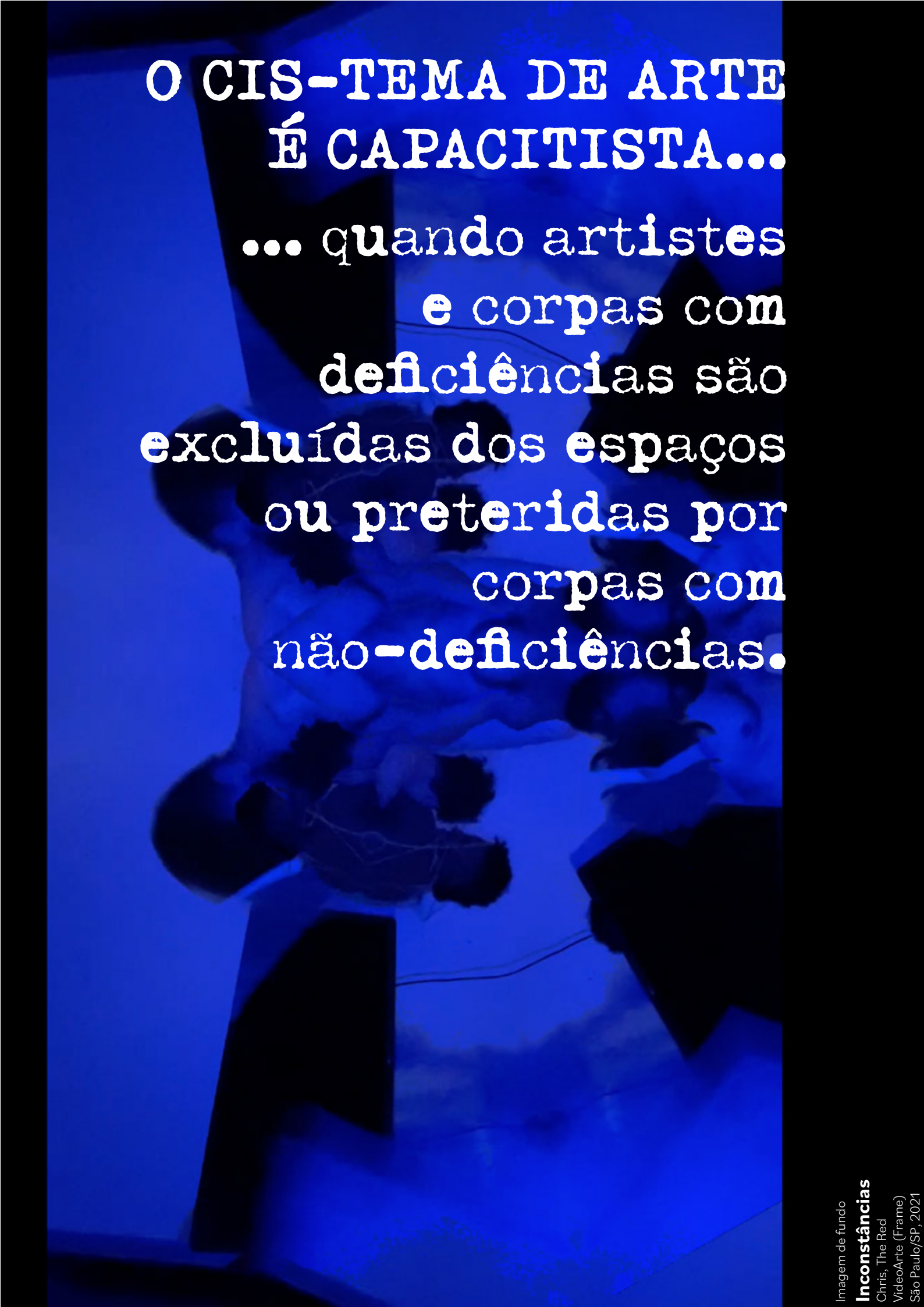
2022

Frames: Chris, The Red



o ESCREVER SOBRE O QUE NÃO V

UMA MAZ... OUT...



O CIS-TEMA DE ARTE
É CAPACITISTA...
... quando artistas
e corpos com
deficiências são
excluídas dos espaços
ou preteridas por
corpos com
não-deficiências.

E você me pergunta: “qual a sua conclusão?” “Aonde você chegou com tudo isso?”

Não sei. Conclusão me parece um fim, mas de que? Talvez, eu tenha falhado miseravelmente. Tal como o CIS-tema, tal como a nossa democracia, também tenha falhado nesta jornada-mestrado, talvez alçado voos muito altos sem asas suficientes para aguentar o peso do voar. Talvez nem seja isto uma pesquisa, a tal pesquisa acadêmica que você esperava de mim, talvez seja isto mesmo ser artista nesse país. Em um dos vários momentos em que fiquei em frente ao notebook escrevendo esta dissertação-manifesto, acontecimentos diversos chegaram até a mim que faziam me questionar o tempo todo as minhas escolhas na condução desta jornada-mestrado. Em uma delas, foi a notícia de que a Lapa, no Rio de Janeiro, estava em guerra, mais uma pessoa negra e em situação de rua foi morta pela polícia que também tem falhado na sua missão de nos proteger – proteger de quem? Dela mesmo? Tal como a polícia tem falhado, a academia falhou. Os museus, as galerias, os cubos brancos têm falhado. O CIS-tema de arte falhou. Onde estão outras corpos sem o olhar higienizado da branquitude conservadora da moral e dos bons costumes? Onde estão as corpos negras, indígenas, trans e com deficiência nos programas de pós-graduação em artes das universidades brasileiras? Como podemos falar de transformação sem “humanizar” os espaços, as universidades, os CIS-temas de arte?

Aliás, pensando com Ailton Krenak:

Somos mesmo uma humanidade?
(...)

Como é que, ao longo dos últimos 2 mil ou 3 mil anos,
nós construímos a ideia de humanidade?
(...)

Por que insistimos tanto e durante tanto tempo em participar
desse clube, que na maioria das vezes só limita a nossa
capacidade de invenção, criação, existência e liberdade?
(...)

Como justificar que somos uma humanidade se mais de 70% estão
totalmente alienados do mínimo exercício de ser?
(Ailton KRENAK, 2019, s/p)

Fiz um convite a vocês a rompermos com as censuras higiênicas do CIS-tema de arte, no entanto, também fico me questionando: como podemos pensar no romper anti-higiênico com o CIS-tema de arte se ainda estamos lutando para sermos? Aliás, há uma linearidade nessas lutas ou elas são simbióticas?

Mas não dá mais para esperar e cabe a cada uma de nós fazer a nossa parte para resolver esta merda em que chegamos.

Tal como Krenak escreve, quero também adiar o fim:

O tipo de humanidade zumbi que estamos sendo convocados a
integrar não tolera tanto prazer, tanta fruição de vida.
Então, pregam o fim do mundo como uma possibilidade de
fazer a gente desistir dos nossos próprios sonhos. E a minha
provocação sobre adiar o fim do mundo é exatamente sempre
poder contar mais uma história. Se pudermos fazer isso,
estaremos adiando o fim. (Ailton KRENAK, 2019, s/p)

Não sei o que posso concluir, mas sei o quero: quero que voltemos a gozar, pulsar pela vida. “Desmortificar”¹⁵¹ a nossa existência.

Me lembro quando me disseram: “você não pode esquecer que você está na universidade”. O irônico é que nunca me esqueci que estou na universidade e que talvez tenha sido a própria universidade – ou pelo menos alguns de seus membros – que tenha esquecido do que significa estar na universidade, do papel anárquico e gozoso da universidade, talvez tenhamos nos colocado muito confortáveis e falhado com o perfil de anarquia tão intrínseco a um espaço de provocações e incertezas e questionamentos e inclusões como o espaço acadêmico. E, em sua falha, foram ficando para trás as pluralidades, os desejos, os prazeres, os orgasmos. Matamos o gozo.

Talvez tenhamos esquecido do papel provocador da arte e cochilamos sob os tetos de um CIS-tema que não acolhe, mas faz da arte uma produção fordista de narrativas cheia de regras que devem ser seguidas quando o que observamos é que

O CIS-TEMA DE ARTE É

BRANCO...

... QUANDO ESTAMOS PENSANDO EM MECANISMOS DE DOMINAÇÃO, DE REGRAS E LIMITES, ESTAMOS FALANDO SOBRE CONSTRUÇÕES DA BRANQUITUDE E DA RACIALIZAÇÃO DOS NÃO-BRANCOS.

VIOLENTO...

... QUANDO CORPAS SÃO CENSURADAS, ASSASSINADAS, SILENCIADAS, APAGADAS, SEJA POR UMA VIOLÊNCIA FÍSICA, PSICOLÓGICA OU PELA PALAVRA.

FANÁTICO RELIGIOSO ...

... QUANDO CONSTRUÇÕES RELIGIOSAS INTERFEREM EM PROCESSOS ARTÍSTICOS, EM EXISTÊNCIAS E SE COLOCAM OBJETOS EM PEDESTAIS PELOS QUAIS SE DESTILAM PALAVRAS DE ÓDIO.

ELITISTA...

... QUANDO OS ESPAÇOS DITOS LEGÍTIMOS, AS GALERIAS E OS ESPAÇOS INSTITUCIONALIZADOS ATUAM A PARTIR DE UMA HIERARQUIA MUITO FORTE QUE ACABAM POR APAGAR OUTRES ARTISTES, INCLUSIVE, AS CORPAS DISSIDENTES.

151 O argumento poético “Desmortificar” foi idealizado durante a pandemia pelo Marcelo Denny (in memoriam) e Marcelo D’Avilla, diretores do Grupo Teatro da PombaGira (São Paulo/SP), como uma “dramaturgia performativa coletiva que busca cultivar a vida e fazer dos ritos pessoais uma elevação de força conjunta, um ritual de desmortificação contra a ordem estabelecida. Uma crítica ao poder e ao sistema necropolítico maquiavélico”. Disponível em <https://teatrodapombagira.art/>.

CONSERVADOR...

... QUANDO, EM NOME DE UMA MORAL E DOS BONS COSTUMES, SE DETERMINA O QUE DEVE SER VISTO E O QUE DEVE SER ESCONDIDO NO CIS-TEMA DE ARTE, APAGANDO, ENTRE OUTRAS COISAS, AS ARTES EXPLÍCITAS E COLOCANDO TUDO NA MESMA CAIXINHA DO ERÓTICO PARA NORMATIZAR E LEGITIMAR O QUE É EXIBIDO.

CIS...

... QUANDO CORPAS TRANSVESTIGENERES, TRANSMACULINES, TRANS E TRAVESTIS SÃO EXCLUÍDAS E/OU PRECISAM SE ADAPTAR ÀS NORMATIVIDADES DO CIS-TEMA PARA ESTAREM PRESENTES OU QUANDO SÃO AUSENTADAS E SUBSTITUÍDAS PELO OLHAR DO OUTRO.

MACHISTA...

... QUANDO O SISTEMA PATRIARCAL DETERMINA OS PADRÕES E MULHERES¹⁵² E OUTRA IDENTIDADES AINDA SÃO MINORIZADAS NOS ESPAÇOS DE ARTE.

CAPACITISTA...

... QUANDO ARTISTES E CORPAS COM DEFICIÊNCIAS SÃO EXCLUÍDAS DOS ESPAÇOS OU PRETERIDAS POR CORPAS COM NÃO-DEFICIÊNCIAS.

Os CIS-temas falharam e é este o momento de pegar esse fracasso e ressignificá-lo. Já passamos da hora de uma transformação transinterseccional impulsionada por esse fracasso transformando-o em ferramenta potencializadora para outros modos de pensar, de agir, de fazer e de ser. Jack Halberstam escreveu que o fracasso *“volta-se para o impossível, o improvável e o insignificante. Ela perde calmamente, e ao perder imagina novos objetivos para a vida, para o amor, para a arte e para o ser”* (Jack HALBERSTAM, 2011, p. 88). E isso é algo que as corpas dissidentes, marginalizadas, desobedientes já fazem há séculos. O fracasso não nos é estranho, o CIS-tema nos joga na cara todos os dias o quanto fracassades somos por não cumprirmos os papéis a que fomos sujeitades pelas heteronormas do CIS-tema a partir de nossos paus e bucetas. Então, aceitamos o fracasso e, ao fracassarmos, desmantelamos as estruturas e apontamos o dedo para os silenciamentos, as violências que atingem nossas corpas através dos séculos pelas construções sociais normativas que querem transformar a todes nós em uma grande pasta homogênea branca.

¹⁵² Importante enfatizar que o termo mulher aqui se refere a todas às pessoas que se identificam com mulheres e não em relação ao significado socialmente construído e normatizado como pessoas que nasceram com buceta.

Mas fiquem atentas, ao pensar no fracasso como uma potência a ser celebrada, abigail Campos Leal nos lembra que “devemos ter cuidado para não romantizarmos a violência y precariedade colonial que (des)estrutura a atmosfera da vida de corpos desertores de gênero y sexualidade, sobretudo racializadas” (2021, p. 33)

Não é celebrar o fracasso como um fim, mas como um ponto de partida. Uma vez que o CIS-tema fracassou, como seguir, como pensar outro futuro? Franco Berardi escreveu que “simplesmente não somos mais capazes de imaginá-lo” (Franco BERARDI, 2019, s/p) e discordo completamente com ele. Talvez, a decadente heteronormatividadebrancacolonial não consiga imaginar um outro futuro e, por isto, esteja tão ansiosamente desejosa por retomar um passado que considerávamos impossível de reviver, mas as corpos dissidentes, essas sim, imaginam muito bem o futuro, pois anseiam profundamente por uma existência que o presente ainda lhes nega e convido:

"Univo-nos para um outro futuro. Junte a mim as corpos
dissidentes. As marginalizadas. É tempo para novos saberes.
Os não-hegemônicos. Os que vêm do cu. Da putaria.
Os saberes que libertam.
As poesias (pornossexualigráficas) do futuro fracassado"
Chris, The Red (2022)

, mas cheio de alegria e celebração. Um futuro no qual os dispositivos de arte (Bruno NOVADVORSKI, 2021) não pensam(os) em erotismo ou pornografia como antagônicos e sim uma construção pornossexualigráfica dos nossos desejos, das nossas pulsões de vida e gozo, do livre exercício da nossa(s) (as)sexualidade(s). Um futuro cheio de histórias sendo contadas, vividas, gozadas. Histórias não de violências, mas de existências e a cada nova história que contamos, um novo passo sendo dado na construção de outra sociedade a partir de outros espaços de arte, de outros saberes, de existências outras, na qual gozaremos sem medo, sem tabus, sem preconceitos, onde nossas corpos serão não mais espaços de violência, mas de consentimento e de muitas putarias artísticas, mas, novamente destaque, não tenho receitas prontas, tenho convites e uma grande vontade de liberdade e de ressignificações. Uma puta vontade de aprender, de ensinar, de surubar nossas ideias, pensamentos, questões...

Como escrevi lá no início: “para onde quero ir?”. Eu quero transitar por outros caminhos, pensar e agir por outras vielas. Somos artistas e a arte tem um papel fundamental nas transformações que tanto desejo. **A arte não pode ser colocada em zonas de conforto. Não combina.** Toda vez que nós, artistas, nos acomodamos, perdemos. Perdemos para o preconceito, para a hipocrisia, para o conservadorismo, para a violência. Então, quero ir para onde possamos gozar, mas não quero ir sozinho, não tem graça. O gozo é melhor quando é grupal, onde todas, todes e todos possamos nos expressar artisticamente sem ser tarjado disso ou daquilo, sem sermos censurades.

A jornada-mestrado terminar por aqui, mas a pesquisa pornossexualigráfica está apenas começando e, como isto não é um fim, lhes faço um convite enquanto a gente vê para onde iremos a seguir: assistam a videoarte **Manifesto do Futuro Fracassado** (2022) (aquela que havia sido censurada, mas ela resiste e aqui está) (Figuras 336 a 340):

<https://bit.ly/CTRMdFF>



Figuras 341

**Manifesto do Futuro
Fracassado**

Chris, The Red
Videoarte & Texto-Objeto
São Paulo/SP
2022
Frames: Chris, The Red



E também é parte da exposição
**VERMELHO[-RED] acessos, excessos e putarias
artísticas transbordantes**, com curadoria de
Elton Panamby, realizada na Pinacoteca Barão
de Santo Angelo, no Instituto de Artes da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, no
mesmo espaço onde ela foi censurada, ela volta e
ocupa o seu espaço.

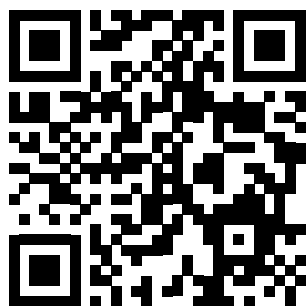
<https://bit.ly/ExpoVermelhoRed>

Figuras 342

**Cartaz Exposição
Vermelho[-RED]
acessos, excessos e
putarias artísticas
transbordantes**

Chris, The Red
Porto Alegre/RS
2022

criação: Chris, The Red



acessos, excessos e putarias artísticas transbordantes

exposição de
Chris, The Red

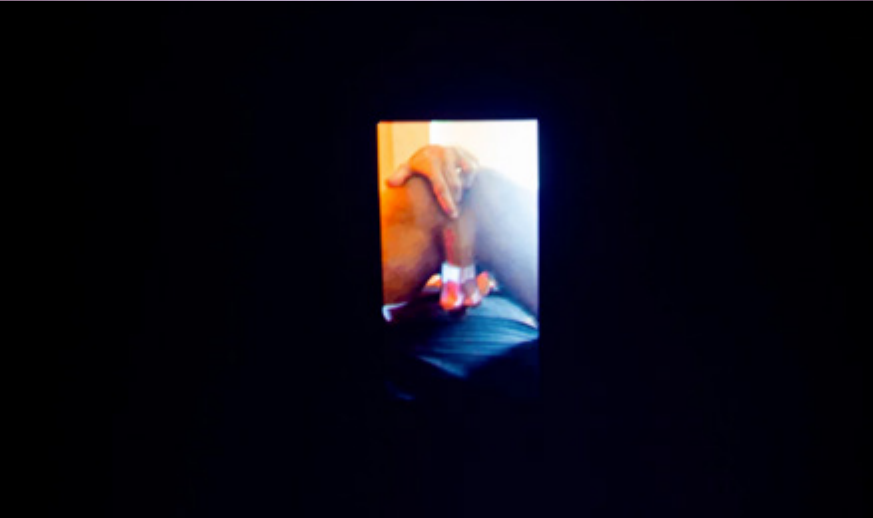
curadoria de
Elton Panamby

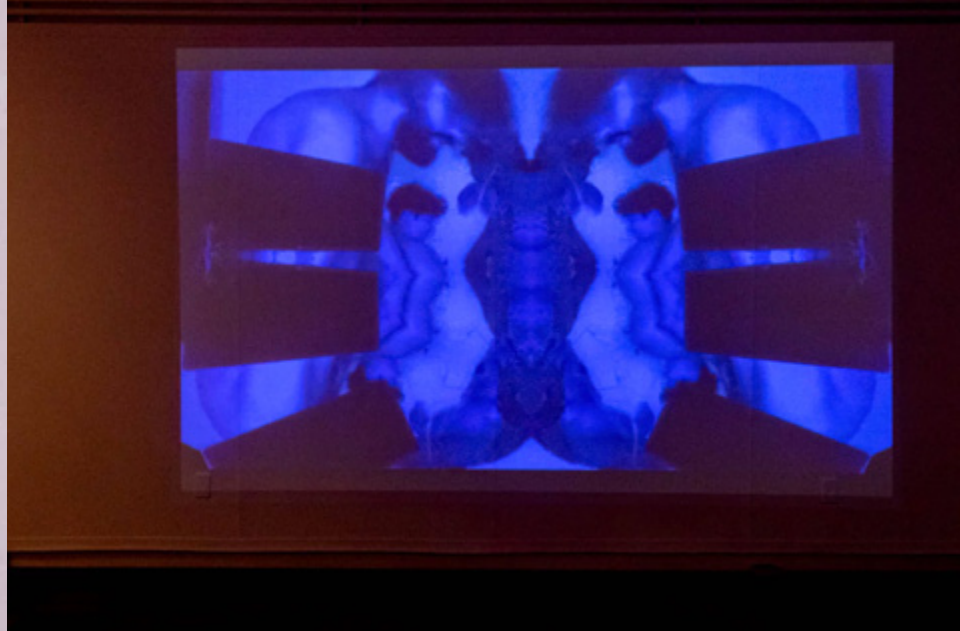
mostra dos
trabalhos criados
durante a pesquisa
de mestrado com
orientação de
Mônica Zielinsky
e coorientação de
Leandro Colling
(UFBA)

abertura: 22 novembro 22, às 18h
visitação: 23 a 30 novembro 22, das 10 às 18h

Pinacoteca Barão de Santo Ângelo no Instituto de Artes da UFRGS
Rua Sr. dos Passos, 248, 2º andar
Centro Histórico, Porto Alegre - RS







Figuras 343 a 358

**Exposição
Vermelho[-RED]
acessos, excessos e
putarias artísticas
transbordantes**

Chris, The Red

Porto Alegre/RS

2022

Registros: Chris, The Red





(PAUSA: INÍCIO)

HOJE, DIA 30 DE OUTUBRO DE 2022, ESTOU INDO VOTAR, DE VERMELHO, É CLARO, DE VERMELHO PORNOSSEXUALIGRÁFICO, DE VERMELHO COMO MINHAS PUTARIAS ARTÍSTICAS, DE VERMELHO DESEJO COMO OS DESEJOS DE CADA UMA DAS PESSOAS QUE POR AQUI PASSARAM CONTANDO SUAS HISTÓRIAS NOS MOSTRANDO SUAS IDENTIDADES-OUTRAS, SEUS RETRATOS-OUTROS PARA ALÉM DOS ESTABELECIDOS PELOS CIS-TEMAS. DE VERMELHO, POIS O FUTURO SERÁ DE ALEGRIA, DE DESEJO E GOZO.

(PAUSA: FIM)

Paixão
Faz um tempo eu quero te encontrar
Tomando um vinho
Tu senta e relaxa aqui no meu sofá
Tesão
Você sabe me excitar
Teu jeito mandrake me deixa maluca
Hoje eu quero te
Eu desço rebolando pra ti
Com a mão no popozão
Meu vestido vermelho carmim
Te deixou galudão
Esse teu beijo tão vermelhin'
Cor de malícia
Ai, que delícia
Na boca vermelho cereja
No teto vermelho neon
Vermelho que nem a lanterna traseira
Da nave que toca esse som
Na boca vermelho cereja
No teto vermelho neon
Vermelho que nem a lanterna traseira
Da nave que toca esse som (vai)
Quem é essa menina de vermelho
Eu vim pro baile só pra ver
Ela rebolando até o chão
Quem é essa menina de vermelho
Eu vim pro baile só pra ver
Ela rebolando até o chão
Ôh
Ôh
Vermelho
Ôh
Ôh
Vermelho
(Gloria Groove, Vermelho)

AVANGUARD

**Orgio à
Brasileira**

ORGIO É SURUBA

No início de 2021, dentro de um grupo de pesquisa do qual fazia parte, sugeri a leitura do texto *Pode um cu mestiço falar?*⁰¹, da artista brasileira Jota Mombaça (2015). Texto que acho primordial para qualquer pessoa para a compreensão não apenas do nosso lugar de fala em temas tão atuais como branquitude, mas também do papel da universidade na construção de outros saberes além dos saberes ditos legitimados pela academia.



Figura A-01

Marca do Projeto de Extensão criada pela The Red Studio

São Paulo/SP
2021

Após o envio do texto da Mombaça⁰² para leitura e discussão no grupo de pesquisa, foi me pedido pela coordenadora do grupo que mudasse para outro texto que tivesse mais a ver com o grupo. Tal pedido me causou estranheza, pois alguns dos textos sugeridos por outras pessoas e discutidos não tinham necessariamente a ver com o grupo de pesquisa, mas sim com a pesquisa da pessoa que sugeriu, da mesma forma que o texto de Mombaça tem a ver com a minha pesquisa e, diferentemente, não foi solicitada a troca desses outros textos. Diante do pedido, optei por não mudar e continuar com o texto que havia sugerido.

No dia do encontro do grupo, no qual discutiríamos sobre o texto, além de mim, apenas 2 pessoas o tinham lido. A participação na discussão foi mínima, restrita apenas a mim e a essas duas pessoas que haviam lido enquanto algumas outras pessoas do grupo não apenas optaram por ficar caladas, mas com as câmeras de vídeo fechadas, inclusive, a coordenadora do grupo de pesquisa, algo inédito em nossos encontros. Saí daquela reunião extremamente frustrado, mas também com um propósito, pois foi a partir desse episódio que surgiu a ideia do curso de extensão **Orgio à Brasileira - Escritas Visuais** (Figura A-01)⁰³, realizado ao longo do primeiro semestre de 2021 por meio

01 Disponível em <https://medium.com/@jotamombaca/pode-um-cu-mestico-falar-e915ed9c61ee>. Acesso: 16 fevereiro 2022.

02 *“Jota Mombaça é uma bicha não binária, nascida e criada no Nordeste do Brasil, que escreve, performa e faz estudos acadêmicos em torno das relações entre monstrosidade e humanidade, estudos kuir, giros descoloniais, interseccionalidade política, justiça anti-colonial, redistribuição da violência, ficção visionária e tensões entre ética, estética, arte e política nas produções de conhecimentos do sul-do-sul globalizado”*. Extraído do site da artista. Disponível em <https://jotamombaca.com/>. Acesso: 02 dezembro 2021.

03 Disponível em <http://orgioabrasileira.com.br/>. Acesso: 02 dezembro 2021.

de uma série de encontros online pela plataforma Zoom. Em cada encontro, convidei uma escritora, escritora, escritor do Brasil com livros publicados sobre temáticas que conversam com assuntos da contemporaneidade, como identidade, gênero, sexualidade, dissidências, marcadores sociais, raça etc. e que são de grande relevância para o contexto contemporâneo diante dos diversos movimentos de resistência, principalmente, na nossa sociedade brasileira, na qual todos esses assuntos se cruzam profundamente numa busca por outros saberes pela construção do que Boaventura chamou de *“Epistemologias do Sul”* (Boaventura de Sousa SANTOS, 2019).

Assim, as pessoas convidadas e os seus respectivos livros abordados no curso foram os seguintes (listados na ordem da agenda do curso):

ADALBERTO FERDINANDO INOCÊNCIO & JEFFERSON CAMPOS

**GÊNEROS E PRÁTICAS DE SUBJETIVAÇÃO: SUJEIÇÕES,
INSURREIÇÕES E ESTÉTICAS DA EXISTÊNCIA (2020)**

ABHIYANA

TEXTOS PUTOS: POR QUE GOZAR É TÃO BOM? VOL. 2 (2019)

LEANDRO COLLING

CRÔNICAS DO CUS: CULTURA, SEXO E GÊNERO (2019)

JEFFERSON CAMPOS & RODRIGO PEDRO CASTELEIRA (PC)

**DEBATES DECOLONIAIS, SEXUALIDADES, GÊNEROS E
INTERSECCIONALIDADES (2020)**

CARMEN FAUSTINO

ESTADO DE LIBIDO - OU POESIAS DE PRAZER E CURA (2020)

JÉFFERSON ALVES

DEVANEIOS COTIDIANOS DE UM CLAUDICANTE (2017)

ISADORA RAVENA

SINFONIA PARA O FIM DO MUNDO (2020)

SARA WAGNER YORK

**CORPOS TRANSGRESSORES - POLÍTICAS DE RESISTÊNCIAS
(2018)**

RAFAEL LEOPOLDO

CARTOGRAFIA DO PENSAMENTO QUEER (2020)

Busquei produzir uma conversa com os pensamentos dessas pessoas numa grande orgia de saberes, na qual cada uma delas nos provocaram a questionar o que sabemos, repensar a própria escrita e quem são nossas referências.

Cada uma delas, seja pela poesia, pelo diário, pelo conto, pelas particularidades de suas próprias formas de nos colocar seus conhecimentos, foram nos convidando a participar dessa suruba de ideias, reflexões e questionamentos.

Afinal de contas, *Orgio* é Suruba na língua Esperanto⁰⁴ e, como toda boa suruba, os cruzamentos precisam acontecer e nos provocar a pensar quais as intersecções entre as poesias de Carmen com os devaneios de Jéferson? Ou a escrita de uma bixa preta afeminada como Jefferson com os contos putos de Abhiyana? Qual a relação do CU do Colling com as transgressões de Sara e os pensamentos cartográficos de Rafael? Que fim de mundo estamos esperando de Ravena que nos conectam às subjetivações de Adalberto e às decolonialidades de PC?

Não é sobre apenas ler nossas próprias literaturas, mas pensar no sistema como um todo e as intersecções estruturais do *“racismo, do capitalismo e do cisheteropatriarcado”* (Carla AKOTIRENE, 2019, s/p) que contribuem para a formação e manutenção de uma epistemologia hegemônica colonial e para causar rupturas neste status quo injetando esses outros pensamentos em um novo devir do conhecimento fora e dentro da academia e de todo o sistema num desejo ardente de desmantelá-lo.

O **Orgio à Brasileira** não gerou apenas conexão com outras literaturas, mas também com a arte. Como mestrando em um programa de artes visuais, estabelecer essa ponte entre as escritas e o meu próprio fazer artístico foi primordial, uma vez que tais temáticas conversam diretamente com a minha pesquisa e a minha arte. Assim, em cada encontro do curso, trouxe um ensaio fotográfico inédito e inspirado em cada um dos livros do curso, completando as discussões. A união da escrita e da imagem como potência para alavancar ainda mais as conversas.

Faço a escolha pela fotografia para fazer essa conversa pensando no apresentado por André Rouillé, no livro *A fotografia: entre documento e arte contemporânea* (2009), sobre a relação entre a imagem e a escrita que ele chama de *“fotografia-expressão”*. Contrapondo a fotografia-documento, a fotografia-expressão não nega a subjetividade do fotógrafo e o diálogo com os outros:

Caracteriza com exatidão a fotografia-expressão: o elogio da forma, a afirmação da individualidade do fotógrafo e o dialogismo com os modelos são seus traços principais. A escrita, o autor, o outro: para uma nova maneira de documento. A fotografia-expressão não recusa totalmente a finalidade documental e propõe outras vias, aparentemente indiretas, de acesso às coisas, aos fatos, aos acontecimentos. Tais vias são aquelas que a fotografia-documento rejeita: a escrita, logo, a imagem; o conteúdo, logo, o autor; o dialogismo, logo, o outro. (André ROUILLE, 2009, p. 161).

04 “O Esperanto é uma língua internacional planejada que foi lançada em 1887 com objetivo de facilitar a comunicação entre os povos de diferentes países e culturas. O autor do Esperanto foi o médico polonês Lázaro Luís Zamenhof (1859-1917) que lançou com o pseudônimo “Dr. Esperanto” que significa nesse idioma ‘aquele que tem esperança’ em um livro denominado ‘Unua Libro de la Lingvo Internacia’. Portanto, o nome original do Esperanto é ‘Lingvo Internacia’, que melhor se traduz por “língua para ser internacional”. Disponível em <http://esperanto.org.br/info/index.php/18-disvastigado/5-o-que-esperanto>. Acesso: 04 de dezembro de 2021.

Logo, escolher a fotografia como linguagem artística para o *Orgio* foi a forma que encontrei para colocar as ideias apresentadas por esse grupo de pessoas em uma conexão direta com as minhas próprias subjetividades e me colocar nas suas próprias.

Orgio à Brasileira não foi idealizado para lhe manter na zona de conforto. Quero lhe causar aflição, que se sinta desconfortável como aquele peido preso. Existem muitas escritas, muitos saberes sendo construídos e precisamos buscá-los e trazê-los para nosso cotidiano, nossas falas, principalmente, na construção de uma nova academia. Lá fora, os saberes estão sendo construídos a partir de outras referências e precisamos misturá-los aos saberes que estão sempre referenciados em nossos artigos, monografias, dissertações, teses etc. (Christian SOUSA, 2021, s/p)

[ENCONTRO 01] GÊNEROS E PRÁTICAS DE SUBJETIVAÇÃO: SUJEIÇÕES, INSURREIÇÕES E ESTÉTICAS DA EXISTÊNCIA

No dia 06 de maio de 2021, tivemos o primeiro encontro do curso com os autores Adalberto Ferdnando Inocêncio & Jefferson Campos, organizadores do livro *Gêneros e práticas de subjetivação: sujeições, insurreições e estéticas da existência* (Figuras A-02 a 04).



Figuras A-02, A-03 e A-04

Encontro 01: Capa do livro (à esquerda). Jefferson Campos (no centro). Ferdnando Inocêncio (à direita)

Fonte: Internet e acervos pessoais

Começar essa suruba com esses dois foi a escolha certa e que deu ao encontro dali por diante o tom necessário para compreendermos a importância de repensarmos nossas epistemologias. Na sua fala, Ferdnando disse:

Estamos numa atmosfera de ataques de gênero e sexualidade, um contexto pós-golpe, um contexto que a gente acredita em lutas contra a sujeição e estou chamando de sujeição este tipo de política que vem de cima pra baixo e que denomina um lugar para um sujeito. Então, você é isso, e mais do que isto, por você ser isso, você só pode fazer tais coisas. São lutas contra a sujeição. (Adalberto Ferdnando INOCÊNCIO, 2021)

A sujeição de nossas mentes a saberes hegemônicos dentro de um processo brutal de diminuição, silenciamento e apagamento. E como bem disse Jefferson:

Nós vemos o quanto este processo corrobora não só para a manutenção daquilo que a gente conhece, daquilo que a gente evidencia na maioria dos trabalhos que nós lemos, que pessoas negras não pensam, não existem intelectuais pretos, que não há produção significativa de intelectuais pretos, mas para além disso, nós percebemos que a nossa formação vai nos colocando cada vez mais distantes de quem efetivamente nós somos. Que estas identidades, especialmente, na academia, são formuladas e produzidas numa forja, numa forma, que nunca foi pensada e continua não sendo para pessoas como nós pretas. (Jefferson CAMPOS, 2021a)

E sendo assim, “para a bixa preta afeminada, a escrita é um exercício político revolucionário da construção de si mesmo, e é, por isso mesmo, uma prática de liberdade” (Jefferson CAMPOS, Guilherme SILVA, Bruno DA SILVA, 2020, p. 37) e tudo isso vai ao encontro das minhas reflexões sobre a minha própria branquitude e os espaços de privilégio em que me localizo e em conexão com esse debate, trouxe para o encontro **Minha Branquitude...** (2021)⁰⁵ (Figura A-05) para estabelecer esta intersecção com as falas de Ferdnando e Jefferson: onde a minha branquitude cria obstáculos para que saberes negros ocupem os espaços? E para, além disso, como romper essas construções hegemônicas?

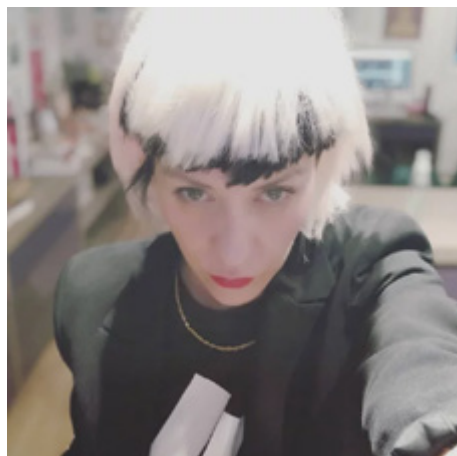


Figura A-05
Minha Branquitude...
Chris, The Red
Fotografia
São Paulo/SP
2021

05 Ensaio completo disponível em <http://orgioabrasileira.com.br/index.php/ensaios-fotograficos/304-minha-branquitude>. Acesso: 10 outubro 2022.

[ENCONTRO 02] TEXTOS PUTOS POR QUE GOZAR É TÃO BOM?

O segundo encontro, 10 de maio, foi com a Abhiyana, autora dos livros *Textos putos Volumes 1 e 2* (2017 e 2019) e o mais recente, *O manual do sexo anal* (2021) (Figuras A-06 e A-07). Ter um livro que traz contos eróticos no projeto é de extrema importância por dois pontos que entendo como principais.



Figuras A-06 e A-07

Encontro 02: Capa do livro (à esquerda). Abhiyana (à direita)

Fonte: Internet e acervos pessoais

Primeiro, para entendermos que a construção de outras epistemologias deve incluir livros de contos, poesias e outras escritas. Segundo, porque é uma mulher falando de suas fantasias, seus desejos, suas vivências em um país extremamente machista e patriarcal como o Brasil. Trazer a Abhiyana para o *Orgio* foi o encontro perfeito com as conversas que precisam ser feitas em torno do feminismo, da liberdade, da sexualidade e, não à toa, ela começa o *Textos putos* Volume 02 com um manifesto: o Manifesto da buceta. “Bucetas querem. Queira você ou não. Bucetas querem abrir, dar e receber. Têm vontade própria e são amigas da liberdade. Bucetas são pássaros voando no céu, batendo suas asas melecadas. Bucetas têm coração, e quando ele palpita, o oceano transborda” (ABHIYANA, 2019, p. 4) e com suas palavras durante o encontro, ela disse a que veio:

Eu gosto muito de falar sobre cu. Eu tenho uma fissura sobre cu. Para mim é um lugar de provocação, de quebrar tabus, de encher o saco da sociedade, de como ela quer formatar, condicionar, padronizar, como ela quer enfiar goela abaixo umas coisas que a gente não aguenta mais e pra mim este livro foi um grito. (ABHIYANA, 2021)

E falando em cu, é no Conto 03 (p. 25 a 27) que traz o cu e a boneca matryoshka que inspira o ensaio fotográfico do encontro com Abhiyana, **Bonequinha de puta**⁰⁶ (2021) (Figura A-08) para conversar sobre as violências que as mulheres são expostas quando o assunto é sua sexualidade e seus desejos. A sociedade patriarcal colocou a mulher em um papel de submissa e de reprodutora e a Abhiyana escreve justamente sobre a ruptura com essa violência, principalmente, no que se refere à sexualidade da mulher.

⁰⁶ Ensaio completo disponível em <http://orgiobrasileira.com.br/index.php/ensaios-fotograficos/305-bonequinha-de-puta>. Acesso: 04 dezembro 2021.



Figura A-08

Bonequinha de Puta

Chris, The Red
Fotografia
São Paulo/SP
2021

[ENCONTRO 03] CRÔNICAS DO CUS: CULTURA, SEXO E GÊNERO

Em 19 de maio, realiza-se o terceiro encontro com a presença do Leandro Colling que, juntamente com o Gilmaro Nogueira, organizou o livro *Crônicas do CUS: cultura, sexo e gênero* (2019) (Figuras A-09 e A-10). O livro é uma coletânea de textos publicados anteriormente no blog Cultura e Sexualidade⁰⁷ e, entre tantos artigos, solicitei aos participantes do curso que lessem o intitulado *O ânus é um órgão sexual?*⁰⁸, de autoria do Leandro.

A escolha por esse texto se deu pelas conexões que faço com o livro *Manifesto contrassexual* (2017), do Paul B. Preciado, que defende a ressexualização do ânus, *“uma zona do corpo excluída das práticas heterocentradas, considerada a mais suja e a mais abjeta”* (Paul B. PRECIADO, 2017, p. 36), e com o livro *Pelo cu: políticas anais* (2016), de Javier Saez e Sejo Carrascosa - *“O cu é o grande lugar da injúria, do insulto. Como vemos em todas as expressões cotidianas, a penetração anal como sujeito passivo está no centro da linguagem (...) como o pior”* (Javier SAEZ; Sejo CARRASCOSA, 2016, p. 27). A ideia foi a de trazer o debate para o cu brasileiro. Nosso cu tem outras conversas, como bem aponta Leandro em outro artigo do livro:



Figuras A-09 e A-10

Encontro 03: Capa do livro (à esquerda). Leandro Colling (à direita)

Fonte: Internet e acervos pessoais

No Brasil, talvez com alguma intensidade maior que outros lugares, o cu tem gênero sim. Aquela pessoa que é tida como a passiva no ato sexual anal é vista como a "mulherzinha" da relação. Se a pessoa passiva for do sexo masculino, ela automaticamente é considerada como homossexual, gay, viado ou qualquer outra expressão que a defina como alguém que traiu a sua masculinidade. (Leandro COLLING, 2019, p. 67-68)

Assim, em sua apresentação, Leandro vai traçando as políticas do nosso corpo: *“sobre como nosso corpo foi recortado para se ter partes erógenas e não-erógenas. Qual é a história da colonização sobre nosso corpo?”* (Leandro COLLING, 2021).

⁰⁷ Disponível em <http://blogs.ibahia.com/a/blogs/sexualidade>. Acesso: 06 dezembro 2021.

⁰⁸ Texto publicado originalmente em 07 de novembro de 2012.



Figura A-11 e A-12

Ah, Romeu, Romeu! És teu cu sexual?

Chris, The Red
Fotografia
São Paulo/SP
2021

E é nessa linha que trago o ensaio **Ah, Romeu, Romeu! És teu cu sexual?** (2021)⁰⁹ (Figuras A-11 e A-12) numa brincadeira sobre a romantização dos nossos prazeres, amores e nossas corpos. Teria Romeu oferecido seu cu para Julieta como prova do seu grande amor?

[ENCONTRO 04] DEBATES DECOLONIAIS, SEXUALIDADES, GÊNEROS E INTERSECCIONALIDADES

No 4º encontro, de 02 de junho, Jefferson Campos retornou acompanhado pelo Rodrigo Casteleira (PC) para falarem sobre o livro que organizaram juntos - *Debates decoloniais, sexualidades, gêneros e interseccionalidades* (2020) (Figuras A-13 a A-15).



Figuras A-13, A-14 e A-15

Encontro 04: Capa do livro (à esquerda). Jefferson Campos (no centro). Rodrigo Casteleira (à direita)

Fonte: Internet e acervos pessoais

⁰⁹ Ensaio completo disponível em <http://orgioabril.com.br/index.php/ensaios-fotograficos/306-ah-romeu-romeu-es-teu-cu-sexual>. Acesso: 06 dezembro 2021



Figura A-16

**Performance de um
Saber (-Se) Só**

Chris, The Red
Fotografia
São Paulo/SP
2021

Como eles afirmam já na introdução, essa obra surge pela busca de “estratégia de resistência. Demarcação de espaços e de lugares de fala. Insurreições epistemológicas. Políticas de afeto. Diálogo” (Jefferson CAMPOS; Rodrigo CASTELEIRA, 2020, p. 11). Pelo

levantar de vozes na ciência que tirem do cárcere o conjunto fértil de práticas e de saberes que sustentam uma epistemologia decolonial. Se não decolonial, ao menos, um modo de produção de saberes flagrado na diáspora do pensamento hegemônico. (Jefferson CAMPOS; Rodrigo CASTELEIRA, 2020, p. 12)

Ou seja, a própria construção do livro, além de trazer temáticas essenciais para o debate contemporâneo, como decolonialidade e gênero, por exemplo, é feita já a partir da busca por outras escritas e que, muitas vezes, caem no esquecimento, soterradas pelos ditos saberes canônicos: “A ideia é fazer um processo de colocar na cena e em cena, pessoas no campo da pesquisa, mas pessoas que não estão no mainstream” (Rodrigo CASTELEIRA, 2021) e como bem disse Jefferson durante o encontro:

A gente fala como pessoas que produzem conhecimentos em diversas esferas e este livro mostra o quanto trabalhos como o meu, o dele estão perdidos em algum lugar, no poço do esquecimento da universidade por um motivo muito óbvio e que se, em um certo momento, ele é esquecido, num segundo momento, ele causa estranhamento. Num terceiro momento, incômodo e num quarto momento, ele causa rivalidade (Jefferson CAMPOS, 2021b).

Esse esquecimento, ou melhor, esse soterramento, por muitas vezes, nos causa uma sensação de estar sozinho, gritando em uma multidão de desinteressados e que me provocou a criar a obra fotográfica **Performance de um Saber(-Se) Só** (2021)¹⁰ (Figura A-16). Como produzir quando o meio de produção é macho branco hétero? Como ser um corpo bicha preto no espaço acadêmico dentro do que Jefferson e PC chamam de política do ressentimento? Como construir saberes quando as corpos bichas e negras são acusadas de ressentidas diante desse sistema pautado nos afetos coloniais?

[ENCONTRO 05] ESTADO DE LIBIDO - OU POESIAS DE PRAZER E CURA

O 5º encontro, 24 de junho, foi poético-negro-feminista e trouxe a obra de Carmen Faustino e seu livro *Estado de libido - ou poesias de prazer e cura* (2020) (Figuras A-17 e A-18). Não há a construção de outras epistemologias sem a poesia. Sem a poesia negra. Sem a poesia negra feminina. Sem a poesia negra feminina erótica. Sem a poesia de Carmen. Como bem escreveu Jennyfer Nascimento no prefácio do livro: “a escrita protagonizada por Carmen Faustino rechaça os estigmas do racismo e do sexismo e inaugura um campo de diálogo com suas leitoras(es) com base em dimensões fundamentais da vida: o cuidado, o prazer e a cura” (Jennyfer NASCIMENTO, 2020, p. 17).

Carmen, a cada página, a cada poesia, vai nos apresentando costuras fundamentais entre o prazer, o erótico, o sagrado e suas vivências enquanto uma mulher negra e busca em outros espaços os saberes que nem sempre estão na academia para encontrar a si e à sua escrita:

¹⁰ Ensaio disponível em <http://orgioabril.com.br/index.php/ensaios-fotograficos/307-performance-de-um-saber-se-so>. Acesso: 06 dezembro 2021.



Figuras A-17 e A-18

Encontro 05: Capa do livro (à esquerda). Carmen Faustino (à direita)

Fonte: Internet e acervos pessoais



Figura A-19, A-20, A-21, A-22, A-23 e A-24

Punany

Chris, The Red

Fotografia

São Paulo/SP - Lavras/MG

2021

Eu fui pra universidade pra fazer letras já com interesse em conhecer a literatura negra e me frustrei um monte porque quando cheguei lá não aprendi quase nada da literatura negra. Aí, fui conhecer os espaços de sarau na periferia de São Paulo. São espaços que são muito importantes para minha caminhada e foi onde eu passei a ganhar entendimentos da potência dessa minha escrita. Foi quando eu passei a trocar com mulheres pretas que também traziam nos seus textos as mesmas discussões que eu. (Carmen FAUSTINO, 2021)

E foi nos prazeres de suas poesias que encontrei o caminho para realizar o ensaio **Punany** (2021)¹¹ (Figuras A-19 a A-24) título de uma das suas poesias:

Minha buceta
É o poder
Negrume Mistério
De vício e prazer
Que te engole
Te domina
E você
Vaidoso
E preocupado
Apenas com seu falo
Nem vê

(Carmen FAUSTINO, 2020, p. 35)

[ENCONTRO 06] DEVANEIOS COTIDIANOS DE UM CLAUDICANTE

O 6º encontro, 01 de julho, contou com o livro *Devaneios cotidianos de um claudicante* (2017), de Jeferson Alves (Figuras A-25 e A-26), e um diálogo que precisamos muito realizar cada vez mais em um país capacitista como o Brasil. Jeferson é PCD¹² e suas escritas nos provocam a refletir sobre os espaços: seja o espaço físico, seja o acadêmico, o do cotidiano. A pensar onde estão os espaços e como as PCDs são representadas? E questionarmos inclusive nossos processos educacionais: “A educação tem de se dar de dentro pra fora. O primeiro (e mais comum) erro é acreditar que somente os pais (ou os que criam o indivíduo) têm de educar” (Jeferson ALVES, 2017, p. 41).

Em sua fala, Jeferson aponta:

O problema não é que o vilão seja o monstro, que tenha uma aparência de uma pessoa com deficiência. O problema é quando isso é usado para depreciar. Se usa a deficiência para potencializar a pessoa, não é um problema, mas isto é muito difícil de acontecer. É isto que eu tento trazer sempre nas coisas que eu escrevo e faço. Inclusive, são partes das perguntas que faço com as pessoas com deficiência que trabalho: qual é a potencialidade que vê em teu corpo? (Jeferson ALVES, 2021).

¹¹ Ensaio completo disponível em <http://orgioabrasileira.com.br/index.php/ensaios-fotograficos/308-punany>. Acesso: 07 dezembro 2021.

¹² PCD: sigla para Pessoa com Deficiência.



Figuras A-25 e A-26

Encontro 06: Capa do livro (à esquerda). Jeferson Alves (à direita)

Fonte: Internet e acervos pessoais

E para nós, pessoas sem deficiência, nos perguntarmos sempre como estão estruturados os espaços ao nosso redor, nossa casa, nossa rua, a universidade, as calçadas, o teatro, tanto do aspecto físico-espacial como intelectual e é justamente sobre isso que criei o ensaio **Onde Estão os Espaços?** (2021)¹³ (Figura A-27) para esse encontro.

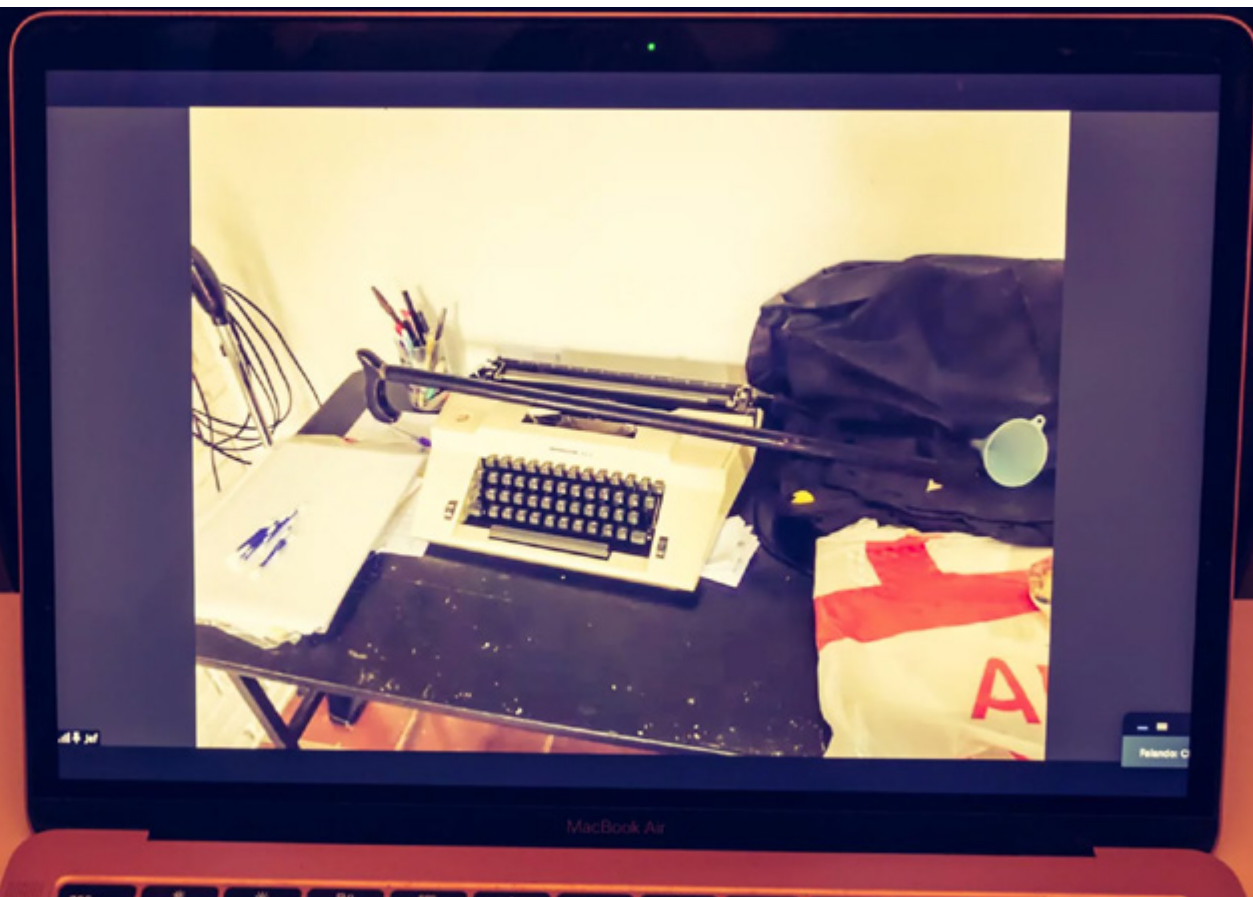


Figura A-27

Onde Estão os Espaços?

Chris, The Red

Fotografia

São Paulo/SP - Novo Hamburgo/RS

2021

¹³ Ensaio completo disponível em <http://orgioabrasileira.com.br/index.php/ensaios-fotograficos/309-onde-estao-os-espacos>. Acesso: 07 dezembro 2021.

[ENCONTRO 07] SINFONIA PARA O FIM DO MUNDO

Não tem como pensar outras epistemologias sem as escritas trans em um país como o Brasil, que continua sendo o país que mais assassina pessoas trans no mundo¹⁴. Então, este curso não estaria completo sem a presença de Isadora Ravena com o seu fabuloso *Sinfonia para o fim do mundo* (2020) (Figuras A-28 e A-29), em 15 de julho.



Figuras A-28 e A-29

Encontro 07: Capa do livro (à esquerda). Isadora Ravena (à direita)

Fonte: Internet e acervos pessoais

Como diz em seu livro: “Artistas trans estão a abalar as certezas, a colocar em xeque as concepções sociais fundantes sobre o corpo, sobre arte e sobre vida” (Isadora RAVENA, 2020, p. 6) e a importância que essas escritas têm não apenas para nós que as lemos, mas para a própria autora:

Acabou que a minha relação com o livro virou uma relação de sinfonia para o fim do mês. Foi um livro que me sustentou e ainda me sustenta e é interessante a relação que o livro vai tendo comigo, ele conversa comigo em diferentes partes desse percurso que é de 2020 até hoje. (Isadora RAVENA, 2021)

E foi inspirado pelas suas palavras e nas de Max Uranio - “Desde antes eu já sabia que não pertencço à esse lugar” (Max URANIO, 2018) que criei o ensaio **Eu Não Sou Daqui** (2021)¹⁵ (Figura A-30), título homônimo à poesia de Max Uranio, publicada em 04 de abril de 2018¹⁶.

14 De acordo com o relatório 2021 do Transgender Europe (TGEU): “2021 is set to be the deadliest year for trans and gender-diverse people since we began collecting data, with 375 registered murders between 1 October 2020 and 30 September 2021. This represents a 7% increase from the 2020 update, which was already a 6% increase from the 2019 update. Brazil remains the country that reported the majority of the murders (125), followed by Mexico (65) and the United States (53). The data shows that a total of 4042 trans and gender-diverse people reported being murdered between 1 January 2008 and 30 September 2021. Disponível em <https://transrespect.org/en/tmm-update-tdor-2021/>. Acesso: 08 dezembro 2021.

15 Ensaio completo disponível em <http://orgioabrasileira.com.br/index.php/ensaios-fotograficos/310-eu-nao-sou-daqui>. Acesso: 09 dezembro 2021.

16 Disponível em <http://maxruanperuzzo.blogspot.com/2018/04/eu-nao-sou-daqui.html>. Acesso 10 outubro 2022.



EU NÃO SOU DAQUI

Desde antes eu já sabia que não pertencço à
esse lugar
A esse lugar

a essas pessoas
a essas rotas.

Circulo entre esses espaços sempre
pensando em ir embora.

O vento no rosto da janela do ônibus
sobre a ponte ao lado de uma mulher
gravida

me faz perceber que novas vidas surgem
e eu continuo estagnado.

Distraído entre a velocidade e meu
imaginario
constante em outras órbitas.

Se bem analisado, estou sempre pensando
em fugir.

Enquanto a correnteza da baia atrita a
rocha
e faz um rebuliço meio ao resto d'água me
entendo como a maré.

Meus amores são distantes
sem rosto
sem tato.

Minhas lembranças são eufóricas em
lugares nos quais não estive.

Eu não sou daqui.

Sera que eu sou de lá?

Hoje as 20hrs descobrirei a partida mas
planejo o retorno.

Eu nao quero voltar e nao sei porque ainda
não fui.

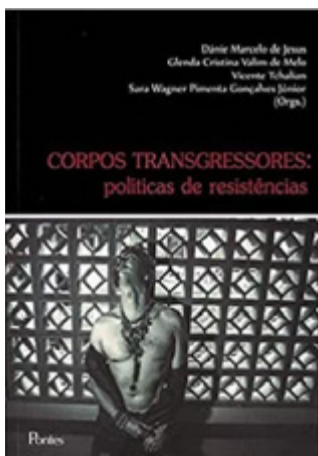
Carrego no peito a vontade de ser de outros
espaços.

Logo quebro as grades e vo(o)u
não volto.

(MAX URANIO, 04 abril 2018)

[ENCONTRO 08] CORPOS TRANSGRESSORES

Infelizmente, por questões de saúde, o encontro com Sara Wagner York não aconteceu. No entanto, creio importante citar o livro *Corpos transgressos: políticas de resistências* (Figuras A-31 e A-32), que tem Sara como uma das organizadoras, como uma referência importante nas construções epistemológicas. O livro “é uma homenagem a Dandara dos Santos, travesti brutalmente assassinada em 15 de fevereiro de 2017, na cidade de Fortaleza” (Dánie JESUS; Glenda MELO; Vicente TCHALIAN; Sara Wagner JÚNIOR, 2018, p. 9) e que me ajudou a construir a narrativa do ensaio que seria apresentado no encontro: **Quem Matou Dandara?** (2021)¹⁷ (Figuras A-33 a A-35).



Figuras A-31 e A-32

Encontro 08: Capa do livro (à esquerda). Sara Wagner York (à direita)

Fonte: Internet e acervos pessoais

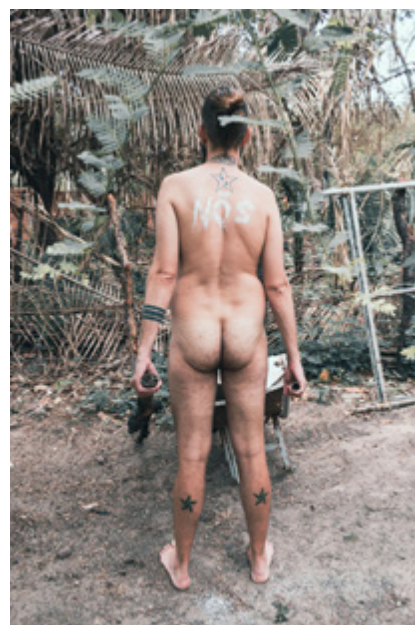


Figura A-33, A-34 e A-35

Quem Matou Dandara?

Chris, The Red
Fotografia
Caxias/MA
2021

¹⁷ Ensaio disponível em <http://orgiobrasileira.com.br/index.php/ensaios-fotograficos/311-quem-matou-dandara>. Acesso: 09 dezembro 2021.

[ENCONTRO 09] CARTOGRAFIA DO PENSAMENTO QUEER

E chegamos ao último encontro do curso, 28 de julho, com Rafael Leopoldo e o livro *Cartografia do pensamento queer* (2020) (Figuras A-36 e A-37) e concluí-lo com ele foi essencial para compreendermos melhor os estudos queer e a sua entrada no Brasil, inclusive, os problemas não apenas com a tradução da palavra, mas a própria forma como se deu a entrada do queer no Brasil, enaltecendo ainda mais a importância de repensarmos as questões epistemológicas propostas com a criação do Orgio. Como Rafael escreve: “Quando nos deparamos com o termo ‘queer’ visualiza-se, de imediato, um enigma de tradução” (Rafael LEOPOLDO, 2020, p. 37).

Em sua fala, Rafael foi nos inserindo não apenas nos caminhos dos estudos queer, mas apresentando-nos as metamorfoses ligadas a esse termo que ele apresenta como “semântica e afetiva. É uma mudança de afetos”, nos provocando a refletir sobre as “micropolíticas dos afetos na teoria queer” (Rafael LEOPOLDO, 2021). E pensando justamente nas metamorfoses do queer dentro do nosso contexto brasileiro é que apresentei a última foto do: **Já Tomou Nucuir?** (2021)¹⁸ (Figura A-38) como uma provocação direta para buscarmos esses outros saberes que fomos mergulhando durante todos os encontros



Figuras A-36 e A-37

Encontro 08: Capa do livro (à esquerda). Rafael Leopoldo (à direita)

Fonte: Internet e acervos pessoais

18 Disponível em <http://orgioabrasileira.com.br/index.php/ensaios-fotograficos/312-ja-tomou-nucuir>. Acesso: 09 dezembro 2021.

Figura A-38


Já Tomou Nucuir?

Chris, The Red

Fotografia

Teresina/PI

2021



TOME NUCUIR.
É BOM!

ANEXO B

**EXPERIMEN-
TAÇÕES SOBRE
BRANQUITUDE**







Figura B-01, B-02, B-03,
B-04, B-05 e B-06

Experimentações sobre Branquitude

Chris, The Red

Estudos para uma performance

São Paulo/SP

2022

Registros: Chico Castro



EXPERIMENTAÇÕES NO TEATRO DA POMBAGIRA

De março a abril de 2022, participei de oficina realizada pelo Grupo Teatro da PombaGira, em São Paulo. PombaGira foi fundada pelo Marcelo Denny e baseia o seu trabalho na “experimentação e hibridismo para criar ações que fundem as linguagens da performance, do teatro, da dança e do audiovisual”⁰¹.

A oficina foi um espaço experimental des integrantes com es participantes da oficina para pensar e criar sobre o argumento poético Desmortificar, criado durante a pandemia pelo Marcelo Denny e Marcelo D’Avilla, diretores da PombaGira e estrutura central do próximo trabalho do grupo: *Máquina* (2022) que definem como:

Máquina é uma experiência dilatada, que conta com DJ set de convidados do movimento de festas independentes e bar aberto, uma imersão fora do tempo real do sistema, com público vivo e em deslocamento pulsante dentro do Teatro Mars e celebra o pensamento das insurgências radicais de vida, como potência delirante dos corpos em cena, uma forma de sobreviver a favor da vida, pois somente os corpos vivos podem desmortificar. Com Máquina, o Teatro da PombaGira traz a tona a nova pesquisa do grupo, com uma dramaturgia performativa coletiva que busca cultivar a vida e fazer dos ritos pessoais uma elevação de força conjunta. Máquina é um ritual de desmortificação contra a ordem estabelecida. Máquina é uma crítica ao poder e ao sistema necropolítico maquiavélico. (TEATRO DA POMBAGIRA, 2022)⁰²

A partir desse argumento sobre desmortificação, o grupo convida es participantes a pensar o que desejam desmortificar em suas próprias vidas e, a cada encontro, nos provocando pela dança, pelo toque, pelo olhar, pelas palavras, pelo afeto, pela vida, pelo pensar a experimentar e construir uma ação performática a partir deste desejo de desmortificação.

A palavra escolhida por mim foi “*Branquitude*” e as marcas que são colocadas sobre não apenas as demais corpos, mas também sobre a minha própria a partir do momento em que o ato de não me racializar, não compreender o significado da cor da minha pele e os atravessamentos a ela inerente nas estruturas sociais nas quais estou presente, contribui ainda mais pelos apagamentos, silenciamentos e violência diárias e, especificamente, no CIS-tema de arte.

No último encontro, todes apresentaram suas ações. A minha, **Experimentações sobre Branquitude** (2022) (Figuras B-01 a B-06) não foi um ato finalizado, mas um estudo ainda de performance, algumas primeiras ideias para me conectar a ideia de Desmortificação e pensar as potências de vida do meu corpo.

01 Disponível em <https://teatrodapombagira.art/>. Acesso: 04 junho 2022.

02 Idem.

ANEXO C

**Transcrição
Manifesto-
Resumido**

não se limita a fotografias;

é político - totalmente;

é sobre pessoas e nossas surubas de histórias e conexões. VIVÊNCIAS!;

é sobre fuder com todo este CIS-tema e eu não fodo sozinho;

é sobre fuder grupal, pois minhas histórias se misturam a muitas outras e são essas conexões que fazem a verdadeira revolução acontecer;

é sobre música, design, poesia, gozo;

é sobre o explícito, o óbvio;

é sobre célula, molécula, corpos, corpos, corpos;

é sobre sua[s] pele[s] roçando a[s] minha[s];

é sobre pelo, cuspe, mijo, merda;

é sobre ir além do pau, da buceta... é beijar o cu;

é pornografia, pós-pornografia, é sexualidade, contrassexualidade;

é sobre 'fracasso' como arma contra a caretice;

é sobre espiritualidade, é oração;

é sobre mim, sobre Doctor Red, sobre você, sobre nós;

é sobre putaria, suruba, perversão, orgia, Orgio à Brasileira;

é sobre família, outras famílias;

é sobre você[s] na minha Lito;

é sobre sexo gostoso e consentido;

é sobre branquitude - desbranqueamento;

é sobre dizer NÃO - não aceitar os vômitos, mas regurgitá-los;

é sobre não aceitar a violência, mas destruí-la, desmantelá-la na raiz;

é sobre dor, lágrima, o tapa na cara, a palavra que esfaqueia, é o silêncio;

é sobre [re]construir, continuar, re[começar][significar];

é sobre ser BIXA, SAPA, TRANS, FLUIDA, ASSEXUAL, INTERSEXO, NÃO-BINÁRIE - inclusive a linguagem - MULHER, NÃO-MULHER, HOMEM, NÃO-HOMEM, SER HUMANO, SER NÃO-HUMANO;

é sobre alegria, [r]e[s][x]istência, revolução;

é sobre chutar o pau da barraca, tacar fogo no parquinho e segurar o forninho;

é sobre pluralidades; e também

É SOBRE ARTE, ARS SEXUALIS, ARTE-DISSIDENTE...

REFERÊNCIAS

ABHIYANA. **Textos Putos Por que gozar é tão bom?** São Paulo: scp, 2019.

----- **Orgio à Brasileira.** Plataforma Zoom (online). 10 de maio de 2021.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O Perigo de uma História Única.** Tradução de Julia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

AGAMBEN, Giorgio. **Profanações;** tradução e apresentação de Selvino José Assmann. São Paulo: Boitempo, 2007.

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade.** São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. (Feminismos Plurais / coordenação de Djamila Ribeiro).

ALLOA, Emmanuel. Entre a transparência e a opacidade – o que a imagem dá a pensar in: **Pensar a imagem** / Emmanuel Alloa, (org.). – 1. ed. – Belo Horizonte: Autêntica. Editora, 2015. (Coleção Filô/Estética). Título original: Penser l’image. Vários autores. Vários tradutores. ISBN 978-85-8217-618-4.

ALMEIDA, Kátia. **Por uma semântica profunda: arte, cultura e história no pensamento de Franz Boas.** Mana, 4(2), 1998.

ALTMAYER, Carlos Guilherme Mace. **Tropicuir: estético-políticas transviadas: memória, arquivo, design;** orientadora: Denise Berruezo Portinari. Tese (doutorado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Artes e Design, 2020.

ALVES, Jeferson. **Devaneios cotidianos de um claudicante.** São Leopoldo: Trajetos Editorial. 2017.

----- **Orgio à Brasileira.** Plataforma Zoom (online). 01 de julho de 2021.

AMORIM, Frederico Levi. **Gestos performativos como atos de resistência** [manuscrito]: corpas monstro na cena contemporânea. / Frederico Levi Amorim. - 2019. 172 f. Orientadora: Profa. Dra. Elvina Maria Caetano Pereira. Dissertação (Mestrado Acadêmico). Universidade Federal de Ouro Preto. Departamento de Artes Cênicas. Programa de Artes Cênicas.

ARENDT, Hannah. **O que é política?** [recurso eletrônico] / Hannah Arendt; organização Ursula Ludz; tradução Reinaldo Guarany; Kurt Sontheimer. – 12ª ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2018.

ATTIMONELLI, Claudia. **Pornocultura: viagem ao fundo da carne.** Claudia Attimonelli e Vincenzo Susca. Traduzido por Simone Ceré. Porto Alegre: Sulina, 2017.

BALDWIN, James. **The cross of redemption: uncollected writings** / James Baldwin; edited and with an introduction by Randall Kenan. A collection of essays, speeches, letters, reviews, etc. 2010. eISBN: 978-0-307-37896-5.

BANIDA, Levi. Caderno Ambiências In: Tudo Que Precisei Criar Para Me Manter Viva – Transinvenção, Pesquisa Drag E Performance Não-Binária No Fim Do Mundo (Deles). **Dissertação de mestrado.** Orientador: Prof. Dr. Héctor Andrés Briones Vásquez. Universidade Federal do Ceará. Fortaleza. 2021.

BASBAUM, Ricardo. O artista como pesquisador. In: **Concinnitas.** Ano 07, volume 01, número 09, julho 2006. Disponível em <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/concinnitas/article/view/55268/35412>. Acesso em 14 fevereiro 2022.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade – Entrevista a Benedetto Vecchi**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**. tradução Sérgio Milliet. - 2.ed. - Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009. 2v. Tradução de: Le deuxième sexe Conteúdo: v.1. Fatos e mitos - v.2. A experiência vivida. ISBN 978-85-209-3913-0.

BENJAMIN, Walter. **Theses on the philosophy of history**. In: Illuminations: essays and reflections [livro eletrônico]. New York: HBJ, 1969.

----- A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica: primeira versão. In: **Magia e Técnica, Arte e Política - ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras escolhidas**, volume I, 3ª edição, São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

BERARDI, Franco. **Depois do futuro**; traduzido por Regina Silva. Título original: Dopo il futuro. São Paulo: Ubu Editora, 2019. [eBook].

BENEVIDES, Bruna G. Trans na política, não é um fenômeno, é luta! In: **Prólogo**. Bruna G. Benevides, Ian Guimarães Habib, Sara Wagner York; organização Renata Carvalho. 1ª ed. São Paulo: Editora Monstra, 2021. ISBN 978-65-992897-3-6.

BORGES, Thiago. Artista periférica faz petição e denuncia censura de vereador a graffiti de “Nossa Senhora do Matriarcado”. **Site Periferia em Movimento**. Publicado em 18 de outubro de 2021. Disponível em periferiaemmovimento.com.br/. Acesso em 15 novembro de 2021.

BOURRIAUD, Nicolas. **Pós-produção: como a arte reprograma o mundo contemporâneo**. São Paulo: Martins, 2009.

BULHÕES, Maria Amélia. O sistema da arte mais além de sua simples prática In: **As Novas Regras do Jogo: o sistema da arte no Brasil**. Maria Amélia Bulhões et al. Porto Alegre: Zouk, 2014.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 11ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

CARDOSO, Lourenço. O branco ante a rebeldia do desejo: um estudo sobre a branquitude no Brasil. 2014. 290 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Letras (Campus de Araraquara), 2014. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/115710>>.

CAMPOS, Jefferson; SILVA, Guilherme Araújo; DA SILVA, Bruno Barra. Ser bixa preta afeminada na ordem do discurso acadêmico. In: **Gêneros e práticas de subjetivação: sujeições, insurreições e estéticas da existência**. Brazil Publishing. 2020.

-----; CASTELEIRA, Rodrigo Pedro. **Debates decoloniais, sexualidades, gêneros e interseccionalidades**. Jefferson Campos, Rodrigo Pedro Casteleira (organizadores). Maringá: Editora Trema, 2020.

----- **Orgio à Brasileira**. Plataforma Zoom (online). 06 de maio de 2021(a).

----- **Orgio à Brasileira**. Plataforma Zoom (online). 02 de junho de 2021(b).

CASTELEIRA, Rodrigo Pedro. **Orgio à Brasileira**. Plataforma Zoom (online). 02 de junho de 2021.

CAUQUELIN, Anne. **Teorias da Arte**. Tradução Rejane Janowitz. São Paulo: Martins Fontes – selo Martins, 2005.

CERQUEIRA, Daniel; BUENO, Samira. (Coordenação). **Atlas da Violência 2020** [Relatório]. IPEA. 2020. Disponível em <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/arquivos/artigos/5929-atlasviolencia2020relatoriofinalcorrigido.pdf>. Acesso em 01 abril 2021

CHAGAS, Filipe. Falo de História: Márcia X in: **Falo Magazine**, nº16/2021, vol. IV. Rio de Janeiro. ISSN 2675-018X. Disponível em <https://www.falomagazine.com/edicoes/falo-16/>. Acesso em 23 janeiro 2021

CHIARELLI, Tadeu. A Fotografia Contaminada. In: **Arte Internacional Brasileira**. São Paulo: Lemos-Editorial, 1999. p. 115-120.

COHEN, Renato. **Performance como Linguagem**. São Paulo: Perspectiva, 2013.

COLLING, Leandro. **Que os outros sejam o normal: tensões entre movimento LGBT e ativismo queer**. Salvador: EDUFBA, 2015.

----- **Crônicas do CUS: cultura, sexo e gênero**. Leandro Colling e Gilmaro Nogueira (orgs.). 1ª edição. Salvador, BA: Editora Devires. 2019

----- **A vontade de expor: arte, gênero e sexualidade**. Salvador: Edufba, 2021.

----- **Orgio à Brasileira**. Plataforma Zoom (online). 19 de maio de 2021

----- Prefácio In: **Metafísicas sexuais: canibalismo e devoração de Paul B. Preciado na América Latina** / organizadores Martin de Mauro Rucovsky, Bryan Axt. 1 ed. Salvador/BA: Devires, 2022.

CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. **História do Corpo: da Renascença às Luzes**. Tradução de Lúcia M.E. Orth; revisão da tradução Ephraim Ferreira Alves. 5ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

DA COSTA, Rogério. Do Tecnocosmos à Tecnoarte in: **A arte no século XXI** [recurso eletrônico]: a humanização das tecnologias / organização Diana Domingues. – 1.ed. – São Paulo: Editora Unesp Digital, 2019. ISBN 978-85-9546-079-9.

DAMÁSIO, António. **O Erro de Descartes: Emoção, razão e o cérebro humano**. 2a. edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

DE SOUSA, Christian. Mais importante que "Por onde começar?" é "Para onde quero ir?" in: **ÍCONE: Revista Brasileira de História da Arte**. ISSN 2359-3792. V. 5, Nº 6, 2020, p 114-129. Disponível em <https://seer.ufrgs.br/icone/issue/view/4454>. Acesso em 13 novembro 2021.

DESPENTES, Virginie. **Teoria King Kong**. Trad. Márcia Bechara. São Paulo: n-1 edições, 2016.

DUNKER, Christian. Reinvenção da Intimidade: políticas do sofrimento cotidiano. Ubu Editora. São Paulo. 2018. 1ª edição eletrônica.

FABRIS, Annateresa. **Identidades virtuais: uma leitura do retrato fotográfico**. Belo Horizonte: Ed. Da UFMG, 2004.

FAUSTINO, Carmen. **Estado de Libido: poesias de prazer e cura**. São Paulo: Oralituras, 2020.

----- **Orgio à Brasileira.** Plataforma Zoom (online). 24 de junho de 2021.

FERNANDES Jr., Rubens. **A Fotografia Expandida. Tese de Doutorado.** Área de Concentração: Signo e significação nas mídias. Programa de Comunicação e Semiótica. Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2002.

----- **Processos e criação na fotografia.** FACOM - nº 16 - 2º semestre de 2006. Disponível em http://www.fAAP.br/revista_faap/revista_facom/facom_16/rubens.pdf. Acesso em 12 outubro 2022.

FERRAZ, Wagner. VERDUN, Paola. **Corporais escritas** [livro eletrônico]: experiências com aprendizagem e criação. Organização: Paola Verdun e Wagner Ferraz. 1. ed. Porto Alegre., RS. Estudos do Corpo. 2022.

FERREIRA DA SILVA, Denise (org). **A dívida impagável.** São Paulo: Oficina de Imaginação Política e Living Commons, 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** 17ª Edição. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 1987 (eBook).

FIDELIS, Gaudêncio. Queermuseu: táticas queer em relação a uma curadoria não heteronormativa. In: **Queermuseu: cartografias da diferença na arte brasileira.** Porto Alegre: Santander Cultural, 2017.

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da Caixa Preta: Ensaio para uma futura filosofia da fotografia** - 1ª ed. São Paulo: Annablume, 2011.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: A Vontade de Saber.** Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guillhon Alburquerque. 8ª Edição. Rio de Janeiro/ São Paulo, Paz e Terra, 2019.

FOSTER, Hal. **O que vem depois da farsa?.** Tradução: Célia Euvaldo, com colaboração de Humberto do Amaral. São Paulo: Ubu Editora, 2021.

GONÇALVES, Sue. Fora das estatísticas in: **[pós]CORPOS.** Volume 01, Nº 02, Abril/2020. ISSN 2675-7281, p. 48-51. Disponível em <http://duocu.art.br/index.php/magazines/pos-corpos#volume01n02>. Acesso em 12 janeiro 2023.

----- Puta in: **[pós]CORPOS.** Volume 03, Nº 16, Agosto/2022. ISSN 2675-7281, p. 118-127. Disponível em <http://duocu.art.br/index.php/magazines/pos-corpos#volume03n16>. Acesso em 12 janeiro 2023.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere, volume 6** [recurso eletrônico]: literatura, folclore, gramática / Antonio Gramsci; tradução Carlos Nelson Coutinho, Luiz Sérgio Henriques. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017. recurso digital.

GRUNVALD, Vi & LEITE JUNIOR, Jorge. **Cruzada sexogenérica e a arte como regime de moralidade: reflexões a partir do Queermuseu.** Simpósio Temático Sexualidade e gênero: política, agenciamentos e direitos em disputa, organizado por Regina Facchini e Roberto Marques no 43º Encontro Anual da ANPOCS, 2019.

HALBERSTAM, Jack. **The queer art of failure.** Durham: Duke University Press. 2011.

HILTON, Erika. **Programa Roda Vida.** Exibido em 01/02/2021. Disponível em <https://youtu.be/qvzQd0tN27w>. Acesso em 01 abril 2021

HUNT, Lynn. **A invenção da pornografia: obscenidade e as origens da modernidade, 1500-1800.** São Paulo: Hedra, 1999.

INOCÊNCIO, Adalberto Ferdnando. **Orgio à Brasileira.** Plataforma Zoom (online). 06 de maio de 2021.

INOCÊNCIO, Adalberto Ferdnando & CAMPOS, Jefferson. **Gêneros e práticas de subjetivação: sujeições, insurreições e estéticas da existência.** Adalberto Ferdnando Inocêncio & Jefferson Campos (orgs.) - 1.ed. - Curitiba: Brazil Publishing, 2020. [recurso eletrônico].

JESUS, Dánie Marcelo de; MELO, Glenda Cristina Valim de; TCHALIAN, Vicente; JÚNIOR, Sara Wagner Pimenta Gonçalves. (Orgs.). **Corpos Transgressores: políticas de resistências.** Campinas,SP: Pontes Editores, 2018.

JEUDY, Henri-Pierre. **O Corpo como Objeto de Arte.** Tradução Tereza Lourenço. São Paulo. Estação Liberdade, 2002.

KAC, Eduardo. O Movimento de Arte Pornô: a Aventura de uma Vanguarda nos Anos 80. **ARS (São Paulo)**, [S. l.], v. 11, n. 22, p. 31-51, 2013. DOI: 10.11606/issn.2178-0447.ars.2013.80655. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ars/article/view/80655>. Acesso em: 17 janeiro 2023.

KENDRICK, Walter. **El museo secreto. La pornografía en la cultura moderna.** Colômbia: Tercer Mundo, 1995.

KILOMBA, Grada. **Grada Kilomba on racism in Europe**, de 16 de março de 2012. Disponível em <https://abagond.wordpress.com/2012/03/16/grada-kilomba-on-racism-in-europe/>. Acesso em 07 outubro 2021.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo.** São Paulo. Companhia das Letras. 2019. [eBook].

KURY, Bruna; CAPELOBO, Walla. **Desejo que sobrevivamos pois já sobrevivemos.** GLAC Edições. Disponível em <https://www.glacedicoes.com/post/desejo-que-sobrevivamos-pois-ja-sobrevivemos-bruna-kury-e-walla-capelobo>. Acesso em 03 abril 2021.

KURY, Bruna. **A pós-pornografia como arma contra a maquinaria da colonialidade.** São Paulo: FERLIVRE, 2021.

LADDAGA, Reinaldo. **Estética de laboratorio.** - 1a. ed. Buenos Aires: Adriana Hidalgo editora, 2010. 218 p. ; ISBN 978-987-1556-46-5.

LAILA, Naiara. Sem Título. **Entrevista concedida a Chris, The Red.** Agosto, 2021.

LALLI, Órion. **Site.** 2021. Disponível em <https://www.orionlalli.com.br/censura>. Acesso em 12 janeiro 2023.

LEAL, abigail Campos. **ex/orbitâncias: os caminhos da deserção de gênero.** São Paulo: GLAC edições, 2021.

LEAL, Dodi. Performatividade dos afetos: a angústia como passagem entre a falência do existir e uma ética da coralidade queer contemporânea. In: **Gênero expandido: performances e contrassexualidades.** Organizadores Dodi Leal e Marcelo Denny. 1ª ed. São Paulo: Annablume, 2018.

LEOPOLDO, Rafael; MAWU, Alessandra. Devir Viagra e Devir Cloroquina: Ensaio sobre Subjetividades Tóxicas. **Revista [pós]CORPOS**. Volume 03, Nº 14, Abril/2022. (ISSN 2675-7281). Tradução: Chris, The Red. Disponível em <http://duocu.art.br/index.php/magazines/pos-corpos#volume03n14>.

LEOPOLDO, Rafael. **Cartografia do Pensamento Queer**. 1ª ed. Salvador-BA. Editora Devires, 2020.

----- **Orgio à Brasileira**. Plataforma Zoom (online). 28 de julho de 2021.

LUSTOSA, Tertuliana. Manifesto Traveco-Terrorista in: **Concinnitas**, ano 17, volume 01, número 28, setembro de 2016, 384-409. Disponível em <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/concinnitas/issue/view/1244/showToc>. Acesso em 13 novembro 2021.

MAAR, Wolfgang Leo. **O que é política?** [recurso eletrônico]. Editora e Livraria Brasiliense. Primeira edição eBook, 2017.

MADONNA. **Sex**. Warner Books Inc. 1992.

MARIN, Louis. **On representation**. Louis Marin. Translated by Catherine Porter. Meridian. Stanford University Press. Stanford, California. 2001.

MARQUES, Luiz; MATTOS, Claudia; ZIELINSKY, Mônica; CONDURU, Roberto. Existe uma arte brasileira? Luiz Marques, Cláudia Mattos, Mônica Zielinsky e Roberto Conduru. **Porto Arte: Revista de Artes Visuais**. Porto Alegre: PPGAV-UFRGS, v. 22, n. 36, p.1-20, jan.-jun. 2017. e-ISSN2179-8001. DOI: <http://dx.doi.org/10.22456/2179-8001.79600>. Acesso em: 20 set. 2022.

MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

MARTINS, Mônica Dias. **A pandemia expõe de forma escancarada a desigualdade social**. Artigo no site do El Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales (CLACSO). 2020. Disponível em <https://www.clacso.org/a-pandemia-expoe-de-forma-escancarada-a-desigualdade-social/>. Acesso em 01 abril 2021.

MASSEY, Doreen. **Pelo espaço: uma nova política da espacialidade**. Tradução Hilda Pareto Maciel, Rogério Maciel. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 2008.

MEDEIROS, Afonso. **O imaginário do corpo : entre o erótico e o obscuro : fronteiras líquidas da pornografia** / Afonso Medeiros (org.) ; Raimundo Martins (ed.). - Goiânia: FUNAPE, 2008. 1v. - (Coleção desenredos; 4).

----- Apontamentos para uma cartografia da história da arte pornoerótica. In.: **Anais [do] 19º Encontro da ANPAP - Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas**, Cachoeira, BA, 20 a 25 de setembro de 2010 / Maria Virginia Gordilho Martins, Maria Hermínia Olivera Hernández (organizadoras). - Salvador: EDUFBA, 2010. (p.460 - 474). Disponível em: http://www.anpap.org.br/anais/2010/pdf/chtca/jose_afonso_medeiros_souza.pdf. Acesso em 22 julho 2022.

----- Erotismo & pornografia na arte: uma história mal contada? **Cartema** - Nº 5 - Ano 5 - Dezembro de 2016. DOI: <https://doi.org/10.52583/cartema.v5i5.234382>. Disponível em <https://periodicos.ufpe.br/revistas/CARTEMA/article/view/234382>. Acesso: 12 janeiro 2023.

----- Artes, Pornoerotismos e Identidades LGBTQIA+ em trânsitos estéticos. **Revista Apotheke**, Florianópolis, v. 6, n. 3, 2021. DOI: 10.5965/24471267632020022. Disponível em: <https://periodicos.udesc.br/index.php/apotheke/article/view/19056>. Acesso em: 12 janeiro 2023.

MENDES, Tatyane. **Entenda o shibari: método japonês de amarração do parceiro por prazer**. Metrôpoles, 2018. <https://www.metropoles.com/colunas/pouca-vergonha/entenda-o-shibari-metodo-japones-de-amarracao-do-parceiro-por-prazer>. Acesso em 01 agosto 2021.

MIGLIOLI, Sarah; BARROS, Moreno. **Novas Tecnologias da Imagem e da Visualidade: GIF animado como videoarte**. Sessões do Imaginário - Cinema | Cibercultura | Tecnologias da Imagem. Porto Alegre, 2013. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/famecos/article/view/12963>. Acesso em: 17 jan. 2019.

MILANO, Laura. **Usina Posporno: disidencia sexual, arte y autogestión en la pospornografía**. Buenos Aires: Título, 2014.

MOMBAÇA, Jota. **Pode um cu mestiço falar?**. 2015. Disponível em <https://medium.com/@jotamombaca/pode-um-cu-mestico-falar-e915ed9c61ee>. Acesso em 01 abril 2021.

----- **Notas estratégicas quanto ao uso político do conceito de lugar de fala**. 2017. Disponível em <https://www.buala.org/pt/corpo/notas-estrategicas-quanto-aos-usos-politicos-do-conceito-de-lugar-de-fala>. Acesso em abril de 2021.

----- **Não vão nos matar agora**. 1. Ed. Rio de Janeiro: Cobogó. 2021. ISBN 978 65 5691 026 0.

MORAIS, Frederico de. "Reescrevendo a história da arte latino-americana." In **Catálogo da I Bienal de Artes Visuais do Mercosul**. Exh. cat., Porto Alegre, Brazil: Fundação Bienal de Artes Visuais do Mercosul, 1997. Disponível em <https://icaa.mfah.org/s/en/item/808314#?c=&m=&s=&cv=&xywh=48%2C115%2C2274%2C1273>. Acesso em 14 outubro 2021.

MÜLLER, Tânia Mara Pedroso; CARDOSO, Lourenço. **Branquitude: estudos sobre a identidade branca no Brasil**. 1. ed. - Curitiba: Appris, 2017.

MUSSKOPF, André Sidnei. **Via(da)gens teológicas : itinerários para uma teologia queer no Brasil / André Sidnei Musskopf ; orientador Rudolf von Sinner**. - São Leopoldo: EST/PPG, 2008. 524 f.: il. **Tese (doutorado)** - Escola Superior de Teologia. Programa de Pós-Graduação. Doutorado em Teologia. São Leopoldo, 2008.

NADAL, João Henrique Duarte. **A cultura do GIF: reconfigurações de imagens técnicas a partir dos usos e apropriações de narrativas cíclicas / João Henrique Duarte Nadal**. - 2014. 185 f. Orientadora: Professora Doutora Kati Eliana Caetano. **Dissertação** (mestrado) - Universidade Tuiuti do Paraná, Programa de Pós-graduação Strictu Sensu em Comunicações e Linguagens, Curitiba, 2014.

NASCIMENTO, Jennyfer. Prefácio in: **Estado de Libido: poesias de prazer e cura**. São Paulo: Oralituras, 2020.

NOGUEIRA, Fernanda & COSTA, Pêdra. **Da pornochanchada ao Pós-Porno-Terrorismo no Brasil: d'As Cangaceiras Eróticas ao Coletivo Coiote**. Medium Revista Rosa, 24 de dezembro de 2014. Disponível em: <https://medium.com/revista-rosa-5/da-pornochanchada-ao-pos-porno-terrorismo-no-brasil-das-cangaceiras-eroticas-ao->

coletivo-coiote-f0f4ab92836>. Acesso em 24 janeiro 2022.

NOGUEIRA, Fernanda. O Movimento de Arte Pornô no Brasil. “Genealogias ficcionais” das pornografias do Sul In: **Caderno Sesc_Videobrasil: alianças de corpos vulneráveis: feminismos, ativismo bicha e cultura visual/** realização do Serviço Social do Comércio e Associação Cultural Videobrasil; curadoria de Miguel A. López. São Paulo: Edições Sesc São Paulo: Videobrasil, 2015, 144p. il. bilíngue (português/inglês). ISBN 978-85-69298-42-7

----- Memória em disputa: Artes obscenas em foco. **Concinnitas**, Rio de Janeiro, ano 17, volume 01, número 28, p. 107-138, setembro de 2016.

NOGUEIRA, Jucilene Braga Alves Mauricio. Problemas de Gênero no Corpo da Linguagem in: **Lendo Judith Butler [recurso eletrônico]: apropriações teóricas e políticas interdisciplinares /** organização Ricardo Prata Filho e Thais de Bakker Castro. - Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2021. Disponível em: <http://www.editora.puc-rio.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=963&sid=3>. ISBN (e-book): 978-65-88831-29-8

NOVADVORSKI, Bruno et al. **SEM** (catálogo). Bruno Novadvorski (organizador). Porto Alegre: UFRGS, 2020. ISBN 978-65-86232-61-5 (E-book) ISBN 978-65-86232-60-8 (Impresso).

----- & THE RED, Chris. Desdobramentos dos Corpos na Construção da Sociedade Contrassexual. In: **VII Congresso Internacional em Estudos Culturais - Performatividades de Género na Democracia Ameaçada**, 2020, Aveiro. Performatividades de género na democracia ameaçada. Aveiro: Grácio Editor, 2020. p. 113-121. ISBN: 978-989-54956-1-0.

NOVADVORSKI, Bruno. **Dispositivo de arte: meu corpo contrassexual e artístico**. Porto Alegre: Ars Sexualis, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2021. 172 p. il. color. ISBN 978-65-5973-070-4 (E-book .pdf)

----- Por que não devemos mandar Bolsonaro tomar no cu? Site Bruno Novadvorski. 28 de março de 2022. Disponível em <http://brunonovadvorski.com.br/index.php/publicacoes/ensaios/60-por-que-nao-devemos-mandar-bolsonaro-tomar-no-cu> Acesso em 12 janeiro 2023.

NUNES, Fábio Oliveira. **Mentira de artista: arte (e tecnologia) que nos engana para repensarmos o mundo**. São Paulo: Cosmogenias Elétricas, 2016.

OITICICA, Hélio. **Aspiro ao grande labirinto**. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

PAPE, Cristina. “Tudo que eu faço em arte, eu faço na vida” | Entrevista com Cristina Pape in: **Concinnitas**, ano 17, volume 01, número 28, setembro de 2016, 384-409. Disponível em <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/concinnitas/issue/view/1244/showToc>. Acesso em 13 novembro 2021

PELÚCIO, Larissa. Subalterno quem, cara pálida? Apontamentos às margens sobre pós-colonialismos, feminismos e estudos queer. **Contemporânea - Revista de Sociologia da UFSCar**. São Carlos, v. 2, n. 2, jul-dez 2012, pp. 395-418

PRECIADO, Paul B. **Manifesto Contrassexual**. Tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: n-1 edições, 2017

----- **Um Apartamento em Urano: crônicas da travessia**. Tradução Eliana Aguiar; prefácio Virginie Despentes. 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2020

----- "A vida não é a identidade! A vida resiste à ideia da identidade". Entrevista realizada por Ursula Del Aguila em novembro de 2008 para a revista francesa Têtu (n. 138). Tradução: Luiz Morando. Disponível em <https://resistadotblog.wordpress.com/2018/05/08/a-vida-nao-e-a-identidade-a-vida-resiste-a-ideia-da-identidade>. Acesso em 29 dezembro 2022.

RANGEL, Lucia Helena (Coordenadora). **Relatório Violência Contra os Povos Indígenas no Brasil – Dados de 2019**. Conselho Indigenista Missionário (Cimi). 2020. Disponível em <https://cimi.org.br/wp-content/uploads/2020/10/relatorio-violencia-contr-os-povos-indigenas-brasil-2019-cimi.pdf>. Acesso em 01 abril 2021.

RAPOSO, Maycon. **Guia dos Primeiros-Shibari/Bondage**. Disponível em <https://shibaribase.com.br/guia-shibari-pdf/>.

RAVENA, Isadora. **Sinfonia para o Fim do Mundo**. 3ª ed. Fortaleza. LAC, 2020.

----- **Orgio à Brasileira**. Plataforma Zoom (online). 15 de julho de 2021.

RIBEIRO, Bruno. **Processos de criação pós-pornô** [livro eletrônico]: autogestão, exibicionismo e internet / Bruno Ribeiro. Araraquara, SP: Letraria, 2022. -- (Coleção artes do cinema e do vídeo; v. 1). PDF.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de Fala**. [eBook]. São Paulo: Pólen Livros, 2019.

ROLNIK, Suely. Pensamento, corpo e devir. Uma perspectiva ético/estético/política no trabalho acadêmico. In: **Cadernos de Subjetividade / Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP**. - v.I , n.2 (1993). São Paulo, 1993.

----- **Esferas da Insurreição: Notas para uma vida não cafetinada**. São Paulo: n-1 edições, 2019.

ROUILLÉ, André. **A Fotografia: entre documento e arte contemporânea**. Tradução Constanca Egrejas. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2009. ISBN 978-85-7359-876-6.

SAEZ, Javier. **Pelo Cu: Políticas Anais**. Javier Saez, Sejo Carrascosa; Tradução Rafael Leopoldo. Belo Horizonte, MG: Letramento, 2016.

SANTOS, Ana Paula Medeiros Teixeira dos. **Tranças, turbantes e empoderamento de mulheres negras: artefatos de moda como tecnologias de gênero e raça no evento Afro Chic (Curitiba-PR)**. 2017. 147 f. **Dissertação** (Mestrado em Tecnologia e Sociedade) - Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade, Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2017.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **O fim do império cognitivo: a afirmação das epistemologias do Sul** / 1. ed. - Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019. ISBN 978-85-513-0484-6.

SANTOS, Carla Akotirene. **Postagem Facebook 09 de abril de 2017**. Disponível em <https://www.facebook.com/1427792432/posts/10212908460372761/>. Acesso em 17 outubro 2021.

SARMET, Érica. Pós-pornô, dissidência sexual e a situação cuir latino-americana: pontos de partida para o debate. **Revista Periódicus**, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 258-276, 2014. DOI: 10.9771/peri.v1i1.10175. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/10175>. Acesso em: 29 set. 2022.

SIBELE, Rosângela. **Entrevista ao Brasil Urgente**. Publicado por Davi Nogueira - 14 de outubro de 2021. Disponível em <https://www.diariodocentrodomundo.com.br/essencial/mae-pres-a-miojo/>. Acesso em 15 outubro 2021 .

SILVA, H. Desvios: Cartaz lambe-lambe, comunicação visual e arte nos espaços de trânsito. 2015. 96 f. **Dissertação** (Mestrado em Comunicação) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2015. Disponível em <http://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/5390>. Acesso em 10 janeiro 2022 .

SOUSA, Christian Gustavo de. Deconstructing women: a luta da mulher / Christian Gustavo de Sousa. - Brasília: SENAC DF, 2011. 148 f. : il. Orientadora: Isabela Barbosa Rodrigues. **Trabalho de conclusão de curso** (Especialização em Artes Visuais) - SENAC/DF, 2011. Disponível em <http://theredstudio.com.br/index.php/portfolio/livros/554-deconstructing-women-a-luta-da-mulher>.

----- Orgio à brasileira: escritas e imagens na busca por outros caminhos epistemológicos. **Anais do V Seminário Internacional Desfazendo Gênero**. Campina Grande: Realize Editora, 2021. Disponível em <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/79217>. Acesso em 15 janeiro 2022.

SPINOZA, Benedictus de, 1632-1677. **Ética** / Spinoza ; [tradução de Tomaz Tadeu]. - 2. ed., 5. reimp. - Belo Horizonte : Autêntica Editora , 2016.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?**. Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. - Belo Horizonte Editora UFMG, 2010.

SPRINKLE, Annie. Post Porn Brunch / Tim Stüttgen, Elizabeth Stephens, Annie Sprinkle e Cosey Fanni Tutti. In: Stüttgen Tim (ed.). **Post Porn Politics**. Berlim: b_books, 2010.

THE RED, Chris. Medo + Quarentena + Corpos + Fotografia = Outras Conexões in: **Seminário Ibero Americano Sobre o Processo de Criação nas Artes** (10.: 2020 : Vitória, ES) Arte em tempos de pandemia: anais do X Seminário Ibero americano sobre o Processo de Criação nas Artes [recurso eletrônico] / José Cirillo, Marcela Belo, Ângela Grando, organizadores; Thais André Imbroisi, Ana Carolina Grasse Vieira, ilustradores Dados eletrônicos 1. ed. Vitória: EDUFES, 2020. p 518-524. Disponível em https://drive.google.com/file/d/1T_N2lr09Fj3luQ5yG2UjLwb_PTVKRmBt/view?usp=sharing. Acesso em 14 outubro 2021 .

----- La Lito com DJ JohnnyBigu: uma conversa foto(pornô)gráfica in: **Da repetição dos amantes à invenção do desejo: o amor reinscreve sua fal(t)a** [recurso digital] / Hermano de França Rodrigues, Guilherme Ewerton Alves de Assis, Matheus Pereira de Freitas, Leandro Ferreira dos Santos, Wanessa de Góis Moreira, Thiago Guilherme Calixto, Letícia Simões Velloso Schuler - João Pessoa, PB: Sal da Terra, 2021. ISBN: 978-65-5886-097-6. p. 170-179.

----- Sobre ser - ou sobre atos da (não) existência. **PORTO ARTE: Revista de Artes Visuais**, [S. l.], v. 25, n. 44, 2020. DOI: 10.22456/2179-8001.110083. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/PortoArte/article/view/110083>. Acesso em: 16 out. 2022.

URANIO, Max. **Eu Não Sou Daqui**. Disponível em <http://maxruanperuzzo.blogspot.com/2018/04/eu-nao-sou-daqui.html>. Acesso: 09.12.21 .

VALENTE, Guga. Manifesto | Gêneros textuais - Brasil Escola. **YouTube**. Publicado em 17 de maio de 2020. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=kZxi_d-YbNQ&t=47s. Acesso em 13 novembro 2021.

VERGUEIRO, Viviane. Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade / Viviane Vergueiro. - 2016. 244 f. Orientador: Prof. Dr. Djalma Thürler. **Dissertação** (mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, Salvador, 2015.

VIDARTE, Paco. **Ética Bixa: proclamações libertárias para uma militância LGBTQ**. Traduzido por Maria Selenir Nunes dos Santos, Pablo Cardellino Soto. São Paulo: n-1 edições, 2019. 184p. ISBN: 978-856-694-380-1.

VIEIRA, Marco Antônio. Macumbarias Travestis em Castiel Vitorino Brasileiro ou a Implosão do Teatro da Representação: Corpo, Gênero, Negritude. **TRANS/FORM/AÇÃO: Revista de Filosofia**, [S. l.], v. 45, p. 265-292, 2022. DOI: 10.1590/0101-3173.2022.v45esp.14.p265. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/transformacao/article/view/10297>. Acesso em 25 janeiro 2022.

VIEIRA JR., E. Desejos carnudos: corpos gordos, háptico e pornô gay amador. **Imagofagia**, [S. l.], n. 17, p. 479-498, 2021. Disponível em: <http://www.asaeca.org/imagofagia/index.php/imagofagia/article/view/228>. Acesso em: 17 nov. 2022.

VINICIUS, Marcus. Fetichização do corpo negro in: **Falo Magazine**. nº10/2019, vol. II. ISSN. 2675-018X, p. 58-59. Disponível em <https://www.falomagazine.com/edicoes/falo-10/>. Acesso em 17 julho 2022.

ZIELINSKY, Mônica. A arte e sua mediação na cultura contemporânea. In: **Crítica de arte no Brasil: temáticas contemporâneas** / organizadora: Glória Ferreira — Rio de Janeiro: Funarte, 2006.

ZIELINSKY, Mônica et al. « Existe-t-il un art brésilien ? », **Perspective** [On line], 2 | 2013. Texto em francês disponível em: URL : <http://perspective.revues.org/3879> | Texto em português disponível originalmente em: URL: <http://perspective.revues.org/5543>.



**PROFANADORE
DO CIS-TEMA
DE ARTE**